E.M. Forster

Howards End



EDITORA GLOBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Edward Morgan Forster, filho de um arquiteto, nasceu em Londres, no dia 1º de janeiro de 1879. Estudou na Tombrigde School e no King's College, de Cambridge, onde se bacharelou em letras clássicas e história, em 1901. A partir desse ano, em companhia da mãe, passou longas temporadas na Áustria, na Itália e na Grécia. Entre 1912 e 1922 esteve duas vezes na Índia e viveu em Alexandria, de 1915 a 1919, servindo como soldado durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda estudante, com Lowes Dickinson e R. C. Trevelyan, fundou a *Independent Review*, na qual publicou seu primeiro conto, "The Story of a Panic". Influenciado por H. O. Meredith, chegou a ser membro da Cambridge Conversation Society, mais conhecida como "Apostles", grupo de jovens que discutiam moral e outros temas relacionados à intelectualidade. Muitos desse círculo logo se tornariam famosos: Lytton Strachey, John Maynard Keynes, Leonard Woolf e Desmond MacCarthy, entre outros.

O romance de estréia de Forster, *Where Angels Fear to Tread*, foi publicado em 1905 e alcançou rápido sucesso. A ele se seguiu, dois anos depois, *The Longest Journey* [*A mais longa jornada*].
A Room with a View [*Uma janela para o amor*], de 1908, foi adaptado para o cinema em 1985, com direção de James Ivory. Em 1987, o mesmo diretor filmou *Maurice* — romance publicado postumamente, em 1971. Sua obra mais conhecida, porém, é *Uma passagem para a Índia*, de 1924, que, em 1984, também se tornou filme, dirigido por David Lean. *Uma passagem para a Índia*, o livro, recebeu dois prêmios: The Femina / Via Heureuse Prize e The James Tait Black Memorial Prize. Sua primeira coletânea de contos, *The Celestial Omnibus*, é de 1911.

Forster foi convidado para as Clark Lectures, na Universidade de Trinity, em Cambridge, o que lhe propiciou escrever *Aspectos do romance*, publicado em 1927.

Além de romancista, contista, ensaísta e biógrafo, Forster foi também memorialista, tendo escrito alguns relatos de viagem — como *Alexandria: A History and Guide* (1922) e *Pharos and Pharillon: A Novelist's Sketchbook of Alexandria Through the Ages* (1923). De seus sete romances, dois foram publicados após sua morte, ocorrida no dia 7 de junho de 1970.

E. M. FORSTER

HOWARDS END

tradução:
Cássio de Arantes Leite

prefácio:
Ricardo Lísias

GLOBOLIVROS

Copyright © The Provost and Scholars of King's College,
Cambridge, 1927, 1974
Copyright da tradução © 2005 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:
Howards End

Revisão: Eugênio Vinci de Moraes, Beatriz de Freitas Moreira, Carmen T. S. Costa e Valquiria Della Pozza
Capa: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Forster, Edward Morgan, 1879-1970

Howards End / Edward Morgan Forster ; tradução Cássio de Arantes Leite ; prefácio Ricardo Lísias. – São Paulo : Globo, 2006.

Título original: Howards End

isbn 978-85-250-5466-1

1. Ficção inglesas I. Lísias, Ricardo II. Título

06-0094 cdd-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Sobre o autor
Folha de rosto
Créditos
Prefácio
Ligue, simplesmente…
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI
XXVII
XXVIII

XXIX
XXX
XXXI
XXXII
XXXIII
XXXIV
XXXV
XXXVI
XXXVII
XXXVIII
XXXIX
XL
XLI
XLII
XLIII
XLIV
Notas

Prefácio

UM

Edward Morgan Forster (1879-1970) nasceu mais ou menos no mesmo período e, com algumas variações geográficas pouco relevantes, no mesmo lugar que Virginia Woolf, James Joyce e outros grandes nomes da literatura de língua inglesa. Como eles, teve uma educação refinada e cresceu freqüentando círculos de discussões, grupos de escritores e eventos de leitura. Forster chegou a ir, inclusive, a diversas reuniões do famoso grupo de Bloomsbury, ainda que não tivesse a assiduidade de J. M. Keynes e de Virginia Woolf, com quem discutia diversas questões relacionadas ao romance moderno.[1]

Forster não aceitava o pressuposto, informa Malcolm Bradbury, de que o estado onírico deveria ter um papel central e decisivo na trama, como é o caso de alguns dos melhores romances do início do século xx. De fato, o onirismo, o longo fluxo de consciência, o ir-e-vir do tempo de maneira quase instantânea e a confusão entre realidade interior e exterior à personagem não são procedimentos que o autor de *Howards End* utilizou em grande quantidade e entusiasmo. Uma das conseqüências da opção de afastar-se um pouco das ferramentas adotadas por seus contemporâneos foi um relativo desprezo com que os críticos trataram sua obra. De fato, Forster raramente é considerado um dos principais autores do modernismo de língua inglesa.

Ainda assim, seus livros nunca deixaram de circular — tendo o autor, inclusive, recebido inúmeras adaptações de sua obra para o cinema — e Forster sempre teve voz ativa no debate crítico e político. Seu livro *Uma passagem para a Índia*,[2] por exemplo, é até hoje reconhecido como um dos primeiros textos que trataram a problemática da colonização britânica sem enxergar no colonizado uma figura inferior e estereotipada.

Também não são poucos os escritores que declararam admiração pelo extremo apuro técnico que Forster demonstrava em seus livros. De fato, o leitor atento consegue enxergar por trás do humor irônico, dos jogos de narrativa e das personagens conflituosas um rigoroso esquema de construção que demonstra um autor extremamente atento à arquitetura formal do romance. Se juntarmos esse

cuidado estrutural com a predileção de Forster pela descrição rica e o acúmulo de imagens (no caso de *Howards End*, por exemplo, as imagens recaem muitas vezes sobre construções e arquiteturas), não fica difícil compreender a atração que os diretores de cinema sentem por seus escritos.

Não é surpreendente portanto que um dos mais populares manuais de teoria literária, o conhecidíssimo *Aspectos do romance*,[3] seja a coletânea de uma série de conferências que Forster dedicou à análise dos aspectos técnicos de seu ofício. Com uma clareza teórica rara para muitos de seus pares, o autor de *Uma passagem para a Índia* divide a engenharia da prática romanesca em diversos aspectos e esmiúça cada um deles, servindo-se de exemplos e dados histórico-literários. Assim, vale guardar desde já uma das principais características de E. M. Forster: sua atenção, teórica e prática, para com a forma literária.

DOIS

Em Aspectos do romance, E. M. Forster afirma que o leitor inteligente é aquele que consegue observar a trama de um livro a partir de dois fatores correlatos: o episódio isolado em si mesmo e sua relação com os outros acontecimentos. Às vezes, tal leitor não consegue compreender de imediato o sentido de um trecho no conjunto dos acontecimentos, no entanto, para ele é marca de inteligência justamente conter a curiosidade e guardar na memória detalhes que serão adiante esclarecidos: “Acontece que um enredo requer também inteligência e memória. A curiosidade é uma das faculdades humanas mais baixas. Vocês já devem ter notado, na vida diária, que as pessoas muito indagativas quase sempre têm memória fraca e, no fundo, em geral são bem idiotas”.[4]

Forster, portanto, enxerga seu auditório em um público leitor razoavelmente afeito à construção de sentidos complexos, que exigem algo mais que a mera composição contínua da trama. O leitor deve juntar informações para aos poucos montar um esquema que faça sentido. Sem dúvida, pode-se depreender a disposição do autor de *Howards End* por enxergar a literatura, ao menos em parte, como uma espécie de quadro em que os elementos vão aos poucos sendo apresentados para que o observador vá, concomitantemente, encontrando a coerência do conjunto.

A composição de *Aspectos do romance* é, ela mesma, um argumento a favor da minha afirmação: para Forster, a engenharia romanesca está dividida em alguns elementos essenciais como “história”, “pessoas”, “enredo” e ainda alguns

outros. Evidentemente, o resultado é algo esquemático e um pouco distante do que preconizavam, por exemplo, os amigos de Forster do grupo de Bloomsbury. Por conta disso, Malcolm Bradbury chega a classificar Forster de “semi-realista”.[5] Talvez seja melhor, no entanto, observá-lo não como um autor que teria permanecido agarrado a uma tendência já gasta em seu tempo, caso do Realismo, mas sim como uma espécie de espírito mais comedido e precocemente inclinado a esquematizar de forma literária um enredo proposto. Parece-nos mais lucrativo compreender a literatura de Forster como a tentativa de desenvolvimento de certas pressuposições estruturais que compõem a lógica romanesca.

Para tanto, decerto ajuda muito o estudo de suas hipóteses teóricas, sobretudo as enfeixadas no citado *Aspectos do romance*. A operação não quer dizer que o crítico deva colocar em primeiro plano as observações de um autor sobre o seu próprio trabalho, ou sobre o ofício de maneira geral. No entanto, é fácil observar que a lógica por trás de um texto crítico composto por um romancista possivelmente terá muita ligação com a que sustenta sua atividade ficcional.

A propósito, contrapor a reflexão de um ficcionista à sua própria atividade de criador, para ver se suas hipóteses se confirmam ou não, parece um exercício simples demais, e não é o que estamos propondo. Mais resultados, sem dúvida, oferece a operação de diluir os gêneros — se é que algum dia eles existiram — para tentar criar novas hipóteses de interpretação, o que sem dúvida torna a literatura, lendo-a ou escrevendo sobre ela, uma atividade contínua e desafiadora. Sob esse aspecto, E. M. Forster é um autor instigante.

TRÊS

O leitor contemporâneo de *Aspectos do romance* com certeza terá momentos de enorme diversão por conta da objetividade quase crua que Forster utiliza para completar alguns de seus esquemas. Nos capítulos dedicados às “pessoas”, um dos elementos decisivos para a arquitetura pensada pelo autor de *Howards End*, o leitor fica logo sabendo que “uma das principais funções do romance” é expor o lado dos homens mais próximo às suas paixões que muitas vezes, por causa de convenções morais ou de outras ordens, terminam ocultas.

Até aí, nada de exatamente muito novo. Para exercitar, porém, seu espírito de organização, Forster precisa reduzir quaisquer emoções a uma espécie de

funcionamento automático de algumas roldanas — para utilizar um vocabulário apropriado à modernidade em que, sim, ele se instala —, o que termina, ao menos para o leitor contemporâneo, causando uma estranheza no mínimo curiosa:

> Permitam-me ser bem seco e breve quanto ao sexo, em primeiro lugar. Alguns anos depois do nascimento de um ser humano, ocorrem nele certas mudanças, assim como em outros animais, e freqüentemente elas o levam a se unir com outro ser humano, bem como à produção de mais seres humanos. E assim a nossa raça perdura. O sexo começa antes da adolescência e sobrevive à esterilidade; é de fato permanente em nossas vidas, embora na idade do acasalamento seus efeitos se mostrem mais óbvios para a sociedade.[6]

Além do sexo, a capacidade de organização de Forster também gera um efeito muito divertido para suas conclusões sobre o amor: “Quando amam, os seres humanos procuram receber alguma coisa. Também tentam dar algo, e esse duplo objetivo faz com que o amor seja mais complicado do que a alimentação ou o sono”.[7]

Fica evidente que a leitura atenta de qualquer um dos livros do autor de *Aspectos do romance* deve inclinar-se à sua disposição por criar pequeninas combinações que sejam ao mesmo tempo coerentes com um esquema preconcebido e que, internamente, se resolvam de maneira adequada. O esquema de criação de Forster, assim, parece muito com a descrição de leitor inteligente que ele mesmo criara: é preciso ser coerente com um todo a partir da disposição adequada de cada uma das partes.

Se for isso mesmo, temos outro argumento para trazer Forster para mais perto da modernidade: a função do leitor em muitos aspectos equipara-se (se não, ao menos funciona de forma semelhante) à do autor. Se juntarmos essa proposição com aquela que já tínhamos apontado, a hipótese do objeto artístico como um aparelho que precisa funcionar,[8] sem dúvida o autor de *Howards End* se enquadra, com mais ou menos justeza, no que se convencionou chamar de modernidade.

QUATRO

Qualquer reflexão sobre *Howards End* não pode deixar de lado a identificação do esquema que o autor montou para tornar o livro uma máquina coerente e cheia de eficiência. Se utilizarmos o esquema proposto pelo próprio Forster em

Aspectos do romance, precisaríamos organizar o raciocínio com base em ao menos duas categorias amplas: “pessoas” e “enredo”.

O livro todo se organiza, basicamente, a partir das relações que duas famílias da classe alta londrina, com menos ou mais conflitos, travam enquanto o capitalismo industrial começa a perder espaço para o financeiro, por volta do início do século passado. As personagens assim vivem conflitos amorosos ao mesmo tempo que procuram organizar suas aplicações e discutem problemas sociais — sobretudo o que se relaciona ao desemprego —, e concomitantemente apreciam a arquitetura da capital inglesa e das construções ao redor.

O enredo é basicamente composto por oposições. Além dessas que citamos, uma curiosa questão cultural aos poucos vai se impondo na trama: uma das famílias representaria o verdadeiro espírito inglês, ao passo que outra, vinda da Alemanha, talvez encarnasse algo mais tradicionalmente europeu. Vale lembrar que o conflito cultural sustentou outro livro de grande sucesso de Forster, o já citado *Uma passagem para a Índia*. Se nesse, porém, a discussão estava na possibilidade ou não de convívio pacífico entre duas culturas distintas e que teriam de se relacionar a partir de vetores muito diferentes de poder — ou seja, uma dominando a outra —, em *Howards End* o debate gira em torno da maneira diferente com que essas hipotéticas culturas enxergariam alguns dilemas de natureza moral.

Sem carregar nas tintas, Forster parece concluir que o “espírito europeu”, encarnado nas irmãs Schlegel (atenção para o sobrenome), seria um pouco mais solidário com as questões sociais e tenderia a enxergar as relações humanas, sobretudo o amor e a amizade, com um pouco menos de racionalidade que seus pares de cultura inglesa. Forster pinta ainda o espírito inglês como meio avoado e bastante volúvel no que tange aos valores morais. Dessa forma, sem querer adiantar o enredo, são vários os trechos em que algumas personagens condenam comportamentos de outras sem notar que elas mesmas repetem as condutas que consideram repreensíveis. O artifício é simples mas eficiente quando a intenção é demonstrar hipocrisia e simplicidade de raciocínio.

Outro conflito curioso é o que surge a partir da disposição temporal criada por Forster para organizar os capítulos. Esquemático como vimos, o autor faz aparecer um acontecimento razoavelmente tenso que envolva algumas personagens logo após outro também carregado de emoção em que as protagonistas são pessoas diferentes, mas relacionadas às primeiras. No entanto, ambos os fatos ocorrem ao mesmo tempo, sem que as personagens de um saibam o que aconteceu no outro. O desencontro de tempo, já que as tramas se

desenrolam concomitantemente, gera no leitor um grau de suspense suficiente para que outro capítulo seja devorado. Esse é um dos procedimentos que faz com que, ainda que não estejamos diante de um livro de suspense ou mistério, não consigamos abandonar a leitura de *Howards End*.

CINCO

Como vimos, um dos procedimentos adotados por Forster para atrair a atenção do leitor para a trama é narrar, uma em seguida à outra, duas situações que, em espaços e com personagens diferentes, passam-se ao mesmo tempo e se referem ao mesmo problema, normalmente um conflito amoroso que redundará em tensão psicológica. Como o livro é composto por oposições, tal conflito quase sempre ocorre no interior de uma das famílias e se refere ou à possibilidade de que elas venham a se juntar (variando, às vezes, na maneira com que isso vai ocorrer) ou a algum tipo de acontecimento que será interpretado de maneira diferente pelos dois lados que compõem a trama e que, portanto, deverá causar tensão.

Há um detalhe, que a propósito não recebeu muita atenção em *Aspectos do romance*, que foge um pouco do esquema de construção arquitetado por Forster e traz algum estranhamento no interior mesmo de cada cena, fugindo à estrutura de retirar tensão apenas da junção entre elas. O narrador de *Howards End* não é distante e, muitas vezes, chega até mesmo a ironizar as personagens, tomando partido, fazendo piada ou de imediato desdizendo uma que outra afirmação. Já no início, o narrador apresenta uma das personagens que irá constituir um dos pólos de oposição do livro em uma situação não muito positiva e, sem mais cerimônias, diz esperar que aquilo "não vá fazer com que o leitor se volte contra ela". Naturalmente, descobrimos que o narrador está propenso a tomar partido e, mais, pender para um dos lados dos vários desencontros que marcam a trama de *Howards End*.

No caso, temos um narrador onisciente mas disposto a participar da trama, ele mesmo quase como uma personagem. Não será engano se o leitor perceber alguma semelhança com o narrador de Machado de Assis, escritor sem dúvida superior, mas cuja semelhança é outro argumento para a modernidade de E. M. Forster. Podemos dizer que em *Howards End* o narrador serve como uma espécie de figura que a todo momento lembra o leitor de que há um conflito e de que é preciso estar consciente perante os desníveis e desencontros entre as

personagens.

Como o próprio narrador toma partido, muitas vezes denunciando a hipocrisia dos especuladores financeiros e a fragilidade dos julgamentos morais que ainda sustentavam os costumes da sociedade inglesa no início do século xx, pode-se creditar a ele a responsabilidade pelo fato de, mesmo diante de tantas oposições, o leitor quase sempre ser levado a decidir a favor de um dos lados, justamente o que denuncia a ambigüidade da cultura inglesa perante a honestidade apaixonada das irmãs de origem alemã.

Sem dúvida, o narrador criado por Forster em *Howards End*
é o mesmo que, em outra chave, figura em *Uma passagem para a Índia*: uma ferramenta que não apenas constrói oposição, naquele caso entre acúmulo desmedido de bens e decadência político-moral, e neste, entre uma cultura que se diz superior e outra, estigmatizada e no limite invadida, mas que direciona o leitor para um dos lados. Esse é outro detalhe subestimado na recepção da obra de Forster: estamos diante de um narrador engajado.

SEIS

Não foi por acaso que Forster deu às irmãs impetuosas, donas de um estilo de vida voltado para a compreensão das paixões e a solidariedade com as vítimas do capitalismo industrial, o sobrenome de Schlegel, o mesmo dos irmãos que lideraram uma importante corrente do Romantismo alemão. No entanto, seria muito ingênuo concluir que Forster faz quaisquer concessões a essa escola ou, ainda mais, tenta contrapô-la ao modernismo que sacudia a Europa. A alusão é possivelmente irônica (é importante lembrar que os próprios Schlegel se interessaram pela ironia...) e remete, quando muito, a uma possível crítica que o autor talvez estivesse fazendo ao Realismo — tendência à qual, inclusive, já se tentou aproximá-lo, como uma espécie de representante tardio, caso, por exemplo, do citado Malcolm Bradbury.

Forster não tem nenhuma ligação com o Realismo, nem mesmo pode ser considerado um continuador ou um autor que teria mantido algum vínculo com essa escola. A hipótese realista de representação, voltada para a transmissão fiel (e portanto ingênua) da realidade, não faz sentido para um livro como *Howards End* — e nem fará para o resto da obra de E. M. Forster. No caso, estamos diante de um autor que conduz o leitor, a partir de um narrador parcial e determinado a não apenas fazer parte da trama como guiá-la sorrateiramente a oposições, diante

das quais a compreensão da obra só fará sentido se houver a cumplicidade com uma das partes. Dizendo de outro jeito, Forster exige que o leitor opte por um dos lados de suas oposições para que a trama tenha algum significado. Do contrário, o livro acaba passando sem que sua espinha dorsal seja colocada no centro da discussão, o que aborta qualquer construção de sentido. Tal artifício, vale sublinhar, é redondamente modernista.

Por fim, para não deixar incompleta a exposição sobre o narrador de *Howards End*, é importante estimar justamente qual seria a direção de seu engajamento. Em um primeiro plano, fica fácil perceber que Forster enxerga, ainda em germe, o estrago que a especulação imobiliária poderia causar na arquitetura de algumas cidades e, mais ainda, o caos social que essa especulação, aliada ao capitalismo financeiro que surgia e já enriquecia alguns à custa do bem-estar de muitos, começava a criar. Ao lado de toda a acumulação de riqueza estava a euforia que essa nova e moderna ordem estava causando.

Em um plano mais profundo, pode-se levantar a hipótese de que Forster, com sua economia de recursos estilísticos e a concentração de artifícios na figura do narrador e na organização temporal da trama, estivesse também sutilmente e de maneira bastante precoce criticando o exagero criativo que gerou algumas das maiores obras da modernidade mas que, é possível compreender assim, também se alimentaram da euforia totalizante que acabou conduzindo às grandes crises políticas dos últimos anos da primeira metade do século xx. Se for mesmo assim, E. M. Forster não poderia figurar mesmo no centro da modernidade, até porque ele já estava, em um tempo muito adiantado, identificando diversas de suas fraturas.

Ricardo Lísias

Ligue, simplesmente…

I

Podemos muito bem começar pelas cartas de Helen para sua irmã.

Howards End,
terça-feira

Meg querida,

Não é como esperávamos. Ela é velha e pequena, e inteiramente encantadora — tijolo vermelho. Mal conseguimos nos espremer aqui dentro e só Deus sabe o que vai acontecer quando Paul (o filho mais novo) chegar amanhã. Do vestíbulo a gente segue à direita ou à esquerda para a sala de jantar ou a sala de visitas. O próprio vestíbulo é praticamente uma sala. Abre-se outra porta aí e uma escadaria a conduz por uma espécie de túnel até o primeiro andar. Então há três quartos de dormir, um depois do outro, e três sótãos, acima. Não é toda a casa, na verdade, mas tudo que dá para perceber — nove janelas quando a gente olha do jardim da frente.

Também há um imenso olmo da montanha — à esquerda, conforme você olha —, inclinando-se um pouco para a casa, no limite entre o jardim e o campo. Já estou completamente apaixonada por aquela árvore. Tem também olmos comuns, carvalhos — nem um pouco mais desagradáveis que carvalhos comuns —, pereiras, macieiras e uma hera. Mas nada de bétulas. Entretanto, devo passar aos meus anfitriões. Só queria mostrar como não era nem um pouco como esperávamos. Por que imaginamos telhados triangulares, beirais ondulantes e um jardim cheio de trilhas cor de gema? Acho que simplesmente porque os associamos a hotéis caros — a sra. Wilcox deslizando com lindos vestidos por longos corredores, o sr. Wilcox intimidando carregadores etc. Nós, mulheres, somos tão injustas…

Devo estar de volta no sábado; depois direi qual o trem. Ficaram tão furiosos quanto eu por você não ter vindo também; sério, Tibby anda tão chato,

sofre de uma nova doença fatal a cada mês. Como pode ter pegado febre de feno em Londres? E mesmo que seja verdade, é duro de acreditar que você desistiu de fazer uma visita para ouvir um garoto espirrar. Diga-lhe que Charles Wilcox (o filho que está aqui) também tem febre de feno, mas é valente, e desconversa sempre que lhe perguntamos a respeito. Homens como os Wilcox fariam um bem tremendo a Tibby. Mas sei que não vai concordar, então é melhor mudar de assunto.

Esta carta longa é porque escrevo antes do café-da-manhã. Ai, que lindas folhas de hera! Uma hera cobre toda a casa. Dei uma olhada lá fora hoje cedo e a sra. Wilcox já estava no jardim. É evidente que o adora. Não admira que de vez em quando pareça cansada. Ficou observando o desabrochar das papoulas vermelhas. Depois, deixou o gramado e foi até o campo, cujo canto direito consigo ver um pouco, daqui. Seu longo vestido deslizando e deslizando pelo relvado úmido, e voltou com os braços cheios do feno ceifado ontem — presumo que para coelhos ou algo assim, pois ela o cheirava. O ar aqui é delicioso. Mais tarde ouvi o som de bolas de críquete, e olhei para fora outra vez, e lá estava Charles Wilcox praticando; gostam de todo tipo de jogo. No momento começou a espirrar e tem de parar. Depois, mais sons de tacos, e era o sr. Wilcox, praticando, e então, um

"a-tchu, a-tchu"; ele também teve de parar. Então Evie aparece lá fora, e faz um pouco de exercícios calistênicos num aparelho preso a uma ameixeira — eles encontram uso para tudo —, e daí ela solta um "a-tchu" e entra. E finalmente a sra. Wilcox reaparece, desliza, desliza, ainda cheirando o feno e olhando para as flores. Imponho-lhe tudo isso porque você uma vez me disse que a vida às vezes é apenas vida e às vezes somente um drama, e a pessoa deve aprender a distinguir um do outro, e até o presente momento sempre reputei isso como uma "bobagem perspicaz de Meg". Mas hoje de manhã, de fato, não parece vida, mas uma peça, e divertiu-me imensamente observar os W. Agora a sra. Wilcox acaba de entrar.

Vou vestir [omissão]. Na noite passada, a sra. Wilcox usou uma [omissão] e Evie [omissão]. De modo que não é exatamente um lugar cada-um-como-quer, e se fechar os olhos ainda parece o hotel de linhas onduladas que esperávamos. Não se você os abre. As rosas bravas são lindas demais. Há uma grande sebe delas cobrindo o gramado — magnificamente alta, fazendo com que caiam em guirlandas, e delicada e fina embaixo, de modo que dá para ver patos através, e uma vaca. Eles pertencem à fazenda, a única casa perto de nós. Aí está a sineta do café-da-manhã. Com muito amor. Com amor modificado para Tibby. Com

amor para tia Juley; que bonito da parte dela ir lhe fazer companhia, mas que chatice. Queime esta. Escrevo de novo na quinta.

Helen

Howards End,
sexta-feira

Meg querida,

Que período glorioso venho passando. Aprecio cada momento. A sra. Wilcox, embora mais calada do que na Alemanha, está mais gentil do que nunca, e nunca vi nada como seu constante desprendimento, e o melhor disso é que os outros não tiram vantagem dela. É a família mais feliz e alegre que se possa imaginar. Sinto de fato que estamos ficando amigos. O engraçado é que me acham uma tola, e o dizem para mim — pelo menos, o sr. Wilcox diz —, e quando uma coisa assim acontece, e a pessoa não se incomoda, é um teste bem seguro, não é? Ele afirma de uma forma tão delicada as coisas mais horríveis sobre o sufrágio feminino, e quando eu disse que acreditava na igualdade, simplesmente cruzou os braços e me pôs em meu lugar como jamais me puseram antes. Meg, será que um dia aprenderemos a falar menos? Nunca tive tanta vergonha de mim mesma em toda minha vida. Fui incapaz de apontar uma época em que os homens houvessem sido iguais, tampouco uma época em que o desejo de ser igual os tornasse mais felizes do que em outras ocasiões. Não pude dizer palavra. Eu simplesmente tirara a idéia que a igualdade é boa de algum livro — provavelmente de poesia, ou de você. De todo modo, foi feita em pedaços e, como todas as pessoas que são fortes de verdade, o sr. Wilcox o fez sem me ferir. Por outro lado, ri deles por pegar febre de feno. Vivemos como galos de briga e Charles nos leva para passear todo dia de carro — um túmulo com árvores crescendo, a casa de um eremita, uma estrada maravilhosa construída pelos reis da Mércia — tênis — um jogo de críquete — bridge — e à noite nos espremememos nesta casa adorável. A tropa toda está aqui agora — é como a toca de um coelho. Evie é uma doçura. Querem que fique até domingo — presumo que não há problema se ficar. O clima é maravilhoso e o ar é maravilhoso — a vista oeste é de terras altas. Obrigado por sua carta. Queime esta.

Com afeto,
Helen

Howards End,
domingo

Meg queridíssima,

Não sei o que vai dizer: Paul e eu estamos apaixonados — o filho mais novo que chegou aqui só na quarta-feira.

II

Margaret lançou um olhar para o bilhete de sua irmã e empurrou-o através da mesa do café para a tia. Houve um silêncio momentâneo e então as comportas se abriram.

"Não vou dizer nada, tia Juley. Sei tanto quanto a senhora. Nós conhecemos… só conhecemos o pai e a mãe… na última primavera, no exterior. Sei tão pouco que nem mesmo sabia o nome do filho deles. É tudo tão…" Fez um meneio com a mão e riu um pouco.

"Neste caso, foi repentino demais."

"Quem pode dizer, tia Juley, quem pode dizer?"

"Mas Margaret, querida, olhe, temos de ser práticas, agora, analisando a realidade. *É* repentino demais, com certeza."

"Quem pode dizer!"

"Mas Margaret, querida…"

"Vou pegar as outras cartas", disse Margaret. "Não, não vou, vou terminar meu café. Na verdade, não as tenho mais. Conhecemos os Wilcox numa excursão horrível que fizemos de Heidelberg a Speyer. Helen e eu enfiamos na cabeça que havia uma grande catedral antiga em Speyer — o arcebispo de Speyer foi um dos sete eleitores, sabe… 'Speyer, Mainz e Köln.' As três dioceses chegaram a dominar o vale do Reno e lhe deram o nome de Rua do Padre."

"Continuo bastante preocupada com esse negócio, Margaret."

"O trem passou ao lado de uma ponte flutuante e, à primeira vista, tudo parecia em ordem. Mas, ai, em cinco minutos percebemos a coisa toda. A catedral fora arruinada, completamente arruinada, por uma restauração; não ficou nem uma polegada da estrutura original. Perdemos um dia inteiro, e topamos com os Wilcox quando comíamos nossos sanduíches nos jardins públicos. Eles também, pobres coitados, haviam caído naquela — na verdade, estavam se hospedando em Speyer —, e até gostaram da idéia quando Helen insistiu que deviam partir conosco para Heidelberg. Para falar a verdade, apareceram no dia seguinte. Fizemos alguns passeios juntos. Conheceram-nos bem o bastante para convidar Helen a ir visitá-los… pelo menos ela… eu

também fui convidada, mas a doença de Tibby me impediu, então na segunda-feira passada ela foi sozinha. E é isso. Agora sabe tanto quanto eu. Um jovem saído do nada. Era para ela ter voltado no sábado, mas adiou até segunda, talvez por conta de… sei lá.”[9]

Parou de falar e passou a escutar os sons matinais de Londres. A casa onde moravam ficava em Wickham Place e era bastante tranqüila, pois um elevado promontório de edificações a mantinha afastada da via principal. A sensação que se tinha era de um remanso ou, antes, de um estuário cujas águas fossem agitadas pelo mar invisível, para refluir num profundo silêncio enquanto as ondas lá fora ainda rebentavam. Embora o promontório consistisse de apartamentos — caros, com cavernosos saguões de entrada e cheios de porteiros e palmeiras —, servia ao que se propunha e emprestava às casas antigas do outro lado uma certa dose de paz. Estas também iriam desaparecer, com o tempo, e outro promontório se ergueria em seu lugar, conforme a humanidade se empilhasse em cima de si mesma cada vez mais alto sobre o precioso solo de Londres.

A sra. Munt tinha um método próprio de interpretar as sobrinhas. Chegou à conclusão de que Margaret estava um pouco histérica e tentava ganhar tempo mediante uma torrente de conversa. Sentindo-se bastante diplomática, lamentou o destino de Speyer, e declarou que nunca, jamais iria cometer o erro de visitar a cidade, acrescentando por iniciativa própria que os princípios do restauro eram mal compreendidos na Alemanha. “Os alemães”, ela disse, “são meticulosos demais, e não há o menor problema nisso às vezes, mas de vez em quando não vem ao caso.”

“Exato”, disse Margaret; “os alemães são meticulosos demais.” E seus olhos começaram a brilhar.

“É claro que enxergo vocês Schlegel como ingleses”, disse a sra. Munt rapidamente — “ingleses até a medula.”

Margaret inclinou-se e afagou sua mão.

“E isso me lembra… a carta de Helen…”

“Ah, é, tia Juley, estou pensando mesmo na carta de Helen. Eu sei… tenho de ir até lá para vê-la. Estou pensando nela. Quero mesmo ir.”

“Mas vá com algum plano”, disse tia Munt, traindo na voz bondosa um acento de exasperação. “Margaret, se posso interferir, não seja pega de surpresa. O que acha dos Wilcox? São gente como nós? São agradáveis? Será que vão gostar de Helen, que para mim é uma pessoa de um tipo muito especial? Interessam-se por arte e literatura? Essas coisas são da maior importância

quando a gente pensa a respeito. Arte e literatura. Da maior importância. Qual a idade do filho? Ela diz ‘filho mais novo’. Será que está em posição de se casar? Acha provável que faça Helen feliz? Você se dá conta…”

“Não me dou conta de nada.”

As duas começaram a falar ao mesmo tempo.

“Então neste caso…”

“Neste caso não posso fazer nenhum plano, não percebe?”

“Pelo contrário…”

“Odeio planos. Odeio linhas de ação. Helen não é um bebê.”

“Então neste caso, querida, por que está indo?”

Margaret ficou em silêncio. Se a tia não entendia por que devia ir, não seria ela a lhe contar. Não iria dizer: “Adoro minha querida irmã; preciso estar por perto no momento mais crucial de sua vida”. Os afetos são mais reservados que as paixões e sua expressão é mais sutil. Se ela própria um dia viesse a se apaixonar por um homem, ela, assim como Helen, espalharia aos quatro ventos, mas como seu amor era apenas dirigido a uma irmã, usava a linguagem muda da afinidade.

“Considero as duas umas garotas esquisitas”, continuou tia Munt, “e maravilhosas, e, em vários aspectos, maduras demais para sua idade. Mas — não vai se ofender? —, francamente, acho que não está à altura da tarefa. Ela pede alguém com mais idade. Querida, não há nada que exija meu retorno a Swanage.” Abriu os braços roliços. “Estou inteiramente a sua disposição. Deixe-me ir para essa casa cujo nome esqueci, em vez de você.”

“Tia Juley” — ela ergueu-se de um salto e a beijou —, “tenho de ir a Howards End eu mesma. Sei que não entende exatamente, embora nunca poderei lhe agradecer o suficiente por se oferecer.”

“Ora, mas eu entendo”, retorquiu a sra. Munt, com imensa confiança. “Vou sem nenhum espírito de interferir, mas para investigar. Investigar é necessário. Agora, sei que estou sendo rude: você vai dizer a coisa errada; com certeza que vai. Em sua ansiedade pela felicidade de Helen, vai ofender todos esses Wilcox fazendo-lhes uma de suas perguntas impertinentes — não que alguém se importe de ofendê-los.”

“Não farei pergunta alguma. Helen diz na carta que ela e um homem estão apaixonados. Não há o que perguntar, enquanto for isso. O resto não importa. Um noivado longo, se preferir, mas investigações, perguntas, planos, linhas de ação… não, tia Juley, não.”

E continuou falando rápido, sem ser bela, sem ser supremamente brilhante,

mas cheia de algo que preenchia o espaço dessas duas qualidades — algo que se descreveria melhor como uma profunda vivacidade, uma reação ininterrupta e sincera a tudo que encontrava pela frente ao longo da vida.

"Se Helen tivesse escrito o mesmo para mim sobre um balconista de loja ou um escriturário sem tostão…"

"Querida Margaret, por caridade, vá até a biblioteca e feche a porta. As mocinhas estão tirando pó do corrimão."

"… ou se quisesse casar-se com o entregador da Carter Paterson, eu teria dito o mesmo." Então, numa dessas viradas que convenciam sua tia de que não estava louca de verdade, e convencia observadores de outro tipo de que não era cheia de teorias inúteis, acrescentou: "Embora deva dizer que, nesse caso da Carter Paterson, eu gostaria que fosse um noivado bastante longo, de fato".

"Eu diria o mesmo", disse tia Munt; "e, de fato, mal consigo acompanhar seu raciocínio. Ora, apenas imagine se dissesse alguma coisa desse tipo para os Wilcox. *Eu* compreendo, mas aquela boa gente pensaria que está maluca. Imagine como seria desconcertante para Helen! O que precisamos é de uma pessoa que cuide do assunto muito, muito devagar; veja em que pé estão as coisas e onde é provável que terminem."

Margaret balançou a cabeça.

"Mas a senhora acabou de insinuar que os dois devem romper."

"Acho que provavelmente sim; mas devagar."

"Como interromper um namoro devagar?" Seus olhos brilharam. "Do que é feito um namoro, na sua opinião? Acho que é feito de alguma coisa resistente, que pode estalar, mas não vai quebrar. É diferente de outros laços que firmamos na vida. Estes se esticam ou envergam. Admitem gradações. São diferentes."

"É exatamente isso. Mas por que não me deixa ir a Howards House, e poupá-la de todo esse aborrecimento? Não vou interferir, é sério, mas compreendo tão bem o tipo de coisa que vocês, Schlegel, querem, que me bastará dar uma discreta olhada em torno."

Margaret mais uma vez agradeceu, beijou-a outra vez e então subiu correndo as escadas para ver o irmão.

Ele não estava muito bem.

A febre de feno o incomodara bastante ao longo da noite. Sua cabeça doía, seus olhos lacrimejavam, sua mucosa, conforme a informou, encontrava-se numa condição das mais insatisfatórias.

A única coisa que fazia a vida valer a pena era o pensamento de Walter Savage Landor, cujas *Imaginary Conversations* ela prometera ler para ele a intervalos

regulares ao longo do dia.

Era bastante difícil. Alguma coisa precisava ser feita quanto a Helen. Alguém tinha de assegurar-lhe que não era nenhum crime apaixonar-se à primeira vista. Um telegrama a esse respeito seria algo frio e ambíguo, uma visita pessoal parecia, a cada momento que passava, mais impossível. Agora o médico chegava e dizia que Tibby estava muito mal. Seria melhor talvez aceitar a gentil oferta de tia Juley e mandá-la até Howards End com um bilhete?

Decididamente, Margaret era impulsiva. Resolvia uma coisa e no instante seguinte resolvia outra. Descendo as escadas até a biblioteca, gritou: “Muito bem, mudei de idéia; quero que a senhora vá”.

Havia um trem partindo de King’s Cross às onze. Às dez e meia, Tibby, num raro momento de obliteração de si mesmo, pegou no sono, e Margaret pôde acompanhar a tia até a estação.

“Lembre-se, tia Juley, não se deixe arrastar para uma discussão sobre o namoro dos dois. Dê minha carta a Helen, e diga o que sentir vontade, mas mantenha-se longe dos parentes. Ainda mal sabemos os nomes deles e, além do mais, esse tipo de coisa é muito incivilizado e errado.”

“Muito incivilizado?”, perguntou a sra. Munt, temendo que estivesse deixando escapar o ponto principal de uma observação brilhante.

“Ah, usei uma palavra afetada. Só quis dizer que tenha a delicadeza de discutir o assunto apenas com Helen.”

“Somente com Helen.”

“Porque…” Mas aquele não era o momento de expor a natureza pessoal do amor. Até mesmo Margaret recuou diante disso, e se contentou em afagar a mão de sua boa tia, meditando, com um misto de sensatez e poesia, na viagem que tinha início ali em King’s Cross.

Como tantos outros que viveram por muito tempo numa grande capital, nutria fortes sentimentos acerca dos vários terminais de trem. Há nossos portais para a glória e para o desconhecido. Através deles, ingressamos na aventura e na luz solar, e para eles, ai de nós!, regressamos. Em Paddington, toda a Cornualha jaz latente, assim como o oeste mais remoto; ao pé das ladeiras da Liverpool Street há terras pantanosas e a ilimitável Broads; à Escócia se chega através dos pilonos da Euston; Wessex fica atrás do equilibrado caos de Waterloo. Os italianos percebem isso, como é natural; aqueles dentre eles infelizes o bastante para trabalhar de garçons em Berlim chamam a Anhalt Bahnhof de Stazione d’Italia, pois é por ela que devem voltar para casa. E não há londrino frio o bastante para não atribuir a suas estações alguma personalidade, e nelas projetar,

por mais timidamente que seja, as emoções do medo e do amor.

Para Margaret — espero que isto não vá fazer com que o leitor se volte contra ela — a estação de King's Cross sempre sugerira o infinito. A própria localização — retirada, um pouco atrás dos esplendores fáceis de St. Pancras — implicava um comentário sobre o materialismo da vida. Aqueles dois grandes arcos, sem cor, indiferentes, sustentando no meio um relógio desgracioso, eram portais feitos para alguma aventura eterna, cujo desenlace podia ser próspero, mas certamente não seria expresso na linguagem banal da prosperidade. Se você acha isso ridículo, lembre-se de que não é Margaret que fala a respeito; e deixe-me acrescentar rapidamente que chegaram com tempo de sobra para tomar o trem; que a sra. Munt conseguiu um assento confortável, de frente para a máquina, mas não perto demais; e que Margaret, ao regressar a Wickham Place, deu com o seguinte telegrama:

Tudo terminado. Quisera jamais ter escrito. Não conte a ninguém. Helen.

Mas tia Juley partira — partira irrevogavelmente, e poder algum no mundo seria capaz de detê-la.

III

Muito orgulhosa de si mesma, a sra. Munt ensaiou sua missão. As sobrinhas eram jovens independentes e não era comum que pudesse ajudá-las. As filhas de Emily sempre haviam sido completamente diferentes das outras garotas. Perderam a mãe quando Tibby nascera, e quando Helen tinha cinco anos e, a própria Margaret, não mais que treze. Isso foi antes da lei que permitia o casamento com irmã de esposa falecida, e assim a sra. Munt pôde sem impropriedade se oferecer para cuidar da casa em Wickham Place. Mas seu cunhado, que era um tipo excêntrico, e alemão, submetera a questão a Margaret, que, com a imaturidade da juventude, respondera, Não, que ficariam muito melhor sozinhas. Cinco anos depois o sr. Schlegel também faleceu, e a sra. Munt repetiu a oferta. Margaret, não mais imatura, ficara agradecida e fora extremamente educada, mas o conteúdo de sua resposta permaneceu o mesmo. “Não devo interferir uma terceira vez”, pensou a sra. Munt. Contudo, é claro que o fez. Descobriu, para seu horror, que Margaret, agora maior de idade, estava tirando o dinheiro dos antigos investimentos seguros e aplicando em papéis estrangeiros, que sempre quebram. Permanecer em silêncio teria sido um crime. Sua própria fortuna estava investida nas estradas de ferro nacionais e com o maior ardor instou a sobrinha a seguir seu exemplo. “Assim, acho que deveríamos ficar juntas, querida.” Margaret, por educação, investiu algumas centenas de libras na Nottingham and Derby Railway, e, embora os papéis estrangeiros se valorizassem admiravelmente e a Nottingham and Derby caísse com a firme dignidade de que só as ferrovias inglesas são capazes, a sra. Munt nunca deixou de se regozijar, e dizer: “Isso eu consegui, em todo caso. Quando a quebra vier, a pobre Margaret terá um pé-de-meia em que se apoiar”. Nesse ano Helen atingiu a maioridade, e exatamente a mesma coisa se passou no seu caso; também ela tirou seu dinheiro de títulos do governo, mas, também, quase sem ter sido pressionada, reservou uma fração à Nottingham and Derby Railway. Até aí tudo bem, mas em assuntos sociais sua tia não conseguira nada. Mais cedo ou mais tarde as garotas entrariam naquele processo conhecido como atirar-se, e se o haviam adiado até então era apenas para que pudessem se atirar com mais veemência no futuro. Viam muita gente em Wickham Place — músicos de barba

malfeita, até uma atriz, primos alemães (e todos sabem como são os estrangeiros), gente que conheceram em hotéis no continente (e todos sabem como são esses, também). Era interessante, e lá em Swanage ninguém apreciava a cultura mais do que a sra. Munt; mas era perigoso, e o desastre estava fadado a acontecer. Como tinha razão, e que sorte estar a postos quando o desastre chegou!

O trem avançava rumo norte, sob túneis inumeráveis. A viagem durava apenas uma hora, mas a sra. Munt teve de se levantar e fechar a janela várias vezes. Atravessou o South Welwyn Tunnel, viu a luz por um momento, e entrou no North Welwyn Tunnel, de trágica fama. Cruzou o imenso viaduto cujos arcos dominavam os campos imperturbáveis e o curso onírico de Tewin Water. Margeou os parques dos políticos. De tempos em tempos a Great North Road a acompanhava, mais sugestiva do infinito que qualquer ferrovia, acordando, após um cochilo de uma centena de anos, para uma vida como é a que se tem com o fedor de carros motorizados e para uma cultura como é a que se depreende dos anúncios de comprimidos antiácidos. Perante a história, perante a tragédia, perante o passado, perante o futuro, a sra. Munt permanecia igualmente indiferente; não lhe cabendo outra coisa senão concentrar-se no fim de sua jornada e resgatar a pobre Helen daquela confusão pavorosa.

A estação de Howards End ficava em Hilton, um desses grandes povoados que se sucedem com tanta freqüência ao longo da North Road, e que devem seu tamanho ao tráfego da época dos coches e mesmo antes disso. Situada perto de Londres, não compartilhara da decadência rural, e em sua longa avenida principal brotaram à esquerda e à direita propriedades residenciais. Por cerca de uma milha uma série de casas com telhados comuns e de ardósia passou diante dos olhos desatentos da sra. Munt, série interrompida em determinado ponto por seis montes funerários dinamarqueses que se alinhavam lado a lado com a estrada, os túmulos de soldados. Além desses montes funerários as casas abundavam e o trem fez uma parada num emaranhado delas que era quase uma cidade.

A estação, como o cenário, como as cartas de Helen, despertava uma sensação indefinida. A que país levava, à Inglaterra ou à Terra dos Subúrbios? Era nova, tinha plataformas separadas e um metrô, e o conforto superficial exigido pelos homens de negócios. Mas apresentava sinais de vida local, relações pessoais, como até a sra. Munt descobriria.

“Procuro uma casa”, confidenciou ao bilheteiro. “Chama-se Howards Lodge. Sabe onde fica?”

“Senhor Wilcox!”, chamou o menino.

Um jovem à frente deles se virou.

“Ela está procurando Howards End.”

Não havia nada a fazer a não ser seguir em frente, embora a sra. Munt estivesse agitada demais até para encarar o estranho. Mas lembrando-se de que havia dois irmãos, teve o bom senso de lhe dizer: “Desculpe-me por perguntar, mas é o Wilcox mais jovem ou o mais velho?”.

“O jovem. O que posso fazer pela senhora?”

“Ah, bem”, controlou-se com dificuldade. “Sério. É o senhor? Eu…” Afastou-se do menino do guichê e baixou o tom de voz. “Sou a tia da senhorita Schlegel. Devo me apresentar, não é mesmo? Meu nome é senhora Munt.”

Ela notou que ergueu o boné e disse um tanto friamente: “Ah, sim; a senhorita Schlegel está hospedada conosco. Gostaria de vê-la?”.

“Se possível…”

“Vou chamar um cabriolé. Não; espere um pouco.” Ele pensou. “Nosso carro está aqui. Vou levá-la até lá.”

“É muito gentil…”

“De modo algum, se a senhora esperar até que tragam um pacote do escritório. Por aqui.”

“Minha sobrinha não está com o senhor, por acaso?”

“Não; vim com meu pai. Ele seguiu para o norte no trem em que a senhora veio. Verá a senhorita Schlegel no almoço. Almoça conosco, espero?”

“Adoraria”, disse a sra. Munt, sem querer se comprometer com uma refeição até que houvesse estudado o namorado de Helen um pouco mais. Parecia um cavalheiro, mas a deixara tão nervosa que seus poderes de observação ficaram entorpecidos. Lançou-lhe um olhar furtivo. Para o olhar feminino, não havia nada de errado com as fundas depressões nos cantos de sua boca, tampouco com a construção um tanto retangular da testa. Tinha a tez escura, era glabro e parecia acostumado a mandar.

“Na frente ou atrás? Onde prefere? Pode ventar bastante na frente.”

“Na frente, se me permite; assim poderemos conversar.”

“Mas, desculpe-me por um minuto… não consigo imaginar o que fazem com aquele pacote.” Entrou a passos largos no guichê de bilhetes e chamou com uma nova voz: “Ei! Ei, você aí! Vai me fazer esperar o dia todo? Pacote para Wilcox, Howards End. Procure rápido!”. Ao sair, disse num tom mais ameno: “Esta estação tem uma organização abominável; se dependesse de mim, estariam todos no olho da rua. Posso ajudá-la a entrar?”.

“É muita gentileza de sua parte”, disse a sra. Munt, conforme se ajeitava na luxuosa caverna de couro vermelho e pelejava para enrolar-se em mantas e xales. Estava sendo mais cortês do que pretendera, mas aquele jovem de fato era muito gentil. Além do mais, sentiu-se um pouco intimidada com ele: sua autoconfiança era extraordinária. “Muita gentileza, de fato”, repetiu, acrescentando: “Exatamente o que eu teria desejado”.

“É muita bondade de sua parte dizer isso”, replicou ele, com uma ligeira expressão de surpresa, que, como a maioria das expressões ligeiras, escapou à atenção da sra. Munt. “Só vim trazer meu pai para tomar o trem.”

“Sabe, Helen nos deu a notícia hoje de manhã.”

O jovem Wilcox punha gasolina, dava partida no motor e realizava outras atividades que não tinham a menor relação com aquela história. O grande carro começou a sacolejar e a forma da sra. Munt, tentando explicar as coisas, surgia acompanhando o movimento para cima e para baixo entre o estofamento vermelho. “Mamãe ficará muito feliz em conhecê-la”, murmurou. “Ei! Eu disse. Pacote. Pacote para Howards End. Traga-me. Ei!”

Um carregador barbudo apareceu com o pacote em uma das mãos e um livro de registros na outra. Exclamações misturaram-se ao ronco do motor: “Assinar… é preciso? Por que o… assinar depois de tanto aborrecimento? O senhor nem mesmo tem um lápis aí? Não se esqueça da próxima vez, vou reclamar com o chefe da estação. Meu tempo é valioso, mas talvez o seu não seja. Aqui”. — o aqui era uma gorjeta.

“Sinto terrivelmente, senhora Munt.”

“De modo algum, senhor Wilcox.”

“Tem alguma objeção se formos por dentro da cidade? É um caminho mais longo, mas tenho uma ou duas encomendas.”

“Eu adoraria ir por dentro da cidade. Naturalmente, estou bastante ansiosa em conversar com o senhor.”

Assim que disse isso, sentiu vergonha por desobedecer as instruções de Margaret. Mas não as desobedecia ao pé da letra, certamente. Ela a advertira apenas contra discutir o ocorrido com estranhos. Decerto não era “incivilizado ou errado” discuti-lo com o próprio jovem, uma vez que o acaso os unira.

Sujeito reticente que era, não fez nenhum comentário. Subindo a seu lado, pôs as luvas e os óculos, e lá se foram, o carregador barbudo — a vida é uma coisa misteriosa — observando-os, admirado.

O vento batia em seus rostos conforme desciam a estrada da estação, soprando poeira nos olhos da sra. Munt. Porém, mal tomaram a Great North

Road, ela abriu fogo. “Pode imaginar muito bem”, disse, “que a notícia foi um grande choque para nós.”

“Que notícia?”

“Senhor Wilcox”, ela disse com franqueza, “Margaret me contou tudo… tudinho. Vi a carta de Helen.”

Ele não podia virar o rosto para ela, com os olhos fixos no que fazia; descia o mais rapidamente que ousava a avenida principal. Mas inclinou a cabeça em sua direção e disse: “Mil perdões, não a entendo”.

“Sobre Helen. Helen, é claro. Helen é uma pessoa excepcional — tenho certeza de que me permitirá dizê-lo, sentindo por ela o que sente —, na verdade, todos os Schlegel são excepcionais. Não venho com o menor espírito de interferir, mas foi um grande choque.”

Pararam diante de um comércio de tecidos. Sem responder, ele girou em seu banco e contemplou a nuvem de poeira que haviam erguido atrás de si ao atravessar a cidade. O pó assentava novamente, mas parte dele ficou pelo caminho. Uma quantidade invadira as janelas parcialmente abertas, outro tanto fora pousar sobre as roseiras e groselheiras dos jardins laterais, enquanto o resto penetrara nos pulmões dos moradores. “Fico pensando quando vão ter o bom senso de asfaltar as estradas”, foi seu comentário. Então um homem saiu apressado da loja com um rolo de oleado, e lá voltaram eles a conversar.

“Margaret não pôde vir pessoalmente, por causa do pobre Tibby, então estou aqui para representá-la e ter uma boa conversa.”

“Perdoe-me por ser tão obtuso”, disse o jovem, mais uma vez parando diante de uma loja. “Mas ainda não entendo.”

“Helen, senhor Wilcox… minha sobrinha e o senhor.”

Ele puxou seus óculos de proteção e arregalou os olhos, absolutamente estupefato. O horror golpeou a alma da mulher, pois até mesmo ela começava a suspeitar da conversa desencontrada, e que principiara sua missão com uma terrível gafe.

“A senhorita Schlegel e eu?”, perguntou, retesando os lábios.

“Creio não ter havido qualquer mal-entendido”, disse com voz trêmula a sra. Munt. “A carta dela certamente afirmava tal coisa.”

“Que coisa?”

“Que o senhor e ela…” Fez uma pausa, depois baixou o olhar.

“Acho que entendo o que quer dizer”, ele disse, desconcertado. “Que equívoco extraordinário!”

“Então, de modo algum…”, ela gaguejou, com o rosto cor de sangue, e

desejando jamais ter nascido.

“Dificilmente, uma vez que já estou comprometido com outra dama.” Houve um silêncio momentâneo, então ele recuperou o fôlego e explodiu com um “Oh, meu Deus! Não me diga que foi alguma tolice de Paul”.

“Mas você é Paul.”

“Não sou.”

“Então por que me disse que era, na estação?”

“Não disse coisa alguma do gênero.”

“Com mil perdões, mas disse.”

“Eu é que peço perdão, mas não disse. Meu nome é Charles.”

“O jovem” pode significar o filho por oposição ao pai, ou um segundo irmão por oposição ao primeiro. Há muito a ser dito de ambas as partes, e mais tarde eles o dirão. Mas tinham outras questões diante de si, agora.

“Quer me dizer que Paul…”

Mas ela não gostou de seu tom de voz. Soava como se conversasse com um carregador e, certa de que a havia tapeado na estação, também ficou cada vez mais furiosa.

“Quer me dizer que Paul e sua sobrinha…”

A sra. Munt — tal é a natureza humana — estava determinada a abraçar a causa dos enamorados. Não ia se deixar amedrontar por um jovem de modos severos. “É, gostam muito um do outro, de fato”, disse. “Ouso dizer que iriam lhe contar logo. Recebemos a notícia hoje de manhã.”

E Charles cerrou os punhos e gritou: “Aquele idiota, idiota, garoto estúpido!”.

A sra. Munt tentou se desvencilhar de sua manta. “Se é esta sua atitude, senhor Wilcox, prefiro caminhar.”

“Insisto em que não o faça. Vou levá-la agora mesmo para casa. Deixe-me dizer-lhe que a coisa é impossível e que devemos pôr um fim nisso.”

Não era freqüente que a sra. Munt perdesse a calma e, quando o fazia, era apenas para proteger aqueles que amava. Nessa ocasião ela se inflamou. “Concordo plenamente, senhor. A coisa *é* impossível e eu *vou* até lá pôr-lhe um fim. Minha sobrinha é uma pessoa excepcional e não estou disposta a ficar sentada vendo-a se entregar a pessoas que não a apreciam.”

Charles cerrou o maxilar.

“Considerando que só conhece seu irmão desde quarta-feira e encontrou seu pai e sua mãe num hotel por aí…”

“Poderia por favor baixar o tom de voz? O homem da loja vai ouvi-la.”

O *esprit de classe* — se nos for permitido cunhar a frase — era forte na sra. Munt. Ficou sentada tremendo enquanto um membro das camadas inferiores colocava um funil de metal, uma panela e uma mangueira de jardim junto ao rolo de oleado.

“Tudo certo aí?”

“Está, senhor.” E as camadas inferiores desapareceram numa nuvem de poeira.

“Estou avisando: Paul não tem um tostão, é inútil.”

“Não há necessidade de nos avisar, senhor Wilcox, lhe asseguro. Quem avisa sou eu. Minha sobrinha foi muito tola; vou lhe fazer uma severa reprimenda e levá-la de volta a Londres comigo.”

“Ele tem de viajar para a Nigéria. Não pode pensar em casamento por anos e quando o fizer terá de ser com uma mulher capaz de suportar o clima, e que seja, no mais… Por que ele não nos contou? É claro que está com vergonha. Sabe que bancou o tolo. E foi mesmo… um maldito de um estúpido.”

Ela ficou ainda mais furiosa.

“E enquanto isso a senhorita Schlegel não perdeu tempo em divulgar a notícia.”

“Se eu fosse um homem, senhor Wilcox, por causa dessa última observação teria lhe acertado um soco. O senhor não está à altura de engraxar as botas de minha sobrinha, de sentar numa mesma sala que ela, e ousa… ousa realmente… recuso-me a discutir com uma pessoa como o senhor.”

“Tudo que sei é que ela espalhou a coisa e ele não, meu pai está longe e eu…”

“E tudo que sei é que…”

“Posso terminar a frase, por favor?”

“Não.”

Charles cerrou os dentes e continuou a dirigir, dando guinadas por toda a estrada.

Ela gritava.

E assim jogaram o jogo das Famílias em Disputa, que conhece uma nova rodada cada vez que o amor pretende unir dois membros de nossa raça. Mas eles o jogaram com vigor incomum, afirmando com incontáveis palavras que os Schlegel eram melhores que os Wilcox, os Wilcox, melhores que os Schlegel. Deixaram a decência de lado. O homem era jovem, a mulher estava profundamente perturbada; em ambos havia latente uma disposição para a grosseria. Sua briga não era mais surpreendente do que a maioria das brigas —

inevitável, no momento, inacreditável, depois. Mas foi mais fútil do que normalmente é. Em poucos minutos, descobriram a verdade. O carro estacionou em Howards End e Helen, com o rosto muito pálido, correu ao encontro da tia.

"Tia Juley, acabo de receber um telegrama de Margaret; eu… eu tentei impedi-la de vir. Não é… está acabado."

O clímax foi demais para a sra. Munt. Ela explodiu em lágrimas.

"Tia Juley, querida, não. Não os deixe saber que fui tão tola. Não foi nada. Não sofra por minha causa."

"Paul", gritou Charles Wilcox, arrancando as luvas.

"Não os deixe saber. Eles não devem saber nunca."

"Ai, minha querida Helen…"

"Paul! Paul!"

Um homem muito jovem saiu da casa.

"Paul, há alguma verdade nisso?"

"Eu não fiz… eu não…"

"Sim ou não, rapaz; pergunta simples, resposta simples. A senhorita Schlegel…"

"Charles, querido", disse uma voz vinda do jardim. "Charles, querido Charles, não se fazem perguntas simples. Não existe tal coisa."

Ficaram em silêncio. Era a sra. Wilcox.

Aproximou-se exatamente da maneira como a carta de Helen a descrevera, deslizando sem fazer ruído pelo gramado, e havia até um punhado de feno em suas mãos. Parecia pertencer não à gente jovem e seus carros, mas à casa, e à árvore que a ensombrecia. Podia-se perceber que venerava o passado, e que a sabedoria instintiva que apenas o passado pode conceder descera sobre ela — aquela sabedoria à qual damos o desajeitado nome de aristocracia. Berço, talvez não tivesse. Mas seguramente se importava com seus ancestrais e deixava que a ajudassem. Quando viu Charles furioso, Paul assustado e a sra. Munt às lágrimas, escutou a voz dos ancestrais: "Separe estes seres humanos que vão se ferir muito, uns aos outros. O resto pode esperar". Assim, não fez perguntas. Muito menos fingiu que nada acontecera, como teria feito uma competente anfitriã da sociedade. Disse: "Senhorita Schlegel, leve por favor sua tia para seu quarto ou para o meu, o que achar melhor. Paul, procure Evie, e diga-lhe que seremos seis para o almoço, mas que não tenho certeza se todos descerão para comer". E quando obedeceram, virou-se para o filho mais velho, ainda sentado no veículo trepidante e fedorento, sorriu-lhe com ternura e, sem dizer palavra, ficou de costas para ele e de frente para suas flores.

“Mãe”, chamou, “sabia que Paul andou bancando o tolo outra vez?”

“Está tudo bem, querido. O caso deles está encerrado.”

“Caso…!”

“Não estão mais apaixonados, se prefere pôr dessa forma”, disse a sra. Wilcox, inclinando-se para cheirar uma rosa.

IV

Helen e sua tia regressaram a Wickham Place num estado de prostração e, por algum tempo, Margaret ficou com três inválidos nas mãos. A sra. Munt logo se recuperou. Possuía em grau admirável a capacidade de distorcer o passado e não muitos dias depois já havia esquecido o papel que desempenhara sua própria imprudência na catástrofe. Mesmo durante a crise, exclamara: “Graças a Deus, a pobre Margaret foi poupada disto!”, o que durante a viagem de volta a Londres mudou para “Alguém tinha de pôr um ponto final naquilo”, o que por sua vez amadureceu para a forma permanente de “A única vez em que realmente ajudei as garotas da Emily foi na história dos Wilcox”. Mas Helen era uma paciente mais grave. Novas idéias haviam estourado sobre ela como um trovão repentino e, por causa delas e suas reverberações, ficara atordoada.

A verdade era que se apaixonara, não por um indivíduo, mas por uma família.

Antes da chegada de Paul ela estivera se afinando, por assim dizer, na clave do rapaz. A energia dos Wilcox a fascinara, criara novas imagens de beleza em sua mente sugestionável. Ficar o dia todo com eles sob o céu, dormir à noite sob seu teto pareceram-lhe a suprema alegria da vida e levaram-na àquele abandono da personalidade que é um prelúdio possível do amor. Ela *gostara* de ceder ao sr. Wilcox, ou Evie, ou Charles; *gostara* de ouvir que suas idéias sobre a vida eram protegidas ou acadêmicas; que a igualdade era um absurdo, o sufrágio feminino, um absurdo, o socialismo, um absurdo, a arte e a literatura, exceto quando conduziam ao fortalecimento do caráter, um absurdo. Uma a uma as manias dos Schlegel foram subjugadas, e, embora afirmando defendê-las, ela se rejubilara. Quando o sr. Wilcox disse que um sólido homem de negócios trazia mais benefício ao mundo do que uma dúzia de seus reformistas sociais, ela engolira a curiosa afirmação sem engasgar, reclinando-se com volúpia no estofamento do carro. Quando Charles disse: “Por que ser tão educada com os criados? Eles não entendem”, não revidou com a réplica dos Schlegel: “Se eles não entendem, eu entendo”. Não; prometeu a si mesma ser menos educada com criados no futuro. “Estou mergulhada no farisaísmo”, pensou, “e é melhor para mim me livrar disso.” E tudo que pensou, fez, respirou foi uma silenciosa preparação para Paul.

Paul era inevitável. Charles estava envolvido com outra garota, o sr. Wilcox era velho demais, Evie era tão jovem, a sra. Wilcox, tão diferente. Em torno do irmão ausente ela começou a criar o halo do romance, a irradiá-lo com todo o esplendor daqueles dias felizes, a sentir que com ele chegaria o mais perto do perfeito ideal. Ambos tinham mais ou menos a mesma idade, disse Evie. A maioria das pessoas achava Paul mais bonito do que o irmão. Era sem dúvida melhor atirador, embora não fosse tão bom no golfe. E quando Paul apareceu, corado de triunfo por ter passado em um exame, e pronto para flertar com qualquer garota bonita, Helen estava a meio caminho andado de ir ao seu encontro, ou a mais que meio caminho andado, e foi em sua direção na noite de um domingo.

Ele estivera falando do exílio iminente na Nigéria, e teria continuado a falar disso, e permitido que a hóspede se recuperasse. Mas o arfar dos seios dela deixou-o encantado. A paixão era possível, e ficou apaixonado. Bem lá no fundo alguma coisa lhe soprou: “Esta garota deixaria que a beijasse; talvez você nunca mais tenha outra chance”.

Assim foi “como aquilo aconteceu” ou, antes, como Helen o descreveu a sua irmã, usando palavras até mais insensíveis que as minhas. Mas a poesia daquele beijo, a maravilha daquilo, a magia que permaneceu na vida por horas depois disso — quem pode descrever tal coisa? É tão fácil para um inglês zombar dessas colisões de seres humanos. Para o cínico e o moralista de nossa ilha elas oferecem igual oportunidade. É tão fácil falar de “emoção passageira” e esquecer quão vívida foi a emoção antes que passasse. Nosso impulso de zombar, de esquecer, é na raiz um impulso bom. Reconhecemos que a emoção não é o suficiente, e que homens e mulheres são capazes de relações duradouras, não meras oportunidades para uma descarga elétrica. Contudo, temos o impulso demasiadamente em alta conta. Não admitimos que por meio de colisões de uma natureza assim trivial as portas do paraíso podem ser sacudidas e abertas. Para Helen, em todo caso, nada em sua vida seria mais intenso do que o abraço daquele rapaz que nela não desempenhava papel algum. Ele a atraíra para fora da casa, onde havia luz e perigo de serem surpreendidos; conduzira-a por um caminho que conhecia, até se deterem sob a coluna do vasto olmo. Um homem na penumbra sussurrara “eu te amo”, quando ela desejava amor. Com o tempo, sua tênue personalidade desapareceu, a cena que evocara perdurou. Em todos os anos repletos de mudanças que se seguiram, ela jamais conheceu nada como aquilo outra vez.

“Entendo”, disse Margaret, “pelo menos, entendo até onde se pode entender

alguma coisa em questões como essa. Diga-me agora o que aconteceu na segunda de manhã."

"Tudo acabou de repente."

"Como, Helen?"

"Eu ainda estava feliz quando me vesti, mas conforme descia as escadas fui ficando nervosa e, quando entrei na sala de jantar, percebi que tudo ia mal. Evie estava lá — não consigo explicar — servindo o bule de chá, e o senhor Wilcox lia o *The Times*."

"Paul estava lá?"

"Estava; e Charles conversava com ele sobre mercado de ações, e ele parecia assustado."

Por leves indícios as irmãs podiam comunicar muita coisa uma à outra. Margaret viu o horror latente da cena e a observação seguinte de Helen não a surpreendeu.

"De algum modo, quando esse tipo de homem parece assustado é terrível demais. Não há problema algum se nós ficamos assustadas, ou homens de outro tipo — papai, por exemplo; mas homens como aquele! Quando vi todos os demais tão plácidos e Paul enlouquecido de terror no caso de eu dizer a coisa errada, senti por um momento que toda a família Wilcox era uma fraude, apenas um muro de jornais, carros, clubes de golfe, e que se ele desabasse eu não encontraria nada além de pânico e vazio."

"Não acho que seja assim. Os Wilcox me pareceram gente genuína, em particular a esposa."

"Não, não acho isso de verdade. Mas Paul tinha ombros tão largos; todo tipo de coisa extraordinária tornava isso pior, e eu sabia que nunca daria certo — nunca. Disse-lhe depois do café-da-manhã, quando os demais praticavam umas tacadas, 'Acho que perdemos a cabeça', e ele me pareceu subitamente melhor, embora assustadoramente envergonhado. Começou um discurso sobre não ter dinheiro para se casar, mas doía-lhe fazê-lo, e o detive. Então ele disse: 'Devo pedir desculpas sobre isso, senhorita Schlegel; não sei o que me deu na noite passada'. E eu disse: 'Nem eu sei o que deu em mim; não se preocupe'. E então nos separamos — pelo menos, até eu me lembrar imediatamente em seguida que escrevera para contar a você, na noite anterior, e isso o amedrontou outra vez. Pedi-lhe que enviasse um telegrama por mim, pois sabia que você viria ou algo assim ocorreria; e ele tentou ficar com o carro, mas Charles e o senhor Wilcox quiseram ir à estação; e Charles se ofereceu para enviar o telegrama por mim, e então tive de dizer que o telegrama não tinha importância, pois Paul disse que

Charles poderia lê-lo, e embora eu o reescrevesse inúmeras vezes, não parava de dizer que as pessoas iriam suspeitar de alguma coisa. No fim, apanhou-o ele mesmo, fingindo que tinha de sair para comprar munição e, entre uma coisa e outra, só conseguiu chegar no correio para passá-lo quando foi tarde demais. Que manhã mais terrível. Paul me causava cada vez mais aversão, e Evie falava de médias de críquete até eu quase gritar. Não consigo pensar em como a aturei ao longo dos outros dias. No fim, Charles e seu pai saíram para a estação, e depois chegou seu telegrama avisando-me que tia Juley estava a caminho, no trem, e Paul — ai, como foi horrível — disse que eu tinha conseguido. Mas a senhora Wilcox sabia."

"Sabia o quê?"

"Tudo, ainda que nenhum de nós tivesse lhe dito coisa alguma, e soube o tempo todo, acho."

"Ah, deve tê-los escutado."

"Suponho que sim, mas pareceu prodigioso. Quando Charles e tia Juley chegaram de carro, xingando um ao outro, a senhora Wilcox surgiu do jardim e tornou tudo menos terrível. Ugh! Foi uma história revoltante. Pensar que…" Ela suspirou.

"Pensar que por causa do encontro seu com um rapaz por um momento tenha havido todos esses telegramas e raiva", completou Margaret.

Helen concordou com a cabeça.

"Já pensei muitas vezes nisso, Helen. É uma das coisas mais interessantes do mundo. A verdade é que há uma grande vida lá fora com a qual você e eu nunca tivemos contato — uma vida em que telegramas e raiva contam. Relações pessoais, que julgamos supremas, nela não são supremas. Nela, amor quer dizer casamentos arranjados; morte, obrigações funerárias. Isso está claro para mim. Mas aí reside a dificuldade. Essa vida lá fora, embora obviamente horrenda, muitas vezes parece a verdadeira — há coragem nela. É o que forma o caráter. Será que no fim das contas as relações pessoais não levam ao sentimentalismo?"

"Ai, Meg, era isso que eu achava, só que não com tanta clareza, quando os Wilcox se mostravam tão competentes, e pareciam ter o leme nas mãos."

"Não pensa mais isso?"

"Lembro-me de Paul no café", disse Helen, serenamente. "Jamais vou esquecê-lo. Parecia não ter ninguém a quem recorrer. Sei que as relações pessoais são a vida real, para todo o sempre."

"Amém!"

Assim, o episódio dos Wilcox ficou em segundo plano, deixando atrás de si

lembranças doces e horríveis que se misturavam, e as irmãs prosseguiram na vida enaltecida por Helen. Conversavam entre si e com outros, enchiam a casa alta e estreita de Wickham Place com pessoas de quem gostavam ou poderiam vir a ser amigas. Chegavam até a freqüentar comícios públicos. A seu próprio modo, preocupavam-se profundamente com a política, embora não como políticos teriam desejado que nos preocupássemos; desejavam que a vida pública espelhasse tudo que existe de bom na vida particular. Temperança, tolerância e igualdade entre os sexos eram exigências inquestionáveis para elas; embora não acompanhassem nossa política externa no Tibete com a atenção apaixonada que o assunto merece e, por vezes, desconsiderassem o Império Britânico inteiro com um suspiro que, embora reverente, demonstrava perplexidade. Também com elas não são erigidos os espetáculos da história: o mundo seria um lugar cinzento e sem vida se inteiramente povoado de senhoritas Schlegel. Mas, sendo o mundo como é, talvez nele brilhem como estrelas.

Uma palavra sobre sua origem. Não eram “ingleses até a medula”, como asseverara piamente sua tia. Mas, por outro lado, não eram “alemães da mais pavorosa espécie”. Seu pai pertencera a um tipo que era mais proeminente na Alemanha de cinqüenta anos antes do que nessa época. Não o alemão agressivo, tão caro ao jornalista britânico, tampouco o alemão domesticado, tão caro ao humor britânico. Se alguém, de um jeito ou de outro, decidisse classificá-lo, seria como um compatriota de Hegel e Kant, como o idealista, inclinado a ser um sonhador, cujo imperialismo era o imperialismo de quimeras. Não que em sua vida houvesse permanecido sem agir. Lutara como um demônio contra a Dinamarca, a Áustria, a França. Mas lutara sem visualizar os resultados da vitória. Um indício da verdade lhe ocorreu após Sedan, quando viu os bigodes tingidos de Napoleão ficando grisalhos; outro, quando entrou em Paris, e viu as janelas quebradas das Tulherias. A paz chegou — tudo era imenso, tornado um grande império —, mas ele sabia que alguma qualidade desaparecera, pela qual nem toda a Alsácia-Lorena iria compensá-lo. A Alemanha uma potência comercial, a Alemanha uma potência naval, a Alemanha com colônias aqui e uma política de desenvolvimento ali, e aspirações legítimas num outro canto, poderia ser atraente para os outros, e servir-lhes às maravilhas; no que lhe dizia respeito, abstinha-se dos frutos da vitória, e naturalizou-se inglês. Os membros mais severos de sua família nunca o perdoaram e sabiam que seus filhos, embora dificilmente ingleses da mais pavorosa espécie, jamais seriam alemães até a medula. Obtivera trabalho numa de nossas universidades do interior e aí se casara com a humilde Emily (ou *Die Engländerin*, conforme o caso), e como ela

possuía algum dinheiro, seguiram para Londres, onde vieram a conhecer um bocado de gente. Mas seus olhos estavam sempre voltados para o além-mar. Sua esperança era de que as nuvens materialistas que obscureciam o céu da pátria com o tempo se dissipassem e a serena luz da intelectualidade voltasse a brilhar. “Está sugerindo que nós alemães somos *estúpidos*, tio Ernst?”, exclamou um sobrinho altivo e majestoso. Tio Ernst respondeu: “No meu entendimento. Vocês usam o intelecto, mas já não se importam mais com ele. Isso é o que chamo de estupidez”. Como o sobrinho altivo não acompanhava seu raciocínio, ele continuou: “Vocês se importam apenas com as coisas para as quais têm uso, e assim as ordenam da seguinte forma: dinheiro, supremamente útil; intelecto, mais ou menos útil; imaginação, absolutamente inútil. Não” — pois o outro protestara — “seu pangermanismo não é mais imaginativo que o imperialismo que temos por aqui. É o vício da mente vulgar empolgar-se com a grandeza, pensar que mil milhas quadradas são mil vezes melhores do que uma milha quadrada e que um milhão de milhas quadradas é quase o mesmo que o paraíso. *Isso* não é imaginação. Não, é o que a mata. Quando os poetas deles por aqui tentam cantar a grandeza, morrem na hora, e naturalmente. Seus poetas também estão morrendo, seus filósofos, seus músicos, a quem a Europa tem dado ouvidos por duzentos anos. Foram-se. Foram-se junto com as pequenas coortes que os alimentavam; foram-se junto com Esterház e Weimar. O quê? Como é? Suas universidades? Ah, claro, vocês têm eruditos, que coligem mais fatos do que os eruditos da Inglaterra. Eles coligem fatos e fatos, e impérios de fatos. Mas quem dentre eles reacenderá a luz interior?”.

A tudo Margaret escutava, sentada no joelho do sobrinho altivo.

Era uma educação única para as garotinhas. O sobrinho altivo vinha certo dia a Wickham Place trazendo consigo a esposa ainda mais altiva, ambos convencidos de que a Alemanha fora designada por Deus para governar o mundo. Tia Juley chegava no dia seguinte, convencida de que a Grã-Bretanha fora designada para o mesmo cargo pela mesma autoridade. Estariam ambas as estridentes partes com a razão? Em certa ocasião, encontraram-se, e Margaret, batendo palminhas, implorou-lhes que discutissem o assunto em sua presença. Todos coraram e começaram a falar sobre o clima. “Papai”, exclamou — era uma criança muito dada à ofensiva —, “por que eles não querem discutir essa questão tão simples?” O pai, examinando as partes com expressão sombria, respondia que não sabia. Inclinando a cabeça para o lado, Margaret então observava: “Para mim, uma das duas coisas é bem clara: ou Deus não sabe o que pensa sobre a Inglaterra e a Alemanha, ou são eles que não sabem o que Deus

pensa”. Uma garotinha odiosa, mas aos treze anos identificara um dilema que a maioria das pessoas passa a vida toda sem perceber. Sua mente lançava-se em todas as direções; tornava-se cada vez mais flexível e forte. Sua conclusão foi de que qualquer ser humano particular está mais próximo do invisível do que qualquer organização, e essa opinião nunca mais a abandonou.

Helen seguia nessa mesma toada, embora num ritmo mais irresponsável. No caráter, assemelhava-se à irmã, mas era bonita, e como tal propensa a tirar melhor proveito da vida. As pessoas ajuntavam-se em torno dela mais prontamente, sobretudo se haviam acabado de conhecê-la, e sem dúvida ela apreciava bastante uma boa dose de admiração. Quando o pai morreu e passaram a administrar sozinhas Wickham Place, era comum que atraísse todas as atenções, enquanto Margaret — ambas eram tremendas conversadoras — mal era notada. Nenhuma das irmãs incomodava-se com isso. Helen nunca pedia desculpas depois e Margaret não sentia o mais leve rancor. Mas a aparência física influi no caráter. As irmãs eram parecidas quando pequenas, mas na época do episódio dos Wilcox seus métodos começavam a divergir: a mais jovem tendia a seduzir as pessoas e, ao seduzi-las, ser ela própria seduzida; a mais velha seguia sempre em frente, e aceitava um fracasso ocasional como parte do jogo.

Pouco precisa ser previamente dito a respeito de Tibby. Era agora um inteligente rapaz de dezesseis anos, mas dispéptico e difícil.

V

Em geral se admite que a *Quinta sinfonia* de Beethoven é o ruído mais sublime que jamais penetrou no ouvido humano. Satisfaz a todas as naturezas e condições. Seja você como a sra. Munt, que tamborila furtivamente quando a melodia começa — claro, de modo a não perturbar os demais; ou como Helen, que pode ver heróis e naufrágios no dilúvio da música; ou como Margaret, que vê apenas a música; ou como Tibby, que é profundamente versado em contraponto, e segura a partitura inteira aberta nos joelhos; ou como a prima deles, *Fräulein* Mosebach, que não esquece por um minuto que Beethoven é "*echt Deutsch*";[10] ou como o jovem filho de *Fräulein* Mosebach, que é incapaz de se lembrar de outra coisa que não seja *Fräulein* Mosebach: em todo caso, a paixão de sua vida torna-se mais intensa, e somos levados a admitir que um tal ruído sai barato por dois xelins. Sai barato, mesmo se você o ouve no Queen's Hall, a mais deprimente sala de concertos de Londres, embora não tão deprimente quanto a Free Trade Hall, em Manchester; e mesmo se você se sentar no extremo esquerdo desse anfiteatro, de modo que os metais cheguem a seus ouvidos antes do restante da orquestra, ainda assim sai barato.

"Com quem Margaret está conversando?", disse a sra. Munt, ao término do primeiro movimento. Estava em Londres outra vez, visitando Wickham Place.

Helen olhou para baixo, para a longa fileira de seu grupo, e disse que não sabia.

"Poderia ser algum jovem em quem estivesse interessada?"

"Espero que sim", respondeu Helen. A música a envolvia, e não conseguia penetrar na distinção que divide rapazes por quem alguém tenha interesse de rapazes que alguém conhece.

"Vocês garotas são tão maravilhosas por sempre terem… ai, querida! Não devemos conversar."

Pois o *andante* começara — muito bonito, mas apresentando uma semelhança familiar com todos os outros lindos *andantes* que Beethoven escrevera e, na mente de Helen, mais ou menos desassociando os heróis e naufrágios do primeiro movimento dos heróis e duendes do terceiro. Já o ouvira inteiro em outra ocasião, então sua atenção vagou, e olhou para o público, ou o

órgão, ou a arquitetura. Não poupou censuras aos emaciados cupidos que cingiam o teto do Queen's Hall, inclinando-se uns para os outros com gestos chochos, vestidos com pantalonas amarelentas, banhados pela luz do sol de outubro. "Como seria horrível casar-se com um homem parecido com um destes cupidos!", pensou Helen. Aqui Beethoven começava a decorar a música, e assim ela voltou a escutá-la, e então sorriu para sua prima Frieda. Mas Frieda, quando ouvia música clássica, não reagia. *Herr* Liesecke também parecia não poder ser demovido de sua atenção nem por cavalos selvagens; havia linhas cruzando sua fronte, os lábios estavam abertos, o pincenê em ângulo reto com o nariz, e pousava as mãos brancas e rudes uma em cada joelho. E próxima a ela estava tia Juley, tão inglesa, querendo tamborilar. Como era interessante esse grupo! Que influências diversas participaram da criação de cada um! Agora Beethoven, depois de murmurar e hesitar com grande doçura, dizia "upa", e o *andante* chegava ao fim. Aplausos, e uma rodada de wunderschönens e prachtvollens do contingente germânico.[11] Margaret começou a falar com seu novo amigo; Helen disse para a tia: "Agora vem o movimento maravilhoso: primeiro de tudo os duendes, e depois um trio de elefantes dançando"; e Tibby implorou ao grupo como um todo que prestasse atenção na passagem transicional do tambor.

"Do quê, querido?"

"Do *tambor*, tia Juley."

"Não, prestem atenção na parte em que a gente pensa que os duendes foram embora e eles voltam", suspirou Helen, conforme começava a música com um duende caminhando silenciosamente pelo universo, de um extremo a outro. Outros o seguiam. Não eram criaturas agressivas; eis o que os tornava tão terríveis para Helen. Apenas observavam *en passant* que não havia algo como esplendor ou heroísmo no mundo. Após o interlúdio de elefantes dançantes, voltaram e fizeram sua observação pela segunda vez. Helen não pôde contradizê-los, pois, noutra ocasião, em todo caso, já sentira o mesmo, e assistira ao colapso das confiáveis muralhas da juventude. Pânico e vazio! Pânico e vazio! Os duendes tinham razão.

Seu irmão ergueu o dedo: a passagem transicional do tambor.

Porque, como se as coisas estivessem indo longe demais, Beethoven se apoderou dos duendes e obrigou-os a fazer o que ele queria. Apareceu em pessoa. Deu-lhes um pequeno empurrão e começaram a caminhar numa tonalidade maior em vez de menor, e então… com um sopro de sua boca espalhou-os! Erupções de esplendor, deuses e semideuses contenciosos com vastas espadas, cor e fragrância dispersando-se pelo campo de batalha, vitória

magnífica, morte magnífica! Oh, tudo isso explodiu diante da garota e ela chegou até a esticar as mãos enluvadas como se aquilo fosse tangível. Todo destino era titânico; toda contenda, desejável; conquistador e conquistado seriam igualmente aplaudidos pelos anjos das estrelas mais longínquas.

E os duendes — não estiveram lá de fato? Eram apenas os espectros da covardia e da incredulidade? Um único impulso humano saudável os punha em debandada? Homens como os Wilcox, ou o presidente Roosevelt, diriam que sim.[12] Beethoven não se deixaria enganar. Os duendes realmente haviam estado lá. Talvez regressassem — e o fizeram. Foi como se o esplendor da vida fervesse e transbordasse, dissipando-se em vapor e espuma. Nessa dissolução ouviu-se a nota terrível, ominosa, e um duende, com malignidade revigorada, caminhou silenciosamente pelo universo, de um extremo a outro. Pânico e vazio! Pânico e vazio! Até mesmo as fortificações flamejantes do mundo podiam cair.

Beethoven escolheu consertar as coisas no final. Reergueu as fortificações. Soprou com a boca pela segunda vez, e novamente os duendes foram dispersados. Ele trouxe de volta as explosões de esplendor, o heroísmo, a juventude, a magnificência da vida e da morte e, em meio a vastos urros de júbilo sobre-humano, conduziu sua *Quinta sinfonia* ao desfecho. Mas os duendes estiveram lá. Podiam voltar. Ele o disse bravamente, e é por isso que se pode acreditar em Beethoven quando diz outras coisas.

Helen abriu caminho durante os aplausos. Queria ficar só.
A música resumira para ela tudo que acontecera ou poderia vir a acontecer em sua vida. Leu-a como uma declaração tangível, que nunca poderia ser desprezada. As notas significavam isso e aquilo, e não podiam ter outro significado, e a vida não podia ter outro significado. Abriu caminho direto para fora do prédio e desceu vagarosamente a escadaria externa, inspirando o ar outonal, e então se dirigiu para casa.

“Margaret”, chamou a sra. Munt, “está tudo bem com Helen?”

“Ah, claro.”

“Ela sempre vai embora na metade do programa”, disse Tibby.

“É evidente que a música a tocou profundamente”, disse *Fräulein* Mosebach.

“Desculpem-me”, disse o jovem de Margaret, que estivera por algum tempo preparando a sentença, “mas aquela jovem, inteiramente sem se dar conta, levou meu guarda-chuva.”

“Ai, Deus do céu! Sinto terrivelmente. Tibby, corra atrás de Helen.”

“Vou perder as ‘Quatro Canções Sérias’, se o fizer.”

“Tibby, querido, é melhor você ir.”

“Não tem importância”, disse o jovem, na verdade um tanto preocupado com seu guarda-chuva.

“Mas é claro que tem. Tibby! Tibby!”

Tibby ficou de pé e deliberadamente atrapalhou-se com os encostos das cadeiras. Na altura em que erguera seu assento, encontrara o chapéu, guardara toda a partitura em segurança, já era “tarde demais” para ir atrás de Helen. As “Quatro Canções Sérias” haviam começado e ninguém podia se movimentar durante a apresentação.

“Minha irmã é tão descuidada”, sussurrou Margaret.

“Deixe pra lá”, respondeu o jovem; mas sua voz era fria e distante.

“Se me der seu endereço…”

“Ah, deixe pra lá, deixe pra lá”; e enrolou o sobretudo nos joelhos.

Então as “Quatro Canções Sérias” vibraram sem penetrar nos ouvidos de Margaret. Brahms, com todos os seus queixumes e soluços, jamais imaginara como se sentia alguém suspeito de roubar um guarda-chuva. Pois aquele jovem tolo achou que ela, Helen e Tibby haviam ganhado sua confiança para tapeá-lo, e que se lhes desse seu endereço invadiriam sua casa no meio da noite a qualquer hora para roubar sua bengala, também. A maioria das mulheres teria achado graça, mas Margaret incomodou-se de verdade, pois isso permitiu-lhe vislumbrar a miséria. Confiar nas pessoas é um luxo em que só os ricos podem incorrer; pobres não podem se permitir tal coisa. Assim que Brahms parou de grunhir, ela lhe deu seu cartão e disse: “É aqui que moramos; se preferir, pode ir buscar o guarda-chuva após o concerto, mas não gostaria de lhe dar esse trabalho quando foi tudo culpa nossa”.

Seu rosto brilhou um pouco quando viu que Wickham Place ficava na zona oeste. Era triste vê-lo corroído pela suspeita e ainda assim não se atrever a ser deselegante, no caso de aquela gente bem vestida ser honesta, no fim das contas. Margaret tomou como um bom sinal quando ele disse: “O programa está agradável esta noite, não?”, pois essa fora a observação com a qual começara, antes que o guarda-chuva os atrapalhasse.

“Tudo bem com Beethoven”, disse Margaret, que não fazia o tipo feminino encorajador. “Mas não gostei do Brahms nem do Mendelssohn que veio no início — e ugh! Não gosto deste Elgar que vem aí.”

“O quê? Como?”, interveio *Herr* Liesecke, escutando. “‘Pompa e circunstância’ não é interessante?”

“Ai, Margaret, menina chata!”, gemeu a tia. “Aqui estava eu persuadindo

Herr Liesecke a ficar para ‘Pompa e circunstância’ e lá vem você desfazer todo o meu trabalho. Estava tão ansiosa para que ele ouvisse o que *nós* andamos fazendo na música. Ah, não deve depreciar nossos compositores ingleses, Margaret.”

“De minha parte, já ouvi a composição em Stettin”, disse *Fräulein* Mosebach. “Em duas ocasiões. É dramática, um pouco.”

“Frieda, você despreza a música inglesa. Sabe que sim. E arte inglesa. E literatura inglesa, exceto Shakespeare, e ele é alemão. Muito bem, Frieda, pode ir.”

Os namorados riram e olharam um para o outro. Movidos por um impulso comum, ergueram-se e fugiram de “Pompa e circunstância”.

“Temos um compromisso em Finsbury Circus, é sério”, disse *Herr* Liesecke, enquanto deixava a mulher passar e chegava à coxia assim que a música começava.

“Margaret…”, sussurrou alto tia Juley. “Margaret, Margaret! *Fräulein* Mosebach esqueceu sua linda bolsinha na cadeira.”

E de fato lá estava a bolsa reticulada de Frieda, contendo sua caderneta de endereços, seu dicionário de bolso, seu mapa de Londres e seu dinheiro.

“Ai, que droga… que família somos nós! Fr… Frieda!”

“Shh!”, disseram todos os que gostavam da música.

“Mas é o número que vão precisar em Finsbury Circus…”

“Será que eu… posso…?”, disse o desconfiado jovem, e ficou muito vermelho.

“Ai, eu ficaria tão agradecida.”

Ele apanhou a bolsa — o dinheiro tilintando ali dentro — e escapou pela coxia com ela na mão. Chegou bem a tempo de alcançá-los na porta de vaivém e recebeu um belo sorriso da garota alemã e uma delicada mesura do cavalheiro. Voltou para sua cadeira de bem com o mundo. A confiança que haviam depositado nele era trivial, mas sentia que anulava sua própria desconfiança em relação ao grupo e que provavelmente não ficaria sem o guarda-chuva. Aquele jovem fora lesado no passado — muito, talvez de forma opressiva — e agora a maior parte de suas energias eram empregadas na defesa contra o desconhecido. Mas nessa noite — talvez por conta da música — ele percebeu que uma pessoa pode relaxar ocasionalmente, ou então, que vantagem há em estar vivo? Wickham Place, oeste, embora um risco, era tão segura quanto a maioria das coisas, e ele iria arriscar.

Assim, quando o concerto acabou e Margaret disse: “Moramos bem perto;

estou indo para lá agora. Poderia me acompanhar para recuperarmos seu guarda-chuva?", ele disse "Pois não" cordialmente, e a seguiu ao sair do Queen's Hall. Ela teria preferido que não ficasse tão ansioso em ajudar uma dama a descer a escadaria ou a carregar o programa de uma dama — a classe social dele era suficientemente próxima para que suas maneiras a aborrecessem. Mas achou-o de modo geral interessante — todo mundo interessava as Schlegel, de modo geral, por essa época — e embora seus lábios falassem em cultura, no íntimo planejava convidá-lo para o chá.

"Como a gente fica cansada depois da música!", começou.

"Não acha a atmosfera do Queen's Hall opressiva?"

"Acho, terrivelmente."

"Mas com certeza a atmosfera do Covent Garden é ainda mais opressiva."

"Vai lá com freqüência?"

"Quando o trabalho permite, apareço nas galerias para ver a Royal Opera."

Helen teria exclamado, "Eu também. Adoro as galerias", para assim crescer na estima do jovem. Helen podia fazer essas coisas. Mas Margaret tinha um horror quase mórbido de "ajudar alguém a soltar a língua", de "fazer as coisas fluir". Estivera nas galerias do Covent Garden mas não "aparecia" por lá, preferia assentos mais caros; muito menos as adorava. Não respondeu nada, portanto.

"Este ano estive lá três vezes — no *Fausto*, na *Tosca* e…" Seria "Tannhauser" ou "Tannhoiser"? Melhor não arriscar a palavra.

Margaret não gostava da *Tosca* nem do *Fausto*. E assim, por um motivo ou outro, caminharam em silêncio, acompanhados pela voz da sra. Munt, que enfrentava dificuldades com o sobrinho.

"Eu *de certo modo* lembro-me da passagem, Tibby, mas quando todo instrumento é tão lindo é difícil escolher uma coisa e não a outra. Tenho certeza de que você e Helen me levam para ver os melhores concertos. Nem uma nota sem graça do início ao fim. Só queria que nossos amigos alemães tivessem ficado até acabar."

"Mas certamente a senhora não esqueceu o tambor batendo firmemente em dó menor, tia Juley?", veio a voz de Tibby. "Ninguém poderia. É inconfundível."

"Uma parte especialmente alta?", arriscou a sra. Munt. "É claro que não vou por ser uma pessoa musical", acrescentou, a tentativa tendo falhado. "Apenas me interesso por música — algo muito diferente. Mas ainda assim, digo isto em meu favor — sei quando gosto de algo e quando não. Para algumas pessoas é o mesmo com pintura. Podem ir a uma galeria de arte… a senhorita Conder

pode… e dizer imediatamente o que sentem, percorrendo todas as paredes. Eu nunca pude fazer isso. Mas música é diferente de pintura, no meu entendimento. Quando se trata de música, sou firme como uma rocha, e lhe asseguro, Tibby, que de modo algum qualquer coisa me agrada. Tem uma coisa… algo a ver com um fauno em francês… que leva Helen ao êxtase, mas que eu acho muito metálico e superficial, e o disse, e não abro mão de minha opinião, também."

"Concorda?", perguntou Margaret. "Acha a música tão diferente da pintura?"

"Eu… eu diria que sim, acho que talvez", ele disse.

"E eu também. Mas minha irmã afirma que são a mesma coisa. Tivemos grandes discussões sobre isso. Ela me chama de obtusa; eu digo que é vaga." Caminhando mais um pouco, exclamou: "Ora, isso não lhe parece absurdo? De que valem as artes se elas forem intercambiáveis? De que vale o ouvido se lhe diz o mesmo que o olho? A intenção de Helen é traduzir melodias na linguagem da pintura e retratos na linguagem da música. É muito engenhoso e ela diz um bocado de coisas floreadas no processo, mas com que proveito, é o que quero saber? Ah, tudo bobagem, radicalmente falso. Se Monet é na verdade Debussy e Debussy é na verdade Monet, nenhum dos dois cavalheiros vale o que come — essa é minha opinião".

Sem dúvida, aquelas irmãs eram de briga.

"Veja, essa mesma sinfonia que acabamos de ouvir… ela não a deixaria em paz. Rotula com significados do início ao fim; transforma em literatura. Pergunto-me se algum dia voltaremos ao tempo em que a música era tratada como música. Mas não sei. Aí está meu irmão… atrás da gente. Ele trata a música como música, e ai, meu Deus!, irrita-me como ninguém, me deixa simplesmente furiosa. Com ele não ouso nem mesmo discutir."

Uma família infeliz, ainda que talentosa.

"Mas é claro que o verdadeiro vilão é Wagner. Ele fez mais do que qualquer outro homem no século dezenove para confundir as artes. Eu sinto de fato que a música encontra-se numa situação muito grave hoje, embora extraordinariamente interessante. Vez e outra ao longo da história aparecem esses gênios terríveis, como Wagner, que agitam todas as fontes de pensamento ao mesmo tempo. Por um momento é esplêndido. Uma agitação de água como nunca se viu. Mas depois… que monte de lama; e as fontes… por assim dizer, agora se comunicam umas com as outras com muita facilidade e nenhuma delas permanecerá completamente límpida. Foi isso que Wagner fez."

As palavras voavam para longe do rapaz como pássaros. Se ao menos

pudesse falar desse jeito, teria conquistado o mundo. Ah, adquirir cultura! Ah, pronunciar nomes estrangeiros corretamente! Ah, ser bem informado, discursando à vontade sobre qualquer assunto que uma dama iniciasse! Mas isso levaria anos. Com uma hora no almoço e umas poucas horas esparsas à noite, como era possível se igualar a mulheres ociosas, que haviam lido ininterruptamente desde a infância? Seu cérebro podia estar cheio de nomes, ele podia até ter ouvido falar de Monet e Debussy; o problema era que não podia enfileirá-los todos numa sentença, não podia fazer com que tivessem "impacto", não conseguia esquecer completamente o guarda-chuva furtado. Sim, o guarda-chuva era o verdadeiro problema. Por trás de Monet e Debussy o guarda-chuva persistia, com a batida regular de um tambor. "Acho que não haverá problema com o guarda-chuva", pensava. "Não me importo de verdade com ele. Vou pensar em música, em vez disso. Acho que não haverá problema com o guarda-chuva." Antes, naquela tarde, sua preocupação havia sido com os assentos. Deveria ter gasto todos aqueles dois xelins? Ainda um pouco antes, perguntara-se: "Será que devo tentar me virar sem um programa?". Sempre houvera algo para preocupá-lo, até onde se lembrava, sempre algo que o distraía na busca da beleza. Pois de fato perseguia a beleza e, assim, as palavras de Margaret definitivamente voavam para longe dele como pássaros.

Margaret seguia adiante falando, dizendo ocasionalmente: "Não acha? Não sente o mesmo?". E em certo momento parou e disse: "Ah, por favor, pode me interromper!", o que o deixou aterrorizado. Ela não o atraía, embora o enchesse de admiração. Sua figura era magra, o rosto parecia puro dentes e olhos, as referências à irmã e ao irmão eram inclementes. Com toda a sua inteligência e sua cultura, era provavelmente uma dessas mulheres atéias, desalmadas, tão bem descritas pela srta. Corelli. Foi surpreendente (e alarmante) que subitamente dissesse: "Apreciaria muito se entrasse para tomar um chá".

"Apreciaria muito se entrasse para tomar um chá. Ficaríamos tão felizes. Desviei-o tanto de seu caminho."

Haviam chegado a Wickham Place. O sol se pusera, e o remanso, mergulhado em sombras profundas, começava a encher-se com uma suave bruma. À direita, a fantástica silhueta dos prédios avultava escura contra os matizes do entardecer; à esquerda, as casas antigas projetavam-se numa barreira irregular de formas quadradas contra o fundo cinzento. Margaret procurou a chave.

É claro que a esquecera. Assim, segurando o guarda-chuva pela ponteira, girou o corpo e bateu na janela da sala de jantar.

“Helen! Deixe-nos entrar!”

“Certo”, disse uma voz.

“Você pegou o guarda-chuva deste cavalheiro.”

“Peguei o quê?”, disse Helen, abrindo a porta. “Oh, o que aconteceu? Entre, por favor! Como vai?”

“Helen, você não deveria ser tão desleixada. Levou o guarda-chuva deste cavalheiro no Queen’s Hall e ele teve de se dar o trabalho de vir até aqui para buscá-lo.”

“Oh, sinto terrivelmente!”, choramingou Helen, o cabelo todo esvoaçante. Tirara o chapéu assim que chegara e se atirara na grande poltrona da sala de jantar. “Não faço outra coisa senão roubar guarda-chuvas. Sinto muitíssimo! Entre e escolha um. O seu tem cabo curvo ou reto? O meu é reto… pelo menos, *acho* que é.”

A luz foi acesa e começaram a procurar pelo vestíbulo; Helen, que abandonara abruptamente a *Quinta sinfonia*, comentou com exclamações estridentes:

“Não fale nada, Meg! Você roubou a cartola de seda de um senhor. É, roubou mesmo, tia Juley. É verdade. Ela pensou que fosse um regalo. Ai, céus! Derrubei os cartões. Onde está Frieda? Tibby, por que você nunca… Não, não consigo lembrar o que ia dizer. Não era isso, mas por favor, diga às mocinhas para apressar o chá. E que tal este guarda-chuva?” Abriu-o. “Não, as costuras se foram todas. Que guarda-chuva pavoroso. Deve ser meu.”

Mas não era.

Ele o tomou das mãos dela, murmurou umas poucas palavras de agradecimento e então se foi, na cadenciada passada do funcionário de escritório.

“Mas será que dá para parar…”, gemeu Margaret. “Puxa, Helen, quanta estupidez!”

“O que foi que eu fiz?”

“Não vê que o assustou? Queria que ficasse para o chá. Você não devia falar em roubo ou buracos num guarda-chuva. Percebi toda a tristeza em seus belos olhos. Não, não adianta nada, agora.” Pois Helen disparara em direção à rua, gritando: “Oh, espere!”.

“Certamente foi melhor assim”, opinou a sra. Munt. “Não sabemos nada sobre o jovem, Margaret, e sua sala de visitas é cheia de coisinhas bastante tentadoras.”

Mas Helen exclamou: “Tia Juley, como ousa! Está me deixando cada vez

mais envergonhada. Preferia que fosse um ladrão e levasse todas as colheres de apóstolos a… Bem, é melhor fechar
a porta da frente, acho. Mais uma falha de Helen".

"É, acho que as colheres de apóstolos poderiam ter ido a título de arrendamento", disse Margaret. Percebendo que sua tia não entendia, acrescentou: "Lembra-se, 'arrendamento'? Uma das palavras de papai… Um arrendamento para o ideal, para sua própria fé na natureza humana. Lembra-se de como confiava em estranhos, e que se o tapeassem dizia: 'É melhor ser enganado do que suspeitar' — que conquistar a confiança é obra do homem, mas que conquistar a desconfiança é obra do demônio".[13]

"Lembro-me de algo nessa linha, agora", disse a sra. Munt, mais para mordaz, pois desejava acrescentar: "Foi uma sorte para seu pai ter se casado com uma mulher de dinheiro". Mas isso era indelicado, e se contentou com "Ora, ele poderia ter roubado o quadrinho de Rickett, também".

"Melhor que o tivesse", disse Helen, resoluta.

"Não, concordo com tia Juley", disse Margaret. "Prefiro desconfiar das pessoas a perder meus pequenos Ricketts. Tudo tem limite."

O irmão, achando o incidente trivial, subira os degraus na ponta dos pés para ver se havia bolinhos crocantes para o chá. Aquecendo o bule — quase que proficiente demais —, rejeitou o Orange Pekoe trazido pela empregada, acrescentou cinco colheres cheias de uma mistura superior, encheu tudo com água realmente fervendo e agora chamava as mulheres para vir rápido ou perderiam o aroma.

"Tudo bem, titia Tibby", gritou Helen, enquanto Margaret, outra vez pensativa, disse: "De certo modo, gostaria que tivéssemos um rapaz de verdade em casa — o tipo de rapaz que se interessasse por coisas de homens. Seria tão mais fácil receber as pessoas".

"Eu também gostaria", disse sua irmã. "Tibby liga apenas para mulheres requintadas cantando Brahms." E quando se juntaram a ele, disse, bastante bruscamente: "Por que não foi dar as boas-vindas àquele jovem, Tibby? Precisa bancar o dono da casa, de vez em quando, sabe disso. Deveria ter ido apanhar o chapéu dele e o convencido a ficar, em vez de deixá-lo ser sufocado por mulheres histéricas".

Tibby suspirou, e puxou uma longa mecha de cabelos sobre a testa.

"Ah, não me venha com esse ar superior. Estou falando sério."

"Deixe Tibby em paz!", disse Margaret, que não agüentava ver o irmão recebendo uma reprimenda.

“Esta casa é um perfeito galinheiro”, resmungou Helen.

“Ai, minha querida!”, protestou a sra. Munt. “Como pode dizer essas coisas tão terríveis? A quantidade de homens que traz aqui sempre me espantou. Se há algum perigo, é muito pelo contrário.”

“É, mas o tipo errado de homens, Helen quer dizer.”

“Não, não é isso”, corrigiu Helen. “Temos o tipo certo de homem, mas o lado errado deles, e digo que é culpa de Tibby. Deveria haver alguma coisa nesta casa… um… sei lá o quê.”

“Um quê dos w., quem sabe?”

Helen pôs a língua para fora.

“Quem são os w.?”, perguntou Tibby.

“Os w. são coisas sobre as quais eu, Meg e tia Juley sabemos e você não, e basta!”

“Suponho que a nossa seja uma casa feminina”, disse Margaret, “e a pessoa deve simplesmente aceitar o fato. Não, tia Juley, não quero dizer que esta casa esteja cheia de mulheres. Estou tentando dizer algo mais inteligente. Quero dizer que foi inapelavelmente feminina mesmo no tempo de papai. Ora, tenho certeza que entende! Bem, vou dar outro exemplo. Será um choque para você, mas não me importo. Suponha que a rainha Vitória desse um jantar e que os convidados fosse Leighton, Millais, Swinburne, Rossetti, Meredith, Fitzgerald etc. Acha que a atmosfera do jantar teria sido artística? Céus, não! As próprias cadeiras em que sentaram evitariam que fosse. Assim, nossa casa… tem de ser feminina, e tudo que podemos fazer é evitar que seja efeminada. Do mesmo modo que uma certa casa, que poderia mencionar, mas não vou, parece inapelavelmente masculina, e tudo que seus moradores podem fazer é evitar que seja bruta.”

“Tal casa sendo a dos w., presumo”, disse Tibby.

“Ninguém vai lhe falar sobre os w., minha criança”, exclamou Helen, “então nem pense nisso. E por outro lado não dou a mínima se descobrir, então, não pense que está sendo esperto, em todo caso. Dê-me um cigarro.”

“Faça o que puder pela casa”, disse Margaret. “A sala de visitas está fedendo a fumaça.”

“Se você também fumasse, a casa poderia de repente tornar-se masculina. Atmosfera provavelmente é uma questão imprevisível. Até no jantar da rainha Vitória… se alguma coisa tivesse sido um pouquinho diferente… talvez se ela tivesse usado um apertado vestido Liberty em vez de seda carmim…”

“Com um xale indiano sobre os ombros…”

“Preso no peito por um alfinete Cairngorm…”

Gargalhadas desleais — você deve se lembrar que são metade alemãs — acolheram essas sugestões, e Margaret disse, pensativa: “Como seria inconcebível que a família real gostasse de arte”. A conversa foi por um outro caminho, cada vez mais distante, o cigarro de Helen se transformou num ponto na escuridão, e os grandes edifícios do outro lado pontilharam de janelas iluminadas, que se apagavam e acendiam, incessantemente. Um pouco além ouvia-se o tranqüilo rumor da rua — uma maré que jamais poderia ser silenciada, enquanto ao leste, invisível por trás dos fumos de Wapping, a lua se erguia.

“Isso me lembra, Margaret. Poderíamos ter levado o jovem para a sala de jantar. Só o prato de maiólica… e está tão firmemente preso na parede. Estou muito aborrecida por não ter ficado para o chá.”

Pois o pequeno incidente impressionara as três mulheres mais do que se poderia supor. Permanecia como os passinhos de um duende, uma sugestão de que nem tudo é o melhor no melhor dos mundos possíveis, e de que sob aquelas superestruturas de riqueza e arte vagava um rapaz mal nutrido, que recuperara de fato seu guarda-chuva, mas não deixara endereço atrás de si, nem um nome.

VI

Os muito pobres não nos interessam. São impensáveis, a serem abordados apenas pelos estatísticos ou o poeta. Esta história diz respeito a gente bem-nascida, ou àqueles obrigados a fingir que são gente bem-nascida.

O rapaz, Leonard Bast, situava-se no limiar mais extremo desse mundo abastado. Não estava no abismo, mas podia vê-lo, e às vezes algum conhecido seu caía lá dentro, e já não contava mais. Sabia que era pobre, e o admitiria; teria preferido morrer a confessar qualquer inferioridade aos ricos. Isso podia ser esplêndido, de sua parte. Mas ele era inferior à maioria das pessoas ricas, disso não restava a menor dúvida. Não tinha a cortesia do rico mediano, tampouco era igualmente inteligente, saudável ou cativante. Tanto sua mente como seu corpo eram subnutridos, pois era pobre, e, por ser ele moderno, ambos estavam sempre ansiando por comida melhor. Houvesse vivido alguns séculos antes, no brilho colorido das civilizações do passado, ter-lhe-ia sido atribuído um status definido, com renda e posição social correspondentes. Mas nesses dias que corriam o anjo da democracia alçara vôo, ensombrecendo as classes com suas asas coriáceas, e proclamando: “Todos os homens são iguais… isto é, todos os homens que possuem guarda-chuva”, e desse modo ele se via obrigado a professar uma condição de bem-nascido, ou do contrário deslizaria para o abismo onde nada conta, e no qual as declarações da democracia são inaudíveis.

À medida que se afastava de Wickham Place, sua primeira preocupação foi provar que era tão bom quanto as senhoritas Schlegel. Obscuramente ferido em seu orgulho, tentava retribuir-lhes o ferimento. Era quase certo que não fossem damas de fato. Uma verdadeira dama ter-lhe-ia convidado para o chá? Decerto eram más e frias. A cada passo seu sentimento de superioridade aumentava. Uma verdadeira dama teria falado em roubo de guarda-chuva? Talvez fossem mesmo ladras, afinal de contas, e se houvesse permanecido na casa teriam enfiado um lenço embebido em clorofórmio no seu rosto. Caminhou nessa autocomplacência até chegar aos prédios do Parlamento. E aí um estômago vazio pediu a palavra, e contou-lhe que era um tolo.

“Boa noite, senhor Bast.”

“Boa noite, senhor Dealtry.”

“Tenha uma boa noite.”

“Boa noite.”

O sr. Dealtry, um conhecido seu, também funcionário de escritório, passou, e Leonard ficou pensando se deveria tomar o bonde até o ponto mais distante que um pêni pudesse levá-lo ou se deveria seguir caminhando. Decidiu caminhar — melhor não ceder à tentação, já gastara dinheiro suficiente no Queen’s Hall —, e assim tomou a Westminster Bridge, passou diante do St. Thomas’s Hospital e atravessou o imenso túnel que se estende sob a linha principal do South-Western, em Vauxhall. No túnel, parou e ficou escutando o rugido dos trens. Sentiu uma pontada aguda na cabeça e veio-lhe à consciência a forma exata de suas órbitas oculares. Seguiu adiante por mais uma milha, sem diminuir a velocidade até que se visse à entrada de uma rua chamada Camelia Road, que era, no momento, o seu lar.

Nesse ponto parou outra vez e lançou olhares desconfiados à esquerda e à direita, como um coelho prestes a mergulhar na toca. Um bloco de apartamentos, de construção extremamente barata, avultava de ambos os lados. Mais adiante, rua abaixo, outros dois blocos estavam sendo erguidos e além desses uma velha casa era demolida para acomodar mais um par. Era o tipo de cena que se podia observar por toda Londres, fosse qual fosse a região — tijolos e argamassa subindo e caindo com o desassossego da água numa fonte, conforme a cidade ia acolhendo mais e mais homens sobre seu solo. Camelia Road em breve se projetaria como uma fortaleza e dominaria, por algum tempo, uma extensa vista. Apenas por algum tempo. Já havia projetos em andamento para erguer prédios na Magnolia Road, também. E, novamente, em poucos anos, todos os apartamentos de ambos os lados da rua podiam vir abaixo, e novos prédios, de dimensões no presente inimagináveis, talvez fossem erguidos onde esses tombaram.

“Boa noite, senhor Bast.”

“Boa noite, senhor Cunningham.”

“Coisa muito grave este declínio da taxa de natalidade em Manchester.”

“Perdão?”

“Coisa muito grave este declínio da taxa de natalidade em Manchester”, repetiu o sr. Cunningham, batendo no jornal de domingo, no qual a calamidade em questão acabara de ser-lhe anunciada.

“Ah, sim”, disse Leonard, sem deixar transparecer que não comprara o jornal de domingo.

“Se esse tipo de coisa continuar, a população da Inglaterra ficará

estacionária em 1960.”

“Não diga.”

“É o que eu chamo de uma coisa muito grave, hein?”

“Boa noite, senhor Cunningham.”

“Boa noite, senhor Bast.”

Então Leonard entrou no bloco b do prédio e tomou o rumo não das escadas para os andares superiores, mas do que é chamado entre os corretores imobiliários de apartamento sob o rés-do-chão, e que os demais chamam de porão. Abriu a porta e gritou “Olá!”, com a pseudojovialidade *cockney*. Não houve resposta. “Olá!”, repetiu. A sala de estar estava vazia, embora a lâmpada elétrica houvesse sido deixada acesa. Uma expressão de alívio surgiu em seu rosto, e atirou-se na poltrona.

A sala de estar continha, além da poltrona, duas outras cadeiras, um piano, uma mesa de três pernas e um aconchegante armário de canto. Das paredes, uma era ocupada pela janela, a outra, por uma cornija acarpetada forrada de cupidos. Oposta à janela ficava a porta, e além da porta uma estante, ao passo que acima do piano pendia uma das obras-primas de Maud Goodman. Era um buraquinho amoroso e nada desagradável quando as cortinas estavam puxadas, as luzes, acesas, o fogão a gás, apagado. Mas fazia vibrar aquela nota rasa de improviso que se ouve tantas vezes na residência moderna. Fora obtido muito facilmente, e podia-se abrir mão dele muito facilmente.

Quando Leonard tirava as botas, esbarrou na mesa de três pernas, e uma moldura com uma foto, equilibrada de forma precária em seu lugar de honra, deslizou para o lado, caiu na lareira e se quebrou. Ele praguejou sem grande vivacidade e apanhou a fotografia. Mostrava uma jovem chamada Jacky e fora tirada numa época em que jovens chamadas Jacky eram geralmente fotografadas com a boca aberta. Dentes de brancura ofuscante perfilavam-se ao longo dos maxilares de Jacky, e positivamente faziam sua cabeça pender de lado com o peso, tão grandes e numerosos eram. Pode acreditar no que digo, aquele sorriso era simplesmente assombroso, e seremos só você e eu os exigentes, a nos queixar de que a verdadeira alegria começa nos olhos, e de que os olhos de Jacky não estavam de acordo com seu sorriso, mas eram ansiosos e famintos.

Leonard tentou juntar os cacos de vidro, cortou os dedos e praguejou outra vez. Uma gota de sangue pingou na moldura, depois outra, escorrendo sobre a fotografia desprotegida. Praguejou com mais vigor, e correu para a cozinha, onde lavou as mãos. A cozinha era do mesmo tamanho da sala de estar; além dela havia uma cama. Isso completava a casa. Ele alugava o apartamento mobiliado;

de todos os objetos ali atulhados, nenhum era seu, exceto a moldura com a foto, os cupidos e os livros.

“Droga, droga, maldição!”, murmurou, junto com outras palavras que aprendera com homens mais velhos. Então ergueu a mão até a testa e disse: “Ah, que se dane tudo…”, o que significava algo diferente. Recobrou o controle. Bebeu, com ar taciturno e hostil, um pouco de chá que ainda sobrevivera numa prateleira do alto. Engoliu algumas migalhas poeirentas de um bolo. Depois voltou para a sala de estar, acomodou-se novamente, e começou a ler um livro de Ruskin.

“Sete milhas ao norte de Veneza…”

Como é perfeito o começo do famoso capítulo! Que domínio supremo de admoestação e poesia! O homem rico nos fala, de sua gôndola.

“Sete milhas ao norte de Veneza, os bancos de areia, que mais perto da cidade erguem-se pouca coisa acima da marca de vazante, atingem gradualmente um nível mais elevado, acumulando-se no fim para formar charcos salobros, pontilhados aqui e ali de montículos informes, que são interrompidos por estreitos braços de mar.”

Leonard estava tentando moldar seu estilo ao de Ruskin; a seu ver, o mestre supremo da prosa inglesa. Seguia lendo, imperturbável, ocasionalmente fazendo algumas anotações.

“Consideremos brevemente cada uma dessas características em sucessão; e primeiro (pois dos fustes bastante já foi dito), o que é deveras peculiar a esta igreja, sua luminosidade.”

Havia algo a aprender dessa linda sentença? Poderia ele adaptá-la às necessidades da vida cotidiana? Poderia ele introduzi-la, com modificações, da próxima vez que escrevesse uma carta ao irmão, o orador laico? Por exemplo: “Consideremos brevemente cada uma dessas características em sucessão, e primeiro (pois da ausência de ventilação bastante já foi dito), o que é deveras peculiar a este apartamento, sua obscuridade”.

Alguma coisa lhe dizia que as modificações não funcionariam; e esta alguma coisa, fosse lhe dado saber, era o espírito da prosa inglesa. “Meu apartamento é escuro e também é abafado.” Essas eram as palavras para ele.

E a voz na gôndola seguia seu fluxo, cantando melodiosamente o esforço e o auto-sacrifício, cheia de propósitos elevados, cheia de beleza, cheia até de simpatia e de amor pelos homens, embora de certo modo furtando-se a tudo que fosse autêntico e persistente na vida de Leonard. Pois era a voz de alguém que jamais fora sujo ou faminto, e incapaz de conjecturar o que eram sujeira e fome.

Leonard a escutava com reverência. Sentia que lhe fazia bem e que, se continuasse insistindo em Ruskin, e nos concertos do Queen's Hall, e em algumas pinturas de Watts, tiraria um dia a cabeça de sob as águas cinzentas e veria o universo. Acreditava em conversão súbita, uma crença que podia estar certa, mas que exerce peculiar atração para a mente imatura. É a base de grande parte da religião popular; no mundo dos negócios, ela prevalece na Bolsa de Valores, e vem a ser aquele "pouquinho de sorte" usado para explicar todos os triunfos e fracassos. "Se ao menos eu tivesse um pouquinho de sorte, tudo daria certo… Ele é dono de um lugar magnífico em Streatham e tem um Fiat de vinte hp, mas, também, teve sorte… Sinto muito que a esposa esteja tão atrasada, mas ela nunca teve muita sorte para pegar trens." Leonard era superior a essa gente; ele acreditava definitivamente no esforço e na preparação firme para a mudança desejada. Mas sobre uma herança a ser ampliada aos poucos, não fazia idéia alguma; sua esperança era alcançar a cultura num golpe súbito, muito semelhante ao modo como o revivalista espera alcançar Jesus. Aquelas senhoritas Schlegel haviam conseguido; haviam operado o truque; tinham o leme nas mãos, definitivamente. Ao passo que seu apartamento era escuro e também era abafado.

Nesse momento ouviu-se um som na escada. Ele usou o cartão de Margaret para marcar a página de seu Ruskin e abriu a porta. Uma mulher entrou, sobre a qual o mínimo que se poderia dizer é que não era respeitável. Tinha uma aparência espantosa. Parecia ser toda fios e cordões — faixas, correntes, colares de contas que tiniam e se enroscavam — e um boá de penas azuis em torno do pescoço, com as pontas soltas. Sua garganta estava nua, circundada por uma fileira dupla de pérolas, os braços despidos até os cotovelos, e também os ombros se podiam distinguir através da renda barata. O chapéu, que era florido, parecia um daqueles cestinhos de frutas, cobertos com flanela, que semeávamos com mostarda e agrião em nossa infância, e que germinavam aqui sim, ali não. Usava-o na parte de trás da cabeça. Quanto ao cabelo, ou cabelos, é complicado demais descrever, mas um conjunto descia pela nuca, compondo um feixe espesso ali, enquanto outro, criado para um destino mais leve, ondulava diante de sua testa. O rosto… o rosto não significa nada. Era o rosto da fotografia, porém mais velho, e os dentes não eram tão numerosos como fora sugerido pelo fotógrafo, e certamente não tão brancos. Sim, Jacky passara de seu auge, fosse ele qual fosse. Decaía naquela idade insípida mais rapidamente do que a maioria das mulheres e a expressão de seus olhos denunciava isso.

"Salve!", disse Leonard, saudando seu aparecimento com grande vivacidade

e ajudando-a a tirar o boá.

Jacky, com a voz rouca, respondeu: “Salve!”.

“Esteve fora?”, perguntou ele. A pergunta parecia supérflua, mas podia não ter sido, na verdade, pois a moça respondeu “Não”, acrescentando: “Ai, estou tão cansada”.

“Você está cansada?”

“Hã?”

“Eu estou cansado”, disse ele, pendurando o boá.

“Ai, Len, estou tão cansada.”

“Estive naquele recital de música clássica sobre o qual lhe falei”, disse Leonard.

“Qual?”

“Voltei assim que acabou.”

“Veio alguém aqui?”, perguntou Jacky.

“Não que eu saiba. Encontrei o senhor Cunningham lá fora e trocamos algumas palavras.”

“O quê, não o senhor Cunningham?”

“É.”

“Ah, quer dizer o senhor Cunningham.”

“É, o senhor Cunningham.”

“Fui à casa de uma amiga, para o chá.”

Seu segredo finalmente revelado para o mundo, e o nome da amiga ficando até esboçado, Jacky abriu mão de quaisquer outros experimentos na difícil e extenuante arte da conversação. Nunca fora muito boa de papo. Mesmo nos dias de fotografia, apoiara-se no sorriso e no corpo para exercer atração, e agora que estava “encostada”,

On the shelf,
On the shelf,
Boys, boys, I’m on the shelf,[14]

não sentia a menor inclinação por abrir a boca. Laivos ocasionais de canção (dos quais este acima é um exemplo) ainda saíam de seus lábios, mas a palavra falada era rara.

Sentou-se no joelho de Leonard e começou a afagá-lo. Era agora uma mulher corpulenta de trinta e três anos e seu peso o machucava, mas ele jamais poderia reclamar. Então ela disse:

“É este o livro que está lendo?”, e ele disse: “É, este livro”, e puxou-o das pouco relutantes mãos dela. O cartão de Margaret foi ao chão. Caiu voltado para baixo, e ele murmurou: “O marcador”.

“Len…”

“O que foi?”, perguntou ele, um pouco enfadado, pois a mulher tinha apenas um assunto quando sentava em seus joelhos.

“Você me ama?”

“Jacky, sabe que amo. Como pode ficar me fazendo essas perguntas?”

“Mas ama mesmo, Len, não ama?”

“Claro que sim.”

Pausa. O outro comentário ainda estava por ser feito.

“Len…”

“Então? O que é?”

“Len, você vai mesmo?”

“Não agüento ouvir esta pergunta outra vez”, disse o rapaz, inflamando-se com súbita paixão. “Prometi me casar com você quando for maior de idade, e isso basta. Minha palavra é minha palavra. Prometi casar com você assim que fizer vinte e um anos, e não posso continuar a me preocupar. Já tenho preocupações suficientes. Não é provável que eu vá abandoná-la, muito menos deixar de cumprir minha palavra, quando gastei todo esse dinheiro. Além do mais, sou inglês, e jamais volto atrás no que digo. Jacky, seja razoável. Claro que vou me casar com você. Apenas pare de me importunar.”

“Quando você faz aniversário, Len?”

“Já lhe disse mil vezes, onze de novembro. Agora desça do meu joelho um pouco; acho que alguém precisa arrumar o jantar.”

Jacky atravessou o quarto e passou a ocupar-se do chapéu. Isso significava assoprá-lo com lufadas curtas e fortes. Leonard arrumou a sala de estar e começou a preparar a refeição da noite. Inseriu um pêni no orifício do gasômetro e em pouco tempo o apartamento começou a recender a vapores metálicos. Por algum motivo ele foi incapaz de recobrar a calma, e por todo o tempo em que esteve cozinhando continuou a se queixar com amargura.

“Realmente, é muito ruim quando a pessoa não acredita. Deixa a gente furioso, e isso quando eu fingi para todos por aqui que você é minha esposa — certo, certo, você *vai* ser minha esposa — e lhe trouxe o anel para usar, arrumei este apartamento mobiliado, que é muito mais do que posso pagar, e mesmo assim você não está contente, e ainda por cima não contei a verdade quando escrevi para casa.” Abaixou a voz. “Ele quis dar um fim nisto.” Num tom de

horror, que era um pouco lascivo, repetiu: “Meu irmão quis dar um fim nisto. Estou indo contra todo mundo, Jacky.

“É esse o meu jeito, Jacky. Não dou a mínima para o que as pessoas dizem. Apenas sigo em frente, é o que faço. Sempre fui assim. Nunca fui um desses seus amigos ineptos. Se uma mulher está em apuros, não a deixo na mão. Não é do meu feitio, não senhor.

“Vou lhe dizer mais uma coisa, também. Gosto um bocado de me aperfeiçoar por meio da literatura e da arte, e assim conseguir uma perspectiva melhor. Por exemplo, quando você entrou aqui, eu estava lendo *As pedras de Veneza*, de Ruskin. Não digo isso para me gabar, mas apenas para mostrar o tipo de homem que sou. Vou dizer uma coisa: gostei do recital desta tarde.”

Perante todos os seus humores, Jacky permaneceu igualmente indiferente. Quando o jantar ficou pronto — e não antes disso — ela saiu do quarto, dizendo: “Mas você me ama de verdade, não ama?”.

Começaram com o tablete de sopa, que Leonard acabara de dissolver em um pouco de água quente. Seguiu-se então a língua — um pintalgado cilindro de carne, com um pouco de gelatina no alto, e uma bela quantidade de gordura amarela no fundo —, finalizando com outro tablete dissolvido em água (gelatina: abacaxi), que Leonard preparara mais cedo nesse dia. Jacky comeu bastante satisfeita, fitando ocasionalmente seu homem com aqueles olhos ansiosos, aos quais nada mais em sua aparência correspondia, e que ainda assim pareciam espelhar sua alma. E Leonard conseguiu convencer seu estômago de que fazia uma refeição nutritiva.

Depois do jantar fumaram um cigarro e trocaram algumas palavras. Ela observou que sua “imagem” estava quebrada. Ele encontrou oportunidade de observar, pela segunda vez, que voltara direto para casa após o concerto no Queen’s Hall. Nisso, ela sentou em seu joelho. Os moradores da Camelia Road iam e vinham apressadamente, do lado de fora da janela, no exato nível de suas cabeças, e a família no apartamento do térreo começou a cantar “Hark, my Soul, It is the Lord”.

“Esta canção me deprime”, disse Leonard.

Jacky ouviu isso, e disse que, na sua opinião, era uma canção adorável.

“Não; vou tocar para você uma coisa adorável. Levante-se, querida, por um minuto.”

Foi até o piano e dedilhou um trecho de Grieg. Tocava mal e de modo vulgar, mas a performance não foi sem efeito, pois Jacky disse que ia para a cama. Conforme se retirava, uma nova série de interesses tomava conta do rapaz,

e ele começou a pensar no que fora dito a respeito da música pela estranha srta. Schlegel — a que contorcia o rosto quando falava. Então seus pensamentos foram ficando cada vez mais tristes e invejosos. Havia a garota de nome Helen, que pegara seu guarda-chuva, e a garota alemã que lhe sorrira amigavelmente, e *Herr* alguma coisa, e tia alguma coisa, e o irmão — todos, todos eles, tinham o leme nas mãos. Haviam todos galgado aquela escada rica e estreita em Wickham Place, para alguma ampla sala, ao passo que ele jamais os seguiria, nem que lesse dez horas diariamente. Ah, de que adiantava, aquela ambição incessante. Alguns nascem cultos; quanto ao resto, era melhor cuidar do que vem fácil. Ver a vida com constância e vê-la em sua totalidade[15] não era para gente de sua laia.

Da escuridão além da cozinha uma voz chamou: “Len?”.

“Você está na cama?”, perguntou ele, o cenho contraído.

“Hum-hum.”

“Tudo bem.”

Logo o chamou outra vez.

“Preciso limpar minhas botas para amanhã de manhã”, respondeu ele.

Logo o chamou outra vez.

“Acho melhor terminar este capítulo.”

“O quê?”

Ele tapou os ouvidos para se proteger dela.

“O que é?”

“Tudo bem, Jacky, nada; estou lendo um livro.”

“O quê?”

“O quê?”, devolveu ele, contraindo sua surdez aviltante.

Logo o chamou outra vez.

Ruskin visitara Torcello, a essa altura, e ordenava a seus gondoleiros que o levassem a Murano. Ocorreu a ele, conforme deslizava pela superfície das lagunas sussurrantes, que o poder da natureza não podia ser apequenado pela estultice, tampouco sua beleza inteiramente entristecida pela miséria, como a de Leonard.

VII

“Oh, Margaret”, lamentou sua tia no dia seguinte, “aconteceu uma coisa das mais desafortunadas. Não pude falar-lhe a sós.”

A coisa das mais desafortunadas não era muito séria. Um dos apartamentos mobiliados no ornamentado bloco do outro lado fora alugado pela família Wilcox, “vindo, sem dúvida, na esperança de ingressar na sociedade londrina”. Que a sra. Munt fosse a primeira a descobrir o infortúnio não era surpreendente, pois se interessava tanto pelos apartamentos que observava cada mudança com infatigável diligência. Em teoria, desprezava-os — acabavam com aquele ar de mundo antigo; ficavam na frente do sol; em apartamentos moram pessoas dadas à ostentação. Mas, se a verdade se fizesse saber, ela achou suas visitas a Wickham Place a coisa mais divertida desde que as Wickham Mansions foram construídas, e iria em dois dias aprender mais sobre eles do que as sobrinhas em dois meses, ou o sobrinho em dois anos. Passeava por toda parte e ficava amiga de porteiros, perguntando sobre preços de aluguéis e exclamando, por exemplo: “O quê! Cento e vinte por um porão? Nunca vão conseguir!”. E eles respondiam: “Não custa tentar, madame”. Os elevadores de pessoas, os elevadores de mantimentos, os arranjos do carvão (sempre uma tentação para um porteiro desonesto) eram assuntos familiares para ela, e provavelmente um alívio da atmosfera político-econômica-estética reinante entre as Schlegel.

Margaret recebia a informação calmamente e não concordava que isso lançaria uma nuvem sobre a vida da pobre Helen.

“Ah, mas Helen não é uma garota que não se interessa por nada”, exclamou. “Tem um monte de outras coisas e outras pessoas em que pensar. Teve um mau começo com os Wilcox e estará tão disposta quanto nós a não ter mais nada a ver com eles.”

“Para uma garota inteligente, querida, como é esquisito o que está falando. Helen *tem* alguma coisa a ver com eles, agora que moram aí do outro lado. Pode encontrar Paul na rua. Não pode simplesmente não cumprimentá-lo.”

“É claro que deve cumprimentá-lo. Mas olhe aqui; vamos cuidar das flores. O que eu ia dizendo é que a determinação de se interessar por ele morreu, e o que mais importa? Encaro aquele episódio desastroso — em que a senhora foi

tão bondosa — como o fim de um ímpeto em Helen. Isso morreu, e jamais a importunará outra vez. As únicas coisas que importam são as coisas que interessam à pessoa. Cumprimentar, até mesmo aparecer e deixar o cartão, até dar um jantar… podemos fazer tudo isso com os Wilcox, se estiverem de acordo; mas aquela outra coisa, a que é importante… nunca mais. Não percebe?"

A sra. Munt não percebia e, na verdade, Margaret fazia uma afirmação das mais questionáveis — a de que qualquer emoção e interesse, um dia vividamente suscitados, podem morrer completamente.

"Também tenho a honra de informá-la de que os Wilcox estão chateados conosco. Não lhe disse isso na época — poderia tê-la deixado furiosa e já tem bastante com que se preocupar —, mas escrevi uma carta para a senhora Wilcox e pedi desculpas pelos problemas que Helen lhes causou. Ela não respondeu."

"Mas que indelicadeza!"

"Será que é? Ou terá sido sensatez?"

"Não, Margaret, uma enorme indelicadeza."

"Em todo caso, pode-se classificar isso como tranqüilizador."

A sra. Munt suspirou. Voltaria para Swanage na manhã seguinte, bem na hora em que as sobrinhas mais necessitavam de sua presença. Outros desgostos pesavam sobre ela: por exemplo, que magnífica esnobada teria dado em Charles se o houvesse encontrado frente a frente. Já o vira antes, dando uma ordem para o porteiro — e como tinha a aparência comum, usando uma cartola. Mas, infelizmente, estava de costas e, embora ela o tivesse ignorado, não podia considerar isso uma esnobada.

"Mas você terá cuidado, não?", exortou-a.

"Oh, decerto. Serei diabolicamente cuidadosa."

"E Helen deve ter cuidado, também."

"Cuidado com quê?", exclamou Helen, entrando nesse instante com a prima.

"Nada", disse Margaret, presa momentânea de um certo embaraço.

"Cuidado com o quê, tia Juley?"

A sra. Munt assumiu um ar críptico. "É apenas que uma determinada família, que conhecemos pelo nome, mas não mencionamos, como você mesma disse na noite passada após o concerto, veio morar no apartamento dos Matheson, ali em frente… aquele com as plantas na sacada."

Helen começou a responder rindo, e então deixou todos desconcertados ruborizando-se. A sra. Munt ficou tão desconcertada que exclamou: "O que é isso, Helen, você não liga para a vinda deles, liga?", e fez o vermelho ficar escarlate.

“É claro que ligo”, disse Helen, um pouco irritada. “É com você e Margaret achando isso tão absurdamente grave, quando não é nem um pouco grave.”

“Não acho que seja”, protestou Margaret, de sua parte um pouco irritada.

“Bem, mas parece achar; não é, Frieda?”

“Não acho que seja grave, é tudo que posso dizer; está redondamente enganada.”

“Não, ela não acha que é grave”, fez eco a sra. Munt. “Posso ser testemunha. Ela discorda…”

“Silêncio!”, interrompeu *Fräulein* Mosebach. “Estou ouvindo Bruno, no vestíbulo.”

Pois *Herr* Liesecke era esperado em Wickham Place para buscar as duas jovens. Não estava entrando na casa — na verdade, só entraria dali a cinco longos minutos. Mas Frieda farejou uma situação delicada e disse que era melhor ela e Helen esperar Bruno lá embaixo e deixar Margaret e a sra. Munt terminar os arranjos com as flores. Helen consentiu. Mas, como que para provar que a situação não era na verdade delicada, parou na porta e disse:

“Disse apartamento dos Matheson, tia Juley? Que maravilha é a senhora! *Eu mesma* nunca soube que o nome daquela mulher que usa espartilho tão apertado era Matheson.”

“Vamos, Helen”, disse a prima.

“Vá, Helen”, disse sua tia; e continuou para Margaret quase no mesmo fôlego: “Helen não me engana. Ela liga, sim”.

“Oh, shh!”, sussurrou Margareth. “Frieda vai ouvi-la e pode ficar muito aborrecida.”

“Ela liga”, persistiu a sra. Munt, andando pensativa pelo quarto e arrancando os crisântemos mortos dos vasos. “Eu sabia que ligaria… e tenho certeza de que uma garota não pode deixar de ligar! Uma experiência dessas! Que gente horrível e grosseira! Sei mais sobre eles do que você, coisa que esquece, e se *você* é quem tivesse sido levada por Charles naquele carro… bem, teria chegado num estado miserável àquela casa. Oh, Margaret, não sabe no que se meteu. Estão todos espremidos contra a janela da sala de visitas. Lá está a senhora Wilcox — eu a vi. Lá está Paul. Lá está Evie, aquela atrevida. E lá está Charles — eu o vi, primeiro de todos. E quem poderia ser um homem mais velho de bigode e rosto acobreado?”

“O senhor Wilcox, possivelmente.”

“Eu sabia. E lá está o senhor Wilcox.”

“Que vergonha chamar seu rosto de acobreado”, queixou-se Margaret. “Sua

tez é notavelmente boa para um homem de sua idade.”

A sra. Munt, triunfante em outras coisas, podia se dar ao luxo de conceder ao senhor Wilcox sua tez. Disso passou ao plano de campanha que as sobrinhas deveriam procurar seguir no futuro. Margaret tentou detê-la.

“Helen não recebeu a notícia exatamente como eu esperava, mas o ímpeto dos Wilcox morreu nela de fato, de modo que não há necessidade de planos.”

“Convém estar preparada.”

“Não… convém não estar preparada.”

“Por quê?”

“Porque…”

O pensamento foi buscar sua existência em fímbrias obscuras. Ela não era capaz de explicar muito bem, mas sentia que aqueles que se preparam para todas as emergências da vida de antemão talvez estejam se guarnecendo às expensas da alegria. Preparações são necessárias para uma prova, um jantar ou uma possível queda no mercado de ações; os que se aventuram nas relações humanas devem adotar outro método, ou fracassar. “Porque, para mim, antes o risco”, foi sua conclusão capenga.

“Mas imagine as noites”, exclamou sua tia, apontando as Mansions com o bico da chaleira. “Acenda a luz elétrica aqui ou lá, e será quase a mesma sala. Uma noite eles podem se esquecer de baixar as venezianas e você os verá; e na outra, você esquece as suas e será vista por eles. Impossível sentar nas sacadas. Impossível regar as plantas, ou mesmo falar. Imagine sair pela porta da frente, e eles saírem no mesmo momento. E ainda assim me diz que planos são desnecessários, e que prefere se arriscar.”

“Espero correr riscos minha vida toda.”

“Oh, Margaret, é muito perigoso.”

“Mas afinal de contas”, continuou com um sorriso, “o risco nunca é grande demais quando se tem dinheiro.”

“Oh, que vergonha! Que coisa chocante de se dizer!”

“O dinheiro suaviza o lado amargo das coisas”, disse a srta. Schlegel. “Deus ajude os que não têm nenhum.”

“Mas isso é uma novidade completa!”, disse a sra. Munt, que juntava idéias novas como um esquilo junta nozes, e ficava particularmente atraída pelas que fossem portáteis.

“Novidade para mim; gente sensata sabe disso há anos. Você, eu e os Wilcox ficamos em cima do dinheiro como se fosse sobre ilhas. Ele é tão firme sob nossos pés que esquecemos até de sua existência. É só quando vemos

alguém vacilante perto de nós que nos damos conta de tudo que uma renda independente significa. Na noite passada, quando conversávamos aqui junto do fogo, comecei a pensar que a própria alma do mundo é econômica, e que o abismo mais profundo não é a ausência de amor, mas a ausência de dinheiro."

"Chamo isso de cinismo."

"Eu também. Mas Helen e eu devemos nos lembrar, quando tentadas a criticar os outros, que pisamos sobre uma dessas ilhas, e que a maior parte dos demais está sob a superfície do oceano. Os pobres nem sempre podem alcançar aqueles que querem amar, e dificilmente podem escapar dos que já não amam mais. Nós, ricos, podemos. Imagine a tragédia de junho passado se Helen e Paul Wilcox fossem pobres e não pudessem recorrer a trens e carros para ficar longe um do outro."

"Isso me parece mais socialismo", disse a sra. Munt, desconfiada.

"Chame do que quiser. Eu chamo de enfrentar a vida com as cartas abertas na mesa. Estou cansada dessa gente rica que finge ser pobre e acha que é sinal de uma mente respeitável ignorar as pilhas de dinheiro que mantêm seus pés acima das ondas. Eu fico todo ano sobre seiscentas libras, e com Helen se dá o mesmo, e Tibby ficará sobre oitocentas, e por mais rápido que nossas libras se desfaçam no mar elas são renovadas — pelo próprio mar, é, pelo mar. E todos nossos pensamentos são os pensamentos dos dotados de seiscentas libras, assim como tudo que dizemos; e como *nós* não queremos roubar guarda-chuvas, esquecemos que sob o oceano as pessoas querem, e às vezes roubam, e que o que aqui em cima é uma piada, lá embaixo é a realidade…"

"Lá vão elas… lá vai *Fräulein* Mosebach. Sabe, para uma alemã ela se veste encantadoramente. Oh…!"

"O que foi?"

"Helen estava olhando para o apartamento dos Wilcox."

"E por que não deveria?"

"Peço desculpas por tê-la interrompido. O que ia dizendo sobre a realidade?"

"Deixei-me levar pelas próprias palavras, como sempre", respondeu Margaret, num tom subitamente preocupado.

"Mas me diga, em todo caso. Está do lado dos ricos ou dos pobres?"

"É muito difícil. Pergunte-me outra coisa. Sou pela pobreza ou pela riqueza? Viva a riqueza. Um hurra para a riqueza!"

"Viva a riqueza!", fez eco a sra. Munt, ao menos garantindo, por assim dizer, sua noz.

“É. Viva a riqueza. Dinheiro para sempre!”

“É o que penso, e receio que seja esse também o pensamento da maioria das pessoas que conheço em Swanage, mas fico surpresa de que concorde conosco.”

“Muito obrigada, tia Juley. Enquanto eu falava minhas teorias, a senhora cuidava das flores.”

“Não tem de quê, minha querida. Gostaria que me deixasse ajudá-la em coisas mais importantes.”

“Bem, se quiser me fazer a gentileza… Será que me acompanharia até o cartório de registros? Tem uma empregada que não diz nem sim, nem não.”

Quando se puseram a caminho, também elas olharam para o apartamento dos Wilcox. Evie estava na sacada, “fitando-as com
a maior indelicadeza”, segundo a sra. Munt. Ah, sim, um aborrecimento, sem dúvida. Helen era imune a um encontro passageiro, mas… Margaret começava a perder a confiança. Poderia reacender o ímpeto agonizante o fato de a família estar morando ao alcance de seu olhar? Além disso, Frieda Mosebach continuaria a hospedar-se com elas por mais duas semanas, e Frieda era perspicaz, abominavelmente perspicaz, e bem capaz de comentar: “Está apaixonada por um daqueles jovens cavalheiros, não é?”. O comentário seria incorreto, mas do tipo que, se reafirmado o bastante, poderia vir a se tornar verdade; assim como o comentário “Inglaterra e Alemanha estão prestes a lutar” torna a guerra um pouco mais provável a cada vez que é feito, e portanto é feito mais prontamente pela imprensa marrom de ambos os países. Teriam as emoções privadas também sua imprensa marrom? Margaret achava que sim, e temia que a boa tia Juley e Frieda fossem exemplos típicos dela. Talvez pudessem, com o contínuo tagarelar, levar Helen a uma recapitulação de seus desejos de junho. A uma recapitulação — não mais que isso; não poderiam levá-la a um amor duradouro. Elas eram — Margaret percebia claramente — jornalismo; seu pai, com todos seus defeitos e cabeça dura, fora literatura, e estivesse ele vivo teria persuadido a filha a agir de forma correta.

Era o horário de atendimento da manhã no cartório. Uma fila de coches enchia a rua. A srta. Schlegel esperou sua vez e finalmente teve de se contentar com uma insidiosa “temporária”, sendo rejeitada por empregadas genuínas por causa das inúmeras escadas de sua residência. O insucesso a deprimiu, e embora esquecesse o insucesso, a depressão permaneceu. No caminho de volta olhou mais uma vez para o apartamento dos Wilcox e assumiu um modo de falar sobre o assunto com Helen mais para matronal.

“Helen, diga-me agora se este negócio a está aborrecendo.”

“Se o quê?”, disse Helen, que lavava as mãos para almoçar.

“A chegada dos w.”

“Não, claro que não.”

“Sério?”

“Sério.” Então admitiu que estava um pouco preocupada por conta da sra. Wilcox; deduzia que o passado poderia ressurgir e tocar em sentimentos profundos, fazendo-a sofrer com coisas que jamais haviam afetado os outros membros de sua família. “Pouco me importa se Paul apontar nossa casa e dizer ‘É lá que mora a garota que tentou me agarrar’. Mas ela talvez se importe.”

“Se até mesmo isso a preocupa, poderíamos arranjar alguma coisa. Não há razão alguma para ficar perto de pessoas que nos desagradam ou às quais causemos desagrado, graças ao nosso dinheiro. Poderíamos até ficar longe por algum tempo.”

“Bom, eu vou ficar longe. Frieda acaba de me convidar para ir a Stettin e não deverei estar de volta senão depois do Ano Novo. Será o suficiente? Ou devo fugir por todo o país? Sério mesmo, Meg, o que deu em você para fazer todo este estardalhaço?”

“Ai, acho que estou virando uma velha solteirona. Pensei que não me importasse nem um pouco, mas, na verdade, eu… eu ficaria incomodada se você se apaixonasse pelo mesmo homem duas vezes e”, limpou a garganta, “você ficou mesmo vermelha, sabe, quando tia Juley a atacou hoje de manhã. Não teria me referido ao fato se tivesse sido diferente.”

Mas a risada de Helen soava verdadeira conforme erguia a mão ensaboada para o céu e jurava que nunca, em lugar algum e sob nenhuma circunstância se apaixonaria por qualquer membro da família Wilcox, por mais distante que fosse o parentesco.

VIII

A amizade entre Margaret e a sra. Wilcox, fadada a se desenvolver tão rapidamente e com resultados tão estranhos, podia ter conhecido seu início em Speyer, na primavera. Talvez a mulher mais velha, ao contemplar a catedral vulgar e rosada, e escutar a conversa entre Helen e seu marido, houvesse detectado na outra, a menos charmosa das irmãs, uma afinidade mais profunda, um juízo mais sólido. Ela era capaz de detectar essas coisas. Talvez houvesse sido desejo seu que as duas Schlegel fossem convidadas para Howards End e Margaret, a presença que particularmente desejara. Tudo isso é especulação: a sra. Wilcox deixara poucos indícios claros atrás de si. O certo é que foi a Wickham Place entregar seu cartão um par de semanas mais tarde, no exato dia em que Helen se aprontava para partir com a prima para Stettin.

"Helen!", gritou *Fräulein* Mosebach, num tom admirado (era agora a confidente da prima), "a mãe dele a perdoou!" E então, lembrando-se de que na Inglaterra a pessoa recém-chegada não deveria aparecer sem antes ter sido procurada, mudou o tom da admiração para a desaprovação, e opinou que a sra. Wilcox era "*keine Dame*".[16]

"Incomodando a família toda!", disparou Margaret. "Helen, pare com estas risadinhas e piruetas e vá terminar de fazer suas malas. Por que esta mulher não pode nos deixar em paz?"

"Não sei o que fazer com Meg", retrucou Helen, desabalando pela escada. "Ela não tira os Wilcox e Box da cabeça.[17] Meg, Meg, não estou apaixonada pela jovem *cavalheirro*; não estou apaixonada pela jovem *cavalheirro*, Meg, Meg. Serrá que o pessoa pode falar mais *clarramente*?"

"Sem dúvida seu amor acabou", afirmou *Fräulein* Mosebach.

"Sem dúvida, sim, Frieda, mas isso não vai me impedir de ficar aborrecida com os Wilcox se retribuir a visita."

Então Helen simulou lágrimas, e *Fräulein* Mosebach, que a achou extremamente divertida, fez o mesmo. "Oh, bu-uu! Bu-uu-uu! Meg vai retribuir a visita e eu não posso. Por quê? Porque estou de partida para a Ale-e-manha."

"Se você vai para a Alemanha, vá fazer as malas; se não, apareça nos Wilcox no meu lugar."

“Mas Meg, Meg, não estou apaixonada pela jovem *cavalheirro*; não estou apaixonada…Oh, Dio mio, quem vem lá descendo as escadas? Decerto será meu irmão? Ai, Cristóvão!”

Um membro do sexo masculino — ainda que fosse Tibby — era o bastante para dar fim às bobagens. A barreira do sexo, embora diminuindo entre a gente civilizada, continua alta, e mais alta ainda do lado das mulheres. Helen podia contar tudo à irmã, e muita coisa à prima, sobre Paul; ao irmão não contava nada. Isso, não por pudor, pois no momento falava do “ideal Wilcox” em meio a gargalhadas, e até com crescente crueldade. Tampouco por precaução, pois Tibby raramente repetia qualquer novidade que não lhe dissesse respeito. Era antes a sensação de trair um segredo no território masculino, o qual, por mais trivial que fosse neste lado da barreira, tornar-se-ia importante no de lá. Assim ela parou, ou, antes, começou a dizer bobagens sobre outros assuntos, até que seus resignados parentes a levaram para cima. *Fräulein* Mosebach a seguiu, mas deteve-se para dizer por sobre a balaustrada: “Está tudo bem… ela não está apaixonada pelo rapaz… ele não a merece”.

“Sei disso; muito obrigada.”

“Achei que era melhor lhe contar.”

“Estou agradecidíssima.”

“O que foi tudo isso?”, perguntou Tibby. Ninguém lhe disse nada, e prosseguiu até a sala de jantar, para comer suas Ameixas d’Elvas.

À noite, Margaret agiu com determinação. A casa estava muito silenciosa e a neblina — é novembro, agora — espremia-se contra as janelas como um fantasma excluído. Frieda e Helen, e toda a sua bagagem, haviam partido. Tibby, que não se sentia bem, estava estirado em um sofá junto ao fogo. Margaret sentava-se perto dele, pensativa. Sua mente pulava de um impulso a outro, até que finalmente ordenou todos em revista. A pessoa prática, que sabe o que quer de pronto, e em geral não pensa nada além, deve perdoá-la por sua indecisão. Mas era desse jeito que sua mente operava. E quando de fato agia, ninguém então podia acusá-la de indecisão. Investia com uma volúpia tal que era como se nem houvesse considerado o assunto. A carta que escreveu para a sra. Wilcox cintilava com o matiz inato da resolução. Com Margaret, a tez pálida do pensamento era antes um bafejar que um deslustre, um hálito que deixa as cores todas ainda mais vivas depois de ser removido.[18]

Cara sra. Wilcox,

Tenho de lhe escrever algo indelicado. Seria melhor se não nos encontrássemos. Tanto minha irmã como minha tia trouxeram desgosto a sua família e, no caso de minha irmã, os motivos para esse desgosto podem voltar a surgir. Até onde sei, ela não mais ocupa os pensamentos com seu filho. Mas não seria justo, para ela ou a senhora, que viessem a se encontrar, e é desse modo indicado que nossa relação, que conheceu tão agradável início, chegue a um termo.

Receio que não concorde com isso; na verdade, sei que não concordará, haja vista que teve a extrema bondade de nos procurar. É apenas um instinto de minha parte e sem dúvida o instinto está errado. Minha irmã diria, sem dúvida, que está errado. Escrevo sem que ela tenha conhecimento e espero que a senhora não a associe a minha indelicadeza.

Acredite-me,
Sinceramente sua,
M. J. Schlegel

Margaret enviou-lhe essa carta por via postal. Na manhã seguinte, obteve a seguinte resposta, em mãos:

Cara srta. Schlegel,

Não deveria ter escrito uma tal carta. Fui até aí para lhe dizer que Paul viajou ao exterior.

Ruth Wilcox

As bochechas de Meg pegaram fogo. Foi incapaz de terminar o desjejum. Ardia de vergonha. Helen havia lhe contado que o jovem estava de partida da Inglaterra, mas outras coisas pareceram-lhe mais importantes, e se esquecera. Todas as suas absurdas angústias caíram por terra e em seu lugar aflorou a certeza de que fora rude com a sra. Wilcox. A grosseria afetava Margaret como um gosto amargo na boca. Envenenava a vida. Às vezes é necessária, mas aflige aqueles que a empregam sem a devida necessidade. Correu para apanhar um chapéu e um xale, como uma mulher pobre, e sumiu dentro da neblina, que ainda não se dissipara. Seus lábios estavam comprimidos, a carta permanecia em sua mão, e nesse estado atravessou a rua, adentrou o saguão de mármore do edifício,

evadiu-se aos porteiros e subiu correndo as escadas até chegar ao segundo andar.

Anunciou seu nome e, para sua surpresa, viu-se direto nos aposentos da sra. Wilcox.

“Oh, senhora Wilcox, cometi a mais terrível estupidez. Estou mais envergonhada e arrependida do que posso dizer.”

A sra. Wilcox fez uma mesura grave. Sentia-se ofendida e não fingiu que fosse de outro modo. Estava sentada na cama, escrevendo cartas numa mesinha retrátil que amparava sobre os joelhos. Uma bandeja com o café jazia em outra mesinha a seu lado. A luz da lareira, a luz vinda da janela e a luz de uma lamparina a vela, que lançava um halo bruxuleante em torno de suas mãos, combinavam-se para criar uma estranha atmosfera fúnebre.

“Sabia que estava de partida para a Índia em novembro, mas me esqueci.”

“Ele embarcou no dia 17 para a Nigéria, na África.”

“Eu sabia… eu sei. Como me comportei absurdamente ao longo desta história. Estou morrendo de vergonha.”

A sra. Wilcox não respondeu.

“Estou mais arrependida do que posso dizer e espero que me perdoe.”

“Não importa, senhorita Schlegel. Foi bondade sua ter vindo aqui tão prontamente.”

“Mas importa”, gemeu Margaret. “Fui rude com a senhora; e minha irmã nem ao menos encontra-se em casa, de modo que não tenho nem mesmo essa desculpa.”

“É mesmo?”

“Acaba de partir para a Alemanha.”

“Ela também viajou”, murmurou a outra. “É, com certeza agora está bastante seguro, totalmente.”

“A senhora também estava preocupada!”, exclamou Margaret, ficando cada vez mais animada e puxando uma cadeira sem esperar o convite. “Que coisa mais extraordinária! Posso perceber que estava. Sente-se como eu; Helen não deve voltar a vê-lo.”

“De fato, acho que é o melhor.”

“E por quê?”

“Essa é uma pergunta muito difícil”, disse a sra. Wilcox, sorrindo, e perdendo um pouco a expressão de aborrecimento. “Acho que a senhorita disse-o bem em sua carta, foi um instinto, que pode estar errado.”

“Mas seu filho não continua…”

“Ah, não; ele em geral… meu Paul é muito jovem, sabe.”

“Então o que foi?”

Ela repetiu: “Um instinto que pode estar errado”.

“Em outras palavras, pertencem a um tipo de gente que pode se apaixonar, mas não poderiam viver juntos. Isso é assustadoramente provável. Receio que de cada dez casos, em nove a natureza arraste para um lado, e a natureza humana, para outro.”

“Essas são de fato ‘outras palavras’”, disse a sra. Wilcox. “Não tenho nada tão coerente assim na cabeça. Fiquei apenas alarmada quando soube que meu menino estava interessado em sua irmã.”

“Ah, sempre quis lhe perguntar. Como soube? Helen ficou tão surpresa quando nossa tia apareceu e a senhora se adiantou e consertou as coisas. Paul lhe contou?”

“Não vamos ganhar nada conversando sobre isso”, disse a sra. Wilcox após uma pausa momentânea.

“Senhora Wilcox, estava muito furiosa conosco em junho último? Escrevi-lhe, mas não me respondeu.”

“Certamente eu era contra ficar com o apartamento da senhora Matheson. Sabia que era diante de sua casa.”

“Mas está tudo bem, agora?”

“Acho que sim.”

“Só acha? Não tem certeza? Faço questão de que essas confusões sejam resolvidas.”

“Ah, sim, tenho certeza”, disse a sra. Wilcox, movendo-se com dificuldade entre as roupas. “Sempre pareço indecisa em relação às coisas. É meu modo de falar.”

“Está tudo bem, também tenho certeza.”

Nesse momento a criada entrou para levar a bandeja do café. Houve uma interrupção, e quando retomaram a conversa, foi em linhas mais normais.

“Devo me despedir, agora… imagino que pretenda se levantar.”

“Não… por favor, fique mais um pouco… vou tirar o dia para permanecer na cama. De vez em quando faço isso.”

“Pensava na senhora como uma madrugadora.”

“Em Howards End, sim; não há nada pelo qual levantar em Londres.”

“Nada pelo qual levantar?”, exclamou escandalizada Margaret. “Com todas as exposições de outono e Ysaÿe tocando à tarde! Para não falar das pessoas.”

“A verdade é que estou um pouco cansada. Primeiro veio o casamento e então Paul foi embora e, em vez de descansar, ontem, fiz uma série de visitas.”

“Casamento?”

“É; Charles, meu filho mais velho, se casou.”

“É mesmo?”

“Viemos para o apartamento principalmente por causa disso e também para que Paul pudesse comprar seus trajes para a África. O apartamento pertence a uma prima de meu marido, que foi muito gentil em oferecê-lo para nós. Assim, antes que a data chegasse, pudemos conhecer a família de Dolly, coisa que ainda não havíamos feito.”

Margaret perguntou quem era a família de Dolly.

“Fussell. O pai é do exército indiano — reformado; o filho é do exército. A mãe morreu.”

Então talvez esses fossem os “homens sem queixo queimados de sol” que Helen havia espiado certa tarde pela janela. Margaret sentia um interesse moderado no futuro da família Wilcox. Adquirira o hábito por causa de Helen, e ainda não o largara. Pediu mais informações sobre a srta. Dolly Fussell, que lhe foram dadas num tom neutro e desapaixonado. A voz da sra. Wilcox, embora doce e cativante, não era muito expressiva. Sugeria que quadros, concertos e pessoas tinham todos igualmente pouco valor. Apenas em um momento ganhou vivacidade — foi quando falou de Howards End.

“Charles e Albert Fussell conheceram um ao outro em algum momento. Pertencem ao mesmo clube e são ambos devotados ao golfe. Dolly também joga, embora eu acredite que não tão bem, e encontraram-se pela primeira vez num jogo de duplas mistas. Todos gostamos dela e estamos muito felizes. Casaram-se no dia 11, poucos dias antes de Paul embarcar. Charles estava muito ansioso em ter o irmão como padrinho, de modo que fez questão da data. Os Fussell teriam preferido após o Natal, mas foram muito gentis na questão. Ali está a fotografia de Dolly… naquela moldura.”

“Tem certeza absoluta de que não a estou interrompendo, senhora Wilcox?”

“Claro, absoluta.”

“Então vou ficar. É um prazer.”

A foto de Dolly era agora examinada. Estava assinada “Para a querida Mims”, que a sra. Wilcox interpretava como “o nome pelo qual ela e Charles decidiram que me chamariam”. Dolly tinha uma aparência simplória e era dona de um desses rostos triangulares que tantas vezes se mostram atraentes para um homem robusto. Era muito bonita. Dela Margaret passou a Charles, cujos traços preponderantes eram o oposto. Especulou sobre as forças que os atraíram um para o outro até que Deus viesse a separá-los. Encontrou tempo para ter

esperança de que seriam felizes.

“Foram para Nápoles, em lua-de-mel.”

“Sortudos!”

“Mal consigo imaginar Charles na Itália.”

“Ele não liga para viagens?”

“Ele gosta de viajar, mas não se dá muito com estrangeiros. O que mais gosta é de passear de carro pela Inglaterra e acho que isso o teria animado muito mais se o tempo não estivesse tão abominável. Seu pai lhe deu um carro de presente de casamento, que no momento está guardado em Howards End.”

“Presumo que tenham uma garagem lá?”

“É. Meu marido construiu uma pequena garagem apenas no mês passado, no lado oeste da casa, não muito longe do olmo, no que costumava ser o *paddock* do pônei.”

As últimas palavras deixaram um indescritível tinido atrás de si.

“O que aconteceu com o pônei?”, perguntou Margaret após um minuto.

“O pônei? Ah, morreu, faz muito tempo.”

“Do olmo eu me lembro. Helen falou sobre ele como uma árvore esplêndida.”

“É o olmo mais belo de Hertfordshire. Sua irmã lhe contou sobre os dentes?”

“Não.”

“Ah, isso pode interessá-la. Há dentes de porco fincados no tronco, cerca de um metro acima do solo. Moradores os puseram lá há muito tempo, acham que mastigar um pedaço da casca cura dor de dente. Os dentes estão quase cobertos pela vegetação, agora, e ninguém mais vai até a árvore.”

“Eu iria. Adoro folclore e todo tipo de superstições perniciosas.”

“Acha que a árvore realmente cura dor de dente, se a pessoa acredita nisso?”

“Claro que cura. Curava tudo… antes.”

“Certamente lembro-me de alguns casos… sabe, morei em Howards End muito tempo antes de o senhor Wilcox conhecer o lugar. Eu nasci lá.”

A conversa mudava outra vez. No momento, parecia pouco mais do que um palavrório sem direção. Seu interesse despertou quando a anfitriã explicou que Howards End era sua única propriedade. Ficou enfastiada ao ouvir um relato de vários minutos sobre a família Fussell, as ansiedades de Charles em relação a Nápoles, as andanças do sr. Wilcox e Evie de carro por Yorkshire. Margaret não suportava entediar-se. Sua atenção diminuiu cada vez mais, brincou com a moldura da foto, deixou-a cair, quebrou o vidro, pediu desculpas, foi perdoada,

cortou o dedo, despertou pena e, finalmente, disse que precisava ir — havia todo o serviço doméstico para cuidar e tinha de entrevistar o professor de equitação de Tibby.

Então a nota curiosa vibrou outra vez.

"Até logo, senhorita Schlegel, até logo. Obrigado por ter vindo. A senhorita me alegrou."

"Fico muito feliz!"

"Fico imaginando se… se em algum momento pensa em si mesma."

"Não penso em outra coisa", disse Margaret, corando, mas deixando a mão permanecer sobre a da mulher inválida.

"Eu me perguntava isso. Em Heidelberg."

"Ora, vamos!"

"Quase chego a pensar…"

"O quê?", perguntou Margaret, pois seguiu-se um longo silêncio — um silêncio de certo modo semelhante ao crepitar do fogo, ao bruxuleio da lamparina perto de suas mãos, à turvação esbranquiçada da janela; um silêncio de sombras mutáveis e eternas.

"Quase chego a pensar que se esqueceu de que é uma jovem."

Margaret ficou surpresa e um pouco ofendida. "Estou com vinte e nove anos", observou. "Bem longe de ser uma garotinha."

A sra. Wilcox sorriu.

"O que a faz dizer isso? Acha que fui desajeitada e indelicada?"

Um menear de cabeça. "Tudo que quis dizer é que estou com cinqüenta e um anos e para mim vocês duas… li isso em algum livro; não consigo dizer as coisas com clareza."

"Ah, entendi… inexperiência. Não sou melhor que Helen, é o que quer dizer, e no entanto meto-me a lhe dar conselhos."

"Isso. Você entendeu. Inexperiência é a palavra."

"Inexperiência", repetiu Margaret, num tom sério, e mesmo assim leve. "Claro, tenho tudo a aprender — absolutamente tudo —, tanto quanto Helen. A vida é muito difícil e cheia de surpresas. Em todo caso, até onde vejo é assim. Ser humilde e boa, agir corretamente, gostar dos outros em vez de sentir pena, lembrar dos necessitados… bem, a pessoa não pode fazer todas essas coisas, infelizmente, pois são muito contraditórias. É aí que entra o equilíbrio… viver com equilíbrio. Não *comece* pelo equilíbrio. Só gente de nariz empinado faz isso. Deixe que o equilíbrio venha como último recurso, quando as melhores coisas falharam, e um beco sem saída… Valha-me Deus, comecei a pregação!"

“Na verdade, pôs as dificuldades da vida de modo esplêndido”, disse a sra. Wilcox, recolhendo a mão para as sombras mais profundas. “É exatamente o que eu mesma gostaria de ter dito.”

IX

A sra. Wilcox não pode ser acusada de prover Margaret de muita informação sobre a vida. E Margaret, por outro lado, dera uma bela demonstração de modéstia e fingira uma inexperiência que decerto não sentia. Administrara a casa por mais de dez anos; recebera, quase com distinção; criara uma irmã encantadora, e agora criava o irmão. Seguramente, se a experiência pode ser obtida, ela a obtivera.

E, no entanto, o pequeno almoço que deu em homenagem à sra. Wilcox não foi um sucesso. A nova amiga não combinava com aquelas "uma ou duas pessoas deliciosas" a quem convidara para conhecê-la e a atmosfera foi de uma polida perplexidade. Seus gostos eram simples, seus conhecimentos culturais, insignificantes, e não estava interessada no New English Art Club, tampouco na linha divisória entre jornalismo e literatura, à qual se dera partida como uma lebre conversacional. As pessoas deliciosas dispararam atrás dela em meio a gritos de júbilo, Margaret à testa, e não foi senão após transcorrida metade da refeição que perceberam que a convidada principal não tomara parte na caçada. Não havia um assunto comum. A sra. Wilcox, cuja vida fora passada a serviço do marido e dos filhos, tinha pouco a dizer a estranhos que jamais haviam compartilhado disso, e cuja idade era metade da sua. Conversa inteligente a deixava alarmada e fazia murchar suas delicadas conjecturas; era a contrapartida social de um carro, puro sacolejar, enquanto ela era um punhado de feno, uma flor. Por duas vezes deplorou o clima, por duas vezes criticou o serviço de trens da Great Northern Railway. Eles concordavam com vigor, e seguiam rápido adiante, e quando ela perguntou se tinha alguma notícia de Helen, sua anfitriã estava por demais ocupada em discutir Rothenstein para responder. A pergunta foi repetida: "Espero que sua irmã esteja a salvo na Alemanha, agora". Margaret se deteve e disse, "Sim, obrigada, recebi notícias na terça". Mas estava possuída pelo demônio da vociferação e no momento seguinte disparava novamente.

"Só na terça, pois estão morando em Stettin. Já conheceu alguém que morasse em Stettin?"

"Nunca", disse a sra. Wilcox, séria, enquanto seu jovem vizinho, um modesto funcionário do Ministério da Educação, iniciava uma discussão sobre

como deveriam parecer as pessoas que moravam em Stettin. Será que existe algo como uma stettinidade? Margaret seguiu em frente.

"As pessoas em Stettin jogam coisas em barcos do alto de depósitos suspensos acima da água. Pelo menos, nossos primos jogam, mas não são particularmente ricos. A cidade não é interessante, a não ser por um relógio que revira os olhos, e a vista do Oder, que de fato é algo especial. Ah, senhora Wilcox, como ia adorar o Oder! O rio, ou melhor, os rios — parece haver dúzias deles — são de um azul profundo, e a planície que atravessam é do verde mais profundo."

"É mesmo? Deve ser uma paisagem linda, senhorita Schlegel."

"É o que acho, mas Helen, que gosta de confundir as coisas, diz não, é como música. O curso do Oder é como música. Ele a faz lembrar de um poema sinfônico. A parte da plataforma de desembarque é em si menor, se bem me recordo, mais adiante as coisas tornam-se extremamente misturadas. Há um tema barrento em inúmeras claves de uma vez, significando bancos de lama, e outro para o canal navegável, e o desaguar no Báltico é em dó maior, *pianissimo*."

"O que os depósitos suspensos acham disso?", perguntou o homem, rindo.

"Julgam de suma importância", respondeu Margaret, inesperadamente enveredando por outra via. "Acho que é uma afetação comparar o Oder com música, assim como você, mas os depósitos suspensos de Stettin levam a beleza a sério, coisa que não fazemos, e o inglês médio tampouco, além de desprezar todos que o fazem. Ora, não me venha com 'alemães não têm gosto algum', ou eu grito. Não têm mesmo. Porém… porém… e que tremendo porém!… levam a poesia a sério. Como levam a poesia a sério."

"Ganham alguma coisa com isso?"

"Claro, claro. O alemão está sempre à procura da beleza. Pode perdê-la por causa da estupidez, ou interpretá-la mal, mas está sempre pedindo à beleza que entre em sua vida, e acredito que no fim das contas ela virá. Em Heidelberg conheci um cirurgião veterinário gorducho cuja voz derretia-se de soluços conforme declamava um poema enjoativo. Era tão fácil para mim rir… logo eu, que nunca recito poesia, boa ou má, e não consigo me lembrar de um único fragmento de verso que me emocione. Meu sangue ferve — bem, sou metade alemã, então atribua isso ao patriotismo — quando escuto o requintado desdém do inglês mediano por tudo que é teutônico, seja Böcklin ou meu cirurgião veterinário. 'Ah, Böcklin', dizem, 'como se esforça para ir atrás da beleza, povoando tão deliberadamente a natureza com deuses.' É claro que Böcklin se esforça, pois quer alguma coisa — a beleza e todas a dádivas intangíveis que

flutuam pelo mundo afora. Assim, suas paisagens não convencem, enquanto as de Leader, sim."

"Não tenho certeza se concordo. E a senhora?", disse ele, virando-se para a sra. Wilcox.

Ela respondeu: "Acho que a senhorita Schlegel põe as coisas de modo esplêndido"; e foi um gelo na conversa.

"Oh, senhora Wilcox, diga algo mais gentil que isso. É tão desencorajador ouvir que se põe as coisas de modo esplêndido."

"Não era minha intenção ser desencorajadora. Sua última afirmação interessou-me sobremaneira. Em geral as pessoas não parecem gostar nem um pouco da Alemanha. Esperei por muito tempo para ouvir o que era dito do outro lado."

"Outro lado? Então a senhora discorda. Ah, ótimo! Diga-nos qual é o seu lado."

"Lado algum. Mas meu marido" — sua voz suavizou-se, o gelo aumentou — "leva pouquíssima fé na Europa continental, e nossos filhos todos seguem sua opinião."

"Qual o motivo? Eles acham que o continente se comporta de forma imprópria?"

A sra. Wilcox não fazia idéia; prestava pouca atenção em motivos. Não era intelectual, nem mesmo atenta, e era estranho que, ainda assim, passasse a idéia de grandeza. Margaret, ziguezagueando com os amigos pela arte e o pensamento, tinha consciência de uma personalidade que transcendia a de todos ali e tolhia suas atividades. Não havia amargor na sra. Wilcox, não havia nem mesmo crítica; ela era adorável, e nenhuma palavra deselegante ou indelicada deixava seus lábios. Mesmo assim, ela e a vida cotidiana eram fora de foco; uma ou outra devia mostrar-se embaçada. E no almoço ela parecia mais fora de foco do que o normal e mais próxima da linha que separa a vida cotidiana de uma vida que poderia ser da maior importância.

"Deve admitir, porém, que a Europa continental… parece tolo falar em 'continental', mas ela é de fato mais parecida consigo mesma do que qualquer parte com a Inglaterra. A Inglaterra é única. Mas sirva-se de um pouco de gelatina, primeiro. Eu ia dizendo que a Europa continental, para o bem ou para o mal, está interessada em idéias. Sua literatura e arte têm um quê da novidade e isso permanece até mesmo em períodos de decadência e afetação. Há mais liberdade de ação na Inglaterra, mas, para liberdade de pensamento, vá à burocrática Prússia. Lá as pessoas discutem com humildade questões vitais que

nós nos julgamos bons demais para pôr as mãos.”

“Não quero ir à Prússia”, disse a sra. Wilcox, “nem mesmo para ver este interessante fato que está descrevendo. E quanto a discutir com humildade, estou velha demais para isso. Nunca discutimos coisa alguma em Howards End.”

“Então deveria!”, disse Margaret. “Discussões mantêm a casa viva. Ela não se sustenta só com tijolos e argamassa.”

“Ela não se sustenta sem eles”, disse a sra. Wilcox, inesperadamente acompanhando o pensamento, e suscitando, pela primeira e última vez, uma tênue esperança no peito das pessoas deliciosas. “Não se sustenta sem eles, e eu às vezes acho… Mas não espero que sua geração concorde, pois até minha filha discorda de mim, nisto.”

“Não se incomode conosco ou com ela. Diga!”

“Eu às vezes acho que é mais sensato deixar a ação e a discussão com os homens.”

Houve um breve silêncio.

“Deve-se admitir que os argumentos contra o sufrágio *são* extraordinariamente fortes”, disse uma jovem do outro lado, inclinando-se sobre a mesa e partindo seu pão.

“São? Nunca prestei atenção em argumento algum. Apenas fico bastante grata de jamais ter precisado votar.”

“Mas não estamos falando de votar, não é?”, completou Margaret. “Será que não estamos discordando de alguma coisa muito mais ampla, senhora Wilcox? Se as mulheres devem permanecer o que têm sido desde o alvorecer da história, ou se, uma vez que os homens foram tão longe, também elas não devem progredir um pouco, agora. Eu digo que devem. Admitiria até mesmo uma mudança biológica.”

“Não sei, não sei.”

“É melhor eu voltar ao meu depósito suspenso”, disse o homem. “Elas se tornaram desgraçadamente austeras.”

A sra. Wilcox também se ergueu.

“Oh, mas vamos subir um pouco. A senhorita Quested toca. Gosta de MacDowell? Não se incomoda que tenha apenas dois sons? Se precisa mesmo ir, eu a acompanho. Não aceita nem mesmo um café?”

Deixaram a sala de jantar, fechando a porta atrás de si, e conforme a sra. Wilcox abotoava seu casaco, ela disse: “Que vida interessante levam vocês aqui em Londres!”.

“Não, não é”, disse Margaret, com súbita revolta. “Levamos uma vida de

macacos tagarelas. Senhora Wilcox… sério… no fundo temos um lado tranqüilo e equilibrado. É verdade. Todos meus amigos o têm. Não finja que apreciou o almoço, pois o odiou, mas deverá me perdoar concedendo-me outra visita, sozinha, ou convidando-me à sua casa."

"Estou acostumada com os jovens", disse a sra. Wilcox, e a cada palavra que dizia os contornos de coisas conhecidas ficavam mais indistintos. "Escuto um bocado de conversa em casa, pois nós, como vocês, recebemos um bocado. Lá é mais esporte e política, mas… gostei muito deste meu almoço, senhorita Schlegel, querida, e não estou fingindo, só gostaria de ter podido participar mais. Por um lado, não me sinto particularmente bem, hoje. E por outro, vocês jovens movem-se com tanta rapidez que fico tonta. Com Charles é o mesmo, com Dolly, o mesmo. Mas estamos todos no mesmo barco, velhos e jovens. Nunca me esqueço disso."

Houve silêncio por um minuto. Então, com emoção renascida, apertaram-se as mãos. A conversa cessou subitamente quando Margaret voltou a entrar na sala de jantar; os amigos haviam andado conversando sobre a nova amiga dela, e tinham-na descartado como desinteressante.

X

Vários dias se passaram.

Seria a sra. Wilcox uma dessas pessoas decepcionantes — há tantas delas — que acenam com a intimidade para depois tomá-la de volta? Elas despertam nosso interesse e afeto e mantêm a vida espiritual vagando em torno de si. E depois se retiram. Quando paixão física está envolvida, há um nome preciso para tal comportamento — flerte —, e se for levado longe demais é punível por lei. Mas nenhuma lei — nem mesmo a opinião pública — pune alguém que corteje por amizade, embora a dor surda que elas infligem, a sensação de desorientação e cansaço, possa ser igualmente intolerável. Seria ela uma dessas pessoas?

Margaret temeu que sim, no início, pois, com a impaciência de um londrino, queria que tudo ficasse acertado imediatamente. Não confiava nos períodos de tranqüilidade que são essenciais ao verdadeiro crescimento. Desejando inscrever a sra. Wilcox como amiga em sua agenda, investia contra as formalidades, lápis, por assim dizer, na mão, investindo com tanto mais vigor pelo fato de o restante da família encontrar-se longe e a oportunidade parecer favorável. Mas a mulher mais velha não se deixava apressar. Recusava-se a se encaixar no círculo de Wickham Place ou a reabrir a discussão sobre Helen e Paul, que Margaret teria utilizado como atalho. Deixava o tempo correr, ou talvez deixasse o tempo levá-la, e quando o momento crucial de fato chegou, tudo estava preparado.

O momento crucial veio com uma mensagem: a srta. Schlegel a acompanharia nas compras? O Natal estava próximo e a sra. Wilcox via-se atrasada com os presentes. Passara mais alguns dias de cama e tinha de compensar o tempo perdido. Margaret aceitou, e às onze horas de uma desalentada manhã começaram, a bordo de um cupê.

“Antes de mais nada”, começou Margaret, “devemos fazer uma lista para ticar o nome das pessoas. Minha tia sempre faz assim, e esta neblina pode ficar mais forte a qualquer momento. Tem alguma idéia?”

“Pensei em irmos à Harrod’s ou às Haymarket Stores”, disse a sra. Wilcox, sem muita animação. “Lá certamente se encontra de tudo. Não sou uma boa compradora. O barulho é tão atordoante, e sua tia está absolutamente certa, a

pessoa deve fazer uma lista. Pegue meu caderninho, então, e escreva seu próprio nome no alto da página."

"Ora, viva!", disse Margaret, escrevendo. "Que gentileza de sua parte começar por mim!" Mas não queria ganhar nada caro. Suas relações eram singulares, mas não íntimas, e previa que a família Wilcox iria se ressentir de quaisquer gastos com gente de fora; famílias pequenas são assim. Não queria ser vista como uma segunda Helen, que agarrava presentes já que não podia agarrar jovens, tampouco se expor como uma segunda tia Juley aos insultos de Charles. Uma certa austeridade de comportamento era o melhor, e acrescentou: "Mas não faço questão de presente de Natal. Na verdade, prefiro que não".

"Por quê?"

"Porque tenho idéias peculiares sobre a ocasião. Porque tenho tudo que o dinheiro pode comprar. Quero mais pessoas, não mais coisas."

"Gostaria de lhe dar algo que fosse digno de sua amizade, senhorita Schlegel, como lembrança de sua amabilidade comigo ao longo de meu período solitário, há duas semanas. Quando aconteceu de me ver sozinha, a senhorita impediu-me de ficar ruminando pensamentos. Sou tão propensa a ruminações."

"Se é assim", disse Margaret, "se aconteceu de ser útil à senhora, o que não sei se é verdade, não pode me pagar com nada que seja palpável."

"Presumo que não, mas gostaria. Quem sabe eu pense em alguma coisa conforme andamos."

Seu nome permanecia no topo da lista, mas nada era escrito diante dele. Andaram de loja em loja. O ar estava branco e quando desceram de sua condução foi como tocar em moedinhas geladas. Aqui e ali passavam por um borrão acinzentado. A vitalidade da sra. Wilcox estava em baixa nessa manhã, e era Margaret quem se decidia por um cavalo para essa garotinha, uma bonequinha de nega maluca para aquela outra, para a esposa do reverendo uma bandeja aquecedora de cobre. "Sempre damos dinheiro para os criados." "É, sei, sim, é muito mais fácil", respondeu Margaret, mas sentiu o impacto grotesco do invisível sobre o visível, e viu emergindo de uma manjedoura esquecida em Belém aquela torrente de moedas e brinquedos. A vulgaridade imperava. As tavernas, à parte sua usual exortação contra a reforma pela temperança, convidavam os homens: "Participem de nosso clube do ganso natalino"[19] — uma garrafa de gim, ou duas, dependendo da contribuição. Um cartaz com uma mulher embriagada anunciava o teatrinho natalino, e diabinhos vermelhos, que haviam voltado a aparecer nesse ano, levavam a melhor sobre os cartões de Natal. Margaret não era uma idealista atroz. Não desejava que aquela enxurrada

de comércio e propaganda fosse reprimida. Era apenas a ocasião para aquilo que a deixava pasma de assombro ano após ano. Quantos daqueles compradores hesitantes e vendedores cansados se davam conta de que era um evento sagrado que os levava a estar ali reunidos? Ela o percebia, ainda que visse a coisa do lado de fora. Não era uma cristã no sentido aceito; não acreditava que Deus houvesse agido entre nós como um jovem artesão. Essas pessoas, ou a maioria delas, acreditavam e, se perguntadas, o afirmariam em palavras. Mas os sinais visíveis de sua crença eram a Regent Street ou a Drury Lane, alguma lama remexida, algum dinheiro gasto, alguma comida preparada, consumida e esquecida. Inadequado. Mas, em público, quem expressará o invisível adequadamente? É a vida privada que oferece o espelho para o infinito; a troca pessoal, e apenas isso, que sempre aponta para uma personalidade além de nossa visão cotidiana.

"Não, de modo geral, gosto do Natal", explicou. "No seu jeito desastrado, de fato traz a paz e a boa vontade. Mas, ai, está mais desastrado a cada ano."

"Verdade? Estou habituada apenas aos natais no campo."

"Geralmente estamos em Londres, e nos atiramos ao jogo com vigor — cânticos na igreja, a desastrada refeição do meio do dia, o desastrado jantar para as criadas, seguido de árvore de Natal e dança de crianças pobres, com canções de Helen. A sala de visitas se presta muito bem a isso. Pomos a árvore no toucador e puxamos uma cortina quando as velas estão acesas, e com o espelho por trás dá um efeito muito bonito. Gostaria que tivéssemos um toucador em nossa próxima casa. Claro, a árvore tem de ser muito pequena, e não dá para pendurar os presentes nela. Não; depositamos os presentes numa espécie de paisagem rochosa feita de papel pardo amassado."

"Falou de sua 'próxima casa', senhorita Schlegel. Então vão sair de Wickham Place?"

"Vamos, em dois ou três anos, quando expirar o contrato. Somos obrigadas."

"Faz tempo que estão lá?"

"A vida toda."

"Vai ser muito triste sair da casa."

"Acho que sim. Mal nos demos conta, ainda. Meu pai…" Parou, pois haviam chegado ao setor de papelaria das Haymarket Stores, e a sra. Wilcox queria encomendar alguns cartões de boas-festas.

"Se possível, alguma coisa diferente", suspirou. No balcão, encontrou uma amiga, ali com o mesmo intuito, e entabulou uma conversa insípida, perdendo muito tempo. "Meu marido e nossa filha estão viajando de carro." "Bertha também? Oh, imagine só, que coincidência!" Margareth, por menos prática que

fosse, podia brilhar em companhias como essa. Enquanto falavam, aproximou-se do livro com o mostruário de cartões e submeteu um deles à inspeção da sra. Wilcox. Ela ficou encantada — tão original, palavras tão doces; iria encomendar uma centena igual àquele e jamais poderia mostrar quanto estava agradecida. Então, no momento em que a vendedora anotava o pedido, disse: “Sabe de uma coisa, vou esperar. Pensando melhor, vou esperar. Há muito tempo ainda pela frente, não é, e poderei pedir a opinião de Evie”.

Regressaram ao coche errando pelos caminhos; quando se viram dentro, ela disse: “Mas não pode ser renovado?”.

“Como disse?”, perguntou Margaret.

“O aluguel, quero dizer.”

“Ah, o aluguel! Estava pensando nisso o tempo todo? Que bondade de sua parte!”

“Certamente alguma coisa pode ser feita.”

“Não; os preços subiram em demasia. Pretendem derrubar Wickham Place e construir prédios de apartamentos como o seu.”

“Mas isso é horrível!”

“Proprietários de imóveis são horríveis.”

Então disse com veemência: “É monstruoso, senhorita Schlegel; não está certo. Não fazia idéia de que tinha isso pairando sobre sua cabeça. Sinto pena do fundo de meu coração. Ser separada da própria casa, a casa de seu pai… isso deveria ser proibido. É pior do que morrer. Eu preferiria morrer a… oh, pobres garotas! Como pode a civilização estar com a razão, se as pessoas são impedidas de morrer no quarto onde nasceram? Minha querida, sinto tanto…”

Margaret não sabia o que dizer. A sra. Wilcox ficara extenuada com as compras e mostrava-se inclinada à histeria.

“Howards End chegou quase a ser demolida uma vez. Isso teria me matado.”

“Howards End deve ser uma casa muito diferente da nossa. Gostamos de nossa casa, mas não há nada de extraordinário nela. Como viu, é uma casa londrina comum. Encontraremos outra facilmente.”

“É o que pensa.”

“Mais uma vez, minha falta de experiência, suponho!”, disse Margaret, desvencilhando-se do assunto. “Não há nada que eu possa dizer quando toca nesse ponto, senhora Wilcox. Quem dera pudesse ver a mim mesma como a senhora me vê… reduzida a uma *Backfisch*.[20] Uma completa ingênua. Encantadora, muito… maravilhosamente culta para minha idade, mas

incapaz…”

A sra. Wilcox não se deixava deter. “Venha comigo para Howards End agora”, disse, com mais veemência do que nunca. “Quero que a conheça. Nunca viu a casa. Quero ouvir o que tem a dizer, porque definitivamente põe as coisas de modo tão maravilhoso.”

Margaret relanceou o ar inclemente e depois o rosto exaurido de sua companhia. “Mais tarde eu adoraria”, continuou, “mas o tempo agora não está nada apropriado para um passeio como esse
e devemos começá-lo com ânimo revigorado. Além disso, a casa não está fechada?”

Não recebeu resposta. A sra. Wilcox parecia ofendida.

“Quem sabe eu possa ir outro dia?”

A sra. Wilcox inclinou-se para a frente e deu um tapinha no vidro. “Vamos voltar para Wickham Place, por favor!”, ordenou ao cocheiro. Margaret fora ignorada.

“Mil vezes obrigada, senhorita Schlegel, por toda sua ajuda.”

“Não tem de quê.”

“Como é reconfortante poder tirar os presentes da cabeça… principalmente os cartões de Natal. Admiro muito sua escolha.”

Foi sua vez de não receber resposta. Era a vez de Margaret mostrar-se ofendida.

“Meu marido e Evie voltam depois de amanhã. Foi por isso que a arrastei para as compras, hoje. Permaneci na cidade sobretudo para isso, mas não terminei nada, e agora ele escreve que devem encurtar sua viagem, o tempo está muito ruim, e os bloqueios policiais foram muito ruins… quase tão ruins quanto em Surrey. Nosso chofer é muito cuidadoso e meu marido acha particularmente desagradável que devam ser tratados como uns cabeças-de-vento.”

“Por quê?”

“Bem, naturalmente ele… ele não é um cabeça-de-vento.”

“Concluo que andou ultrapassando o limite de velocidade. Não pode esperar tratamento diferente.”

A sra. Wilcox ficou em silêncio. Num desconforto crescente, seguiram para casa. O aspecto da cidade era satânico, as ruas mais estreitas oprimindo como se fossem galerias de uma mina. A neblina não causava estrago algum ao comércio, pois este fervia, e as janelas iluminadas das lojas exibiam multidões de clientes. Era antes uma turvação do espírito, que, buscando forças dentro de si mesmo, dava com uma escuridão ainda mais desesperadora. Margaret quase falou uma

dúzia de vezes, mas alguma coisa a sufocava. Sentia-se mesquinha e desconfortável e suas reflexões sobre o Natal tornavam-se cada vez mais cínicas. Paz? A ocasião podia proporcionar outras dádivas, mas haveria um único londrino para quem o Natal significasse um tempo pacífico? A ansiedade pela animação e pelos preparativos arruinaram essa bênção. Boa vontade? Teria ela visto um único exemplo dentre as hordas de compradores? Ou em si mesma? Deixara de corresponder ao convite apenas porque era um pouco esquisito e fantasioso — logo ela, cuja prerrogativa na vida era fomentar a fantasia! Seria melhor ter aceitado, melhor sofrer um pouco com o cansaço da viagem do que responder friamente: “Quem sabe eu possa ir outro dia?”. Seu cinismo abandonou-a. Não haveria outro dia. Aquela mulher indiscernível jamais a convidaria outra vez.

Despediram-se ao chegar nas Mansions. A sra. Wilcox entrou após as devidas mesuras e Margaret ficou observando a figura alta e solitária deslizar pelo saguão em direção ao elevador. Quando as portas de vidro se fecharam, teve a sensação de um aprisionamento. A bela cabeça desapareceu primeiro, ainda mergulhada no regalo; a longa cauda deslizante do vestido veio em seguida. A mulher de raridade indefinível subia rumo ao céu, como um espécime numa garrafa. E que céu — uma catacumba do inferno, preta como fuligem, de onde fuligem descia!

No almoço o irmão, vendo sua propensão ao silêncio, insistia em falar. Tibby não era de má índole, mas desde bebê alguma coisa o levava a se comportar de forma inoportuna e imprevisível. No momento fazia-lhe um longo relato do externato que de vez em quando freqüentava. O relato era interessante e ela muitas vezes lhe pedira que o fizesse, mas agora não podia prestar atenção, pois sua mente estava concentrada no invisível. Ela percebeu que a sra. Wilcox, embora esposa e mãe amorosa, tinha apenas uma paixão na vida — sua casa — e que era um momento solene o convite a uma amiga para que a compartilhasse com ela. Responder “outro dia” era a resposta de uma tola. “Outro dia” está bom para tijolos e argamassa, mas não para o Sagrado dos Sagrados em que Howards End se transfigurara. Sua própria curiosidade era superficial. Ouvira sobre o lugar mais do que o suficiente no verão. As nove janelas, a hera e o olmo não guardavam quaisquer relações agradáveis para ela e teria preferido passar o resto do dia num concerto. Mas a imaginação triunfou. Enquanto o irmão prosseguia, determinou-se a ir, a qualquer custo, e a obrigar a sra. Wilcox a ir também. Quando o almoço chegou ao fim, pôs-se a caminho do prédio.

A sra. Wilcox acabara de sair para passar a noite.

Margaret disse que isso não tinha importância, desceu correndo as escadas e tomou uma charrete para King's Cross. Estava convencida de que a escapada era importante, embora dizer o porquê a teria deixado confusa. A questão tinha a ver com prisão e fuga e, embora não soubesse o horário do trem, estreitou os olhos para enxergar o relógio de St. Pancras.

Então o relógio da King's Cross ficou à vista, uma segunda lua naquele céu infernal, e sua condução a deixou na estação. Havia um trem para Hilton em cinco minutos. Apanhou o bilhete, solicitando, em sua agitação, só de ida. Conforme fazia isso, uma voz séria e feliz a saudou e agradeceu.

"Vou se ainda for conveniente", disse Margaret, rindo com nervosismo.

"Venha para dormir também, querida. É pela manhã que minha casa fica mais bonita. Venha pernoitar. Não posso mostrar a propriedade direito exceto ao nascer do sol. Essa névoa" — apontou o telhado da estação — "nunca se espalha para muito longe. Aposto que estão sentados sob o sol, em Hertfordshire, e jamais se arrependerá de juntar-se a eles."

"Jamais me arrependerei de juntar-me à senhora."

"É a mesma coisa."

Começaram a caminhar pela longa plataforma. Bem na outra extremidade estava o trem, confrontando a escuridão lá fora. Nunca chegaram até ele. Antes que a fantasia pudesse triunfar, ouviram-se gritos de "Mãe! Mãe!" e uma garota de pesadas sobrancelhas disparou do guarda-chapéus e agarrou a sra. Wilcox pelo braço.

"Evie!", arquejou. "Evie, minha criança…"

A garota gritou: "Pai! Eu disse! Olhe quem está aqui".

"Evie, minha querida, por que não está em Yorkshire?"

"Não… o carro bateu… mudamos de planos… papai está vindo."

"Ora, Ruth!", exclamou o sr. Wilcox, juntando-se a elas. "O que em nome de tudo que há de mais prodigioso está fazendo aqui, Ruth?"

A sra. Wilcox já se recuperara.

"Oh, Henry, querido!… que surpresa adorável… mas deixe-me apresentar-lhe… mas acho que já conhece a senhorita Schlegel."

"Ah, sim", respondeu, sem manifestar grande interesse. "Mas como vai você, Ruth?"

"Forte como um touro", respondeu ela alegremente.

"Assim como nós, e assim como estava nosso carro, que percorreu a a1 até a altura de Ripon, mas desgraçados daquele cavalo e da carroça com seu condutor estúpido…"

“Senhorita Schlegel, nosso pequeno passeio terá de ficar para outro dia.”

“Eu ia dizendo que o estúpido daquele condutor, como admitiu o próprio policial…”

“Outro dia, senhora Wilcox. Claro.”

“… Mas estamos segurados contra acidentes de terceiros, não importa muito…”

“… A carroça e o carro praticamente em ângulo reto…”

As vozes da família feliz se elevaram. Margaret foi deixada sozinha. Ninguém a queria. A sra. Wilcox afastou-se de King’s Cross entre o marido e a filha, escutando ambos.

XI

O funeral estava terminado. As carruagens giraram suas rodas e partiram através da lama macia e só os pobres ficaram. Aproximaram-se da cova recém-aberta e lançaram um último olhar ao caixão, agora quase oculto sob pás de terra. Era o momento deles. A maioria, mulheres provenientes do distrito da morta, para quem trajes pretos haviam sido providenciados por ordem do sr. Wilcox. A pura curiosidade trouxera outros. Vibravam com a excitação da morte, e de uma morte rápida, e permaneciam em grupos ou moviam-se entre os túmulos, como gotas de nanquim. O filho de um deles, um podador de árvores, empoleirava-se muito acima de suas cabeças, cortando galhos num dos olmos do cemitério da igreja. De onde estava sentado podia avistar a cidadezinha de Hilton, margeando a North Road, com seus subúrbios esparramando-se; o pôr-do-sol mais além, escarlate e laranja, cintilando em sua direção sob os sobrolhos cinzentos; a igreja; as plantações; e atrás dele uma terra incólume de campos e fazendas. Mas também ele saboreava o evento com volúpia. Tentou contar a sua mãe lá embaixo tudo que sentira ao ver o caixão aproximando-se; como não podia deixar de seguir com seu trabalho e ainda assim não queria prosseguir com ele; como quase caíra da árvore, de tão perturbado; os corvos crocitaram, e não é de admirar — era como se até os corvos soubessem. Sua mãe alegava ser dona de poderes proféticos — notara uma expressão estranha na sra. Wilcox por algum tempo. Londres operara o mal, diziam outros. Fora uma senhora bondosa; sua mãe era uma senhora bondosa, também — uma pessoa mais simples, porém muito bondosa. Ah, os mais velhos estavam morrendo! O sr. Wilcox, ele era um homem bondoso. Avançavam no assunto vez após outra, enfadonhamente, mas com exaltação. O funeral de um rico era para eles o que é o funeral de Alceste ou Ofélia para a gente culta. Era arte; embora distante da vida, acentuava os valores da vida, e testemunhavam-no com avidez.

Os coveiros, nutrindo sentimentos subjacentes de desaprovação — não gostavam de Charles; não era o momento de falar sobre tais coisas, mas de fato não gostavam de Charles Wilcox —, os coveiros terminaram seu trabalho e empilharam as coroas e cruzes em cima. O sol se pôs sobre Hilton: os sobrolhos cinzentos do entardecer resplandeceram um pouco e cindiram-se numa carranca

escarlate. Conversando tristemente uns com os outros, os enlutados passaram através do pórtico do pátio cemiterial e cruzaram as alamedas de castanheiras que conduziam à cidade. O jovem podador ficou um pouco mais, equilibrado acima do silêncio e balançando-se ritmicamente. Finalmente o galho caiu sob sua serra. Com um grunhido, ele desceu, os pensamentos não mais detendo-se sobre a morte, mas sobre o amor, pois estava noivo. Parou ao passar pelo novo túmulo; um feixe de crisântemos fulvos havia captado seu olhar. “Não deveriam trazer flores coloridas em funerais”, refletiu. Marchando mais um pouco, parou outra vez, olhou furtivamente para o crepúsculo, virou as costas, puxou um crisântemo do feixe e guardou-o no bolso.

Depois que se foi veio o silêncio absoluto. A pequena cabana contígua ao cemitério da igreja estava vazia e não havia outra casa por perto. Hora após hora a cena do enterro permaneceu sem um olho para testemunhá-la. Nuvens vagavam lá no alto vindas do oeste; ou talvez a igreja fosse uma nau, a proa elevada, singrando com toda sua tripulação rumo ao infinito. Perto da manhã o ar ficava mais frio, o céu, mais claro, a superfície da terra, dura e cintilante acima dos mortos prostrados. O podador, regressando após uma noite de júbilo, refletiu: “Aqueles lírios e crisântemos… pena não tê-los apanhado todos”.

De volta a Howards End, tentavam tomar o café-da-manhã. Charles e Evie sentaram-se na sala de jantar, com a sra. Charles. O pai deles, que não podia suportar ver rosto algum, fazia o desjejum no andar de cima. Sofria intensamente. A dor lhe advinha em espasmos, como se fosse física e, mesmo quando estava prestes a comer, seus olhos enchiam-se de lágrimas e punha de lado o alimento sem provar.

Recordava a bondade irretocável da mulher ao longo de trinta anos. Nada em detalhes — não a corte, nem os primeiros arrebatamentos —, mas apenas a virtude invariável, que parecia a ele a qualidade mais nobre de uma mulher. Há tantas mulheres caprichosas, explodindo em estranhos arroubos de paixão e frivolidade. Sua esposa não. Ano após ano, verão e inverno, como companheira e mãe, fora a mesma, sempre confiara nela. Sua ternura! Sua inocência! A maravilhosa inocência que lhe fora concedida pela graça de Deus. Ruth sabia tanto sobre a perversidade e a sabedoria mundanas quanto as flores de seu jardim ou a relva de seu campo. Sua idéia dos negócios — “Henry, por que as pessoas que têm bastante dinheiro tentam obter mais dinheiro?”. Sua idéia da política — “Tenho certeza de que se as mães das várias nações pudessem se encontrar não haveria mais guerras”. Sua idéia da religião — ah, essa fora uma nuvem, mas uma nuvem passageira. Sua criação era quacre, e ele e a família dele, antigos

cismáticos, eram agora membros da Igreja Anglicana. Os sermões do reverendo no início a repeliram, e ela expressara seu desejo por “uma luz mais interior”, acrescentando, “não tanto para mim mesma quanto para o bebê” (Charles). A luz interior deve ter sido proporcionada, pois ele não ouviu mais queixas nos anos subseqüentes. Criaram os três filhos sem brigas. Nunca brigavam.

Jazia sob a terra, agora. Ela se fora e, como que para tornar sua partida ainda mais amarga, partira com um quê de mistério que lhe era absolutamente pouco peculiar. “Por que não me disse que sabia a respeito?”, gemera ele, e sua débil voz lhe respondera: “Não quis, Henry… podia acontecer de estar errada… e todo mundo odeia doenças”. Ele soubera daquele horror por intermédio de um médico esquisito, que ela consultara durante sua ausência da cidade. Era justo tudo isso? Sem maiores explicações, ela morrera. Foi uma falha de sua parte e — as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto — que falha pequena! A única vez que o enganara em trinta anos.

Ergueu-se e olhou através da janela, pois Evie entrara com a correspondência, e era-lhe impossível cruzar os olhos com quem quer que fosse. Ah, sim — fora uma grande mulher… fora constante. Escolheu a palavra deliberadamente. Para ele, a constância abrangia todo louvor.

Ele próprio, fitando o jardim-de-inverno, aparentemente é um homem constante. Seu rosto não era tão quadrado quanto o do filho e na verdade o queixo, embora delineado com firmeza, retraía-se um pouco, e os lábios, indefinidos, eram cortados por um bigode. Mas não havia sinal exterior de fraqueza. Os olhos, mesmo capazes de bondade e camaradagem, mesmo vermelhos nesse momento por causa das lágrimas, eram os olhos de alguém que não pode ser dirigido. A testa, também, era como a de Charles. Alta e estreita, morena e lustrosa, fundindo-se abruptamente com as têmporas e o crânio, tinha o efeito de um bastião que protegia sua cabeça do mundo. De vez em quando tinha o efeito de um muro vazio. Por trás disso tudo ele residira, intacto e feliz, ao longo de cinqüenta anos.

“Pai, o correio chegou”, disse Evie, sem jeito.

“Obrigado. Ponha aí.”

“Seu café estava bom?”

“Estava, obrigado.”

A garota olhou para ele e para a refeição com constrangimento. Não sabia o que fazer.

“Charles disse que quer o *The Times*?”

“Não, leio mais tarde.”

“Toque a campainha se precisar de alguma coisa, papai, por favor.”

“Está tudo certo.”

Após separar as cartas da propaganda, ela voltou à sala de jantar.

“Papai não comeu nada”, anunciou, sentando-se com o cenho franzido atrás do bule de chá.

Charles não respondeu, mas após um instante subiu correndo as escadas, abriu a porta e disse: “Olhe aqui, papai, o senhor precisa comer, sabe disso”; e fazendo uma pausa para uma resposta que não veio, voltou a descer. “Ele vai ler as cartas primeiro, acho”, disse evasivamente; “arrisco-me a dizer que tomará o desjejum depois disso”. Então apanhou o *The Times*, e por algum tempo não se ouviu som algum senão o tilintar das xícaras contra os pires e das facas nos pratos.

A pobre sra. Charles sentava-se entre suas companhias silenciosas, aterrorizada pelo curso dos eventos, e um pouco entediada. Era uma criaturazinha frívola e sabia disso. Um telegrama a arrastara desde Nápoles ao leito de morte de uma mulher que mal chegara a conhecer. A uma ordem do marido, mergulhara no luto. Queria prantear por dentro, também, mas desejava que a sra. Wilcox, já que fadada a morrer, pudesse ter morrido antes do casamento, pois assim esperariam menos dela. Quebrando a torrada, e nervosa demais para pedir a manteiga, permanecia quase que imóvel, grata apenas pelo fato de que o sogro tomava o café-da-manhã no andar de cima.

Finalmente Charles falou. “Não tinham nada que podar aqueles olmos ontem”, disse à irmã.

“De fato, não.”

“Devo escrever um bilhete sobre isso”, continuou. “Fico surpreso que o reverendo o tenha permitido.”

“É possível que não seja assunto do reverendo.”

“De quem mais seria?”

“Do dono da propriedade.”

“Impossível.”

“Manteiga, Dolly?”

“Obrigada, Evie querida. Charles…”

“Sim, querida?”

“Não sabia que olmos podiam ser podados. Pensava que só se podavam salgueiros.”

“Ah, não, olmos também são podados.”

“Então por que os olmos no cemitério da igreja não deveriam ser podados?”

Charles franziu o rosto um pouco e virou-se outra vez para a irmã.

“Outra coisa. É melhor falar com Chalkeley.”

“Isso mesmo; deve se queixar com Chalkeley.”

“Não está certo dizer que não é o responsável por aqueles homens. Ele é o responsável.”

“Isso mesmo.”

O irmão e a irmã não eram insensíveis. Falavam desse modo em parte porque desejavam manter Chalkeley à altura de suas tarefas — um desejo legítimo, a seu próprio modo —, e em parte porque evitavam a nota pessoal na vida. Todos os Wilcox eram assim. Não lhes parecia de suma importância. Ou talvez fosse como Helen supunha: percebiam a importância, mas a temiam. Pânico e vazio, podia-se vislumbrar por trás. Não eram insensíveis, e deixaram a mesa do café com o coração apertado. Sua mãe nunca aparecia para o café-da-manhã. Era nos outros cômodos, e sobretudo no jardim, que sofriam mais com sua perda. Conforme se dirigia à garagem, Charles recordava-se de cada passo da mulher que o amara e a quem jamais poderia substituir. Que batalhas ele travara contra seu delicado conservadorismo! Como ela havia detestado melhorias, e contudo, com que lealdade as aceitara depois de feitas! Ele e seu pai… quanta dor de cabeça não sofreram para construir aquela garagem! Com que dificuldade não a persuadiram a ceder o cercado do pônei em troca — o cercado que amava mais ternamente ainda do que o próprio jardim! A hera… fizera valer sua vontade acerca daquela hera. A planta ainda cobria a parede sul com seus ramos improdutivos. E o mesmo se dava com Evie, conforme conversava com a cozinheira. Ainda que fosse capaz de assumir as tarefas da mãe dentro da casa, como os homens o podiam fazer do lado de fora, sentia que algo único deixara sua vida. O pesar de ambos, embora menos agudo que o do pai, nutria-se de raízes mais profundas, pois uma esposa pode ser substituída; uma mãe, jamais.

Charles voltaria ao escritório. Havia pouco a ser feito em Howards End. O conteúdo do testamento de sua mãe já era do conhecimento de todos havia muito tempo. Nada de heranças, nada de rendimentos anuais, nada do alvoroço com que alguns dos mortos prolongam suas atividades. Confiando no marido, deixara-lhe tudo sem reservas. Era uma mulher completamente pobre — a casa fora seu único dote, e a casa iria para Charles no devido tempo. As aquarelas, o sr. Wilcox pretendia guardá-las para Paul, ao passo que Evie ficaria com as jóias e rendas. Com que facilidade deixava esta vida! Charles julgava o hábito louvável, embora não pretendesse adotá-lo para si mesmo, enquanto Margaret

teria visto nisso uma indiferença quase censurável pela glória terrena. Cinismo — não o cinismo superficial que zomba e mostra os dentes, mas o cinismo que combina com a cortesia e a ternura —, essa era a nota do testamento da sra. Wilcox. Não queria molestar ninguém. Isso consumado, a terra podia congelar sobre ela para sempre.

Não, não havia nada que fizesse Charles esperar. Não podia prosseguir com a lua-de-mel, assim, iria para Londres, trabalhar — sentia-se infeliz demais perambulando por ali. Ele e Dolly ficariam no apartamento mobiliado, enquanto seu pai permaneceria tranqüilo no campo com Evie. Também podia ficar de olho em sua própria casinha, que estava sendo pintada e decorada para ele num dos subúrbios de Surrey, e onde esperava se instalar logo depois do Natal. Sim, iria para Londres depois do almoço em seu carro novo e os criados da cidade, que vieram por causa do enterro, voltariam de trem.

Encontrou o chofer de seu pai na garagem, disse “Bom dia” sem olhar no rosto do homem e, inclinando-se para o automóvel, continuou: “Ora essa! Alguém andou dirigindo meu carro novo!”.

“Verdade, senhor?”

“É”, disse Charles, ficando muito vermelho; “e seja lá quem for, não o limpou apropriadamente, pois há lama no eixo. Limpe isso.”

O homem foi apanhar um pano sem dizer palavra. Era um chofer feio como o pecado — não que isso representasse um agravo aos olhos de Charles, que se encantou com um homem tão arruinado e se livrou rapidamente da pequena besta italiana que tivera no início.

“Charles…” Sua esposa viera atrás dele através da geada, uma delicada coluna negra, o rosto pequeno e o elaborado chapéu de luto formando um capitel.

“Um minuto, estou ocupado. Então, Crane, quem o andou guiando, faz idéia?”

“Nenhuma, certamente, senhor. Ninguém o dirigiu desde que voltei, mas, é claro, houve aquela quinzena em que estive fora com o outro carro, em Yorkshire.”

A lama saiu facilmente.

“Charles, seu pai desceu. Aconteceu alguma coisa. Ele o quer na casa imediatamente. Ai, Charles!”

“Espere, querida, espere um minuto. Com quem ficou a chave da garagem durante a sua ausência, Crane?”

“Com o jardineiro, senhor.”

“Está me dizendo que o velho Penny é capaz de dirigir um carro…”

“Não, senhor; ninguém saiu com ele, senhor.”

“Então a que atribui a lama no eixo?”

“Não posso dizer, é claro, pois no momento encontrava-me em Yorkshire. Nada de lama agora, senhor.”

Charles ficou irritado. O homem o tratava como um tolo, e se seu coração não estivesse tão pesado teria contado aquilo ao pai. Mas a manhã não era para reclamações. Ordenando que o carro ficasse pronto depois do almoço, juntou-se à esposa, que permanecera o tempo todo desfiando uma história incoerente sobre uma carta e a srta. Schlegel.

“Agora, Dolly, posso lhe dar atenção. A senhorita Schlegel? O que ela quer?”

Quando as pessoas escreviam uma carta, Charles perguntava o que queriam. Querer, para ele, era o único motivo para a ação. E a pergunta nesse caso estava correta, pois sua esposa respondeu: “Ela quer Howards End”.

“Howards End? Bem, Crane, não esqueça de pôr o pneu Stepney.”

“Certo, senhor.”

“Bem, é melhor não esquecer, pois eu… venha, mocinha.” Quando estavam fora do campo de visão do chofer, ele pôs um braço em torno de sua cintura e puxou-a para si. Sua afeição por inteiro e sua atenção pela metade — era isso que lhe concedia ao longo de toda sua feliz vida de casado.

“Mas não ouviu, Charles…”

“Qual o problema?”

“Estou lhe dizendo… Howards End. É da senhorita Schlegel.”

“O que é dela?”, disse Charles, soltando-a. “Do que diabos está falando?”

“Bem, Charles, prometeu não usar esse jeito feio de…”

“Olhe aqui, não estou com disposição para bobagens. O dia tampouco é apropriado.”

“Estou dizendo… não parei de dizer… senhorita Schlegel… é dela… sua mãe deixou para ela… vocês todos vão ter de ir embora!”

“*Howards End?*”

“*Howards End!*”, ela gritou, arremedando-o, e nesse momento Evie apareceu correndo por entre os arbustos.

“Dolly, volte agora mesmo! Meu pai está muito aborrecido com você. Charles” — ela bateu em si mesma com força — “vá ver o papai agora mesmo. Ele recebeu uma carta horrível.”

Charles começou a correr, mas deteve-se, e marchou pesadamente pela

trilha de cascalho. Lá estava a casa — as nove janelas, a hera estéril. Exclamou: “Essas Schlegel outra vez!” e, como que para tornar o caos completo, Dolly disse: “Ah, não, a chefe de enfermagem da clínica escreveu no lugar dela”.

“Entrem, todos os três!”, exclamou o pai, que perdera a letargia. “Dolly, por que me desobedeceu?”

“Ai, senhor Wilcox…”

“Eu lhe disse para não ir até a garagem. Ouvi seus gritos por todo o jardim. Não vou tolerar isso. Entrem.”

Estava de pé no alpendre, transtornado, cartas na mão.

“Para a sala de jantar, todos vocês. Não podemos discutir assuntos particulares no meio dos criados. Tome, Charles, aqui; leia isso. Veja o que acha.”

Charles apanhou as duas cartas e leu-as conforme seguia o grupo. A primeira era um bilhete da enfermeira, justificando-se por ter escrito. A sra. Wilcox expressara-lhe o desejo, uma vez terminado o funeral, de que enviasse a carta anexa. Esta… era de sua própria mãe. Ela escrevera: “A meu marido: gostaria que a srta. Schlegel (Margaret) ficasse com Howards End”.

“Presumo que nossa conversa seja a respeito disto?”, observou ele, com uma calma ameaçadora.

“Decerto. Eu já ia saindo para procurá-lo quando Dolly…”

“Bem, vamos nos sentar.”

“Venha, Evie, não perca tempo, sente-se.”

Em silêncio acomodaram-se em torno da mesa do café. Os eventos do dia anterior — na verdade, dessa manhã — subitamente retrocederam a um passado tão remoto que era como se mal houvessem vivido nele. Ouvia-se a respiração pesada. Estavam se acalmando. Charles, para serenar todos um pouco mais, leu o conteúdo da carta em voz alta: “Um bilhete com a letra de minha mãe, num envelope endereçado a meu pai, selado. Dentro: ‘Gostaria que a srta. Schlegel (Margaret) ficasse com Howards End’. Sem data, sem assinatura. Enviada pela chefe de enfermagem da clínica. Agora, a questão é…”.

Dolly o interrompeu. “Mas eu acho que este bilhete não tem valor legal. Casas devem ser passadas por advogados, Charles, sem dúvida.”

O marido cerrou os dentes com força. Pequenas protuberâncias saltaram diante de suas orelhas — indício de que a mulher ainda não aprendera a respeitar, e ela perguntou se poderia ver o bilhete. Charles olhou para o pai em busca de permissão, que disse distraidamente: “Dê a ela”. Sua mulher agarrou o pedaço de papel e exclamou na mesma hora: “Mas está escrito a lápis! Foi o que

eu disse. Lápis não vale nada".

"Sabemos que isto não tem valor legal, Dolly", disse o sr. Wilcox, de dentro de sua fortaleza. "Temos consciência disso. Legalmente falando, eu poderia perfeitamente rasgá-lo e atirá-lo ao fogo. Decerto, minha querida, nós a consideramos como parte da família, mas seria melhor se não interferisse em algo que não compreende."

Charles, irritado tanto com o pai quanto com a esposa, então repetiu: "A questão é…". Havia afastado pratos e talheres, liberando um espaço na mesa de forma que pudesse desenhar padrões na toalha. "A questão é se a senhorita Schlegel, durante o período em que permanecemos todos longe… se ela não agiu indevidamente e…" Parou.

"Não penso assim", disse o pai, cuja natureza era mais nobre que a do filho.

"Não pensa o quê?"

"Que ela teria… que o caso é de influência indevida. Não, para mim a questão é… a condição da inválida no momento em que escreveu."

"Meu querido pai, consulte um especialista, se preferir, mas não admito que esta seja a letra de mamãe."

"Ora, mas você acabou de dizer que era!", exclamou Dolly.

"Tanto faz o que eu disse", inflamou-se ele; "e dobre esta língua."

A pobre mulherzinha ficou vermelha ao ouvir isso e, puxando o lenço de seu bolso, derramou algumas lágrimas. Ninguém lhe deu atenção. Evie franzia o rosto como um garoto furioso. Os dois homens gradualmente assumiam a postura de membros de uma comissão. Ambos exibiam sua melhor forma quando convocados a uma dessas reuniões. Não cometiam o erro de lidar com os assuntos humanos por atacado, mas sim os ordenavam item a item, com inteligência penetrante. Caligrafia era o item que se apresentava diante deles, agora, e sobre isso debruçaram as mentes bem treinadas. Charles, após algumas objeções, aceitou a letra como genuína, e passaram ao ponto seguinte. Era o melhor — talvez o único — modo de esquivar-se das emoções. Eles eram o artigo humano médio, e, houvessem considerado o bilhete em sua totalidade, isso teria feito com que se sentissem miseráveis ou os teria enlouquecido. Considerado item por item, o conteúdo emocional ficava minimizado e tudo transcorria com suavidade. O relógio tiquetaqueava, os carvões brilhavam mais forte, numa disputa com o fulgor branco que entrava pelas janelas. Sem ser notado, o sol ocupava seu céu, e as sombras dos troncos das árvores, extraordinariamente sólidas, caíam como valas de púrpura pelo gramado congelado. Fazia uma gloriosa manhã de inverno. O *fox terrier* de Evie, que

passara por branco, nada mais era agora que um cão sujo e cinzento, tal a intensidade da pureza que o cercava. Ele foi desacreditado, mas os melros que perseguia reluziam com um negror árabe, pois todo o colorido convencional da vida fora alterado. Lá dentro, o relógio anunciou as dez horas com uma nota vívida e confiante. Outros relógios o confirmaram e a discussão encaminhou-se para um desfecho.

É desnecessário acompanhá-lo. Trata-se antes de um momento em que este que faz os comentários deve adiantar-se um passo. Deveriam os Wilcox ter oferecido sua casa a Margaret? Não penso assim. O pedido era por demais inconsistente. Não tinha valor legal; fora escrito na enfermidade e sob o encanto de uma amizade súbita; era contrário às intenções da falecida no passado, contrário a sua própria natureza, até onde eram capazes de entender a natureza. Para eles, Howards End era uma construção: não podiam saber que para ela fora um espírito, para o qual buscava um herdeiro espiritual. E — dando mais um passo adiante nessa bruma — não poderiam eles ter tomado uma decisão ainda melhor do que supunham? É possível afinal de contas acreditar que as posses espirituais podem ser legadas a alguém? A alma tem progênie? Um olmo, uma hera, um punhado de feno cheio de orvalho — pode a paixão por tais coisas ser transmitida quando não existem laços de sangue? Não; os Wilcox não devem ser recriminados. O problema é terrível demais, e não conseguiam nem mesmo perceber que havia um problema. Não; era natural e apropriado que após o devido debate rasgassem o bilhete e o atirassem à lareira da sala de jantar. O moralista prático pode perdoá-los totalmente. Aquele que se esforça por lançar um olhar mais profundo pode perdoá-los — quase. Pois um duro fato permanece. Eles negligenciaram um pedido pessoal. A mulher que morrera de fato lhes disse: “Façam isto”, ao que lhe responderam: “Não faremos”.

O incidente imprimiu uma marca das mais dolorosas em todos. O pesar subiu em suas mentes e lá trabalhou infatigavelmente. No dia anterior lamentavam-se: “Foi mãe tão querida, esposa fiel; em nossa ausência negligenciou a própria saúde e morreu”. Hoje, pensavam: “Não tão fiel, nem tão querida quanto supúnhamos”. O anseio por uma luz mais interior finalmente encontrara expressão, o impacto do invisível fizera-se sentir sobre o visível, e tudo que foram capazes de dizer foi: “Traição”. A sra. Wilcox traíra a família, as leis de propriedade, a própria palavra escrita. Como podia esperar que Howards End fosse transferida à srta. Schlegel? Deveria seu marido, a quem pertencia legalmente, ceder-lhe a casa como um generoso presente? Teria a dita srta. Schlegel interesse em viver na casa ou apenas ser sua proprietária? Haveria para

eles alguma compensação pela garagem e as demais melhorias que fizeram presumindo que tudo aquilo um dia seria seu? Traiçoeira! Traiçoeira e ridícula! Quando pensamos nos mortos tanto sendo traiçoeiros como ridículos, estamos bem adiantados em nos resignar com sua partida. Aquele bilhete, escrito a lápis e enviado pela enfermeira, era tão sem propósito prático quanto cruel, e diminuía de uma só vez o valor da mulher que o escrevera.

"Ah, bem!", disse o sr. Wilcox, erguendo-se da mesa. "Eu não teria imaginado que isso fosse possível."

"Mamãe não poderia ter tido essa intenção", disse Evie, ainda com o cenho franzido.

"Não, minha filha, claro que não."

"Mamãe também acreditava tanto em ancestrais… não é bem dela deixar o que for para alguém de fora da família, que nunca apreciaria."

"Esta história toda não é bem dela", declarou ele. "Se a senhorita Schlegel fosse pobre, se quisesse uma casa, eu poderia entender um pouco. Mas ela tem a própria casa. Para que iria querer outra? Não teria o que fazer com Howards End."

"Isso só o tempo vai dizer", murmurou Charles.

"Como?", perguntou a irmã.

"Presumivelmente ela sabe… mamãe teria lhe contado. Ela esteve na clínica umas duas ou três vezes. É de se presumir que esteja aguardando os acontecimentos."

"Que mulher horrível!" E Dolly, que se recuperara, exclamou: "Ora, ela pode estar vindo para cá para nos expulsar agora mesmo!".

Charles corrigiu-a. "Queria que estivesse", disse, ameaçador. "Eu então cuidaria dela."

"Assim como eu", fez eco o pai, que se sentia demasiadamente de lado. Charles fora amável em cuidar dos arranjos para o funeral e em lhe dizer que tomasse seu café, mas o rapaz, à medida que crescia, tornara-se um pouco ditatorial, assumindo o posto de chefe muito prontamente. "Eu cuidaria dela, se viesse, mas não virá. Vocês estão sendo um pouco duros com a senhorita Schlegel."

"Mas aquela história com Paul foi muito escandalosa."

"Chega dessa história de Paul, Charles, como já disse na época, e além do mais, não tem nada a ver com este negócio. Margaret Schlegel tem sido excessivamente solícita e cansativa durante esta semana terrível, e todos sofremos por causa dela, mas não tenho qualquer dúvida de que é honesta. Ela

não está conspirando com a enfermeira. Tenho certeza absoluta disso. Tampouco com o médico, estou igualmente convicto. Não está escondendo nada, pois até aquela tarde ignorava a doença tanto quanto nós. Ela, como nós, foi vítima de…" Parou por um momento. "Veja, Charles, em sua dor terrível, sua pobre mãe induziu todos nós a uma situação equivocada. Paul não teria saído da Inglaterra, você não teria ido para a Itália, tampouco Evie e eu estaríamos em Yorkshire, se ao menos fizéssemos idéia. Bem, a senhorita Schlegel foi igualmente induzida a uma situação equivocada. Considerando tudo, não se saiu assim tão mal, nesta história."

Evie disse: "Mas aqueles crisântemos…".

"E só de ter comparecido ao funeral…", fez coro Dolly.

"E por que não teria vindo? Tinha o direito de fazê-lo, e ficou bem afastada, entre as mulheres de Hilton. Quanto às flores… nós certamente não teríamos encomendado tais flores, mas devem ter-lhe parecido a coisa apropriada, Evie, e até onde sabemos talvez seja o costume na Alemanha."

"Ah, esqueci que não é inglesa, de fato", exclamou Evie. "Isso explica muita coisa."

"É uma pessoa cosmopolita", disse Charles, puxando o relógio da algibeira. "Admito que tenho em baixa conta gente cosmopolita. Um defeito meu, sem dúvida. Não as aturo, e um cosmopolita alemão é a gota d'água. Acho que é tudo, não é? Preciso ver Chalkeley. A bicicleta serve. E, a propósito, gostaria que falasse com Crane uma hora dessas. Tenho certeza de que saiu com meu carro novo."

"Ele estragou alguma coisa?"

"Não."

"Nesse caso, vou deixar passar. Não vale a pena uma discussão."

Charles e seu pai às vezes discordavam. Mas sempre se separavam com respeito redobrado e nem um nem outro podiam desejar companheiro mais audaz quando na viagem se fazia necessário passar ao largo das emoções. Desse modo os marinheiros de Ulisses passaram pelas sereias, tendo primeiro enfiado lã nos ouvidos uns dos outros.

XII

As preocupações de Charles haviam sido desnecessárias. A srta. Schlegel jamais chegara a saber do estranho desejo de sua mãe. Só ouviria falar dele anos mais tarde, depois de construir sua vida de forma diferente, quando aquilo se encaixaria na posição de uma pedra angular. Sua mente ocupava-se com outras questões no momento, e também, por ela, o pedido teria sido rejeitado como o capricho de uma inválida.

Separava-se daqueles Wilcox pela segunda vez. Paul e sua mãe, a marola e o vagalhão, haviam inundado sua vida para depois partir definitivamente, num refluxo. A marola não deixara vestígios atrás de si; a onda esparramara a seus pés fragmentos arrancados do desconhecido. Uma investigadora curiosa, ela permaneceu por algum tempo à beira-mar, que conta tão pouca coisa, mas conta alguma coisa, e ficou observando a vazante dessa última e tremenda maré. A amiga desaparecera em agonia, mas não, acreditava ela, em ignomínia. Sua partida indicara outras coisas além da doença e da dor. Alguns deixam a vida com lágrimas, outros, com insana frieza; a sra. Wilcox tomara o curso do meio, que apenas as naturezas mais raras podem perseguir. Ela mantivera o equilíbrio. Revelara um pouco de seu segredo sinistro para os amigos, mas não muito; trancara o coração — quase, mas não inteiramente. É assim, se alguma regra há, que devemos morrer — não como vítimas, nem como fanáticos, mas como o homem do mar que vê com os mesmos olhos as profundezas que irá adentrar e a costa que deve deixar.

A última palavra — fosse ela qual fosse — certamente não teria sido dada no cemitério da igreja, em Hilton. Não fora ali que morrera. Um funeral não é a morte, tanto quanto o batismo não é nascimento ou o casamento, união. Todos os três são expedientes desajeitados, chegando ora tarde demais, ora cedo demais, por meio dos quais a sociedade registra os rápidos movimentos do homem. Aos olhos de Margaret a sra. Wilcox escapara ao registro. Deixara esta vida brilhantemente, a seu próprio modo, e nenhum pó era mais genuinamente pó do que o conteúdo daquele pesado caixão, baixado com cerimonial até repousar no pó da terra, nenhuma flor mais inteiramente desperdiçada do que os crisântemos que a geada devia ter definhado antes do amanhecer. Margaret certa vez dissera

que “adorava superstições”. Não era verdade. Poucas mulheres haviam tentado com mais determinação penetrar nos acréscimos que envolvem corpo e alma. A morte da sra. Wilcox a ajudara em seu trabalho. Vira de forma um pouco mais clara do que até então o que é um ser humano e a que pode aspirar. Relacionamentos mais autênticos brilhavam. Talvez a última palavra fosse esperança — esperança até mesmo deste lado do túmulo.

Nesse meio tempo, podia mostrar algum interesse pelos que ficaram. A despeito de seus deveres natalinos, a despeito de seu irmão, os Wilcox continuavam a ocupar parte considerável de seus pensamentos. Estivera muito próxima deles na última semana. Não eram gente “de seu tipo”, eram em geral desconfiados e estúpidos, e deficientes no que ela se sobressaía; mas o choque com eles a estimulava e sentia um interesse que se transformava gradualmente em apreço, até mesmo por Charles. Desejava protegê-los e muitas vezes sentia que eles a protegeriam, sobressaindo-se no que ela era deficiente. Uma vez transpostos os rochedos da emoção, sabiam tão bem o que fazer e a quem recorrer; tinham o leme firme nas mãos, tinham não só coragem como também determinação, e ela valorizava isso enormemente. Levavam uma vida para ela inatingível — a vida exterior de “telegramas e raiva” que fora detonada quando Helen e Paul se conheceram em junho, e mais uma vez naquela outra semana. Para Margaret, essa vida permanecia uma força real. Não podia desprezá-la, como Helen e Tibby aparentavam fazer. Era uma vida que fomentava virtudes como ordem, decisão e obediência, virtudes de segunda classe, sem dúvida, mas que moldaram nossa civilização. Moldam o caráter, também; Margaret não podia duvidar disso: impedem a alma de se tornar desleixada. Como ousavam os Schlegel desprezar os Wilcox, quando gente de todo tipo é necessária para fazer um mundo?

“Não perca tempo com elucubrações”, escreveu a Helen, “acerca da superioridade do invisível sobre o visível. É verdade, mas elucubrar em cima disso é um atraso. Nossa função não é contrastar os dois, mas conciliá-los.”

Helen respondeu que não tinha a menor intenção de elucubrar sobre um assunto tão maçante. Por quem sua irmã a tomava? O tempo estava magnífico. Ela e os Mosebach haviam brincado de tobogã na única montanha da Pomerânia. Divertido, mas apinhado, pois o resto da Pomerânia fora para lá também. Helen adorava o campo e sua carta irradiava exercício físico e poesia. Falava da paisagem, tranqüila, porém majestosa; dos campos cobertos de neve, com seus bandos galopantes de veados; do rio e sua estranha foz para o Báltico; das Oderberge, com apenas noventa metros de altura, de onde se podia deslizar

rapidamente de volta às planícies pomerânias, e contudo essas Oderberge eram montanhas de verdade, com florestas de pinheiros, regatos e vistas completas. “Não é tanto o tamanho que conta, mas sim o modo como as coisas estão dispostas.” Em outro parágrafo fazia uma referência simpática à sra. Wilcox, mas a notícia não a atingira. Não se dera conta dos acessórios da morte, que são em certo sentido mais memoráveis do que a própria morte em si. A atmosfera de precauções e recriminações e, em meio a isso, um corpo humano tornando-se mais vívido por causa do sofrimento; o fim desse corpo no cemitério da igreja de Hilton; a sobrevivência de algo que sugeria esperança, vívido em comparação com a prosaica alegria da vida — tudo isso estava perdido para Helen, que sentia apenas que uma mulher de natureza amável já não podia mais sê-lo. Regressou a Wickham Place completamente absorvida nos próprios assuntos — arrumara outro pretendente —, e Margaret, após um momento de hesitação, ficou contente que assim o fosse.

A proposta não fora algo sério. Era obra de *Fräulein* Mosebach, que concebera a grande e patriótica idéia de ganhar de volta os primos para a terra natal pelo matrimônio. A Inglaterra jogara com Paul Wilcox e perdera; a Alemanha jogava com *Herr* Förstmeister alguma coisa — Helen não conseguia lembrar seu nome. *Herr* Förstmeister morava numa floresta e, do pico das Oderberge, apontara sua casa para Helen, ou melhor, apontara o cume de pinheiros onde ficava. Ela exclamara: “Oh, que adorável! Eis o lugar para mim!”, e no final do dia Frieda apareceu em seu quarto. “Tenho uma mensagem para você, querida Helen” etc., e a leu, mas tinha sido muito educada quando Helen deu risada; perfeitamente compreensível — uma floresta solitária e úmida demais —, estava perfeitamente de acordo, mas *Herr* Förstmeister acreditava que lhe fora assegurado o contrário. A Alemanha saíra derrotada, mas com bom humor; detendo a raça masculina do mundo, ela achava que a vitória era certa. “E haverá alguém até mesmo para Tibby”, concluiu Helen. “Pois bem, Tibby, pense a respeito; Frieda está reservando uma pequena garota para você, de trancinhas e meias de lã brancas, embora os pés das meias sejam cor-de-rosa, como se a garota tivesse caminhado sobre morangos. Já falei demais. Minha cabeça dói. Agora falem vocês.”

Tibby consentiu em falar. Também ele estava completamente absorvido nos próprios assuntos, pois acabara de se candidatar a uma bolsa em Oxford. Os homens estavam fora, e os candidatos haviam sido hospedados nos vários prédios, e jantado no saguão. Tibby era sensível à beleza, a experiência era nova, e fez uma descrição quase fulgurante de sua visita. A universidade augusta e

amadurecida, mergulhada na riqueza dos condados do oeste aos quais servira por mil anos, exercera apelo instantâneo ao gosto do rapaz; era o tipo de coisa que ele era capaz de compreender, e a compreendia melhor porque estava vazia. Oxford é… Oxford; não um mero receptáculo para a juventude, como Cambridge. Talvez espere que seus membros a amem mais do que uns aos outros; ao menos foi esse o efeito que exerceu sobre Tibby. As irmãs o enviaram para lá a fim de que fizesse amigos, pois sabiam que sua educação fora excêntrica e o afastara de outros meninos e homens. Ele não tinha amigos. Sua Oxford permaneceu uma Oxford vazia e ele guardou consigo não a memória de uma radiância, mas de um esquema de cores.

Margaret ficava feliz de ouvir o irmão e a irmã conversando. De modo geral, não se davam lá muito bem. Por alguns momentos escutou-os, sentindo-se madura e benigna. Então algo lhe ocorreu, e interrompeu-os:

"Helen, já lhe contei sobre a pobre senhora Wilcox… aquele assunto triste?"

"Já."

"Troquei correspondência com seu filho. Ele estava cuidando do espólio e escreveu-me para perguntar se fora vontade de sua mãe deixar-me alguma coisa. Achei um belo gesto de sua parte, considerando que a conheci tão pouco. Contei que em certa ocasião ela dissera que me daria um presente de Natal, mas que ambas esquecemos disso logo em seguida."

"Espero que Charles tenha entendido a indireta."

"É… quer dizer, o marido dela escreveu em seguida, agradecendo-me por ter sido tão gentil com sua esposa, e na verdade mandou-me a *vinaigrette* de prata dela. Não acha isso de uma generosidade extraordinária? Fez meu apreço por ele crescer imensamente. Espera que isso não signifique o fim de nossas relações, mas que você e eu visitemos Evie algum dia, no futuro. Gosto do senhor Wilcox. Está de volta ao trabalho… borracha… um grande negócio. Pelo que sei, é antes um pioneiro nesse ramo. Charles também trabalha nisso. Charles é casado… Uma criatura bonitinha, mas não muito esperta, parece. Foram morar no apartamento, mas agora se mudaram para uma casa própria."

Helen, após uma pausa decente, continuou seu relato de Stettin. Como as coisas mudam rápido! Em junho estivera em crise; até mesmo em novembro ainda corava e sentia-se pouco à vontade; agora, em janeiro, todo o episódio fora esquecido. Pensando nos últimos seis meses, Margaret se deu conta da natureza caótica de nossa vida cotidiana e de como ela era diferente da seqüência ordenada fabricada pelos historiadores. A vida real é cheia de pistas e indicadores falsos que não conduzem a lugar algum. Com esforço infinito nos

enchemos de coragem para enfrentar uma crise que nunca chega. A existência mais afortunada revela um desperdício de energia que poderia ter movido montanhas e a menos afortunada não é a do homem que é exigido sem estar preparado, mas do que está preparado e jamais é exigido. Sobre uma tragédia desse tipo nossa moralidade nacional faz o devido silêncio. Ela pressupõe que a preparação contra o perigo seja um bem em si e que os homens, como as nações, devem se impor cambaleando pela vida armados até os dentes. Da tragédia da prontidão mal se tratou, a não ser entre os gregos. A vida é de fato perigosa, mas não da forma como a moralidade quer nos fazer crer. É de fato ingovernável, mas sua essência não é a batalha. É ingovernável porque é um romance e sua essência é a beleza romântica.

Margaret esperava que no futuro fosse menos cautelosa, e não mais, do que fora no passado.

XIII

Mais de dois anos se passaram e a família Schlegel continuou a levar sua vida de conforto refinado, mas não ignóbil, ainda nadando graciosamente nas cinzentas marés de Londres. Concertos e peças passavam rápido diante de seus olhos, dinheiro era gasto e ganho outra vez, reputações se faziam e se perdiam e a própria cidade, emblemática de suas vidas, subia e caía num fluxo contínuo, enquanto seus baixios depositavam-se mais amplamente pelas encostas de Surrey e sobre os campos de Hertfordshire. Um edifício famoso era erguido aqui, outro, condenado acolá. Hoje Whitehall fora transformada; seria a vez da Regent Street amanhã. E mês após mês as ruas ficavam com um cheiro cada vez mais forte de gasolina e mais difíceis de atravessar, e os seres humanos ouviam uns aos outros com maior dificuldade, aspiravam menos ar e viam menos céu. A natureza se retraía: as folhas começavam a cair no auge do verão; o sol brilhava através da poluição com uma obscuridade de causar admiração.

Falar mal de Londres não está mais na moda. A terra, enquanto culto artístico, já teve seus dias e a literatura do futuro próximo irá provavelmente ignorar o campo e buscar inspiração na cidade. Pode-se entender essa reação. A respeito de Pã e das forças elementais o público já ouviu demais — eles parecem vitorianos, ao passo que Londres é georgiana — e aqueles que gostam sinceramente da terra podem ter de esperar bastante antes que o pêndulo balance de volta a ela outra vez. Decerto Londres fascina. Podemos vê-la como um trato de agitação cinzenta, inteligente sem propósito e excitável sem amor; como um espírito que foi alterado antes que sua crônica ficasse registrada; como um coração que certamente pulsa, mas sem nenhuma batida de humanidade. Ela jaz além de tudo: a natureza, em toda sua crueldade, está mais próxima de nós do que essas multidões de homens. Um amigo explica-se por si mesmo, a terra é explicável — dela viemos, a ela voltaremos. Mas quem poderá explicar a Westminster Bridge Road ou a Liverpool Street pela manhã — a cidade inspirando — ou essas mesma vias públicas ao final do dia — a cidade expelindo seu ar exaurido? Esticamo-nos em desespero para além do *fog*, para além das próprias estrelas, o vácuo do universo é esquadrinhado para justificar o monstro, e cunhado com o rosto humano. Londres é a oportunidade da religião

— não a religião decorosa dos teólogos, mas uma antropomórfica, crua. Sim, o fluxo contínuo seria tolerável se um homem de nossa própria espécie — não alguém pomposo ou lacrimoso — estivesse zelando por nós lá do céu.

O londrino dificilmente entende sua cidade até que ela o tenha varrido, também, para longe de suas amarras, e os olhos de Margaret não se abriram senão após o término do contrato de Wickham Place. Ela sempre soube que iria expirar, mas esse conhecimento só se tornou manifesto cerca de nove meses antes do acontecimento. E então a casa viu-se envolvida num súbito *páthos*. Fora tanta felicidade. Por que tivera de chegar ao fim? Nas ruas da cidade ela notava pela primeira vez a arquitetura da pressa e ouvia a linguagem da pressa nas bocas de seus habitantes — palavras entrecortadas, frases malformadas, expressões simplistas de aprovação ou desagrado. Mês após mês as coisas marchavam com maior intensidade, mas com que objetivo? A população continuava a crescer, mas qual era a qualidade dos homens que nasciam? O milionário em particular que era dono da propriedade de Wickham Place e desejava erguer um prédio de apartamentos babilônico no lugar — que direito tinha ele de meter a colher numa porção tão grande da gelatina tremulante? Não era nenhum tolo — ela o ouvira desmascarar o socialismo —, mas a verdadeira intuição começava exatamente onde sua inteligência acabava e pode-se deduzir que esse é o caso da maioria dos milionários. Que direito têm tais homens… Margareth se continha, porém. É aí que reside a loucura.[21] Graças a Deus também ela possuía algum dinheiro e podia comprar uma nova casa.

Tibby, agora cursando o segundo ano em Oxford, viera para o feriado da Páscoa e Margareth aproveitou a oportunidade para ter uma conversa séria com ele. Será que fazia alguma idéia de onde gostaria de morar? Tibby não sabia que não sabia. Será que tinha alguma idéia do que pretendia fazer? Estava igualmente indeciso, mas quando pressionado observou que preferiria ver-se inteiramente livre de qualquer profissão. Margaret não ficou chocada, mas continuou a coser por mais alguns minutos antes de responder:

“Estava pensando no senhor Vyse. Nunca me pareceu particularmente feliz.”

“Hã… é”, disse Tibby, e então ficou com a boca aberta e trêmula de um modo curioso, como se também ele houvesse pensado no sr. Vyse, olhado o sr. Vyse em torno, através, por cima e por trás, pesado o sr. Vyse, classificado o sr. Vyse, e finalmente o dispensado como absolutamente sem relação com o assunto discutido. Esse ar lamuriento de Tibby deixava Helen furiosa. Mas Helen nesse momento encontrava-se no andar de baixo, na sala de jantar, preparando uma conferência sobre economia política. De vez em quando podia-se escutar sua voz

declamando através do piso.

“Mas o senhor Vyse é na verdade um homem arruinado, um coitado, não acha? E ainda há Guy. Aquilo foi um negócio lamentável. Além do mais” — mudando para o geral — “é sempre melhor a pessoa ter um trabalho regular.”

Gemidos.

“Vou insistir no assunto”, prosseguiu ela, sorrindo. “Não estou dizendo isso como uma lição; é o que realmente penso. Acredito que no último século os homens desenvolveram o desejo pelo trabalho e não devem deixá-lo morrer de inanição. É um desejo novo. É considerado em grande parte ruim, mas é, em si mesmo, bom, e espero que para as mulheres, também, ‘não trabalhar’ em breve torne-se tão chocante quanto ‘não ser casada’ foi há cem anos.”

“Nunca experimentei esse desejo profundo ao qual alude”, manifestou-se Tibby.

“Então vamos deixar o assunto de lado até que o faça. Não vou ficar enchendo seus ouvidos. Tudo a seu tempo. Apenas pense na vida dos homens de quem mais gosta e veja como se arranjaram.”

“É de Guy e do senhor Vyse que gosto mais”, disse Tibby, debilmente, e reclinou-se tão para trás na poltrona que ficou estendido numa linha horizontal dos joelhos à garganta.

“E não pense que não estou falando sério porque não uso os argumentos tradicionais — ganhar dinheiro, um ramo de trabalho esperando por você e assim por diante —, todos os quais são, por várias razões, conversa mole.” Coseu mais um pouco. “Sou apenas sua irmã. Não tenho autoridade alguma sobre você, nem quero ter. Simplesmente quero pôr diante de seus olhos o que acredito ser a verdade. Veja só” — tirou o pincenê que apanhara pouco antes —, “dentro de alguns anos teremos praticamente a mesma idade e vou querer que me ajude. Os homens são muito mais gentis que as mulheres.”

“Já que se ilude dessa forma, por que não se casa?”

“Eu às vezes penso mesmo que me casaria se tivesse uma chance.”

“Nunca teve pretendentes?”

“Só cretinos.”

“Alguém já pediu a mão de Helen?”

“Aos montes.”

“Fale-me deles.”

“Não.”

“Então me fale dos seus cretinos.”

“Eram homens que não tinham nada melhor que fazer”, disse sua irmã,

sentindo que tinha o direito de marcar esse ponto. “Então, aqui vai um aviso: você deve trabalhar, ou de outro modo fingir que trabalha, que é o que faço. Trabalhar, trabalhar, trabalhar, se quer salvar a alma e o corpo. É uma necessidade, meu caro, ora essa! Veja os Wilcox, veja o senhor Pembroke. Com todos os seus defeitos de temperamento e compreensão, homens como esses trazem-me mais satisfação do que muitos que são mais bem- dotados, e acho que é porque trabalharam com regularidade e honestidade.”

“Poupe-me dos Wilcox”, gemeu ele.

“Não senhor. São o tipo certo de gente.”

“Ai, pelo amor de Deus, Meg!”, protestou ele, sentando-se de repente, alerta e zangado. Tibby, com todos os seus defeitos, tinha uma personalidade genuína.

“Ora, estão bem mais perto do tipo certo do que pode imaginar.”

“Não, não… ah, não!”

“Estava pensando no filho mais novo, que certa vez classifiquei como um cretino, mas que voltou muito doente da Nigéria. Está lá novamente, Evie Wilcox me contou… por causa do dever.”

“Dever” sempre suscitava um gemido.

“Não está interessado em dinheiro, é trabalho que quer, por mais brutal que seja — um país estúpido, nativos desonestos, uma agonia constante por causa de água fresca e comida. Uma nação capaz de produzir homens desse tipo pode muito bem se orgulhar. Não é de admirar que a Inglaterra tenha se tornado um império.”

“*Império!*”

“Não me preocupo com os resultados”, disse Margaret, com um pouco de tristeza. “São difíceis demais para mim. Só posso olhar para os homens. Um império me aborrece, em certa medida, mas sou capaz de apreciar o heroísmo que o constrói. Londres me aborrece, mas quantos milhares de pessoas esplêndidas não trabalham para fazer de Londres…”

“O que ela é”, zombou ele.

“O que ela é, infelizmente. Quero atividade sem civilização. Como é paradoxal! Contudo, espero que seja isso que encontraremos no paraíso.”

“E eu”, disse Tibby, “quero civilização sem atividade, o que, espero, é o que encontraremos nesse outro lugar.”

“Não precisa ir a esse outro lugar, meu pequeno Tibby, se é o que quer. Pode encontrar isso em Oxford.”

“Tonta…”

“Se sou tonta, deixe-me voltar a procurar uma casa. Moro até em Oxford, se

preferir — North Oxford. Moro em qualquer lugar, exceto Bournemouth, Torquay e Cheltenham. Ah, claro, ou Ilfracombe, Swanage, Tunbridge Wells, Surbiton, Bedford. Em hipótese alguma."

"Então Londres."

"Concordo, mas Helen prefere ficar longe de Londres. No entanto, não há razão para que não possamos ter uma casa no campo e também um apartamento na cidade, desde que permaneçamos juntos e todos contribuam. Embora, é claro… ah, como a gente divaga, e pensar, e pensar nas pessoas que são realmente pobres. Como elas vivem? Eu morreria se não pudesse viajar pelo mundo."

Enquanto falava, a porta se abriu de repente, e Helen entrou num estado de extrema excitação.

"Ai, meus queridos, imaginem só! Nunca vão adivinhar. Esteve aqui uma mulher perguntando por seu marido. Seu *o quê*?" (Helen gostava de fornecer sua própria surpresa.) "É, por seu marido, e é isso mesmo."

"Nada a ver com Bracknell?", exclamou Margaret, que recentemente pagara um desempregado com esse nome para limpar as facas e as botas.

"Ofereci-lhe Bracknell, mas foi rejeitado. Assim como Tibby. (Ânimo, Tibby!) Não é ninguém que conheçamos. Eu disse: 'Procure, minha boa mulher; dê uma bela olhada por aí, procure debaixo das mesas, vasculhe a chaminé, sacuda as capas dos sofás. Marido? Marido?'. Ah, e estava tão magnificamente vestida, cintilante como um candelabro."

"Ora, Helen, o que aconteceu de verdade?"

"É como estou dizendo. Eu estava, por assim dizer, simulando minha conferência. Annie abre a porta como uma louca e põe uma mulher bem diante de mim, com a boca aberta. Então começamos — muito civilizadamente. 'Quero meu marido, que tenho motivos para acreditar que esteja aqui.' Não… como a gente é injusta. Ela disse 'o qual', não 'que'. Disse, sim. Então eu disse: 'Nome, por favor?', e ela disse: 'Lan, senhora', e lá estávamos nós."

"Lan?"

"Lan ou Len. Não fomos muito escrupulosas com as vogais. Lanolina."

"Mas que coisa extraordinária…"

"Eu disse: 'Minha cara senhora Lanolina, está havendo um grave mal-entendido aqui. Por mais bonita que eu seja, meu recato é ainda mais notável do que minha beleza, e o senhor Lanolina nunca, jamais trocou olhares comigo'."

"Espero que tenha se divertido", disse Tibby.

"É claro", guinchou Helen. "Uma experiência perfeitamente deliciosa. Ah,

que encanto a senhora Lanolina… perguntando pelo marido como se fosse um guarda-chuva. Ela o perdeu no sábado à tarde — e por um longo tempo não sofreu inconveniente algum. Mas ao longo dessa noite e por toda a manhã sua apreensão aumentou. O café não parecia o mesmo — não, tampouco o almoço, e assim ela deu uma esticada até o número dois de Wickham Place como sendo o lugar mais provável para seu objeto perdido."

"Mas como cargas-d'água…"

"Não comece com cargas-d'água. 'Eu sei o que sei', ficava repetindo, não sendo mal-educada, mas com ar extremamente abatido. Em vão lhe perguntava o que ela sabia. Alguns sabiam o que outros sabiam, e outros não, e se não sabiam, seria melhor que os outros por sua vez tomassem cuidado. Ai, Deus, quanta estupidez! Seu rosto parecia um bicho-da-seda e a sala de jantar recendia a íris. Tivemos uma conversinha agradável acerca de maridos e fiquei curiosa também em saber onde estaria o dela, e aconselhei-a a procurar a polícia. Ela me agradeceu. Concordamos que o senhor Lanolina era um menino muito, muito danado e não tinha nada que brincar de esconde-esconde. Mas acho que suspeitou de mim até o fim. Vou escrever para tia Juley sobre isso. Agora, Meg, lembre-se… a história é minha!"

"Escreva, sem dúvida", murmurou Margaret, deixando de lado o que fazia. "Não tenho certeza de que é tão engraçado assim, Helen. Significa um terrível vulcão soltando fumaça em algum lugar, não é?"

"Não penso assim… ela não se importa de verdade. A admirável criatura não tem capacidade para a tragédia."

"Seu marido pode ter, porém", disse Margaret, dirigindo-se à janela.

"Ah, não, não é provável. Ninguém que tivesse capacidade para a tragédia teria se casado com a senhora Lanolina."

"Ela era bonita?"

"Seu talhe talvez tenha sido bom, um dia."

Os apartamentos, sua única vista, projetavam-se como uma cortina enfeitada entre Margaret e o maciço de Londres. Seus pensamentos voltaram-se tristemente para a procura da casa. Wickham Place fora tão segura. Temia, fantasticamente, que seu próprio pequeno rebanho pudesse estar sendo arrastado para o tumulto e a sordidez, para um contato mais próximo com episódios como esse.

"Tibby e eu mais uma vez nos perguntávamos onde estaremos morando em setembro do ano que vem", disse, finalmente.

"Tibby deveria se perguntar primeiro o que ele vai fazer", retrucou Helen; e

o assunto reacendeu, mas com acrimônia. Então veio o chá e depois do chá Helen foi preparar sua conferência e Margaret foi preparar uma, também, pois iriam a uma sociedade de debates no dia seguinte. Mas seus pensamentos estavam envenenados. A sra. Lanolina erguera-se do abismo, como um tênue odor, como passinhos de duende, contando sobre uma vida em que o amor e o ódio haviam se putrefeito.

XIV

O mistério, como tantos mistérios, foi explicado. No dia seguinte, assim que terminaram de se vestir para jantar fora, um certo sr. Bast apareceu à porta. Era funcionário a serviço da Porphyrion Fire Insurance Company. Isso se soube por seu cartão. Viera “a respeito da dama de ontem”. Isso se soube por Annie, que o apresentou na sala de jantar.

“Santo Deus, crianças!”, exclamou Helen. “É o senhor Lanolina.”

Até mesmo Tibby ficou interessado. Os três desceram a escada correndo para dar não com o velhaco galhofeiro que esperavam, mas com um jovem insípido, insosso, que já ostentava os olhos melancólicos acima de um bigode recurvado que são tão comuns em Londres e assombram certas ruas da cidade como presenças acusatórias. Podia-se conjeturar que pertencesse a uma terceira geração, neto do pastor ou lavrador a quem a civilização sugara para dentro da cidade; um dos milhares que perderam a vida do corpo e não estão aptos a atingir a vida do espírito. Vestígios de robustez sobreviviam nele, mais do que um vestígio de boa aparência primitiva, e Margaret, notando a coluna que podia ter sido ereta, e o peito que podia ter sido largo, ponderava se valia a pena abrir mão da glória do animal por um fraque e um par de idéias. No seu caso, a cultura funcionara, mas ao longo das últimas semanas ela tivera dúvidas se humanizava a maioria, tão separado e separador é o abismo que se estende entre o homem natural e o filosófico, tantos foram os bons sujeitos que se arruinaram ao tentar cruzá-lo. Ela conhecia o tipo muito bem — as vagas aspirações, a desonestidade mental, a familiaridade com capas de livros. Sabia até mesmo o tom com que lhe dirigiria a palavra. Apenas não estava preparada para um exemplar de seu próprio cartão de visitas.

“Acaso não se lembra de ter me dado isto, senhorita Schlegel?”, disse ele, com familiaridade pouco confortável.

“Não; não posso afirmar que dei.”

“Bem, foi assim que tudo aconteceu, percebe?”

“Onde foi que nos conhecemos, senhor Bast? No momento, não consigo me lembrar.”

“Foi num concerto no Queen’s Hall. Acho que deve se recordar”,

acrescentou presunçosamente, “se lhe disser que incluía uma apresentação da *Quinta sinfonia* de Beethoven.”

“Ouvimos a *Quinta* praticamente toda vez que é apresentada, então não tenho certeza… você se lembra, Helen?”

“Foi daquela vez que um gato amarelo caminhou pela balaustrada?”

Ele achava que não.

“Então não me lembro. É o único Beethoven de que me lembro em particular.”

“E a senhorita, se me permite dizê-lo, levou embora meu guarda-chuva, inadvertidamente, é claro.”

“É bem provável”, riu Helen, “pois roubo guarda-chuvas ainda com mais freqüência do que escuto Beethoven. O senhor o conseguiu de volta?”

“Sim, grato, senhorita Schlegel.”

“O equívoco se deu por causa de meu cartão, não foi?”, interveio Margaret.

“Sim, o equívoco se deu… foi um equívoco.”

“A dama que esteve aqui ontem achou que o senhor também estaria e que o encontraria?”, continuou, forçando-o a prosseguir, pois, embora houvesse prometido uma explicação, parecia incapaz de fornecer uma.

“Isso mesmo, visitando também… Um equívoco.”

“Então por que…?”, começou Helen, mas Margaret pousou a mão em seu braço.

“Disse à minha esposa”, continuou ele mais rapidamente, “disse à senhora Bast ‘Tenho de visitar uns amigos’, e a senhora Bast disse-me ‘Pode ir’. Depois que saí, contudo, ela precisou de mim para resolver um assunto importante, e pensou que estivesse aqui, por causa do cartão, de modo que veio atrás de mim, e rogo que aceitem minhas desculpas, assim como as dela, por qualquer inconveniente que possamos inadvertidamente ter lhes causado.”

“Inconveniente nenhum”, disse Helen; “mas ainda não compreendo.”

Um ar evasivo caracterizava o sr. Bast. Explicou mais uma vez, mas obviamente mentia, e Helen não via motivo para deixá-lo se safar com aquela. Tinha a crueldade da juventude. Ignorando o toque de sua irmã, disse: “Continuo sem compreender. Quando afirma ter feito essa visita?”.

“Visita? Que visita?”, disse, encarando-a como se a pergunta fosse tola, artifício favorito dos que se encontram no meio do caminho entre a juventude e a maturidade.

“Essa visita da tarde.”

“À tarde, é claro!”, retrucou ele, e olhou para Tibby para ver como se saíra

com a réplica. Mas Tibby, ele próprio uma réplica, não mostrou solidariedade, e disse: “Sábado à tarde ou domingo à tarde?”.

“D… Sábado.”

“Sério?”, disse Helen; “e continuava a fazer a visita no domingo, quando sua esposa veio aqui. Que visita longa.”

“Não acho isso justo”, disse o sr. Bast, ficando de um escarlate vivo. Havia beligerância em seus olhos. “Sei o que estão insinuando, e não é isso.”

“Ah, não deixe que o aborreçam”, disse Margaret, aflita outra vez com os odores do abismo.

“Foi outra coisa”, assegurou ele, seus modos esmerados vindo abaixo. “Estive em outro lugar, não é o que estão pensando; aí está!”

“Foi bondade de sua parte vir nos dar explicações”, ela disse. “O resto naturalmente não é da nossa conta.”

“Certo, mas quero… queria… já leram alguma vez *The Ordeal of Richard Feverel*?”

Margaret fez que sim.

“É um livro lindo. Queria voltar para a terra, sabem, como Richard faz no fim. Ou já leram *Prince Otto*, de Stevenson?”

Helen e Tibby soltaram um leve suspiro.

“Outro livro lindo. A gente volta à terra, nele. Eu queria…” Moveu a boca afetadamente. Então, das névoas de sua cultura, veio um fato duro, duro como uma pedra. “Caminhei por toda a noite de sábado”, disse Leonard. “Caminhei.” Um arrepio de aprovação percorreu as irmãs. Mas a cultura os envolveu novamente. Perguntou se já haviam lido *Open Road*, de E. V. Lucas.

Disse Helen: “Sem dúvida, outro livro lindo, mas prefiro ouvir sobre *sua* estrada”.

“Ah, eu caminhei.”

“Até onde?”

“Não sei, nem por quanto tempo. Estava escuro demais para olhar o relógio.”

“Caminhou sozinho, se me permite perguntar?”

“Sim”, disse ele, endireitando-se; “mas havíamos conversado sobre isso lá no escritório. Tem havido um bocado de conversa no escritório ultimamente sobre essas coisas. Meus colegas disseram que a pessoa deve se orientar pela Estrela Polar, e fui dar uma olhada no atlas celeste, mas assim que a gente se vê a céu aberto, tudo fica tão confuso…”

“Nem me fale sobre a Estrela Polar”, interrompeu Helen, que começava a se

interessar. “Conheço suas pequenas manias. Ela gira para cá e para lá, e a pessoa gira junto.”

“Bom, eu a perdi inteiramente. Primeiro de tudo as lâmpadas da rua, depois as árvores, e perto da manhã veio a neblina.”

Tibby, que preferia sua comédia sem diluir, escapuliu da sala. Sabia que aquele sujeito jamais alcançaria a poesia e não queria escutá-lo tentando. Margaret e Helen ficaram. O irmão as influenciava mais do que percebiam: em sua ausência, o entusiasmo tomava conta delas mais facilmente.

“De onde começou?”, exclamou Margaret. “Vamos, conte-nos mais.”

“Tomei o metrô para Wimblendon. Conforme saía do escritório, dizia a mim mesmo: ‘Definitivamente, preciso dar uma caminhada. Se não fizer essa caminhada agora, nunca mais o farei’. Fiz uma pequena refeição em Wimblendon e então…”

“Mas o campo por lá não é grande coisa, não é?”

“A iluminação a gás permaneceu por horas. Ainda assim, eu tinha a noite toda e estar ao ar livre era ótimo. E em pouco tempo cheguei à floresta.”

“Sim, prossiga”, disse Helen.

“Não faz idéia de como é difícil caminhar num solo tortuoso quando está escuro.”

“Saiu mesmo da estrada?”

“Ah, sim. Sempre tive intenção de sair da estrada, mas o pior disso tudo é a dificuldade de encontrar um caminho.”

“Senhor Bast, o senhor é um aventureiro nato”, riu Margaret. “Nenhum atleta profissional teria tentado o que fez. É de admirar que sua empreitada não tenha resultado num pescoço quebrado. O que disse sua esposa, afinal?”

“Atletas profissionais nunca andam sem lanternas e bússolas”, disse Helen. “Além do mais, são incapazes de caminhar. Isso os enfastia. Prossiga.”

“Senti-me como Stevenson. As senhoritas provavelmente se recordam como em *Virginibus…*”

“Sim, mas a floresta. Era uma floresta. Como saiu dela?”

“Consegui atravessar um primeiro agrupamento de árvores e dei com uma estrada do outro lado que subia a colina até boa parte dela. Imagino que se tratasse das North Downs, pois a estrada se desfazia na relva e entrei em outra mata fechada. Dessa vez foi horrível, cheio de arbustos espinhentos. Desejei jamais ter entrado ali, mas de repente ficou mais claro — bem quando eu parecia perder as forças sob uma árvore. Então encontrei uma estrada que descia para uma estação e tomei o primeiro trem de volta a Londres.”

“Mas e o alvorecer, foi maravilhoso?”, perguntou Margaret.

Com sinceridade inesquecível, ele retrucou: “Não”. Mais uma vez a palavra voou como uma pedra arremessada por uma funda. Lá se ia tudo que parecera ignóbil ou literário em sua conversa, lá se ia o aborrecido Stevenson e o “amor pela terra” e sua cartola de seda. Na presença daquelas mulheres Leonard chegara, e falou com uma fluidez, uma exultação que dificilmente conhecera.

“A manhã estava apenas cinzenta, nada digno de se mencionar…”

“Apenas um entardecer cinzento virado de cabeça para baixo. Sei como é.”

“… e eu estava cansado demais para erguer a cabeça e dar uma olhada, e com frio demais, também. Fico feliz por tê-lo feito, e contudo, naquele momento, a coisa me aborreceu mais do que posso dizer. E além do mais — acreditem ou não, como queiram —, estava muito faminto. Aquele jantar em Wimblendon… fora minha intenção que me satisfizesse a noite toda, como outros jantares. Jamais pensei que a caminhada faria tanta diferença. Ora, quando a gente caminha quer, de certo modo, um desjejum, um lanche, um chá durante a noite também, e tudo que eu tinha era um pacote de Woodbines. Deus do céu, como me senti mal! Olhando para trás, não é o que se pode chamar de diversão. Estava mais para obstinação. E como me obstinei. Eu… eu estava determinado. Ah, para o diabo com tudo! De que adianta… quer dizer, de que adianta viver fechado numa sala a vida toda? A pessoa segue em frente dia após dia, o mesmo velho jogo, as mesmas idas e vindas da cidade, até se esquecer de que há outros jogos. É preciso ver de vez em quando o que está acontecendo do lado de fora, ver se, afinal de contas, não é algo digno de nota.”

“Acho que é preciso mesmo”, disse Helen, sentando-se na ponta da mesa.

O som da voz feminina fez com que se lembrasse da sinceridade, e disse: “É curioso que tudo isso tenha vindo após ler um pouco de Richard Jefferies”.

“Desculpe-me, senhor Bast, mas está equivocado quanto a isso. Não vem. Vem de algo muito maior.”

Mas não pôde detê-lo. Borrow era iminente depois de Jefferies — Borrow, Thoreau e tristeza. Stevenson foi o último da fila, e o arroubo terminou num pântano de livros. Nenhum desrespeito a esses grandes nomes. A culpa é nossa, não deles. Pretendem que os tomemos por placas de sinalização, e não podem ser responsabilizados se, em nossa fraqueza, confundimos a sinalização com o destino final. E Leonard atingira o destino. Visitara o condado de Surrey quando a escuridão envolvia-lhe os encantos e suas aconchegantes vilas voltavam a mergulhar na antiga noite. De doze em doze horas o milagre acontecia, mas ele se dera ao trabalho de ir e ver por si mesmo. Dentro de sua pequena mente

paralisada residia algo maior do que os livros de Jefferies — o espírito que levara Jefferies a escrevê-los; e sua alvorada, embora sem revelar outra coisa que não monotonia de tons, era parte do amanhecer eterno mostrado na Stonehenge de George Borrow.

“Então não acharam uma tolice?”, perguntou, tornando-se mais uma vez o garoto ingênuo e de temperamento doce que a natureza planejara que fosse.

“Céus, não!”, replicou Margaret.

“Que o céu nos ajude se o fizemos!”, replicou Helen.

“Fico muito feliz de dizerem isso. Ora, minha esposa jamais entenderia… nem que eu passasse dias explicando.”

“Não, não foi uma tolice!”, ergueu a voz Helen, com os olhos inflamados. “O senhor rechaçou os limites; acho um gesto esplêndido.”

“Não se contentou em sonhar, como nós…”

“Embora tenhamos caminhado, também…”

“Tenho de lhe mostrar um quadro, lá em cima…”

Nisso tocou a campainha. A charrete chegara para levá-las a um jantar.

“Ai, que coisa, para não dizer que droga… esqueci que íamos jantar fora; mas venha nos visitar outra vez para conversarmos.”

“Isso… venha, sem falta”, ajuntou Margaret.

Leonard, com extremo sentimento, respondeu: “Não, não posso. É melhor assim”.

“Por que é melhor?”, perguntou Margaret.

“Não, melhor não arriscar uma segunda vez. Sempre me lembrarei dessa conversa como uma das coisas mais belas de minha vida. Isso mesmo. É sério. Não podemos nunca repeti-la. Ela me fez muito bem e assim é melhor deixar como está.”

“Que jeito mais triste de encarar a vida.”

“As coisas se estragam com freqüência.”

“Sei disso”, disparou Helen, “mas não as pessoas.”

Ele era incapaz de compreender tal coisa. Continuava numa veia que misturava a verdadeira imaginação com a falsa. O que disse não estava errado, mas não estava certo, e vibrava uma nota falsa. Um pequeno giro, sentiam, e o instrumento podia ficar afinado. Um pequeno esforço, e podia silenciar para sempre. Agradeceu efusivamente às duas damas, mas não iria visitá-las novamente. Houve um desconforto momentâneo e então Helen disse: “Pode ir, então; acho que o senhor é quem sabe; mas jamais se esqueça de que é melhor que Jefferies”. E ele partiu. A charrete o alcançou na esquina, passou com um

aceno de mãos e desapareceu no entardecer com sua carga refinada.

Londres começava a se iluminar contra a noite. As luzes elétricas chiavam e brilhavam irregularmente nas vias principais, a iluminação a gás das ruas menores fulgurava em tons esverdeados ou amarelo-ouro de canário. O céu era um campo de batalha primaveril escarlate, mas Londres não tinha medo. Sua fumaça mitigava o esplendor e descendo a Oxford Street as nuvens eram um teto delicadamente pintado, que decorava sem distrair a atenção. Ela jamais conhecera os exércitos nítidos do ar mais puro. Leonard caminhava apressado através de suas passagens multicores, um elemento perfeitamente integrado ao quadro. Que vida cinzenta era a sua, e para abrilhantá-la traçara algumas arestas para o romance. As srtas. Schlegel — ou, para dizer mais acuradamente, seu encontro com elas — iriam preencher um desses ângulos, sem falar que não era de modo algum a primeira vez que conversara intimamente com estranhos. O hábito era análogo a uma orgia, a uma vazão, embora a pior das vazões, para instintos que não iriam ser negados. Aterrorizando-o, abateria suas desconfianças e prudência até que estivesse confiando segredos a pessoas que mal conhecera. Trazia-lhe muitos medos e algumas lembranças agradáveis. Provavelmente a felicidade mais intensa que jamais conhecera fora durante aquela viagem de trem para Cambridge, quando um aluno de modos respeitáveis dirigira-lhe a palavra. Entabularam conversa e gradualmente Leonard pôs a reticência de lado, relatou alguns de seus problemas domésticos e aludiu a tudo o mais. O rapaz, presumindo que pudessem encetar amizade, convidou-o para um "café após o refeitório", o que aceitou, para em seguida ficar cada vez mais encabulado, tomando cuidado para não mencionar o hotel comercial onde se hospedara. Não queria que o romance entrasse em colisão com a Porphyrion, muito menos com Jacky, e pessoas com vidas mais felizes, mais plenas, têm dificuldade de compreender isso. Para as Schlegel, assim como para o aluno, ele era uma criatura interessante, a respeito de quem desejavam saber um pouco mais. Mas eles, para o jovem, eram habitantes do romance, e deviam ater-se à aresta à qual os circunscrevera, retratos proibidos de deixar suas molduras.

Seu comportamento acerca do cartão de visitas de Margaret fora típico. Dificilmente se poderia chamar o casamento dele de trágico. Onde não há dinheiro e nenhuma inclinação pela violência, a tragédia não pode ser engendrada. Não podia abandonar a esposa, nem queria confrontá-la. A irritabilidade e a sordidez eram quanto bastava. Aqui entrava "aquele cartão". Leonard, embora furtivo, era desmazelado, e deixara-o em qualquer lugar. Jacky o encontrou e então começou: "Que cartão é este, hein?"; "É, você não queria

saber de quem era este cartão?”; “Len, quem é a senhorita Schlegel?” etc. Meses se passaram e o cartão, ora piada, ora queixa, era jogado de um lado para o outro, ficando cada vez mais sujo. Seguiu com eles quando se mudaram da Camelia Road para Tulse Hill. Foi submetido a três festas. Aqueles exíguos centímetros de papelão tornaram-se o campo de batalha onde as almas de Leonard e sua esposa contendiam. Por que não disse: “Uma dama levou meu guarda-chuva e outra me deu o cartão para que pudesse pegá-lo de volta”? Porque Jacky teria duvidado dele? Em parte sim, mas principalmente porque era um sentimental. Nenhuma afeição estava ligada àquele cartão, mas ele simbolizava a vida da cultura, que Jacky jamais deveria estragar. À noite, dizia a si mesmo: “Bem, aconteça o que acontecer, ela não sabe nada sobre o cartão. Há! Levei a melhor”.

Pobre Jacky! Não era má pessoa e tinha muito que aturar. Chegou a sua própria conclusão — era capaz de chegar apenas a uma conclusão — e no devido tempo agiu de acordo. Ao longo de toda a sexta-feira Leonard recusara-se a conversar com ela e passara a noite observando as estrelas. No sábado se levantou, como sempre, para ir à cidade, mas não voltou no sábado à noite, nem no domingo de manhã, tampouco no domingo à tarde. O inconveniente ficou cada vez mais intolerável e, embora fosse agora uma pessoa de hábitos reclusos, e tímida com as mulheres, pôs-se a caminho de Wickham Place. Leonard voltou em sua ausência. O cartão, o cartão fatal, sumira das páginas de Ruskin e ele adivinhou o que acontecera.

“Então?”, exclamara, recebendo-a com sonoras risadas. “Sei por onde andou, mas você não sabe por onde eu andei.”

Jacky suspirou e disse: “Len, acho que me deve uma explicação”, e retomou sua domesticidade.

Explicações eram algo difícil a essa altura e Leonard era um sujeito simplório demais… ou, é tentador escrever, ajuizado demais para tentar empreendê-las. Sua reticência não era apenas o artigo de qualidade inferior promovido pela vida no mundo dos negócios, a reticência que finge que nada é alguma coisa, e se oculta atrás do *Daily Telegraph*. O aventureiro também é reticente, e é uma aventura para um funcionário de escritório caminhar algumas horas na escuridão. Pode rir dele, você que passou noites no *veldt*, com o rifle a seu lado e toda a devida atmosfera de aventura. Assim como aquele que julga a aventura uma tolice. Mas não se surpreenda se Leonard mostrar-se tímido caso um dia venha a conhecê-lo, e se as Schlegel, e não Jacky, ouvirem sobre o alvorecer.

Que as Schlegel não o tivessem julgado um tolo tornou-se uma alegria permanente. Pensar nelas trazia à tona o melhor de si. Inspirava-o conforme caminhava de volta para casa sob céus que desvaneciam. De algum modo as barreiras de riqueza haviam caído e lá estava — era incapaz de nomeá-la — uma afirmação geral da maravilha do mundo. “Minha convicção”, diz o místico, “cresce infinitamente no momento em que outra alma acredita nela”, e elas tinham concordado em que havia alguma coisa além do cotidiano cinzento da vida. Tirou a cartola e alisou-a pensativamente. Até então supusera que o desconhecido fossem livros, literatura, conversa inteligente, cultura. A pessoa se eleva pelo estudo e extrai o melhor da vida. Mas naquele rápido intercâmbio uma nova luz brilhou. Era essa “alguma coisa” que caminhava no escuro entre as colinas dos subúrbios?

Apanhou-se descendo a Regent Street com a cabeça descoberta. Londres voltou num ímpeto. Havia pouca gente na rua a essa hora, mas todos que passavam por ele lançavam-lhe um olhar hostil, tanto mais marcante por ser inconsciente. Pôs a cartola. Era grande demais; sua cabeça desaparecia como um pudim numa bacia, as orelhas pendendo para fora ao contato com a aba retorcida. Usava-a um pouco caída para trás e o efeito era sobretudo o de alongar o rosto e expor a distância entre os olhos e o bigode. Assim equipado, escapava à crítica. Ninguém se sentiu incomodado conforme saltitava pelas calçadas, o coração de um homem batendo rápido em seu peito.

XV

As irmãs saíram para jantar completamente absorvidas com sua aventura, e quando ambas ficavam absorvidas com o mesmo assunto, havia poucos jantares capazes de fazer-lhes frente. Este, em particular, que era só para mulheres, estava mais animado do que de costume, mas sucumbiu após alguma luta. Helen num lado da mesa, Margaret no outro falavam do sr. Bast e de ninguém mais, e em algum ponto durante a entrada seus monólogos colidiram, fizeram-se em pedaços e tornaram-se propriedade comum. Mas isso não foi tudo. O jantar era na realidade um clube de discussão informal; havia um texto ao final, lido entre xícaras de café e risadas na sala de visitas, porém tratando mais ou menos cuidadosamente de algum tópico de interesse geral. Após o texto vinha um debate e nesse debate o sr. Bast também figurou, aparecendo ora como um ponto brilhante na civilização, ora como um ponto negro, segundo o temperamento de quem falava. O tema do artigo fora “Como devo gastar meu dinheiro?”, lido por uma suposta milionária às portas da morte, inclinada a legar sua fortuna para a fundação de galerias de arte locais, mas aberta a ser persuadida por outros. As várias partes interessadas haviam sido designadas de antemão e alguns discursos eram divertidos. A anfitriã assumiu o ingrato papel de “filho mais velho da milionária” e implorou à mãe moribunda para não tirar o equilíbrio da sociedade ao permitir que tais vastas somas deixassem as mãos da família. O dinheiro era fruto da abnegação e a segunda geração tinha direito de usufruir da abnegação da primeira. Que direito tinha o “sr. Bast” de usufruir dele? A National Gallery era boa o bastante para tipos como ele. Depois que o direito de propriedade tivera a palavra — uma palavra necessariamente desagradável —, os vários filantropos deram um passo adiante. Alguma coisa tinha de ser feita pelo “sr. Bast”: suas condições devem melhorar sem causar prejuízo a sua independência; deve dispor de uma biblioteca gratuita, ou quadras de tênis gratuitas; seu aluguel deve ser pago de tal forma que não saiba que esteve sendo pago; deve empenhar-se em cerrar fileiras com os Territorials; deve forçosamente separar-se de sua esposa pouco inspiradora, o dinheiro indo para ela como compensação; deve ser entregue aos cuidados de um cavaleiro Twin Star, algum membro das classes ociosas que zelasse incessantemente por ele (gemidos vindos de Helen); deve

receber comida, mas nada de roupas, roupas, mas não comida, uma passagem de ida e volta na terceira classe para Veneza, sem comida nem roupas quando lá chegasse. Em resumo, podia ganhar toda e qualquer coisa desde que não fosse o próprio dinheiro.

E nisso Margaret interrompeu.

“Ordem, ordem, senhorita Schlegel!”, disse a leitora do texto. “A senhorita está aqui, imagino eu, para aconselhar-me quanto aos interesses da Sociedade para a Preservação de Lugares de Interesse Histórico e Beleza Natural. Não posso permitir que diga coisas que excedam seu papel. Faz com que minha pobre cabeça fique girando e acho que esqueceu quanto sou doente.”

“Sua cabeça não giraria se desse ouvidos a meus argumentos”, disse Margaret. “Por que não lhe dar o dinheiro? Presume-se que ganhe trinta mil por ano.”

“Trinta mil? Pensei que fosse um milhão.”

“Um milhão não era o capital que você tinha? Bom Deus! Deveríamos ter acertado isso. Mesmo assim, tanto faz. Seja lá o que tenha, ordeno que distribua a tantos pobres quanto possível trezentas libras por ano.”

“Mas isso seria reduzi-los à mendicância”, disse uma garota sisuda, que gostava das Schlegel, mas as achava um pouco antiespirituais, às vezes.

“Não com uma soma dessas. Dinheiro caído do céu não faz do homem um mendigo. É pingar de pouquinho em pouquinho, distribuindo entre gente demais, que faz mal. Dinheiro educa. É muito mais educativo do que as coisas que compra.” Houve um protesto. “Em certo sentido”, acrescentou Margaret, mas o protesto continuou. “Bom, não é a coisa mais civilizada ir para o homem que aprendeu a gastar sua renda apropriadamente?”

“Exatamente o que esses seus senhores Bast não vão fazer.”

“Dêem-lhes uma chance. Dêem-lhes dinheiro. Não doem livros de poesia e passagens de trem, como se fossem bebês. Dêem-lhes os recursos para comprar tais coisas. Quando seu socialismo vier, pode ser diferente, e podemos pensar em termos de mercadoria, em vez de dinheiro. Até que ele venha, dêem dinheiro às pessoas, pois é a urdidura da civilização, seja lá qual for sua trama. A imaginação deve brincar com o dinheiro e percebê-lo de forma vívida, pois é a… a segunda coisa mais importante do mundo. O dinheiro é tão vilipendiado, evita-se falar dele, pensa-se com muito pouca clareza… ah, economia política, decerto, mas pouquíssimas de nós pensam claramente nos próprios rendimentos particulares e admitem que pensamentos independentes são, em nove de dez casos, resultado de recursos independentes. Dinheiro: dêem dinheiro ao senhor

Bast e não se preocupem com seus ideais. Ele os obterá por si mesmo.”

Inclinou-se para trás enquanto os membros mais sisudo do clube começavam a deturpar o que havia dito. A mente feminina, embora cruelmente prática no dia-a-dia, não suporta ouvir ideais sendo depreciados numa conversa, e perguntavam à srta. Schlegel como ousava dizer aquelas coisas pavorosas e de que valeria ao sr. Bast ganhar o mundo todo e perder a própria alma. Ela respondeu, Nada, mas ele não ganharia sua alma até ter ganho uma pequena parte do mundo. Então elas disseram, Não, não acreditavam nisso, e ela admitiu que um funcionário de escritório extenuado talvez salve sua alma no sentido supraterrâneo, em que o esforço é tomado pelo feito em si, mas recusava-se a crer que um dia viesse a explorar os recursos espirituais deste mundo, que um dia viesse a explorar as alegrias mais raras do corpo, ou conseguir ser aceito e interagir apaixonadamente com o próximo. Outras atacaram o tecido da sociedade — a propriedade, o lucro etc.; ela fixava seus olhos apenas em uns poucos seres humanos, para ver como, nas presentes condições, poderiam tornar-se mais felizes. Fazer o bem à humanidade era inútil: os multicoloridos esforços para isso esparramavam-se pela vasta área como névoa e resultavam num cinzento universal. Fazer o bem para um só, ou, neste caso, para uns poucos, era o máximo a que podia ousar aspirar.

Entre as idealistas e as economistas políticas, Margaret passou por maus bocados. Discordando de tudo o mais, concordavam em refutá-la, e em manter a administração do dinheiro da milionária em suas próprias mãos. A garota sisuda propôs um plano de “supervisão pessoal e ajuda mútua”, cujo efeito seria mudar as pessoas pobres até que se tornassem exatamente como as pessoas não tão pobres. A anfitriã observou com pertinência que ela, como o filho mais velho, poderia seguramente figurar entre os herdeiros da milionária. Margaret aceitou debilmente a reivindicação, e outra reivindicação foi apresentada de forma repentina por Helen, declarando que fora empregada da casa por mais de quarenta anos, superalimentada e sub-remunerada; nada seria feito por ela, tão corpulenta e pobre? A milionária leu então o testamento, em que legava toda sua fortuna para o ministro da Fazenda. E então morreu. As partes sérias do debate haviam mostrado mérito mais elevado do que as brincalhonas — no debate entre homens, será o contrário mais comum? —, mas a reunião se encerrou de forma bastante hilariante e uma dúzia de mulheres felizes se dispersou para suas casas.

Helen e Margaret acompanharam a garota sisuda até a Battersea Bridge Station, discutindo profusamente ao longo do caminho. Quando a jovem as deixou, perceberam como estavam aliviadas, e notaram a grande beleza da noite.

Regressaram tomando o caminho da Oakley Street. A iluminação e os plátanos, acompanhando a margem do aterro, davam um toque de dignidade que é raro nas cidades inglesas. Os bancos, quase desertos, estavam ocupados aqui e ali por pessoas distintas com seus trajes de noite, que haviam saído de casa para um passeio, apreciando o ar fresco e o murmúrio da maré que subia. Há qualquer coisa de continental em Chelsea Embankment. É um espaço aberto usado corretamente, uma bênção mais freqüente na Alemanha do que aqui. Quando Margaret e Helen sentaram-se, a cidade atrás delas parecia-se com um vasto teatro, uma ópera onde alguma trilogia sem fim era encenada, enquanto elas próprias eram uma dupla de espectadoras que não se importavam de perder um pouco do segundo ato.

“Com frio?”

“Não.”

“Cansada?”

“Não é nada.”

O trem da garota sisuda passou trovejando sobre a ponte.

“Hã, Helen…”

“O quê?”

“Vamos de fato ajudar o senhor Bast?”

“Eu não sei.”

“Acho que não.”

“Como preferir.”

“Não vale a pena, acho, a menos que se queira realmente conhecer a pessoa. A discussão me convenceu disso. Demo-nos muito bem com ele num espírito de exaltação, mas pense numa relação racional. Não devemos brincar com a amizade. Não, não vale a pena.”

“E tem a senhora Lanolina, também”, disse Helen, bocejando. “Tão estúpida.”

“Isso mesmo, e possivelmente pior que estúpida.”

“Gostaria de saber como foi que ele conseguiu seu cartão.”

“Mas ele disse… alguma coisa sobre um concerto e um guarda-chuva…”

“Então, será que o cartão viu a esposa…”

“Helen, hora de dormir.”

“Não, só mais um pouquinho, está tão lindo. Diga-me… vamos… você disse que o dinheiro é a urdidura do mundo?”

“Isso.”

“Então o que é a trama?”

“O que cada um escolhe”, disse Margaret. “Alguma coisa que não é dinheiro… não dá para explicar melhor.”

“Caminhar à noite?”

“Provavelmente.”

“Para Tibby, Oxford?”

“É o que parece.”

“E para você?”

“Agora que temos de sair de Wickham Place, começo a pensar que é isso. Para a senhora Wilcox, certamente era Howards End.”

O som de nosso próprio nome viaja imensas distâncias. O sr. Wilcox, que estava sentado com alguns amigos a muitos bancos dali, ouviu o seu, ergueu-se e foi caminhando em direção a quem o pronunciara.

“É triste supor que lugares possam algum dia ser mais importantes do que pessoas”, continuou Margaret.

“Por que, Meg? Em geral, são muito mais agradáveis. Prefiro pensar naquela casa na floresta na Pomerânia do que no gordo *Herr* Förstmeister que morava lá.”

“Creio que iremos nos interessar cada vez menos pelas pessoas, Helen. Quanto mais pessoas a gente conhece, mais fácil se torna substituí-las. É uma das maldições de Londres. Espero definitivamente terminar a vida gostando muito de um lugar.”

Nesse ponto o sr. Wilcox chegou. Haviam se passado várias semanas desde seu último encontro.

“Como vão, senhoritas?”, exclamou. “Imaginei ter reconhecido suas vozes. Mas o que fazem as duas aqui?”

Seu tom de voz era protetor. Dava a entender que não se devia sentar em Chelsea Embankment sem uma companhia masculina. Helen ficou incomodada com isso, mas Margaret aceitou o fato como parte dos atributos do bom homem.

“Faz séculos que não o vejo, senhor Wilcox. Mas encontrei Evie no metrô, recentemente. Espero que tenha boas notícias de seu filho.”

“Paul?”, disse o sr. Wilcox, apagando o cigarro e sentando-se entre elas. “Oh, Paul está ótimo. Recebemos uma carta da ilha da Madeira. A essa altura, já está de volta ao trabalho.”

“Ugh…”, disse Helen, sentindo um arrepio provocado por causas complexas.

“Como disse?”

“O clima da Nigéria não é horrível demais?”

“Alguém tem de ir”, ele respondeu, simplesmente. “A Inglaterra jamais manterá o comércio de além-mar se não estiver preparada para fazer sacrifícios. A menos que nos firmemos na África Ocidental, a Alem… podem surgir complicações. Agora, contem-me as novidades.”

“Ah, tivemos uma tarde esplêndida”, disse Helen, animada, pois sempre acordava com a chegada de um visitante. “Pertencemos a uma espécie de clube de leitura, Margaret, eu… só mulheres, mas há um debate em seguida. O desta noite foi sobre como a pessoa deve fazer com a legação do dinheiro… se vai para a família ou para os pobres e, nesse caso, como… ah, foi muito interessante.”

O homem de negócios sorriu. Desde a morte da esposa praticamente dobrara seus rendimentos. Era uma figura importante, enfim, um nome de confiança no planejamento de investimentos das companhias, e a vida o tratara muito bem. Parecia ter o mundo nas mãos, conforme escutava o rio Tâmisa correndo ilha adentro desde o mar. Algo tão maravilhoso aos olhos delas, não tinha mistérios para ele. Ajudara a diminuir seu enorme curso adquirindo ações da eclusa em Teddington e, se ele e outros capitalistas achassem por bem, algum dia poderia ser diminuído outra vez. Com um bom jantar dentro de si e uma dama agradável, embora acadêmica, em cada flanco, sentia que suas mãos estavam firmes no leme da vida e que as coisas que não sabia talvez não valesse a pena saber.

“Ao que parece é um passatempo dos mais originais!”, exclamou, rindo de seu jeito divertido. “Gostaria que Evie pudesse participar de algo assim. Mas ela não tem tempo. Meteu-se a criar *terriers* Aberdeen… uns cãezinhos deliciosos.”

“Na verdade, presumo que estaríamos melhor se fizéssemos o mesmo.”

“Queremos crer que estamos nos aperfeiçoando, sabe?”, disse Helen um pouco rispidamente, pois o glamour dos Wilcox não é do tipo que volta, e guardava amargas lembranças dos dias em que algo como o que ele acabara de falar a teria impressionado favoravelmente. “Achamos que vale a pena perder uma noite de quinze em quinze dias com um debate, mas, como diz minha irmã, deve ser bem melhor criar cachorros.”

“De modo algum. Não concordo com sua irmã. Não há nada como um debate para ensinar rapidez à pessoa. Muitas vezes desejei ter participado deles quando jovem. Ter-me-ia sido de inestimável ajuda.”

“Rapidez…?”

“Isso. Rapidez na argumentação. Em quantas ocasiões não deixei de marcar um ponto porque o outro homem tinha o dom da loquacidade e eu não. Ah, acredito nessas discussões.”

O tom condescendente, pensou Margaret, ajustava-se bastante bem a um homem velho o bastante para ser pai delas. Sempre afirmara que o sr. Wilcox tinha certo encanto. Em horas de pesar ou emoção sua inadequação a deixara penalizada, mas era agradável escutá-lo, agora, e observar seu espesso bigode marrom e sua testa alta voltados para as estrelas. Mas Helen sentiu-se espicaçada. O objetivo do debate *delas*, pressupunha, era a Verdade.

"Ah, sim, não importa muito o assunto discutido", disse ele.

Margaret riu e disse: "Mas este promete ser muito melhor do que o próprio debate". Helen se recompôs e também riu. "Não, não vou prosseguir", declarou. "Vou apenas apresentar um caso especial ao senhor Wilcox."

"Sobre o senhor Bast? Isso mesmo. Ele será mais indulgente com um caso especial."

"Mas senhor Wilcox, antes de mais nada, acenda outro cigarro. O caso é o seguinte. Acabamos de conhecer um jovem que é evidentemente muito pobre e parece interessado…"

"Qual sua profissão?"

"É escriturário."

"Onde?"

"Lembra-se, Margaret?"

"Na Porphyrion Fire Insurance Company."

"Ah, é; aquele pessoal gentil que deu um novo tapete de lareira a tia Juley. Ele parece ser alguém interessante… em alguns sentidos, bastante interessante… e a pessoa fica com vontade de ajudá-lo. É casado com uma mulher por quem, ao que parece, não tem muito apreço. Gosta de livros, e do que se poderia chamar mais ou menos de aventura, e se tivesse uma chance… mas é tão pobre. Vive uma vida em que todo o dinheiro costuma ser gasto em roupas e coisas sem sentido. Causa apreensão de que as circunstâncias sejam-lhe pesadas demais e terminem por afundá-lo. Bem, acabou entrando em nosso debate. Não foi o tema principal, mas a conversa parecia se aplicar a ele. Suponha que uma milionária tenha morrido e desejasse deixar dinheiro para alguém assim. Como ele deveria ser ajudado? Deveriam receber diretamente trezentas libras por ano, que era o plano de Margaret? A maioria achou que isso o reduziria à mendicância. Deveria ele e pessoas como ele ganhar bibliotecas de graça? Eu disse 'Não!'. Não precisa de mais livros para ler, mas de ler livros do modo certo. Minha sugestão foi de que recebesse uma quantia uma vez por ano, próximo às férias de verão, mas então havia sua esposa, também, e as outras disseram que ela tinha de ir embora. Nada parecia funcionar direito! Ora, o que o senhor acha? Imagine que fosse um

milionário e quisesse ajudar os pobres. O que faria?”

O sr. Wilcox, cuja fortuna não estava muito abaixo do patamar indicado, riu com prazer. “Minha cara senhorita Schlegel, não vou me aventurar num terreno que o seu sexo foi incapaz de trilhar. Não acrescentarei outro plano aos inúmeros excelentes que já foram sugeridos. Minha única contribuição é a seguinte: que seu amigo deixe a Porphyrion Fire Insurance Company com a maior presteza possível.”

“Por quê?”, disse Margaret.

Baixou a voz. “Isso é entre amigos. A seguradora terá sua falência decretada antes do Natal. Vai quebrar”, acrescentou, achando que não o compreendera.

“Meu Deus, Helen, escute só isso. E ele terá de procurar outro lugar!”

“*Terá?* Que deixe o navio antes que afunde. Que arrume um agora.”

“Melhor isso do que esperar para ter certeza?”

“Decididamente.”

“Por quê?”

Mais uma vez a risada olímpica e a voz baixa. “Naturalmente, o homem que dispõe de um emprego no momento em que concorre a um cargo tem melhor chance, está numa posição mais forte, do que alguém que está desempregado. Passa a imagem de que tem valor. Sei por mim mesmo (estou lhes passando um segredo de Estado) que isso influencia muito um empregador. Temo que seja a natureza humana.”

“Não havia pensado nisso”, murmurou Margaret, enquanto Helen dizia: “Nossa natureza humana parece funcionar do modo oposto. Empregamos pessoas porque estão desempregadas. O homem das botas, por exemplo”.

“E como ele limpa as botas?”

“Nada bem”, confessou Margaret.

“Viu?”

“Então realmente nos aconselha a dizer ao jovem…?”

“Não aconselho nada”, interrompeu ele, olhando para todos os lados do aterro, no caso de sua indiscrição ter sido ouvida. “Não deveria nem ter falado… mas acontece de ser de meu conhecimento, estando mais ou menos nos bastidores. A Porphyrion é uma firma muito malconduzida… mas não digam que disse tal coisa. Ela não faz parte do Tariff Ring.”[21]

“Certamente não direi. Na verdade, não sei o que significa.”

“Pensei que uma companhia de seguros nunca quebrasse”, foi a contribuição de Helen. “Afinal, as demais não correm sempre para salvá-las?”

“A senhorita está falando de resseguro”, disse o sr. Wilcox, calmamente. “É

exatamente aí que está a fraqueza da Porphyrion. Ela tentou oferecer preços mais baixos, foi seriamente afetada por uma longa sucessão de pequenos incêndios e não conseguiu os resseguros. Receio que as empresas públicas não salvem umas às outras por amor."

"'A natureza humana', presumo", citou Helen, e ele riu e concordou que assim era. Quando Margaret afirmou supor que um funcionário de escritório, como qualquer outro, acharia extremamente difícil obter emprego nos dias atuais, ele respondeu "É, extremamente", e ergueu-se para se juntar a seus amigos. Sabia de seu próprio escritório — era muito difícil haver um posto vago, e existiam centenas de pretendentes a um cargo; no momento, nada de vagas.

"E como está Howards End?", disse Margaret, desejando mudar de assunto antes que se separassem. O sr. Wilcox costumava pensar que as pessoas sempre queriam alguma coisa dele.

"Está alugada."

"Sério? E o senhor vagando sem casa pela intelectualizada Chelsea? Quão estranhos são os caminhos do destino!"

"Não; foi alugada sem a mobília. Nós nos mudamos."

"Ora, imaginava ambos ancorados nela pelo resto da vida. Evie não me contou nada."

"Arrisco-me a dizer que quando encontrou Evie a coisa ainda não fora arranjada. Só nos mudamos há uma semana. Paul é bastante sentimental com o velho lugar e a seguramos para que passasse as férias lá; mas, na verdade, é impossivelmente pequena. Inconvenientes sem fim. Esqueço se já o mencionei à senhorita?"

"Sobre a casa, nunca."

"Bem, Howards End é uma dessas fazendas convertidas. Nunca são de fato funcionais, por mais que se gaste nelas. Metemo-nos numa confusão construindo uma garagem entre as raízes do olmo e no ano passado cercamos parte do campo e tentamos criar um jardim ornamental com pedras e flores. Evie afeiçoou-se muito às plantas alpinas. Mas não deu certo… não, nada deu certo. Deve se lembrar, ou talvez sua irmã se lembre, da fazenda com aquelas abomináveis galinhas-d'angola e da sebe que a velha senhora nunca cortava adequadamente, de modo que ficava sempre fina demais na parte inferior. E, dentro da casa, as vigas… e a escada através da porta… tudo pitoresco demais, mas não um lugar para se viver." Lançou um olhar satisfeito por cima do parapeito. "Rio cheio. E a localização também não era boa. A vizinhança vem se tornando suburbana. Ou se está em Londres, ou se está fora dela, é o que digo; de modo que arrumamos

uma casa na Ducie Street, próximo à Sloane Street, e uma casa de campo em Shropshire — Oniton. Já ouviu falar de Oniton? Venha nos visitar… é bem perto, no caminho de Gales."

"Que mudança!", disse Margaret. Mas a mudança foi em sua própria voz, que adquirira um tom muito triste. "Não consigo imaginar Howards End ou Hilton sem sua família."

"Hilton não está sem nossa família", respondeu ele. "Charles continua por lá."

"Continua?", disse Margaret, que não acompanhara a vida do casal. "Mas pensei que continuasse em Epsom. Estava mobiliando a casa no Natal… um Natal desses. Como tudo muda! Costumava observar a senhora Charles de nossa janela com freqüência. Não era Epsom?"

"Sim, mas mudaram-se faz dezoito meses. Charles, o bom rapaz" — sua voz baixou — "achou que eu me sentiria solitário. Não queria que se mudasse, mas estava determinado, e conseguiu uma casa no outro lado de Hilton, perto de Six Hills. Também tem um carro. Estão todos lá, um grupo muito feliz… ele, ela, os dois netos."

"Cuido dos assuntos das outras pessoas muito melhor do que elas próprias", disse Margaret quando apertaram as mãos. "Quando saíram de Howards End, eu deveria ter feito o senhor Charles Wilcox mudar-se para lá. Deveria ter mantido um lugar tão extraordinário na família."

"E está", replicou ele. "Não a vendi, e não pretendo fazê-lo."

"Não; mas nenhum de vocês está lá."

"Ah, temos um esplêndido inquilino… Hamar Bryce, um senhor inválido. Se Charles ao menos a quisesse… mas não. Dolly é tão dependente das conveniências modernas. Não, decidimos todos contra Howards End. De certa forma gostamos dela, mas agora sentimos que não é uma coisa nem outra. A pessoa precisa ter uma coisa ou outra."

"E alguns têm sorte bastante para ter as duas. Tem do que se orgulhar, senhor Wilcox. Meus parabéns."

"E os meus", disse Helen.

"Não deixe de dizer a Evie para vir nos visitar… Wickham Place, dois. Também não vamos ficar muito tempo por lá."

"As senhoritas também estão de mudança?"

"Setembro que vem", suspirou Margaret.

"Todo mundo se mudando! Até logo."

O rio começara a baixar. Margaret inclinou-se sobre o parapeito e observou-

o com tristeza. O sr. Wilcox esquecera a esposa, e Helen, seu amor; ela própria provavelmente estava esquecendo. Todo mundo se mudando. Vale a pena buscar o passado quando há esse fluxo contínuo até no coração dos homens?

Helen arrancou-a de seu torpor, dizendo: “Que rico vulgar tornou-se o senhor Wilcox! Não me parece de grande valor, hoje em dia. Contudo, alertou-nos sobre a Porphyrion. Vamos escrever ao senhor Bast assim que chegarmos em casa e dizer-lhe para sair de lá imediatamente”.

“Escreva; isso vale a pena. Vamos lá.”

“Vamos convidá-lo para o chá.”

XVI

Leonard aceitou o convite para o chá no sábado seguinte. Mas ele tinha razão: a visita provou-se um desastre notável.

“Açúcar?”, disse Margaret.

“Bolo?”, disse Helen. “O grande ou os bolinhos? Receio que tenha achado minha carta um tanto esquisita, mas vamos explicar… não somos esquisitas, na verdade… nem afetadas, é sério. Expressamo-nos com demasiada ênfase: isso é tudo.”

Como cachorrinho de madame, Leonard desapontava. Não era italiano, e muito menos francês, em cujo sangue corre o autêntico espírito do gracejo e do dito espirituoso. Seu humor era o do *cockney*; não abria porta alguma para a imaginação, e Helen estacou com o “Quanto mais uma dama tem a dizer, melhor”, dispensado com faceirice canina.

“Ah, claro”, ela disse.

“As mulheres abrilhantam…”

“Sim, eu sei. As queridinhas são perfeitos raios de sol. Deixe-me fazer seu prato.”

“Gosta de seu trabalho?”, interveio Margaret.

Ele, também, estacou. Não queria aquelas mulheres intrometendo-se em seu trabalho. Elas eram o romance, assim como a sala na qual ele finalmente havia penetrado, com os estranhos quadros de banhistas nas paredes, bem como as próprias xícaras, com suas delicadas bordas de morangos silvestres. Mas não deixaria que o romance interferisse em sua vida. Nesse caso, a coisa ficaria feia.

“Ah, o suficiente”, respondeu.

“Sua companhia é a Porphyrion, não é?”

“É, isso mesmo” — ficando bastante ofendido. “É gozado como as coisas se espalham.”

“Por que é gozado?”, perguntou Helen, que não conseguia acompanhar o que passava por sua cabeça. “Estava escrito deste tamanho em seu cartão, e considerando que foi nele que escrevemos ao senhor, e que sua resposta veio em papel timbrado…”

“O senhor considera a Porphyrion uma das maiores companhias de

seguro?”, prosseguiu Margaret.

“Depende do que considera grande.”

“Por grande entendo uma companhia sólida, bem estabelecida, que oferece uma carreira razoavelmente boa para seus funcionários.”

“Não saberia dizer… alguns lhe diriam uma coisa e outros, outra”, disse o funcionário, pouco à vontade. “De minha parte” — balançou a cabeça —, “acredito apenas em metade do que escuto. Nem mesmo isso; é mais seguro. Os mais espertos conhecem as maiores tristezas, como já notei muitas vezes. Ah, nunca se é cuidadoso demais.”

Bebeu e limpou o bigode, em via de se tornar um desses bigodes que sempre mergulham em xícaras de chá — e que representam mais incômodo do que utilidade, sem dúvida, e tampouco elegância.

“Concordo inteiramente e é por isso que fiquei curiosa em saber: é uma companhia sólida, bem estabelecida?”

Leonard não fazia idéia. Compreendia seu próprio cantinho na máquina, mas nada além disso. Não desejava confessar conhecimento nem ignorância, e sob as circunstâncias outro meneio de cabeça pareceu o mais seguro. Para ele, assim como para o público britânico, a Porphyrion era a Porphyrion da peça publicitária — um gigante, no estilo clássico,[22] mas suficientemente coberto, que segurava em uma mão uma tocha flamejante, enquanto apontava com a outra para a St. Paul e o castelo de Windsor. Uma vasta soma em dinheiro aparecia escrita abaixo, e que a pessoa tirasse as próprias conclusões. O gigante obrigava Leonard a fazer aritmética e escrever cartas, a explicar os regulamentos para novos clientes e explicar outra vez para os antigos. Um gigante tinha moralidade impulsiva — era só o que se sabia. Pagaria com pressa ostentosa o tapete de lareira da sra. Munt, repudiaria tranqüilamente uma grande reivindicação, lutando de tribunal em tribunal. Mas sua verdadeira categoria enquanto lutador, seus antepassados, seus casos amorosos com outros membros do Panteão comercial — tudo isso era tão incerto para o comum dos mortais quanto as escapadelas de Zeus. Embora os deuses sejam poderosos, pouco sabemos deles. É apenas quando são chegados os dias de sua decadência que uma forte luz relampeja no céu.

“Disseram-nos que a Porphyrion não vai bem”, deixou escapar Helen. “Queríamos lhe contar; foi por isso que escrevemos.”

“Um amigo nosso acha que não está suficientemente ressegurada”, disse Margaret.

Agora era a deixa de Leonard. Devia louvar a Porphyrion. “Podem dizer a

seu amigo", disse, "que está completamente enganado."

"Oh, que bom!"

O jovem corou um pouco. Em seu meio, estar enganado era fatal. As srtas. Schlegel não se importavam de estar enganadas. Ficaram genuinamente felizes por terem recebido uma informação errada. Para elas, nada era fatal senão o mal.

"Enganado, de certa forma", acrescentou ele.

"Como assim, 'de certa forma'?"

"Quer dizer, eu não diria que está completamente certo."

Mas isso foi uma bobagem. "Então ele está em parte certo", disse a mulher mais velha, rápida como um raio.

Leonard respondeu que todo mundo estava em parte certo, já que era assim.

"Senhor Bast, não entendo de negócios, e ouso dizer que minhas perguntas são estúpidas, mas pode me dizer o que faz de uma companhia 'certa' ou 'errada'?"

Leonard reclinou-se com um suspiro.

"Nosso amigo, que é também um homem de negócios, foi taxativo. Disse antes do Natal…"

"E aconselhou-o a sair de lá", concluiu Helen. "Mas não vejo por que deveria saber mais que o senhor."

Leonard esfregou as mãos. Ficou tentado a dizer que não sabia absolutamente nada a respeito daquilo tudo. Mas o treinamento comercial era forte demais para ele. Tampouco podia dizer que era uma coisa ruim, pois significaria se entregar; muito menos que era boa, que seria igualmente entregar-se. Tentou sugerir que era alguma coisa entre as duas, com vastas possibilidades em ambas as direções, mas desabou ante o exame de quatro olhos sinceros. Até agora, mal distinguia entre as duas irmãs. Uma era mais bonita e cheia de vida, mas "as srtas. Schlegel" ainda continuavam a ser uma deusa indiana compósita, cujos braços ondulantes e afirmações contraditórias eram produto de uma única mente.

"Só esperando para ver", observou ele, acrescentando: "Como Ibsen diz, 'coisas acontecem'". Estava com comichão para falar sobre livros e aproveitar ao máximo sua hora romântica. Minuto após minuto se esvaía, enquanto as mulheres, com proficiência imperfeita, discutiam o tema do resseguro ou elogiavam o amigo anônimo. Leonard ficava cada vez mais aborrecido — talvez com razão. Fez vagas observações sobre não ser uma dessas pessoas que ficam incomodadas se seus negócios são discutidos por outros, mas elas não entenderam a indireta. Um homem teria mostrado mais tato. Mulheres, embora

cheias de tato em tudo o mais, eram indiscretas nessa situação. Não entendiam por que deveríamos encobrir nossos rendimentos e perspectivas com um véu. “De quanto exatamente dispõe e quanto espera ganhar em junho próximo?” E essas eram mulheres com uma teoria, para quem a reticência acerca das questões de dinheiro era absurda e a vida seria mais autêntica se cada um declarasse o tamanho exato da ilha dourada sobre a qual pisa, a exata extensão da urdidura sobre a qual lança a trama que não seja dinheiro. Como podemos fazer justiça ao padrão de outro modo?

E os preciosos minutos escoaram, e Jacky e a sordidez chegaram mais perto. Finalmente não pôde mais agüentar e interrompeu, recitando febrilmente nomes de livros. Houve um momento de intensa alegria quando Margaret disse: “Então o senhor gosta de Carlyle”, e então a porta se abriu, e “Senhor Wilcox, senhorita Wilcox” entraram, precedidos por dois cachorrinhos saltitantes.

“Ai, que gracinhas! Ai, Evie, que coisinhas mais doces!”, gritou Helen, caindo de joelhos e apoiando as mãos no chão.

“Trouxemos os rapazinhos para uma visita”, disse o sr. Wilcox.

“Eu mesma os criei.”

“Oh, sério! Senhor Bast, venha brincar com os cachorrinhos.”

“Preciso ir embora”, disse Leonard, com amargura.

“Mas brinque com os filhotes primeiro.”

“Este é Ahab, esta é Jezebel”, disse Evie, uma dessas pessoas que dão nome a animais segundo os personagens menos favorecidos da história do Antigo Testamento.[23]

“Preciso mesmo ir.”

Helen estava ocupada demais com os cãezinhos para notá-lo.

“Senhor Wilcox, senhor Ba… precisa mesmo ir? Até logo!”

“Volte outro dia”, disse Helen, do chão.

Isso revirou o estômago de Leonard. Por que deveria voltar outro dia? De que adiantava tudo aquilo? Disse em voz alta: “Não, melhor não; sabia que seria um desastre”.

A maioria das pessoas teria deixado que partisse. “Um pequeno equívoco. Tentamos conhecer outra classe — impossível.” Mas as Schlegel jamais haviam lidado com a vida. Tentaram encetar amizade e assumiriam as conseqüências. Helen retrucou: “Que comentário mais grosseiro. Por que me insulta dessa maneira?”, e subitamente a sala de visitas voltou a ecoar com uma altercação vulgar.

“Pergunta-me por que a insulto?”

“É.”

“Por que me fez vir até aqui?”

“Para ajudá-lo, seu rapazinho tolo!”, exaltou-se Helen. “E não grite.”

“Eu *não quero* sua proteção. Eu *não quero* seu chá. Era perfeitamente feliz. Por que motivo vem me perturbar?” Voltou-se para o sr. Wilcox. “Vou recorrer a este cavalheiro. Pergunto-lhe, senhor: devo permitir que me ponham contra a parede?”

O sr. Wilcox voltou-se para Margaret com aquele ar de vigor espirituoso que dominava tão bem. “A hora é inoportuna, senhorita Schlegel? Podemos ser úteis de algum modo ou é melhor partirmos?”

Mas Margaret o ignorou.

“Sou ligado a uma grande companhia de seguros, senhor. Recebi o que tomei por um convite dessas duas… senhoritas” (falou vagarosamente). “Cheguei e me põem contra a parede. Eu lhe pergunto: isso é justo?”

“Extremamente injusto”, disse o sr. Wilcox, causando um sobressalto em Evie, que sabia que seu pai se tornava perigoso.

“Aí está, ouviram isso? Muito injusto, diz o cavalheiro. Não contente com isso…” — apontando Margaret — “não pode negá-lo.” Sua voz se elevou: começava a entrar no ritmo de uma cena com Jacky. “Mas tão logo sou útil, a coisa é bem diferente. ‘Ah, sim, escreva-lhe. Questione-o. Ponha-o contra a parede.’ Ah, sim. Ora, considerem-me no conjunto: sou um sujeito tranqüilo, respeitador das leis, evito situações desagradáveis; mas eu… eu…”

“O senhor”, disse Margaret, “o senhor… o senhor…”

Risadas de Evie, como se aquilo fosse uma réplica espirituosa.

“O senhor é o homem que tentou caminhar guiado pela Estrela Polar.”

Mais risadas.

“O senhor viu o alvorecer.”

Risadas.

“Tentou fugir das névoas que sufocam todos nós… muito além dos livros e das casas, em direção à verdade. O senhor procurava um verdadeiro lar.”

“Não consigo perceber a ligação”, disse Leonard, fervendo com uma raiva estúpida.

“Assim como eu.” Houve uma pausa. “O senhor estava lá no último sábado… o senhor está aqui hoje. Senhor Bast! Eu e minha irmã conversamos muito a respeito. Queremos ajudá-lo; também presumimos que talvez nos ajudasse. Não o trouxemos aqui por caridade — algo que nos aborrece —, mas porque esperávamos que haveria uma ligação entre o sábado passado e outros

dias. De que valem suas estrelas e árvores, seu alvorecer e o vento se não entrarem em nossas vidas diárias? Nunca entraram na minha, mas na sua, achamos… não temos todos de lutar contra o cotidiano cinzento da vida, contra a mesquinhez, contra a alegria mecanizada, contra a desconfiança? Eu luto recordando os amigos; outros que conheci, recordando algum lugar — algum lugar ou árvore queridos… achamos que o senhor fosse um desses."

"É claro que se houve algum mal-entendido", murmurou Leonard, "tudo que posso fazer é partir. Mas peço-lhe que me deixe expor…" Parou. Ahab e Jezebel dançavam junto a suas botas, fazendo-o parecer ridículo. "Estavam me pondo contra a parede para obter informação oficial… posso prová-lo… eu…" Soltou uma bufada pelo nariz e deixou-os.

"Posso ajudá-la agora?", disse o sr. Wilcox, voltando-se para Margaret. "Devo talvez ter uma palavrinha com ele na entrada?"

"Helen, vá atrás dele… faça qualquer coisa… *qualquer coisa*… para aquele cabeça-dura entender."

Helen hesitou.

"Mas acha mesmo…", disse o visitante. "Ela deve?"

Ela foi de uma vez.

Ele prosseguiu. "Eu teria dito alguma coisa também, mas senti que poderiam livrar-se do rapaz por si mesmas… não interferi. Foi esplêndida, senhorita Schlegel… absolutamente esplêndida. Dou-lhe minha palavra, pouquíssimas mulheres teriam conseguido lidar com a situação."

"Ah, sim", disse Margaret, distraidamente.

"Atordoá-lo com aquelas longas frases me deixou sem fôlego", exclamou Evie.

"É, foi mesmo", riu seu pai; "toda aquela parte sobre 'alegria mecanizada'… ah, foi ótimo!"

"Sinto muitíssimo", disse Margaret, se recompondo. "É uma criatura excelente, é mesmo. Não consigo imaginar por que explodiu daquele jeito. Que situação mais desagradável para o senhor."

"Ah, não para mim." Então mudou de disposição. Perguntou se poderia falar como um velho amigo e, permissão concedida, disse: "Não acha que deveriam ser mais cuidadosas?".

Margaret riu, embora seus pensamentos continuassem voltados para Helen. "Percebe que é tudo sua culpa?", disse. "O senhor é o responsável."

"Eu?"

"Este é o jovem a quem deveríamos advertir sobre a Porphyrion. Nós o

advertimos e… aí está!”

O sr. Wilcox ficou irritado. “Eu dificilmente consideraria essa uma dedução justa”, disse.

“É injusta, claro”, disse Margaret. “Eu simplesmente pensava como as coisas são complicadas. É tudo nossa culpa… não do senhor, nem dele.”

“Nem dele?”

“É.”

“Senhorita Schlegel, é boa demais.”

“É, de fato”, concordou Evie, um pouco desdenhosa.

“Procede bem demais com as pessoas e então elas se aproveitam. Conheço o mundo e esse tipo de homem e, assim que entrei na sala, vi que não o estava tratando apropriadamente. Precisa manter esses tipos à distância. De outro modo esquecem seu lugar. É triste mas é verdade. Não são gente da nossa espécie e devemos encarar os fatos.”

“É… é.”

“Admita que jamais teríamos presenciado esse acesso de fúria se ele fosse um cavalheiro.”

“Admito-o de bom grado”, disse Margaret, que andava pela sala de um lado para o outro. “Um cavalheiro teria guardado suas desconfianças para si mesmo.”

O sr. Wilcox fitou-a com um vago desconforto.

“Do que desconfiaria ele?”

“De querermos ganhar dinheiro a suas custas.”

“Que besta intolerável! Mas de que modo tirariam proveito?”

“Exato. Como! É horrível, corroído pela desconfiança. Um pouquinho de consideração ou de benevolência teriam acabado com isso. Apenas o medo absurdo transforma homens em bestas intoleráveis.”

“Volto ao meu ponto original. Deveria ser mais cuidadosa, senhorita Schlegel. Seus criados deveriam ser instruídos a não deixar entrar tais pessoas.”

Voltou-se para ele com ar franco. “Deixe-me explicar-lhe exatamente por que gostamos desse homem e queremos voltar a vê-lo.”

“Lá vem a senhorita com sua lábia. Eu jamais acreditarei que gosta dele.”

“Mas gosto. Primeiro, porque se interessa pela aventura física, igual ao senhor. É, o senhor viaja de carro e sai para caçar; ele aprecia passar a noite ao ar livre. Segundo, porque se interessa por algo especial *na* aventura. Podemos sem pestanejar chamar essa coisa especial de poesia…”

“Ah, é um desses escritores.”

“Não… oh, não! Quer dizer, pode ser, mas a sua seria uma coisa repugnante.

Sua cabeça é cheia de cascas de livros, cultura… horrível; queremos que limpe a mente e parta para a coisa real. Queremos lhe mostrar como extrair o melhor da vida. Como digo, amigos, ou a terra, alguma" — ela hesitou —, "alguma pessoa muito querida ou algum lugar muito querido parece algo necessário para aliviar o cotidiano cinzento da vida e mostrar que de fato é cinzento. Se possível, a pessoa deveria ter os dois."

Algumas de suas palavras passaram batido pelo sr. Wilcox. Ele deixou que passassem. Outras, captou e criticou com lucidez admirável.

"Seu engano é este, um engano bastante comum. Esse jovem salafrário tem a própria vida. Que direito tem a senhorita de concluir que é uma vida malsucedida ou, como diz, 'cinzenta'?"

"Porque…"

"Um minuto. Não sabe nada acerca dele. É muito provável que esse rapaz tenha as próprias alegrias e interesses… esposa, filhos, uma casinha aconchegante. É nisso que nós, sujeitos práticos" — ele sorriu —, "somos mais tolerantes que vocês, intelectuais. Vivemos e deixamos viver, presumindo que as coisas andam perfeitamente bem em toda parte, e que o homem simples e comum pode cuidar dos próprios negócios. Concedo inteiramente… vejo o rosto dos funcionários em meu próprio escritório e observo que são obtusos, mas não sei o que se passa sob a superfície. E, a propósito, a respeito de Londres. Eu a ouvi denegrir Londres, senhorita Schlegel, e pode parecer uma coisa estranha de dizer, mas fiquei furioso com a senhorita. O que sabe sobre Londres? Apenas vê a civilização de fora. Não digo que seja o seu caso, mas em muitos casos essa atitude leva à morbidez, ao descontentamento e ao socialismo."

Ela admitiu a solidez de sua posição, ainda que solapasse a imaginação. Conforme ele falava, certos postos avançados da poesia e talvez até da simpatia ruíram, e ela retrocedeu ao que chamava de sua "segunda linha" — aos fatos especiais do caso.

"Sua esposa é um velho aborrecimento", disse simplesmente. "Não voltou para casa no último sábado à noite porque queria ficar sozinho e ela achava que estava conosco."

"Com as *senhoritas*?"

"É." Evie dava risadinhas nervosas. "Não tem o lar aconchegante que o senhor presumiu. Necessita de interesses externos."

"Mas que jovem mais descarado!", exclamou a garota.

"Descarado?", disse Margaret, que odiava o descaramento mais do que o pecado. "Quando for casada, senhorita Wilcox, não vai querer ter interesses

externos?”

“Ele ao que parece os tem”, disse o sr. Wilcox, malicioso.

“É, tem mesmo, pai.”

“Estava caminhando por Surrey, se é o que estão querendo insinuar”, disse Margaret, afastando-se com certa irritação.

“Ah, claro que sim!”

“Senhorita Wilcox, ele estava!”

“Hummmm!”, fez o sr. Wilcox, que achava o episódio divertido, quando não picante. Com a maioria das mulheres ele não o teria discutido, mas contava com a reputação de mulher emancipada de Margaret.

“Foi o que disse e sobre uma coisa dessas não mentiria.”

Ambos começaram a rir.

“É nisso que difiro do senhor. Homens mentem sobre suas posições e perspectivas, mas não sobre uma coisa dessas.”

Ele balançou a cabeça. “Senhorita Schlegel, desculpe-me, mas conheço o tipo.”

“Eu já disse… ele não é um tipo. Interessa-se genuinamente pela aventura. Está certo de que nossa existência autocomplacente não é tudo. É vulgar, histérico e livresco, mas não pense que se resume a isso. Há também virilidade nele. Sim, é isso que estou tentando dizer. É um homem de verdade.”

Conforme dizia isso, seus olhares se cruzaram, e foi como se as defesas do sr. Wilcox desabassem. Ela viu o homem real que existia dentro dele. Sem querer, tocara suas emoções. Uma mulher e dois homens — haviam formado o triângulo mágico do sexo e o macho estremecera de ciúme, caso a fêmea estivesse atraída por outro macho. O amor, dizem os ascetas, revela nosso vergonhoso parentesco com as feras. Que seja; isso se pode agüentar; o ciúme é a verdadeira vergonha. É o ciúme, não o amor, que nos mantém intoleravelmente ligados ao terreiro da fazenda, evocando visões de dois galos furiosos e uma galinha condescendente. Margaret reprimia a condescendência porque era civilizada. O sr. Wilcox, não civilizado, continuou a sentir a raiva muito tempo depois de ter reerguido suas defesas, e agora mais uma vez apresentava um bastião para o mundo.

“Senhorita Schlegel, são criaturas muito nobres, mas devem ser *muito* cuidadosas neste mundo desumano. O que diz seu irmão?”

“Esqueci.”

“Decerto tem alguma opinião.”

“Achou graça, se me lembro ao certo.”

“É muito inteligente, não é?”, disse Evie, que conhecera e detestara Tibby, em Oxford.

“É, bastante… mas gostaria de saber o que Helen está fazendo.”

“Ela é muito jovem para cuidar desse tipo de coisa”, disse o sr. Wilcox.

Margaret desceu ao patamar da escada. Não ouviu som algum e o chapéu do sr. Bast não estava no vestíbulo.

“Helen!”, gritou.

“O quê?”, respondeu uma voz vinda da biblioteca.

“Está aí?”

“É… já faz algum tempo.”

Margaret foi até ela. “Ora, mas está aqui sozinha”, disse.

“É… tudo bem, Meg. Que pobre criatura…”

“Vamos ficar com os Wilcox, fale-me sobre isso depois… o senhor Wilcox está muito preocupado e um pouco exaltado.”

“Ai, não tenho a menor paciência com ele. Eu o odeio. Coitado do senhor Bast! Queria conversar sobre literatura, e nós falando de negócios. Que homem mais confuso, e, ainda assim, tão digno de ser ajudado. Gosto imensamente dele.”

“Muito bem”, disse Margaret, beijando-a, “mas venha para a sala de visitas agora e não o mencione diante dos Wilcox. Passe por cima de todo o acontecido.”

Helen foi e se portou com um bom humor que tranqüilizou o visitante — aquela galinha, em todo caso, estava livre e desimpedida.

“Foi embora com minhas bênçãos”, exclamou; “e agora, de volta aos filhotes.”

No caminho de volta, no carro, o sr. Wilcox disse à filha:

“Estou realmente preocupado com o rumo dessas duas garotas. São tão inteligentes quanto se poderia supor, mas nada práticas. Que Deus me perdoe! Um dia desses irão longe demais. Garotas assim não deveriam viver sozinhas em Londres. Até que se casem, deveriam ter alguém para zelar por elas. Precisamos visitá-las com mais freqüência… somos melhor do que ninguém. Gosta delas, não gosta, Evie?”

Evie respondeu: “Helen é agradável, mas não suporto aquela dentuça. E eu não teria chamado nenhuma das duas de garota”.

Evie se tornara uma bela mulher. De olhos negros, com o brilho da juventude sob o bronzeado do sol, constituição firme e lábios firmes, era o melhor que os Wilcox poderiam ter produzido a título de beleza feminina. No

momento, os cachorrinhos e seu pai eram as únicas coisas que amava, mas a rede do matrimônio estava sendo preparada para ela e poucos dias depois sentiu-se atraída pelo sr. Percy Cahill, tio da sra. Charles, e ele se sentiu atraído por ela.

XVII

A Era da Propriedade guarda momentos amargos até para um proprietário. Quando uma mudança é iminente, a mobília se torna ridícula, e Margaret agora passa noites em claro imaginando onde, onde cargas-d’água, os três e todos os seus pertences seriam depositados no próximo mês de setembro. Cadeiras, mesas, quadros, livros, que haviam se empilhado sobre eles através de gerações, deviam ser empilhados outra vez como se fossem lixo num deslizamento em que há muito tempo ela desejasse dar um empurrão final, fazendo-o despencar no oceano. Mas lá estavam todos os livros de seu pai — nunca os haviam lido, mas haviam pertencido ao pai deles e tinham de ser guardados. Lá estava o *chiffonier* com tampo de mármore — a mãe deles tinha um apreço especial por aquela peça, não conseguiam se lembrar por quê. O sentimento envolvia cada maçaneta e almofada da casa, um sentimento que era às vezes pessoal, porém mais freqüentemente uma débil piedade pelos mortos, um prolongamento dos ritos que podiam ter sido encerrados no túmulo.

Era absurdo, se a pessoa pensasse a respeito; Helen e Tibby pensaram; Margaret estava ocupada demais com os corretores imobiliários. A propriedade feudal da terra de fato trazia dignidade, enquanto a propriedade moderna de bens móveis está nos reduzindo outra vez a uma horda nômade. Estamos retrocedendo à civilização da bagagem, e os historiadores do futuro notarão como a classe média acumulou posses sem criar raízes, e talvez encontrem nisso o segredo de sua pobreza de imaginação. A família Schlegel estava certamente mais pobre com a perda de Wickham Place. A casa ajudara a equilibrar suas vidas e quase a lhes aconselhar. Tampouco seu proprietário está mais rico, espiritualmente. Construiu apartamentos no lugar, seus carros ficaram mais velozes, suas denúncias do socialismo, mais incisivas. Mas ele entornou a preciosa destilação dos anos e nenhuma química sua pode restituir isso de novo à sociedade.

Margaret ficou cada vez mais deprimida; estava ansiosa por se estabelecer em uma casa antes que deixassem a cidade para fazer sua visita anual à sra. Munt. Gostava dessa visita e queria estar com a cabeça em ordem na ocasião. Swanage, ainda que aborrecida, era estável, e neste ano almejava mais do que de costume seu ar fresco e os pastos magníficos que a protegiam ao norte. Mas

Londres a impedia; em sua atmosfera, não conseguia se concentrar. Londres apenas estimula, não pode sustentar; e Margaret, correndo por sua superfície em busca de uma casa sem saber que tipo de casa queria, pagava por muitas sensações emocionantes do passado. Não podia nem mesmo abrir mão da cultura, e seu tempo era desperdiçado com concertos que seria um pecado perder, e convites que jamais poderia recusar. No fim, ficou desesperada; resolveu que não iria a lugar algum e que não estaria em casa para ninguém até que encontrasse uma casa, para quebrar a resolução em meia hora.

Certa vez, ela lamentara com bom humor que nunca fora ao restaurante Simpson's, no Strand. Agora recebia um bilhete da srta. Wilcox, convidando-a para um almoço no lugar. O sr. Cahill também iria e os três teriam um bate-papo agradável, e quem sabe terminariam indo ao Hipódromo. Margaret não nutria grande estima por Evie, e não tinha desejo algum de conhecer seu noivo, e estava surpresa de que Helen, que se mostrara muito mais animada acerca do Simpson's, não houvesse sido convidada, em seu lugar. Mas o convite a tocou pelo tom íntimo. Devia conhecer Evie Wilcox melhor do que imaginava e, declarando que "simplesmente tinha de ir", aceitou.

Mas quando avistou Evie na entrada do restaurante, fitando ferozmente o vazio, à maneira das mulheres atléticas, sentiu um aperto no coração. A srta. Wilcox mudara de forma perceptível desde o noivado. A voz estava mais áspera, os modos, mais determinados, e inclinava-se a tratar com ar superior a virgem mais tola. Margaret era inocente o bastante para ficar aborrecida com isso. Deprimida com seu isolamento, viu não só casas e mobília como também a própria nau da vida deixando-a para trás, com gente como Evie e o sr. Cahill a bordo.

Há momentos em que a virtude e a sabedoria nos faltam e um desses veio-lhe no Simpson's-in-the-Strand. Conforme galgava os degraus estreitos mas densamente acarpetados, e entrava no restaurante, onde lombos de carneiro eram servidos para clérigos ansiosos, teve uma forte, ainda que errônea, convicção de sua própria futilidade, e desejou que jamais houvesse deixado seu retiro, onde nada acontecia, exceto arte e literatura, e onde ninguém nunca se casava nem conseguia permanecer comprometido. Então aconteceu uma pequena surpresa. O pai talvez estivesse no grupo… sim, o pai estava. Com um sorriso de prazer adiantou-se para cumprimentá-lo, e sua sensação de solidão foi embora.

"Pensei em dar uma passada, se pudesse", disse ele. "Evie contou-me seu pequeno plano, então simplesmente entrei aqui e reservei uma mesa. Sempre reserve a mesa antes de tudo. Evie, não finja que quer se sentar ao lado de seu

velho pai, pois não quer. Senhorita Schlegel, fique ao meu lado, por piedade. Meu Deus, como parece cansada! Anda muito ocupada atrás de seus jovens escriturários?”

“Não, atrás de casas”, disse Margaret, passando por ele para entrar no reservado. “Estou faminta, não cansada; quero comer até me fartar.”

“Isso é ótimo. O que vai querer?”

“Torta de peixe”, disse ela, dando uma olhada no cardápio.

“Torta de peixe! Um pedido engraçado para se fazer no Simpson’s. Está longe de ser a melhor opção daqui.”

“Escolha algo por mim, então”, disse Margaret, tirando as luvas. Sua disposição estava melhorando e a referência que ele fizera a Leonard Bast a deixara curiosamente animada.

“Lombo de carneiro”, disse ele, após uma profunda reflexão, “e para beber, sidra. Essa é a coisa certa. Gosto de vir a este lugar, para me divertir, de vez em quando. É tão inteiramente a Velha Inglaterra. Não concorda?”

“É claro”, disse Margaret, que não concordava. O pedido foi feito, a carne foi servida, e o garçom, orientado pelo sr. Wilcox, cortou-a nos pontos mais suculentos, fazendo grandes pilhas nos pratos. O sr. Cahill insistiu no filé, mas admitiu depois que foi um erro. Ele e Evie logo entraram numa conversa do tipo “Não, eu não; foi, foi sim”…, conversa que, embora fascinante para os envolvidos, não deseja nem merece a atenção dos outros.

“É minha regra de ouro dar gorjeta ao garçom. Sempre dê gorjeta em qualquer lugar, esse é meu lema.”

“Talvez torne o mundo mais humano.”

“Assim o sujeito reconhece a pessoa, em outra ocasião. Principalmente no Oriente, se damos gorjeta, lembram-se de nós do começo ao fim do ano.”

“Já esteve no Oriente?”

“Ah, na Grécia e no Levante. Costumava ir a Chipre para praticar esportes e fechar negócios; há uma espécie de sociedade militar por lá. Umas poucas piastras, distribuídas adequadamente, ajudam a manter fresca a memória das pessoas. Mas a senhorita, é claro, julga isso chocantemente cínico. Como andam as discussões em sua sociedade? Alguma nova utopia, ultimamente?”

“Não, estou procurando casa, senhor Wilcox, como já lhe disse antes. Sabe de alguma?”

“Receio que não.”

“Ora, de que adianta ser prático se não consegue arranjar uma casa para duas mulheres aflitas? Só queremos uma casinha simples de cômodos amplos,

um monte deles.”

“Evie, gostei disso! A senhorita Schlegel espera que eu seja seu corretor imobiliário!”

“Como é, papai?”

“Quero uma casa nova até setembro e alguém precisa encontrá-la para mim, eu não consigo.”

“Percy, sabe de alguma coisa?”

“Não posso dizer que sim”, disse o sr. Cahill.

“Ora, é bem de você! Nunca ajuda em nada.”

“Nunca ajudo em nada. Ouçam só ela! Nunca ajudo em nada. Ah, vamos!”

“Bem, não ajuda. Ajuda, senhorita Schlegel?”

A torrente de seu amor, após espargir algumas gotas em Margaret, seguiu o curso habitual. Ela se identificava com esse amor, agora, pois um pequeno conforto restaurara sua jovialidade. A conversa e o silêncio agradavam-na igualmente e, enquanto o sr. Wilcox fazia algumas perguntas preliminares sobre queijo, seus olhos passearam pelo restaurante, e admirou-se dos bem calculados tributos à solidez de nosso passado. Embora não mais Velha Inglaterra do que as obras de Kipling, o lugar selecionara reminiscências tão acertadamente que seu senso crítico foi apaziguado, e os fregueses que alimentava com fins imperiais guardavam uma semelhança com Parson Adams ou Tom Jones. Fragmentos de conversas chegavam com uma esquisita estridência a seus ouvidos. “Tem razão! Vou enviar um cabograma para Uganda hoje à noite”, veio da mesa de trás. “O imperador deles quer guerra; bom, que a tenha”, era a opinião de um clérigo. Ela sorriu diante dessas incongruências. “Da próxima vez”, disse ao sr. Wilcox, “virá almoçar comigo no restaurante do senhor Eustace Miles.”

“Com prazer.”

“Não, o senhor vai detestar o lugar”, disse ela, empurrando o copo em sua direção para que lhe servisse um pouco mais de sidra. “É só proteínas e fisiculturismo, e gente que se aproxima e diz, com licença, mas como é linda sua aura.”

“Sua o quê?”

“Nunca ouviu falar em aura? Ai, que homem mais feliz! Fico horas esfregando a minha. Nem em plano astral?”

Já ouvira falar em planos astrais, e não os aprovava.

“Muito bem. Por sorte era a aura de Helen, não a minha, e coube a ela jogar conversa fora e bancar a educada. Eu apenas permaneci sentada com o guardanapo na boca até que o homem fosse embora.”

“Que experiências curiosas parecem acontecer às duas garotas. Ninguém nunca me perguntou sobre minha… como chama? Talvez eu não tenha uma.”

“É provável que tenha, mas pode ser de uma cor tão horrível que ninguém ousa mencionar.”

“Diga-me, então, senhorita Schlegel, realmente acredita no sobrenatural e toda essa coisa?”

“Que pergunta mais difícil.”

“Por quê? Gruyère ou Stilton?”

“Gruyère, por favor.”

“Melhor provar o Stilton.”

“Stilton. Porque, embora não acredite em auras, e ache a teosofia apenas um ponto de parada no meio do caminho…”

“… Mesmo assim, deve haver alguma coisa, de todo modo”, concluiu ele, franzindo o cenho.

“Nem mesmo isso. Posso estar a meio caminho na direção errada. Não sei explicar. Não acredito em todo esse modismo e mesmo assim não gosto de dizer que não acredito.”

Ele não pareceu satisfeito, e disse: “Então não pode me dar sua palavra de que *não* acredita em corpos astrais e todo o resto?”.

“Posso”, disse Margaret, surpresa de que o assunto fosse importante para ele. “Na verdade, dou. Quando falei em esfregar minha aura, só tentava ser engraçada. Mas por que deseja esclarecer isso?”

“Não sei.”

“Ora, senhor Wilcox, sabe sim.”

“É, eu sim”… “Não, você não” disparavam os namorados no outro lado da mesa. Margaret ficou silenciosa por um minuto, e então mudou de assunto.

“Como está sua casa?”

“Não mudou nada desde que a honrou com uma visita, na semana passada.”

“Não me refiro a Ducie Street. Howards End, é claro.”

“Por que ‘é claro’?”

“Não poderia despejar o inquilino e alugá-la para nós? Estamos quase enlouquecendo.”

“Deixe-me pensar. Gostaria de poder ajudá-las. Mas achei que queria ficar na cidade. Um pequeno conselho: escolha um bairro, depois escolha um preço, e então não desista. Foi assim que consegui tanto Ducie Street como Oniton. Disse a mim mesmo: ‘Quero ficar exatamente aqui’, e fiquei, e Oniton é um lugar em mil.”

“Mas eu desisto. Os homens parecem deixar as casas mesmerizadas… intimidam-nas com um olho, e lá vêm elas, tremendo. As mulheres, não. São as casas que me deixam mesmerizada. Não tenho controle algum sobre coisas impertinentes. Casas têm vida? Não.”

“Não estou entendendo”, ele disse, e acrescentou: “Falou desse modo com seu escriturário?”.

“Falei?… Quer dizer, mais ou menos. Falo do mesmo modo com todo mundo… ou tento.”

“É, sei. E quanto supõe que compreendeu do que disse?”

“Isso é com ele. Não acredito em adequar a conversa à companhia. A pessoa pode sem dúvida topar com uma moeda de troca que pareça servir bastante bem, mas isso não se parece com a coisa real, tanto quanto dinheiro não se parece com comida. Não é possível nutrir-se dele. Passe-o às classes mais baixas, e elas o passam de volta, e é isso que chamamos de ‘relação social’ ou ‘empenho mútuo’, quando se trata de esnobismo mútuo, se é que se trata de alguma coisa. Nossas amigas de Chelsea não entendem assim. Dizem que devemos ser compreensíveis a todo custo, e sacrificar…”

“As classes mais baixas”, interrompeu o sr. Wilcox, como que dando um empurrão com as mãos em seu discurso. “Bom, admite que há ricos e pobres. Isso já é alguma coisa.”

Margaret não pôde responder. Seria ele incrivelmente estúpido, ou a compreendia melhor do que ela mesma?

“Então admite que se a riqueza fosse igualmente dividida, em poucos anos haveria ricos e pobres outra vez, do mesmo jeito. O trabalhador esforçado ascenderia ao topo, o perdulário desceria até o fundo.”

“Todo mundo admite isso.”

“Suas socialistas, não.”

“Minhas socialistas, sim. Talvez não os seus; mas tenho fortes suspeitas de que os seus não são socialistas, mas pinos de boliche, que o senhor montou para a própria diversão. Não consigo imaginar criaturas vivas que tombassem com mais facilidade.”

Não fosse ela mulher, isso o teria deixado ofendido. Mas as mulheres podem dizer qualquer coisa — era uma de suas crenças mais sagradas — e apenas retrucou, com um sorriso divertido: “Não me importo. Admitiu duas coisas em detrimento próprio, e concordo de todo o coração com ambas”.

Terminaram o almoço quando era hora e Margaret, desculpando-se por não ir ao Hipódromo, foi embora. Evie mal lhe dirigira

a palavra e suspeitava que o encontro fora planejado pelo pai. Ele e ela avançavam além dos limites de suas respectivas famílias rumo a um relacionamento mais íntimo. Isso começara havia muito. Fora amiga de sua esposa e, nessa condição, ganhara dele a *vinaigrette* de prata como recordação. Fora um belo gesto de sua parte dar-lhe aquela *vinaigrette*, e ele sempre a preferira a Helen — ao contrário da maioria dos homens. Mas o avanço fora espantoso, ultimamente. Haviam ido mais longe em uma semana do que nos últimos dois anos e de fato começavam a conhecer um ao outro.

Não esqueceu a promessa de levá-lo para experimentar o Eustace Miles e convidou-o tão logo conseguiu assegurar a companhia de Tibby para acompanhá-la. Ele foi e humildemente compartilhou daqueles pratos de fisiculturistas.

Na manhã seguinte, as Schlegel partiram para Swanage. Não haviam conseguido encontrar um novo lar.

XVIII

Quando estavam sentadas à mesa do café na casa de tia Juley, em The Bays, esquivando-se de sua hospitalidade excessiva e desfrutando a vista da baía, chegou uma carta para Margaret que a deixou perturbada. Era do sr. Wilcox. Anunciava uma "mudança importante" de planos. Devido ao casamento de Evie, decidira desistir de sua casa na Ducie Street e desejava alugá-la com base em um contrato anual. A carta tinha um tom comercial, e expunha claramente o que faria por elas e o que não faria. Bem como o preço. Se aprovassem, Margaret deveria voltar para Londres *imediatamente* — a palavra fora sublinhada, como se faz necessário ao lidar com mulheres — e conhecer a casa com ele. Caso não a quisessem, que por obséquio enviasse um telegrama, para que a pusesse nas mãos de um corretor.

A carta a perturbou porque seu significado não ficou claro. Se gostava dela, se armara as coisas para levá-la ao Simpson's, seria essa uma manobra para fazer com que fosse a Londres, resultando numa oferta de casamento? Propôs isso a si mesma da maneira mais indelicada possível, na esperança de que sua mente exclamasse "Quanta bobagem, sua tola desajeitada!". Mas sua mente apenas zumbiu por um segundo e ficou em silêncio, e por algum tempo ela permaneceu sentada observando a marola, perguntando-se se a novidade pareceria estranha para os outros.

Assim que começou a falar, o som da própria voz a tranqüilizou. Não podia haver nada naquilo. As respostas também foram típicas e no burburinho da conversa seus temores desapareceram.

"Não precisa ir, porém…", começou a anfitriã.

"Não preciso, mas será que não deveria? A coisa realmente está ficando séria. Deixamos escapar oportunidade atrás de oportunidade e o desfecho disso é que seremos despejados com armas e bagagem na rua. Não sabemos o que queremos, isso é o que está nos prejudicando…"

"Não, não temos laços de verdade", disse Helen, servindo-se de uma torrada.

"Não seria melhor se eu fosse hoje para a cidade, ficasse com a casa, se for minimamente viável, e voltasse no trem da tarde de amanhã, para começar a

aproveitar a estada? Não vou conseguir me divertir nem serei boa companhia enquanto não tirar esse negócio da cabeça."

"Mas não vai fazer nada precipitado, vai, Margaret?"

"Não há nada precipitado a fazer."

"Quem *são* os Wilcox?", disse Tibby, uma pergunta que parece boba, mas era na verdade extremamente sutil, como descobriu a custo sua tia quando tentou responder. "Não *entendo* esses Wilcox; não vejo *onde entram* nessa história."

"Tanto quanto eu", concordou Helen. "É engraçado como estão sempre por perto. De todas as pessoas que conhecemos em hotéis, o senhor Wilcox é o único que sobrou. Já faz três anos e perdemos de vista gente muito mais interessante nesse meio tempo."

"Gente interessante não arruma casas para os outros."

"Meg, se começar a entrar nessa veia da integridade inglesa, vou atirar o pote de melado em você."

"É uma veia melhor do que a cosmopolita", disse Margaret, ficando de pé. "Então, crianças, o que vai ser? Conhecem a casa da Ducie Street. Devo dizer sim ou não? Tibby querido… como é? Estou particularmente ansiosa para saber a opinião de vocês dois."

"Tudo depende do significado que você dá à palavra 'viáv…'"

"Não depende de nada disso. Diga sim."

"Diga não."

Então Margaret começou a falar com mais seriedade. "Acho", disse, "que nossa estirpe está se degenerando. Não conseguimos chegar a um acordo nem mesmo sobre uma coisa pequena como essa; como vai ser quando tivermos de resolver uma grande?"

"Vai ser fácil como comer", retrucou Helen.

"Estava pensando em papai. Como pôde decidir deixar a Alemanha, como fez, após ter lutado pelo país na juventude, e quando todos seus sentimentos e amigos eram prussianos? Como conseguiu romper os laços com o patriotismo e começou a visar outra coisa? Isso teria me matado. Com quase quarenta anos, foi capaz de mudar de país e ideais… e nós, com nossa idade, não conseguimos mudar de casa. É humilhante."

"Seu pai talvez fosse capaz de mudar de país", disse a sra. Munt asperamente, "e isso pode ter sido uma coisa boa ou não. Mas não era capaz de mudar de casa tanto quanto vocês, na verdade, era bem pior. Jamais esquecerei como a pobre Emily sofreu quando se mudou de Manchester."

"Eu sabia", exclamou Helen. "Eu disse. É com as coisas pequenas que nos

atrapalhamos. As grandes, as reais, não são nada, quando chegam.”

“Atrapalhada, minha querida! Você era pequena demais para se lembrar… na verdade, nem estava lá. Mas a mobília já estava nos vagões e a caminho antes da assinatura do contrato de aluguel em Wickham Place, e Emily tomou o trem com o bebê — era Margaret — e uma pequena bagagem para Londres, sem saber nem mesmo onde ficava o novo lar. Deixar aquela casa pode ser difícil, mas não é nada comparado com o sofrimento que passamos todos para enfiá-las ali dentro.”

Helen, com a boca cheia, exclamou:

“E esse é o homem que derrotou os austríacos, e os dinamarqueses, e os franceses, e derrotou os alemães que havia dentro dele mesmo. E somos como ele.”

“Fale por si mesma”, disse Tibby. “Lembre-se de que eu sou cosmopolita, por favor.”

“Talvez Helen esteja certa.”

“É claro que está”, disse Helen.

Helen podia estar certa, mas não ia para Londres. Margaret é que foi. A interrupção das férias é a pior das pequenas preocupações, e pode-se perdoar alguém por sentir-se deprimido quando uma carta comercial o separa do mar e dos amigos. Era incapaz de acreditar que seu pai um dia houvesse sentido o mesmo. A vista andava incomodando-a, ultimamente, de maneira que não podia ler no trem, e achava um tédio olhar a paisagem que ontem mesmo apreciara. Na altura de Southampton “acenou” para Frieda; Frieda estava a caminho de juntar-se a eles em Swanage e a sra. Munt calculara que seus trens poderiam se cruzar. Mas Frieda olhava para o outro lado e Margaret viajou para a cidade sentindo-se uma solteirona solitária. Como era típico de uma velha solteirona imaginar que o sr. Wilcox a cortejava! Certa vez visitara uma mulher dessas — pobre, tola e nada atraente — cuja mania era de que todo homem que se aproximava ficava apaixonado por ela. Como partia o coração de Margaret essa ilusão! Como repreendera, argumentara e, em desespero, aquiescera! “Posso ter me equivocado com o cura, minha querida, mas o jovem que me traz a correspondência do meio-dia realmente gosta de mim, e tem, para falar a verdade…” Esse sempre lhe parecera o aspecto mais horroroso da velhice, embora ela própria pudesse ser levada a isso pela mera pressão da virgindade.

O sr. Wilcox foi pessoalmente a seu encontro em Waterloo. Pareceu-lhe que definitivamente não estava como de costume; para começar, ofendia-se com tudo que dizia.

“Isso é extremamente gentil de sua parte”, começou, “mas receio que não possa aceitar. Ainda não foi construída casa que sirva para a família Schlegel.”

“O quê! Veio determinada a não fechar negócio?”

“Não exatamente.”

“Não exatamente? Neste caso, vamos andando.”

Ela se deteve para admirar o carro, que era novo, e uma criatura mais bela do que o gigante escarlate que carregara tia Juley para sua desgraça três anos antes.

“Certamente, é muito bonito”, disse ela. “O que acha, Crane?”

“Vamos andando”, repetiu seu anfitrião. “Como cargas-d’água sabe que meu chofer se chama Crane?”

“Ora, conheço Crane: saí para passear de carro com Evie, certa vez. Sei que tem uma empregada chamada Milton. Sei todo tipo de coisa.”

“Evie!”, trovejou ele, com um tom ofendido. “Não vai encontrá-la. Está fora, com Cahill. Não tem graça, estou lhe dizendo, ficar tão sozinho. Trabalho durante o dia — na verdade, trabalho até demais —, mas quando volto no fim da tarde, vou lhe dizer, não agüento ficar em casa.”

“A meu modo absurdo, também sou solitária”, replicou Margaret. “É de partir o coração a pessoa deixar um velho lar. Mal posso me recordar de qualquer coisa antes de Wickham Place e Helen e Tibby nasceram lá. Helen diz…”

“A senhorita, também, se sente sozinha?”

“Terrivelmente. Veja, o Parlamento está de volta!”

O sr. Wilcox lançou um olhar de desprezo ao Parlamento. O leme da vida estava em outro lugar. “É, estão conversando outra vez”, disse ele. “Mas ia dizendo…”

“Só uma bobagem sobre mobília. Helen diz que é a única coisa que perdura, enquanto os homens e as casas perecem, e que no fim o mundo será um deserto de poltronas e sofás — imagine só! — atravessando a eternidade sem ninguém para sentar-se neles.”

“Sua irmã está sempre disposta a uma pequena piada.”

“Ela diz sim, meu irmão diz não, a Ducie Street. Não é nada divertido nos ajudar, senhor Wilcox, asseguro-lhe.”

“A senhorita não é tão pouco prática quanto finge ser. Nunca vou acreditar nisso.”

Margaret riu. Mas de fato não era nem um pouco prática. Era incapaz de se concentrar nos detalhes. O Parlamento, o Tâmisa, o chofer indiferente, tudo se

imiscuía no assunto da procura de casa e tudo exigia algum comentário ou reação. É impossível ver a vida moderna com constância e vê-la em sua totalidade, e ela escolhera vê-la na totalidade. O sr. Wilcox a via com constância. Jamais se incomodara com o misterioso ou o privado. O Tâmisa podia correr terra adentro vindo do mar, o chofer podia ocultar toda paixão e filosofia sob sua pele doentia. Eles é que sabiam da própria vida,
e ele sabia da sua.

Contudo, ela apreciava sua companhia. Não era alguém que a exprobrasse, mas sim a estimulava, e afugentava a morbidez. Cerca de vinte anos mais velho, preservava um dom que ela supostamente já perdera — não o poder criativo da juventude, mas sua autoconfiança e otimismo. Tinha tanta certeza de que o mundo era um lugar agradável. Sua compleição era robusta, o cabelo rareara mas não afinara, o bigode espesso e os olhos que Helen havia comparado a esferas cor de brande ostentavam um agradável ar de ameaça, estivessem voltados para os cortiços ou para as estrelas. Um dia — na virada do milênio — talvez não houvesse mais necessidade de gente de seu tipo. No presente, que a devida deferência a eles se preste por parte daqueles que se julgam superiores, e que possivelmente o são.

“Em todo caso, a senhorita respondeu prontamente ao meu telegrama”, observou.

“Ah, até mesmo eu percebo uma boa coisa quando vejo uma.”

“Fico feliz que não despreze as boas coisas deste mundo.”

“Deus do céu, não! Só os idiotas e presunçosos são assim.”

“Fico feliz, muito feliz”, repetiu ele, subitamente suavizando-se e virando-se para ela, como se a observação o houvesse deixado satisfeito. “Há tanta hipocrisia sendo dita nesses pretensos círculos intelectuais. Fico feliz que a senhorita não compartilhe disso. A abnegação é um meio muito bom de fortalecer o caráter. Mas não suporto pessoas que desprezam o conforto. Geralmente têm algum interesse por trás. Não acha?”

“Confortos são de dois tipos”, disse Margaret, que estava se controlando — “aqueles que podemos partilhar com os outros, como o fogo, o clima ou a música — e aqueles que não podemos; comida, por exemplo. Depende.”

“Falo de confortos razoáveis, é claro. Não gostaria de pensar que a senhorita…” Inclinou-se mais para perto dela; a frase terminou pela metade. A cabeça de Margaret ficou muito embotada e por dentro parecia girar como a luz de um farol. Ele não a beijou, pois era meio-dia e meia e o carro passava pelos estábulos do palácio de Buckingham. Mas a atmosfera estava tão carregada de

emoção que as pessoas pareciam existir apenas por sua causa, e ficou surpresa de que Crane não o percebesse e se virasse. Embora ela pudesse estar estupidificada, certamente o sr. Wilcox estava mais… como se poderia dizer?… mais psicológico do que o normal. Sempre um bom juiz de caráter para efeito de negócios, parecia nessa tarde ter alargado seu campo, notando qualidades outras além de clareza, obediência e determinação.

"Quero conhecer a casa toda", anunciou quando chegaram. "Assim que voltar a Swanage, coisa que farei amanhã à tarde, conversarei mais uma vez com Helen e Tibby, e enviarei um telegrama dizendo sim ou não."

"Perfeito. A sala de jantar." E começaram a inspeção.

A sala de jantar era ampla, mas atulhada de móveis. Chelsea teria gemido em voz alta. O sr. Wilcox havia evitado esses projetos de decoração que retraem, suavizam, abstêm, e atingem a beleza sacrificando o conforto e a vivacidade. Após tanta uniformidade de cor e abnegação, Margaret via com alívio os painéis de madeira, os frisos, o papel de parede dourado entre cujas folhagens cantavam papagaios. Aquilo jamais combinaria com sua própria mobília, mas as pesadas cadeiras, o imenso aparador carregado de placas honoríficas contrapunham-se à opressão do ambiente como homens. A sala sugeria homens, e Margaret, sempre inclinada a ligar o capitalista moderno aos guerreiros e caçadores do passado, viu no lugar uma antiga sala de hóspedes, onde o lorde sentava-se à refeição entre seus senhores feudais. Até mesmo a Bíblia — a Bíblia holandesa que Charles trouxera da Guerra dos Bôeres — tinha seu lugar ali. Uma sala como aquela admitia a pilhagem.

"Agora o vestíbulo."

O vestíbulo era ladrilhado.

"Aqui nós, homens, fumamos."

Nós homens fumavam em poltronas de couro marrom. Era como se um carro houvesse desovado. "Ah, muito bom!", disse Margaret, afundando num deles.

"Gosta?", disse ele, fixando os olhos em seu rosto voltado para o alto, e certamente traindo uma nota quase íntima. "É uma grande bobagem não propiciar conforto para si mesmo, não é?"

"Hã, é. Meia bobagem. Aqueles são Cruikshanks?"

"Gillrays. Vamos subir?"

"Toda essa mobília vem de Howards End?"

"Toda a mobília de Howards End foi para Oniton."

"E o… mas estou preocupada com a casa, não com a mobília. Qual o

tamanho desta sala de fumar?”

“Quatro por quatro e meio. Não, espere um pouco. Quatro e setenta.”

“Ah, bom. Senhor Wilcox, não acha engraçada a solenidade com que a classe média aborda a questão das casas?”

Seguiram adiante para a sala de visitas. Aqui, Chelsea se dava melhor. Era amarelecida e inútil. Podia-se imaginar as mulheres entrando ali, enquanto seus senhores discutiam as realidades da vida lá embaixo, como acompanhamento para seus charutos. Seria esse o aspecto da sala de visitas da sra. Wilcox em Howards End? Assim que o pensamento invadiu a mente de Margaret, o sr. Wilcox pediu-a em casamento, e a consciência de que estivera com a razão subjugou-a a tal ponto que quase desmaiou.

O pedido, contudo, não figuraria entre as maiores cenas amorosas do mundo.

“Senhorita Schlegel” — sua voz era firme —, “trouxe-a até aqui sob um falso pretexto. Quero lhe falar sobre um assunto muito mais sério do que uma casa.”

Margaret quase respondeu: “Já sei…”.

“Poderia persuadi-la a compartilhar de meu… seria provável…”

“Oh, senhor Wilcox!”, interrompeu ela, apoiando-se no piano e desviando os olhos. “Entendo, entendo. Vou lhe escrever depois, se puder.”

Ele começou a gaguejar. “Senhorita Schlegel… Margaret… não compreende.”

“Ah, sim! Compreendo, sim!”, disse Margaret.

“Estou lhe pedindo que seja minha esposa.”

Tão profunda era já a afinidade de seus sentimentos que, quando ele disse, “Estou lhe pedindo que seja minha esposa”, ela se forçou a um pequeno sobressalto. Devia se mostrar surpresa, se era o que ele esperava. Uma imensa alegria a invadiu. Era indescritível. Não tinha nada a ver com humanidade, e parecia mais a onipresente felicidade do tempo bom. Tempo bom é devido ao sol, mas Margaret não conseguia pensar numa radiância central aqui. Permanecia feliz na sala de visitas dele, e ansiava por propiciar felicidade. Ao deixá-lo, percebeu que a radiância central fora amor.

“Não está ofendida, senhorita Schlegel?”

“Como poderia estar ofendida?”

Houve uma pausa momentânea. Estava ansioso em se ver livre dela, e ela sabia disso. Era intuitiva demais para fitá-lo enquanto lutava por posses que o dinheiro não podia comprar. Ele desejava companheirismo e afeição, mas temia-

os, e ela, que ensinara a si mesma apenas a desejar, e poderia ter disfarçado a luta com beleza, conteve-se, e hesitou junto com ele.

"Até logo", continuou. "Receberá uma carta minha… volto para Swanage amanhã."

"Obrigado."

"Até logo, e sou eu que agradeço."

"Posso pedir que tragam o carro?"

"Seria muita gentileza."

"Gostaria de ter escrito, em vez disso. Eu deveria ter escrito?"

"De modo algum."

"Só uma pergunta…"

Ela balançou a cabeça. Ele parecia um pouco confuso, e se separaram.

Separaram-se sem apertar as mãos; ela mantivera aquele encontro, para o próprio bem dele, em tons do mais ameno cinza. Contudo, vibrava de felicidade conforme se aproximava de sua própria casa. Outros haviam-na amado no passado, se é que se pode aplicar a esses breves desejos uma palavra tão séria, mas esses outros haviam sido "cretinos" — jovens sem nada para fazer, velhos incapazes de conseguir alguém melhor. E ela muitas vezes "amara", também, porém apenas na medida em que os fatos do sexo assim o exigiam: meros anelos pelo masculino, a serem deixados de lado por quanto valiam, com um sorriso. Nunca antes sua personalidade fora tocada. Não era jovem nem muito rica, e espantava-a que um homem de alguma posição a considerasse com seriedade. Sentada em sua casa vazia, tentando fazer contas entre belos retratos e nobres livros, ondas de emoção rebentavam, como se uma maré de paixão estivesse fluindo através do ar noturno. Sacudiu a cabeça, tentou concentrar a atenção, e falhou. Em vão repetia: "Mas já passei por esse tipo de coisa antes". Jamais passara por esse tipo de coisa; o grande maquinário, por oposição ao pequeno, fora posto em movimento, e a idéia de que o sr. Wilcox a amava obcecou-a antes que viesse a amá-lo de volta.

Não tomaria decisão alguma, por ora. "Ah, senhor, é tão repentino" — a frase afetada era sua expressão exata, quando foi chegado o momento. Premonições não são preparação. Devia examinar mais detidamente sua própria natureza, bem como a dele; devia conversar ajuizadamente com Helen a respeito. Fora uma estranha cena de amor — a radiância central não admitida do início ao fim. Ela, em seu lugar, teria dito: "*Ich liebe dich*",[24] mas talvez ele não tivesse o hábito de abrir o coração. Poderia tê-lo feito, se o houvesse pressionado — por conta do dever, quem sabe; a Inglaterra espera que todo

homem abra seu coração alguma vez; mas o esforço o teria deixado abalado e jamais, se ela pudesse evitar, deveria ele perder as defesas que decidira erguer contra o mundo. Jamais poderia ser incomodado com conversas emotivas ou com uma exibição de sentimentos afins. Era um homem de idade, agora, e seria fútil e impertinente corrigi-lo.

A sra. Wilcox vagava, entrando e saindo, um fantasma sempre bem-vindo; examinando a cena, pensava Margaret, sem qualquer vestígio de amargura.

XIX

Se alguém quisesse mostrar a Inglaterra a um estrangeiro, talvez o trajeto mais sensato fosse levá-lo ao trecho final das colinas
de Purbeck, conduzindo-o ao topo, umas poucas milhas a leste de Corfe. Então, sistema após sistema de nossa ilha se desenrolaria sob seus pés. Abaixo dele fica o vale do Frome e todas as terras selvagens que vêm marchando desde Dorchester, negras e douradas, para refletir seus arbustos espinhentos nas águas de Poole. O vale do Stour fica mais além, uma torrente incontável, suja em Blandford, pura em Wimborne — o Stour, deslizando desde campos abundantes, para conjugar-se ao Avon sob a torre de Christchurch. O vale do Avon — invisível, mas, bem ao norte, o olhar treinado talvez veja Clearbury Ring, que o protege, e a imaginação pode dar um salto ainda mais além para a própria planície de Salisbury, e depois da planície para todas as gloriosas colinas da Inglaterra central. Os subúrbios tampouco estão ausentes. A ignóbil costa de Bournemouth encolhe-se à direita, anunciando os pinheiros que significam, com toda sua beleza, casas vermelhas, e a Bolsa de Valores, e estende-se aos portões da própria Londres. Como é tremenda a trilha da Cidade! Mas os despenhadeiros de Freshwater ela jamais alcançará, e a ilha protegerá a pureza da Ilha até o fim dos tempos. Vista do oeste, Wight é bela além de todas as leis da beleza. É como se um fragmento da Inglaterra flutuasse mar adentro para saudar o estrangeiro — greda de nossa greda, torrão de nosso torrão, epítome do que se seguirá. E além do fragmento está Southampton, anfitriã das nações, e Portsmouth, um fogo latente, e tudo que há em torno, com colisões duplas e triplas de marés, provoca torvelinhos no mar. Quantas povoações não aparecem nesse cenário! Quantos castelos! Quantas igrejas, vencidas ou triunfantes! Quantos navios, trilhos e estradas! Que incrível variedade de homens trabalhando sob esse firmamento luminoso e com que finalidade última! A razão esmorece, como uma onda na praia de Swanage; a imaginação infla, esparrama-se e aprofunda-se, até tornar-se geográfica e envolver a Inglaterra.

Assim Frieda Mosebach, agora *Frau Architekt* Liesecke, e mãe do bebê de seu marido, foi conduzida a essas alturas para ser impressionada, e, após um olhar prolongado, disse que as colinas eram mais protuberantes ali do que na

Pomerânia, o que era verdade, mas não parecia apropriado à sra. Munt. O porto de Poole estava seco, o que a levou a elogiar a ausência de praia enlameada em Friedrich Wilhelms Bad, Rügen, onde as faias pendem sobre o imóvel Báltico e vacas podem contemplar a água salgada. Um tanto quanto insalubre, achava a sra. Munt, sendo mais saudável a água quando se movia.

"E seus lagos ingleses — Vindermere, Grasmere —, então eles são insalubres?"

"Não, *Frau* Liesecke, mas isso porque são água doce, e diferentes. Água salgada deve ter marés, e subir e descer um bocado, de outro modo cheira. Veja, por exemplo, como é num aquário."

"Um aquário! Oh, *senhorra* Munt, quer me dizer que aquários de água doce fedem menos do que de água salgada? Ora, quando Victor, meu cunhado, colecionava muitos girinos…"

"Não deve dizer 'fedem'", interrompeu Helen; "ou melhor, pode dizer, mas deve fingir que está sendo engraçada quando o diz."

"Então 'cheiram'. E a lama da sua *Pool* lá embaixo… ela não cheira, ou devo dizer, 'fede, há, há'?"

"Sempre houve lama no porto de Poole", disse a sra. Munt, com uma leve carranca. "Os rios a levam lá para baixo e a valiosíssima pesca de ostras depende dela."

"É, isso é verdade", concedeu Frieda; e outro incidente internacional foi encerrado.

"'Bournemouth é'", prosseguiu sua anfitriã, citando uma rima local à qual muito se afeiçoava — "'Bournemouth é, Poole foi —, e Swanage será a cidade mais importante de todas e a maior das três.' Agora, *Frau* Liesecke, já lhe mostrei Bournemouth, mostrei-lhe Poole, então vamos voltar um pouco e dar uma olhada outra vez em Swanage."

"Tia Juley, será que aquele não é o trem de Meg?"

Uma minúscula coluna de fumaça dera a volta no porto e agora dirigia-se rumo sul em sua direção, em meio ao negro e dourado.

"Ai, espero que nossa querida Margaret não esteja cansada demais."

"Ah, gostaria de saber… gostaria mesmo de saber se ficou ou não com a casa."

"Espero que não tenha sido apressada."

"Eu também… ah, eu também."

"Será tão linda quanto Wickham Place?", perguntou Frieda.

"Deve ser. Pode confiar que o senhor Wilcox tem do que se orgulhar. Todas

aquelas casas da Ducie Street são lindas a seu modo moderno e não consigo imaginar por que não fica com ela. Mas é na verdade por Evie que foi para lá e agora que Evie vai se casar…”

“Ah!”

“Nunca conheceu a senhorita Wilcox, Frieda. Quão absurdamente matrimonial é você!”

“Mas é irmã daquele Paul?”

“É.”

“E daquele Charles”, disse a sra. Munt, sentida. “Ai, Helen, Helen, que tempos aqueles!”

Helen riu. “Meg e eu não temos corações tão sensíveis assim. Se houver oportunidade de conseguir uma casa barata, nós a agarraremos.”

“Agora olhe, *Frau* Liesecke, o trem de minha sobrinha. Veja, está vindo em nossa direção… vem vindo, vem vindo; e quando chegar a Corfe, irá na verdade *atravessar* as colinas sobre onde nós estamos, de modo que, se caminharmos, como sugeri, para observar Swanage lá embaixo, nós o veremos chegando ao outro lado. Vamos?”

Frieda assentiu e em poucos minutos haviam atravessado o cume e trocado a vista mais grandiosa pela menor. Um vale um tanto quanto sem graça avistava-se sob eles, recortando-se contra o declive das colinas costeiras. Estavam olhando para a ilha de Purbeck e para Swanage, que em breve seria a cidade mais importante de todas, e a mais feia das três. O trem de Margaret reapareceu, como prometido, e foi saudado com aprovação pela tia. Fez uma parada a meio caminho na distância e ali estava planejado que Tibby iria a seu encontro, trazendo-a, com um cesto de lanche, para juntar-se a eles.

“Veja”, continuou Helen para a prima, “os Wilcox colecionam casas como seu Victor coleciona girinos. Têm uma, em Ducie Street; duas, Howards End, onde se deu a grande confusão; três, uma casa de campo em Shropshire; quatro, Charles tem uma casa em Hilton; e cinco, outra perto de Epsom; e seis, Evie terá uma casa quando se casar, e provavelmente um *pied-à-terre* no campo — o que perfaz sete. Ah, sim, e com a cabana de Paul na África são oito. Gostaria de poder ficar com Howards End. Aquilo sim é uma casinha linda e adorável! Não acha, tia Juley?”

“Tinha muito que fazer, querida, para poder vê-la”, disse a sra. Munt, com afável dignidade. “Tinha de acertar e explicar tudo e, além do mais, manter Charles Wilcox em seu lugar. Não consigo me lembrar de muita coisa. Lembro-me apenas de ter almoçado em seu quarto.”

“É, eu também. Mas, ah, meu Deus, como tudo parece morto! E no outono começou aquele movimento antipaulino — a senhora, Frieda, Meg, a senhora Wilcox, todas obcecadas com a idéia de que eu ainda poderia vir a me casar com Paul.”

“E ainda pode”, disse Frieda, com desânimo.

Helen balançou a cabeça. “O Grande Perigo Wilcox jamais voltará. Se tenho certeza de algo, é disso.”

“Não se tem certeza de nada a não ser da autenticidade das próprias emoções.”

O aparte foi um balde de água fria na conversa. Mas Helen pôs o braço em torno da prima, de certo modo gostando ainda mais dela por tê-lo feito. Não era uma observação original, tampouco Frieda se valera dela com paixão, pois sua mente era mais patriótica do que filosófica. Contudo, traía aquele interesse no universal que o teutônico médio possui e o inglês médio, não. Era, ainda que ilógico, o bem, o belo, a verdade contrapondo-se ao respeitável, ao bonito, ao adequado. Era uma paisagem de Böcklin ao lado de uma paisagem de Leader, estridente e descabida, mas vibrando de vida sobrenatural. Aguçava o idealismo, mexia com a alma. Pode ter sido um mau preparativo para o que se seguiu.

“Olhem!”, gritou tia Juley, fugindo apressada das generalidades através do estreito cume da colina. “Venham aqui, onde estou, para ver a charrete vindo. Estou vendo a charrete.”

Foram e avistaram a charrete com o pônei a caminho. Margaret e Tibby podiam ser vistos nela. Deixando os limites de Swanage, percorreu por algum tempo as estradas floridas e então começou a subir.

“Ficou com a casa?”, gritaram, muito antes que fosse possível escutar.

Helen desceu correndo para ir a seu encontro. A estrada passava por uma depressão no alto da colina e uma trilha partia daí em ângulo reto ao longo do cume.

“Ficou com a casa?”

Margaret balançou a cabeça.

“Oh, que aborrecimento! Então estamos na mesma?”

“Não exatamente.”

Ela desceu, parecendo cansada.

“Que mistério”, disse Tibby. “Esperamos um esclarecimento, agora.”

Margaret aproximou-se dela e sussurrou que recebera uma proposta de casamento do sr. Wilcox.

Helen achou graça. Abriu o portão sobre a colina para que o irmão pudesse

puxar o pônei através dele. “É bem coisa de viúvo”, observou. “Perdem todo o respeito e invariavelmente escolhem uma amiga da antiga esposa.”

O rosto de Margaret cobriu-se de desespero.

“Esse tipo…” Interrompeu a frase com uma exclamação. “Meg, há algum problema com você?”

“Só um minuto”, disse Margaret, ainda sussurrando.

“Mas você nunca vai considerar… você nunca…” Controlou-se. “Tibby, venha rápido; não posso segurar este portão para sempre. Tia Juley! Ouça, tia Juley, faça o chá, por favor, a senhora e Frieda; temos de conversar sobre casas e depois vamos.” E então, virando o rosto na direção da irmã, explodiu em lágrimas.

Margaret estava atônita. Ouviu sua própria voz dizendo, “Ora, vamos…”. Sentiu o corpo sendo tocado por uma mão trêmula.

“Não”, soluçou Helen, “não, não, Meg, não!” Parecia incapaz de dizer qualquer outra palavra. Margaret, ela própria tremendo, conduziu-a adiante até a estrada, até que passaram através de outro portão que havia ali no topo da colina.

“Não, não faça uma coisa dessas! Estou lhe dizendo para não… não! Eu sei… não!”

“O que você sabe?”

“Pânico e vazio”, soluçou Helen. “Não!”

Então Margaret pensou: “Helen é um pouco egoísta. Jamais me comportei desse modo quando parecia haver uma chance de que *ela* se casasse”. E disse: “Mas ainda nos veríamos com freqüência e você…”.

“Não se trata disso”, soluçou Helen. E virou-se de repente, subindo o aclive, perturbada, estendendo as mãos em direção ao cenário e chorando.

“O que aconteceu com você?”, gritou Margaret, seguindo-a através do vento que sopra ao crepúsculo na encosta norte das colinas. “Mas que coisa estúpida!” E subitamente a estupidez tomou conta dela e a imensa paisagem obscureceu-se. Mas Helen se virou.

“Meg…”

“Não sei o que está acontecendo com nós duas”, disse Margaret, limpando os olhos da irmã. “Acho que ambas enlouquecemos.” Então Helen limpou os dela, e as duas riram um pouco.

“Olhe aqui, sente.”

“Tudo bem; vou me sentar se você também se sentar.”

“Isso. (Um beijo.) Agora, qual, afinal de contas, é o problema?”

“Eu falei sério. Não; isso não vai funcionar.”

“Ai, Helen, pare de dizer ‘Não’! Que ignorância. É como se sua cabeça estivesse presa no lodo. ‘Não’ provavelmente é o que a senhora Bast diz o dia inteiro para o senhor Bast.”

Helen ficou em silêncio.

“Bem?”

“Fale-me sobre esse negócio, primeiro, e enquanto isso talvez minha cabeça saia do lodo.”

“Assim é melhor. Bem, por onde devo começar? Quando cheguei em Waterloo… não, vou voltar a antes disso, pois estou ansiosa para que saiba tudo desde o início. O ‘início’ foi cerca de dez dias atrás. Foi no dia em que o senhor Bast veio para o chá e perdeu a compostura. Eu o estava defendendo e o senhor Wilcox ficou com ciúme, ainda que mal o demonstrasse. Achei que fosse algo involuntário, que os homens não conseguem evitar, assim como nós. Sabe como é — pelo menos é assim comigo —, quando um homem diz para mim ‘Uma fulana bonitinha’, sou tomada por uma irritação momentânea contra a fulana e gostaria de lhe dar um beliscão na orelha. É um sentimento enfadonho, mas sem importância, e é fácil lidar com ele. Mas não era só isso no caso do senhor Wilcox, percebo agora.”

“Então você o ama?”

Margaret considerou. “É maravilhoso saber que um homem de verdade se importa com você”, disse. “O simples fato disso ganha uma dimensão extraordinária. Lembre-se de que o conheci e gostei dele sempre por quase três anos.”

“Mas o amou?”

Margaret perscrutou o passado. É um prazer analisar os sentimentos enquanto não passam de sentimentos e ainda não se integraram ao tecido social. Com o braço em torno de Helen, e os olhos passeando pela paisagem, como se esse ou aquele condado pudesse revelar o segredo de seu próprio coração, refletiu com honestidade e disse: “Não”.

“Mas vai amá-lo?”

“Sim”, disse Margaret, “disso tenho certeza. Na verdade, comecei a amá-lo no momento em que falou comigo.”

“E já se resolveu a casar?”

“Eu havia resolvido, mas agora quero ter uma longa conversa sobre isso. O que tem contra ele, Helen? Tente me dizer.”

Helen, por sua vez, olhou em outra direção. “É desde Paul”, disse, finalmente.

“Mas o que tem o senhor Wilcox a ver com Paul?”

“Ele estava lá, estavam todos lá naquela manhã em que desci para o café, e vi como Paul estava assustado… o homem que me amava assustado e com toda sua parafernália desabada, então vi que era impossível, porque as relações pessoais são a coisa mais importante para todo o sempre, e não essa vida superficial de telegramas e raiva.”

Disse a frase toda de um só fôlego, mas a irmã a entendeu, pois tocava em pensamentos que eram familiares entre elas.

“Isso é bobagem. Em primeiro lugar, não concordo com vida superficial. Bom, já discutimos sobre isso muitas vezes. A questão mesmo é que há um enorme abismo entre minha maneira de amar e a sua. A sua era o romance; a minha será prosaica. Não estou me depreciando — um tipo muito bom de prosa, porém bem considerado, bem refletido. Por exemplo, conheço todas as falhas do senhor Wilcox. Ele tem medo da emoção. Preocupa-se em demasia com o sucesso, muito pouco com o passado. Seus sentimentos carecem de poesia, de modo que não é uma afinidade verdadeira. Digo até mesmo” — fitou os lagos brilhantes — “que, espiritualmente, não é tão honesto quanto eu. Isso não a satisfaz?”

“Não, não satisfaz”, disse Helen. “Faz com que me sinta cada vez pior. Você deve estar louca.”

Margaret fez um gesto de irritação.

“Não pretendo que ele, tampouco qualquer homem ou mulher, seja toda a minha vida — Deus do céu, não! Há pilhas de coisas em mim que ele não compreende, e jamais compreenderá.”

Assim falou ela antes da cerimônia de casamento e da união física, antes que descesse a extraordinária redoma de vidro que separa gente casada do resto do mundo. Iria manter sua independência mais do que o fizeram a maioria das mulheres até então.

O casamento iria alterar mais o seu destino do que o seu caráter, e não errava muito ao gabar-se de compreender o futuro marido. Contudo, ele alterou seu caráter — um pouco. Houve uma surpresa imprevista, um cessar dos ventos e odores da vida, uma pressão social que a faria pensar como esposa.

“E o mesmo vale para ele”, continuou. “Há pilhas de coisas nele — mais particularmente, coisas que faz — que sempre permanecerão ocultas para mim. Ele possui todas essas qualidades públicas que você tanto despreza e possibilita tudo isso…” Fez um gesto abarcando a paisagem, que corroborava qualquer coisa. “Se Wilcoxes não houvessem trabalhado e morrido na Inglaterra por

milhares de anos, você e eu não poderíamos estar sentadas aqui sem ter a garganta cortada. Não haveria trens, navios para carregar gente literária como nós, nem mesmo campos. Só selvageria. Não… talvez nem isso. Sem seu espírito a vida poderia nunca ter saído do protoplasma. Cada vez mais recuso-me a usar minha renda e escarnecer dos que a garantem. Há momentos em que me parece…"

"E a mim, e a todas as mulheres. E uma delas beijou Paul."

"Isso é uma crueldade", disse Margaret. "Meu caso é completamente diferente. Eu pesei o assunto."

"Pesar o assunto não faz a menor diferença. Dá tudo no mesmo."

"Bobagem!"

Houve um longo silêncio, durante o qual a maré voltou a subir no porto de Poole. "A gente perde alguma coisa", murmurou Helen, aparentemente para si mesma. A água deslizou sobre o fundo enlameado em direção aos arbustos espinhentos e à urze enegrecida.

A ilha de Branksea perdeu suas imensas praias e tornou-se uma sombria ocorrência de árvores. O Frome foi forçado de volta em direção a Dorchester, o Stour para Wimborne, Avon para Salisbury, e acima do imenso deslocamento o sol imperava, conduzindo-o ao triunfo antes de mergulhar para seu repouso. A Inglaterra estava viva, pulsando através de todos seus estuários, gritando de júbilo pela boca de todas suas gaivotas, e o vento norte, com movimento contrário, soprou ainda mais forte contra suas marés montantes.

O que significava aquilo? Qual a finalidade de suas belas complexidades, suas mudanças de solo, seu litoral recortado? Pertencerá ela àqueles que a moldaram e a fizeram temida diante de outras nações, ou àqueles que não acrescentaram nada a seu poder, mas de algum modo a viram, viram toda a ilha de uma só vez, repousando como uma jóia num oceano prateado, singrando-o como uma nau de almas, com toda a brava armada do mundo acompanhando-a rumo à eternidade?

XX

Margaret muitas vezes se admirara da perturbação que ocorre nas águas do mundo quando o Amor, que parece uma pedra tão minúscula, nelas afunda. A quem concerne o Amor além da pessoa amada e daquela que ama? E contudo, seu impacto inunda uma centena de praias. Sem dúvida, a perturbação é na verdade o espírito das gerações, dando as boas-vindas à nova geração, e irritando-se contra o Destino último, que detém todos os oceanos na palma da mão. Mas o Amor não pode compreendê-lo. Não pode compreender a infinitude do outro; tem consciência apenas de si próprio — breve raio de sol, uma rosa que cai, um seixo que pede por um único mergulho tranqüilo sob a irrequieta interação do espaço e do tempo. Ele sabe que sobreviverá ao final de todas as coisas, para ser recolhido pelo Destino como uma jóia no lodo, e ser exibido, com admiração, diante da assembléia dos deuses. “Os homens produziram isso”, dirão, e ao dizê-lo darão ao homem a imortalidade. Mas enquanto isso… que agitações enquanto isso! Os alicerces da Propriedade e do Apropriado permanecem expostos, rochas gêmeas; o Orgulho Familiar sobe debatendo-se à superfície, arfando e arquejando, recusando-se a ser confortado; a Teologia, vagamente ascética, produz um maremoto terrível. Então os advogados — fria estirpe — despertam e arrastam-se de seus buracos. Fazem o que podem; conciliam a Propriedade e o Apropriado, reconfortam a Teologia e o Orgulho Familiar. Meios guinéus são atirados nas águas turbulentas, os advogados rastejam de volta e, se tudo correu bem, o Amor une um homem e uma mulher no Matrimônio.

Margaret estivera à espera da perturbação e não ficou irritada com isso. Para uma mulher sensível, tinha nervos firmes, e podia agüentar incongruências e o grotesco; e, além do mais, não havia coisa alguma de excessiva em seu caso amoroso. O bom humor era a nota dominante de suas relações com o sr. Wilcox ou, como agora devo passar a chamá-lo, Henry. Henry não encorajava o romance e ela não era garota de bulir com isso. Um conhecido tornara-se um pretendente, podia se tornar um marido, mas conservaria tudo que ela notara no conhecido; e o amor deve antes confirmar uma antiga relação do que revelar uma nova.

Com esse espírito, prometeu casar-se com ele.

Ele estava em Swanage no dia seguinte, segurando a aliança de noivado. Cumprimentaram um ao outro com uma cordialidade calorosa que impressionou tia Juley. Henry jantou em The Bays, mas reservara um quarto no melhor hotel; era um desses homens que sabem qual é o melhor hotel por instinto. Após o jantar perguntou a Margaret se não se incomodaria em dar uma volta pela Parade. Ela aceitou, e não pôde reprimir um pequeno tremor; seria sua primeira cena de amor verdadeira. Mas assim que pôs o chapéu, começou a rir. O amor era tão distinto do artigo servido nos livros; a alegria, embora genuína, era diferente; o mistério, um mistério inesperado. Para começar, o sr. Wilcox continuava sendo um estranho.

Por algum tempo conversaram sobre o anel; então ela disse:

"Lembra-se de Chelsea Enbankment? Não faz nem dez dias."

"É", disse ele, rindo. "E você e sua irmã estavam mergulhadas até o pescoço em algum plano quixotesco. Ah, bem!"

"Um pequeno pensamento, nesse dia, certamente. E você?"

"Não sei nada sobre isso; eu não gostaria de dizer."

"Por que, foi antes disso?", exclamou ela. "Pensava em mim dessa forma antes disso? Mas é muitíssimo interessante, Henry! Conte-me."

Mas Henry não tinha a menor intenção de contar. Talvez não contasse porque seus estados mentais tornavam-se obscuros assim que os atravessava. Não gostava da mera palavra "interessante", dando-lhe conotações de desperdício de energia e até de morbidez. Os fatos duros e crus eram suficientes para ele.

"Eu não pensava nisso", insistiu ela. "Não; quando falou comigo na sala de visitas, foi praticamente a primeira vez. Foi tudo tão diferente do que eu imaginava. No teatro, ou em livros, um pedido de casamento é — como posso dizer? — um acontecimento amadurecido, uma espécie de buquê; ele perde seu sentido literal. Mas na vida, um pedido é de fato um pedido…"

"A propósito…"

"… uma sugestão, uma semente", concluiu ela; e o pensamento fugiu na escuridão.

"Andei pensando, se não se importa, que deveríamos usar esta noite para uma conversa de negócios; haverá tanta coisa para resolver."

"Também acho. Diga-me, antes de mais nada, como se deu com Tibby?"

"Com seu irmão?"

"Isso, quando foram fumar um cigarro."

"Ah, muito bem."

“Fico tão feliz”, respondeu ela, um pouco surpresa. “Sobre o que conversaram? Sobre mim, presumo.”

“Também sobre a Grécia.”

“A Grécia foi uma ótima cartada, Henry. Tibby ainda é só um garoto e a pessoa tem de escolher um pouco os assuntos. Muito bem.”

“Eu lhe contei que sou dono de umas ações numa fazenda de passas perto de Calamata.”

“Que coisa deliciosa para ter ações! Não podemos ir lá para a lua-de-mel?”

“Para fazer o quê?”

“Comer passas. E a paisagem, não é maravilhosa?”

“Mais ou menos, mas não é o tipo de lugar para se pensar em levar uma dama.”

“Por que não?”

“Não tem hotéis.”

“Algumas damas se viram sem hotéis. Sabia que Helen e eu caminhamos sozinhas pelos Apeninos com a bagagem nas costas?”

“Não, não sabia e, se depender de mim, jamais farão uma coisa dessas outra vez.”

Ela disse, mais seriamente: “Ainda não achou um tempo para ter uma conversa com Helen, presumo?”.

“Não.”

“Faça isso, antes de partir. Estou muito ansiosa para que vocês dois fiquem amigos.”

“Sua irmã e eu sempre nos demos muito bem”, disse ele, com negligência. “Mas estamos nos desviando do assunto. Deixe-me começar pelo começo. Sabe que Evie vai se casar com Percy Cahill.”

“O tio de Dolly.”

“Exato. A garota está perdidamente apaixonada por ele. Um sujeito muito bom, mas reivindica — e com razão — meios de subsistência adequados para ela. E, em segundo lugar, você naturalmente compreenderá, há Charles. Antes que deixasse a cidade, escrevi-lhe uma carta muito cuidadosa. Como sabe, sua família está crescendo, assim como suas despesas, e a Imperial and West Africa não é nada em particular, no momento, embora tenha potencial para se desenvolver.”

“Pobre homem!”, murmurou Margaret, olhando para o mar sem compreender nada.

“Sendo Charles o filho mais velho, um dia herdará Howards End; mas fico

ansioso, para minha própria felicidade, em não ser injusto com os demais.”

“Claro que não”, começou ela, e então soltou uma pequena exclamação. “Quer dizer dinheiro. Como sou estúpida! Claro que não!”

De forma um tanto estranha, ele estremeceu levemente com a palavra. “É. Dinheiro, já que põe as coisas de maneira tão franca. Estou determinado a ser absolutamente justo — justo com você, justo com eles. Estou determinado a não deixar que meus filhos tenham queixa contra mim.”

“Seja generoso com eles”, disse ela, abruptamente. “Ao diabo com a justiça!”

“Estou determinado… e já escrevi a Charles a esse respeito…”

“Mas de quanto dispõe?”

“O quê?”

“Quanto ganha por ano? Eu ganho seiscentas libras.”

“Minha renda?”

“É. Temos de começar por quanto ganha, antes de resolver quanto pode dar a Charles. Justiça, e até generosidade, depende disso.”

“Devo dizer que é uma jovem bastante direta”, observou ele, dando um tapinha em seu braço e rindo um pouco. “Que pergunta para se fazer a um homem!”

“Não sabe quanto ganha? Ou não quer me dizer?”

“Eu…”

“Tudo bem” — agora ela é quem lhe dava um tapinha—, “não me diga. Não quero saber. Posso fazer a soma do mesmo modo pela proporção. Divida sua renda em dez partes. Quantas partes quer dar a Evie, quantas a Charles, quantas a Paul?”

“O fato é, minha querida, que não tenho intenção alguma de aborrecê-la com detalhes. Só queria que ficasse sabendo… bem, que algo deve ser feito pelos outros, e compreende-me perfeitamente, então vamos passar ao ponto seguinte.”

“Certo, isso já está resolvido”, disse Margaret, sem se perturbar com seus tropeços estratégicos. “Vá em frente; dê tudo que puder, tendo em mente que eu disponho de seiscentas libras livres de encargos. Que misericórdia uma só pessoa ter todo esse dinheiro!”

“Não temos tanto assim, lhe asseguro; vai se casar com um homem pobre.”

“Helen não concordaria comigo nisso”, ela continuou. “Ela não ousa vituperar contra os ricos, sendo ela mesma rica, mas gostaria de fazê-lo. Lá no fundo da mente de Helen há uma idéia esquisita, que ainda não consegui captar

muito bem, de que a pobreza é, de algum modo, ‘real’. Despreza toda organização e provavelmente confunde riqueza com a técnica da riqueza. Os soberanos aplicados não a incomodam; cheques, sim. Helen é muito inquieta. É impossível lidar com seu jeito arrogante de ver o mundo.”

“Eis o outro ponto, e então tenho de voltar ao meu hotel para escrever algumas cartas. O que fazer agora com a casa na Ducie Street?”

“Fique com ela… ao menos, depende. Quando quer se casar comigo?”

Ela ergueu a voz, como muitas vezes fazia, e uns rapazotes, que também passeavam sob o ar noturno, escutaram-na. “A coisa tá esquentando, hein?”, disse um deles. O sr. Wilcox virou-se para o grupo e disse com rispidez, “Ei!”. Houve silêncio. “Cuidado, ou dou parte de vocês à polícia.” Afastaram-se do casal bastante quietos, mas estavam apenas aguardando o momento propício, e o resto da conversa foi pontuado pelo estrépito de risadas incontroláveis.

Baixando a voz e infundindo-lhe um tom de reprovação, ele disse: “Evie provavelmente vai se casar em setembro. Será difícil pensarmos em qualquer coisa antes disso”.

“Quanto antes, melhor, Henry. O sexo feminino não deveria falar coisas assim, mas quanto antes, melhor.”

“E que tal setembro para nós, também?”, perguntou, meio secamente.

“Certo. Devemos nos mudar para Ducie Street em setembro? Ou será melhor tentar enfiar Helen e Tibby na casa? Essa até que é uma idéia. Os dois são tão pouco práticos, poderíamos levá-los a fazer qualquer coisa conduzindo a situação sensatamente. Olhe aqui… isso. Vamos fazer isso. E nós iremos morar em Howards End ou Shropshire.”

Ele inflou as bochechas. “Céus! Como as mulheres dão voltas! Minha cabeça está girando. Um ponto de cada vez, Margaret. Howards End é impossível. Passei-a a Hamar Bryce com um contrato de três anos em março último. Não se lembra? Oniton. Bom, é longe demais para que possamos contar com ela inteiramente. Você poderá descer até lá de vez em quando para se divertir um pouco, mas devemos ter uma casa de fácil acesso à cidade. Contudo, Ducie Street tem enormes desvantagens. Há uma cocheira atrás.”

Margaret não pôde deixar de rir. Era a primeira vez que ouvia falar na cocheira atrás da casa na Ducie Street. Quando era uma possível inquilina, a coisa se suprimira por si mesma, não consciente, mas automaticamente. A jovial maneira Wilcox, embora genuína, carecia da clareza de visão que é imperativa à verdade. Quando Henry morava em Ducie Street, lembrava-se da cocheira; quando tentava alugá-la, esquecia; e se alguém tivesse observado que a cocheira

devia ou não devia estar lá, teria ficado irritado, e posteriormente encontrado uma oportunidade de estigmatizar a pessoa como bizantina. Assim estigmatiza-me meu merceeiro quando me queixo da qualidade de suas passas, respondendo-me de um só fôlego que são as melhores passas, e como posso esperar as melhores passas a esse preço? É uma falha inerente à mente de negócios, e Margaret bem faria em tratá-la com delicadeza, considerando tudo que a mente de negócios já fez pela Inglaterra.

"É, principalmente no verão, a cocheira é um sério aborrecimento. A sala de fumar, além disso, é uma toquinha intolerável.
A casa do outro lado da rua está ocupada por músicos de ópera. Ducie Street está em decadência, é minha opinião particular."

"Que tristeza! Faz tão poucos anos que construíram aquelas lindas casas."

"Isso mostra como as coisas estão em movimento. É bom para o comércio."

"Odeio este fluxo contínuo de Londres. É um epítome do que temos de pior — a eterna amorfia; todas as qualidades, boas, más ou indiferentes, fluindo, fluindo sempre. É por isso que a abomino tanto. Não confio em rios, nem mesmo na paisagem. Já o mar…"

"Na maré alta, decerto."

"Na maré auuuta, decertuuu" — veio dos rapazotes.

"E estes são os homens a quem damos o voto", observou o sr. Wilcox, furtando-se a acrescentar que também eram os homens a quem dava trabalho como funcionários de escritório — trabalho que dificilmente os encorajava a crescer como homens diferentes. "Contudo, têm suas próprias vidas e interesses. Vamos indo."

Virou-se conforme falava e preparou-se para acompanhá-la a The Bays. O negócio estava terminado. Seu hotel ficava na direção oposta e se a acompanhasse as cartas chegariam atrasadas no correio. Ela implorou que não fosse, mas mostrou-se obstinado.

"Um belo começo, sua tia vendo-a voltar sozinha!"

"Mas sempre ando sozinha. Considerando que caminhei pelos Apeninos, trata-se de bom senso. Vou ficar muito zangada. Para mim não é a menor cortesia."

Ele riu, e acendeu um charuto. "Não é para ser uma cortesia, minha querida. Simplesmente não vou permitir que caminhe no escuro. Há cada tipo por aí! É perigoso."

"Não posso cuidar de mim mesma? Como eu queria…"

"Vamos, Margaret; nem tente me convencer."

Uma mulher mais jovem talvez houvesse se ressentido de seus modos imperiosos, mas Margaret mantinha um controle firme demais da vida para protestar. Era, a seu próprio modo, igualmente imperiosa. Se ele era uma fortaleza, ela era um pico de montanha, que qualquer um podia galgar, mas que a neve torna virginal todas as noites. Desdenhando o aparato heróico, excitável em seus métodos, tagarela, episódica, estridente, despistava o pretendente assim como despistava a tia. Ele tomava sua fecundidade por fraqueza. Julgava que era "tão inteligente quanto se poderia supor", porém não mais que isso, sem perceber que penetrava nas profundidades de sua alma, aprovando o que encontrara ali.

E se a intuição era quanto bastava, se a vida interior era a totalidade da vida, a felicidade de ambos fora assegurada.

Seguiram adiante com animação. A praça e a rua eram bem iluminadas, mas estava mais escuro no jardim de tia Juley. Quando caminhavam pela entrada lateral, entre alguns rododendros, o sr. Wilcox, que ia na frente, disse "Margaret" de forma um tanto quanto ríspida, virou-se, jogou fora o charuto e tomou-a nos braços.

Ela levou um susto, e quase gritou, mas recobrou-se rápido e beijou com genuíno amor os lábios que se apertavam contra os seus. Era seu primeiro beijo, e quando terminou ele conduziu-a em segurança até a porta e tocou a campainha para ela, mas desapareceu na noite antes que a criada os atendesse. Vendo em retrospecto, o incidente a desagradou. Foi isolado demais. Nada na conversa que haviam tido previamente o anunciara e, pior ainda, ternura alguma se seguiu. Se um homem não é capaz de chegar gradualmente à paixão, pode, em todo caso, dela sair gradualmente, e ela havia esperado, após sua aquiescência, por alguma troca de palavras gentis. Mas ele se afastara como que envergonhado, e por um instante algo a fez lembrar de Helen e Paul.

XXI

Charles estivera repreendendo sua Dolly. Ela merecera a reprimenda e se curvara diante dela, mas sua cabeça, embora fervendo, não se deixara subjugar, e seus chilreios começaram a se misturar com o trovejar dele, que diminuía.

"Você acordou o bebê. Sabia que ia acordar. (Na-na-ni, tu-ti-tu-ti-tu!) Não sou responsável pelo que tio Percy faz, nem por nada nem ninguém, ora essa!"

"Quem foi que o convidou quando eu estava fora? Quem foi que convidou minha irmã para que o conhecesse? Quem foi que os mandou passear de carro dia após dia?"

"Charles, isso me lembra um poema."

"Lembra mesmo? Vamos começar a dançar uma música muito diferente, logo, logo. A senhorita Schlegel nos tem na palma da mão."

"Eu poderia simplesmente arrancar os olhos daquela mulher com as unhas, e dizer que a culpa é minha é uma grande injustiça."

"A culpa é sua, e há cinco minutos você admitiu."

"Eu não."

"Você, sim."

"Cadê o nenezinho da mamãe?", exclamou Dolly, subitamente dedicando-se à criança.

"Ótimo mudar de assunto, mas papai nunca teria sonhado em se casar enquanto Evie estivesse junto dele cuidando de seu conforto. Mas você tinha de começar a bancar a casamenteira. Além do mais, Cahill é muito velho."

"Claro, se vai começar a ofender tio Percy…"

"A senhorita Schlegel sempre quis pôr as mãos em Howards End e, graças a você, conseguiu."

"Acho este jeito seu de distorcer e juntar as coisas uma grande injustiça. Você não poderia ter sido mais maldoso nem que tivesse me pegado flertando. Ele não é maldoso, queridinho da mamãe?"

"Estamos em maus lençóis e precisamos dar um jeito de sair. Vou responder polidamente à carta de papai. Está ansioso para fazer a coisa de um modo decente, claro. Mas não pretendo esquecer essas Schlegel tão cedo. Enquanto estiverem se portando bem — Dolly, está ouvindo? —, vamos nos portar bem,

também. Mas se perceber que começam a pôr as asinhas de fora, ou a monopolizar papai, ou, que ousem!, a maltratá-lo ou aborrecê-lo com suas bestialidades artísticas, terei de ser enérgico, muito enérgico. Tomando o lugar da mamãe! Só Deus sabe o que o pobre e velho Paul vai dizer quando a notícia chegar a seus ouvidos."

Fim de interlúdio. Isso teve lugar no jardim da casa de Charles, em Hilton. Ele e Dolly estão sentados em espreguiçadeiras e o carro os observa placidamente de sua garagem, do outro lado do gramado. Uma versão de Charles usando camisolinha também os observa placidamente; uma outra versão, no carrinho, está gritando; uma terceira versão é aguardada para breve. A natureza está produzindo Wilcoxes nesta pacífica residência, para que possam herdar a Terra.

XXII

Margaret saudou seu senhor com peculiar ternura na manhã seguinte. Por mais amadurecido que estivesse, ainda seria capaz de ajudá-lo a construir a ponte de arco-íris destinada a ligar a prosa que há em nós com a paixão. Sem ela somos fragmentos destituídos de sentido, metade monges, metade feras, arcos desunidos que jamais se ligaram para formar um homem. Com ela, nasce o amor, e pousa na curva mais alta, brilhando contra o cinza, sóbrio contra o fogo. Feliz do homem que vê num e noutro aspecto a glória dessas asas estendidas. As estradas de sua alma permanecem livres, e ele e seus amigos aí seguirão desimpedidos.

Um difícil trajeto, percorrer as estradas da alma do sr. Wilcox. Desde a infância as negara. “Não sou um sujeito que se preocupa com minha própria vida interior.” Por fora era alegre, confiável e corajoso; mas por dentro, tudo revertera ao caos, governado, na medida em que era governado, por um ascetismo incompleto. Fosse como menino, marido ou viúvo, sempre alimentara a crença não declarada de que a paixão corporal é ruim, uma crença que é desejável somente quando mantida apaixonadamente. A religião fora sua confirmação. As palavras que eram lidas em voz alta aos domingos para ele e outros homens respeitáveis eram as palavras que em certa ocasião haviam inflamado as almas de santa Catarina e são Francisco com um ódio fervoroso da carnalidade. Não era capaz de ser como os santos e amar o infinito com um ardor seráfico, mas era capaz de sentir um pouco de vergonha de amar uma esposa. “*Amabat; amare timebat*.”[25] E aqui Margaret esperava ajudá-lo.

Não parecia tão difícil. Não precisava incomodá-lo com nenhum dom seu. Apenas apontaria para a salvação latente em sua própria alma e na alma de todo homem. Ligue, simplesmente! Esse era o resumo de seu sermão. Ligue, simplesmente, a prosa e a paixão, e ambas serão exaltadas, e o amor humano será visto em seu máximo. Chega de viver em fragmentos. Ligue, simplesmente, e a fera e o monge, privados do isolamento que é a vida para cada um, morrerão.

Tampouco era a mensagem difícil de passar. Não precisava tomar a forma de uma “boa conversa”. Com sutis indicações a ponte seria construída e cingiria suas vidas com a beleza.

Mas fracassou. Pois havia uma qualidade em Henry para a qual nunca estivera preparada, por mais que vivesse se lembrando dela: sua obtusidade. Ele simplesmente não notava as coisas, e nada mais havia a ser dito. Nunca notava que Helen e Frieda eram hostis, ou que Tibby não estava interessado em plantações de groselha; nunca notava as luzes e sombras que existem na conversa mais cinzenta, os indicadores, os marcos, as colisões, os ilimitados pontos de vista. Uma vez — numa outra ocasião — ela o admoestou por isso. Ele ficou perplexo, mas respondeu com uma risada: "Meu lema é: concentração. Não tenho a menor intenção de desperdiçar forças com esse tipo de coisa". "Não se trata de desperdiçar forças", protestou ela. "Trata-se de alargar o espaço no qual você pode ser forte." Ele respondeu: "Você é uma mulherzinha muito inteligente, mas meu lema é: concentração". E nesta manhã concentrou-se furiosamente.

Encontraram-se nos rododendros da véspera. À luz do dia os arbustos eram insignificantes e o sol inundava a entrada. Ela estava com Helen, que permanecera com uma calma ameaçadora desde o acerto do casamento. "Aqui estamos nós!", exclamou, tomando-o pela mão e segurando a da irmã com a outra.

"Aqui estamos nós. Bom dia, Helen."

Helen respondeu: "Bom dia, senhor Wilcox".

"Henry, ela recebeu uma carta tão agradável daquele rapaz estranho e irritado. Lembra-se dele? Tinha um bigode triste, mas visto de costas era um jovem."

"Também recebi uma carta. Nem um pouco agradável… preciso conversar com você"; pois Leonard Bast não era mais nada a seus olhos, já que ela agora estava comprometida; o triângulo do sexo se partira para sempre.

"Graças a sua dica, está saindo da Porphyrion."

"Nada má essa companhia, a Porphyrion", disse ele, distraído, conforme tirava sua própria carta do bolso.

"Nada *má*…", exclamou ela, soltando sua mão. "Sem hesitar, em Chelsea Embankment…"

"Eis nossa anfitriã. Bom dia, senhora Munt. Lindos rododendros. Bom dia, *Frau* Liesecke; conseguimos criar flores na Inglaterra, não acha?"

"Nada *má* essa companhia?"

"Não. Minha carta é sobre Howards End. Bryce foi chamado ao exterior e quer sublocá-la. Não estou nem um pouco propenso a lhe dar permissão. Não existe cláusula em nosso contrato. Em minha opinião, sublocar é um erro. Se ele

puder me arranjar outro inquilino, que eu considere adequado, devo cancelar o contrato. Bom dia, Schlegel. Não acha que é melhor do que sublocar?”

Helen soltara a mão da irmã, agora, e ele a conduzira para longe dos demais até o lado da casa que dava para o mar. Sob eles avistava-se a pequena baía burguesa, que devia ter aguardado tão ansiosamente todos esses séculos para que um balneário como Swanage fosse construído em suas margens. As ondas eram fracas e o vapor de Bournemouth, atracado ao píer e apitando loucamente por excursionistas, dava um toque extra de insipidez.

“No caso de sublocação creio que os danos…”

“Com licença, mas sobre a Porphyrion. Não me sinto sossegada… posso aborrecê-lo um pouco, Henry?”

Suas maneiras foram tão sérias que ele estacou, e perguntou um pouco rispidamente o que queria.

“Em Chelsea Embankment você disse, sem titubear, que era uma companhia ruim, de modo que advertimos o rapaz para que a deixasse. Ele escreveu hoje de manhã dizendo ter acatado nosso conselho, e agora você diz que *não é* uma companhia ruim.”

“Um empregado que deixa qualquer emprego, bom ou mau, sem assegurar um cargo em algum outro lugar primeiro é um tolo, e não tenho pena.”

“Ele não fez isso. Vai para um banco em Camden Town, conforme disse. O salário é bem menor, mas espera conseguir se virar… uma agência do Dempster’s Bank. Esse banco é bom?”

“Dempster! Meu Deus, é claro.”

“Melhor que a Porphyrion?”

“Claro, claro, claro; é sólido como uma rocha… mais ainda.”

“Muito obrigada. Desculpe… se sublocar…?”

“Se ele sublocar, não terei o mesmo controle. Na teoria, Howards End não sofreria quaisquer outros danos; na prática, sim. As coisas podem acontecer de modo tal que nenhum dinheiro compense. Por exemplo, não gostaria de ver aquele lindo olmo estragado. Ele pende… Margaret, precisamos ir visitar o velho lugar uma hora dessas. É bonito, a seu modo. Pegamos o carro e almoçamos com Charles.”

“Eu gostaria muito”, disse Margaret, corajosamente.

“Que tal na próxima quarta?”

“Quarta? Não, não posso. Tia Juley espera que fiquemos aqui pelo menos mais uma semana.”

“Mas podia desistir agora.”

“Hã… não”, disse Margaret, depois de pensar por um segundo.

“Ah, vai ficar tudo bem. Vou falar com ela.”

“Esta visita é uma grande solenidade. Minha tia conta com ela todos os anos. Vira a casa de cabeça para baixo por nossa causa; convida nossos principais amigos — mal conhece Frieda e não podemos deixá-la em suas mãos. Ausentei-me um dia, e ficaria muito magoada se não permanecesse por todo o período.”

“Mas terei uma palavra com ela. Não se incomode.”

“Henry, não vou. Não me force.”

“Mas quer conhecer a casa, não quer?”

“Muito… ouvi tanto a respeito, de um jeito ou de outro. É verdade que há dentes de porco no olmo?”

“*Dentes de porco?*”

“E você mastiga a casca para dor de dente.”

“Que idéia esquisita! Claro que não!”

“Talvez eu a tenha confundido com alguma outra árvore. Ainda há um grande número de árvores sagradas na Inglaterra, ao que parece.”

Mas ele a deixou para interceptar a sra. Munt, cuja voz se ouvia à distância; para ser ele próprio interceptado por Helen.

“Oh, senhor Wilcox, sobre a Porphyrion…”, começou, e ficou escarlate de uma orelha a outra.

“Está tudo bem”, acudiu Margaret, alcançando-os. “O Dempster’s Bank é melhor.”

“Mas acho que nos disse que a Porphyrion estava mal e quebraria antes do Natal.”

“Disse? Estava fora do Tariff Ring, e tinha de emitir apólices podres. Nos últimos tempos, se reergueu… está sólida como uma rocha, agora.”

“Em outras palavras, o senhor Bast nunca precisaria ter saído de lá.”

“Não, o rapaz não precisava.”

“… e não precisava ter começado a vida em outro lugar com um salário muito mais reduzido.”

“Ele disse apenas ‘reduzido’”, corrigiu Margaret, vendo problemas à frente.

“Para um homem tão pobre, toda redução deve ser grande. Considero isso um infortúnio deplorável.”

O sr. Wilcox, voltado a seu assunto com a sra. Munt, seguia firme adiante, mas esse último aparte o fez dizer: “O quê? Como é? Quer dizer que sou eu o responsável?”.

“Isso é ridículo, Helen.”

“Parece pensar…” Olhou o relógio. “Deixe-me lhe explicar a questão. É assim. Parece presumir que, quando uma companhia está conduzindo uma delicada negociação, deve manter o público informado etapa por etapa. A Porphyrion, segundo sua opinião, seria obrigada a dizer: ‘Estamos fazendo todo o possível para entrar no Tariff Ring. Não temos certeza de que conseguiremos, mas é a única coisa que nos salvará da falência, e estamos tentando’. Helen, minha querida…”

“Acha que essa é a questão? Um homem que tem pouco dinheiro tem menos ainda… para mim é isso.”

“Sinto muito por seu escriturário. Mas é assim, no mundo do trabalho. Faz parte da batalha da vida.”

“Um homem que tinha pouco dinheiro”, repetiu, “tem menos ainda, graças a nós. Sob as circunstâncias não considero ‘a batalha da vida’ uma expressão feliz.”

“Ah, vamos, vamos!”, protestou ele, bem-humorado. “Você não tem culpa. Ninguém tem culpa.”

“Ninguém tem culpa de nada?”

“Eu não diria isso, mas está levando a coisa muito a sério. Quem é o sujeito?”

“Já falamos sobre ele duas vezes”, disse Helen. “Até mesmo já se encontrou com o sujeito. É muito pobre e sua esposa é uma imbecil extravagante. É capaz de coisas melhores. Nós… nós, a classe alta… do alto de nosso conhecimento superior, achamos que poderíamos ajudá-lo… e aí está o resultado!”

Ele ergueu o dedo. “Agora, um pequeno conselho.”

“Não quero mais conselhos.”

“Um pequeno conselho. Não assuma essa atitude sentimental em relação aos pobres. Cuide para que ela não o faça, Margaret. Os pobres são os pobres, sentimos pena deles, mas é tudo. Conforme a civilização avança, o sapato tem de apertar em alguns lugares, e é absurdo pretender que alguém seja pessoalmente responsável. Nem você, nem eu, nem a pessoa que me passou a informação, nem o homem que o informou, nem os diretores da Porphyrion têm culpa pela perda de salário desse homem. É apenas o sapato apertando… ninguém pode evitar; e poderia facilmente ter sido pior.”

Helen tremia de indignação.

“Faça doações à caridade sempre que possível… seja pródiga em doações… mas não se deixe levar por planos absurdos de reforma social. Vejo um bocado

de coisas nos bastidores e pode acreditar no que digo: a questão social não existe — a não ser para uns poucos jornalistas que tentam ganhar a vida com a expressão. Há ricos e pobres, apenas, como sempre houve e sempre haverá. Aponte-me uma época em que os homens eram iguais…”

“Eu não disse…”

“Aponte-me uma época em que o desejo de igualdade os tornou mais felizes. Não, não, você não pode. Sempre houve ricos e pobres. Não sou nada fatalista. Deus me livre! Mas nossa civilização é moldada por grandes forças impessoais” (sua voz soava cada vez mais complacente; sempre era assim quando ele eliminava o pessoal) “e sempre haverá ricos e pobres. Não pode negar isso” (e agora era uma voz respeitável) — “e não pode negar que, a despeito de tudo, a tendência da civilização tem sido no conjunto para cima.”

“Com a graça divina, eu presumo”, disparou Helen.

Ele arregalou os olhos.

“Você agarra a grana. Deus faz o resto.”

De nada adiantava instruir a garota se iria falar sobre Deus daquele jeito moderno e neurótico. Fraternal até o fim, trocou-a pela companhia mais amena da sra. Munt. Pensou: “Ela me lembra Dolly um pouco”.

Helen fitou o mar.

“Nunca discuta economia política com Henry”, aconselhou a irmã. “Só vai acabar chorando.”

“Mas deve ser um desses homens que conciliaram ciência e religião”, disse Helen, lentamente. “Não gosto deles. São científicos, falam da sobrevivência do mais apto, reduzem os salários de seus funcionários e estorvam a independência de todos que possam ameaçar seu conforto, mas mesmo assim acreditam que, de algum modo — é sempre esse vago ‘de algum modo’ —, o bem advirá, e por alguma forma misteriosa os senhores Basts do futuro se beneficiarão com o sofrimento dos senhores Basts de hoje.”

“É um homem assim na teoria. Mas ai, Helen, na teoria!”

“Mas ai, Meg, que teoria!”

“Por que tem de pôr as coisas em termos tão amargos, querida?”

“Porque sou uma velha solteirona”, disse Helen, mordendo o lábio. “Nem eu mesma consigo entender por que continuo insistindo nisso.” Soltou a mão de sua irmã e entrou na casa. Margaret, angustiada já no começo do dia, acompanhou o vapor de Bournemouth com o olhar. Percebeu que os nervos de Helen estavam exasperados pelo desafortunado episódio Bast além dos limites da polidez. Poderia haver uma explosão de verdade a qualquer minuto, que até

mesmo Henry notaria. Henry tinha de ser tirado dali.

“Margaret!”, chamou sua tia. “Magsy! Não é verdade, tenho certeza, o que diz o senhor Wilcox, que quer partir no começo da semana que vem?”

“Querer, não quero”, foi a pronta resposta de Margaret; “mas há tanto por arranjar e de fato quero ver a família de Charles.”

“Mas ir embora sem fazer a viagem de Weymouth, ou mesmo a de Lulworth?”, disse a sra. Munt, aproximando-se. “Sem subir mais uma vez no alto das Nine Barrows Down?”

“Receio que sim.”

O sr. Wilcox voltou a juntar-se a ela com um “Ótimo! Consegui abrir caminho no gelo”.

Uma onda de ternura a envolveu. Pousou as mãos em seus ombros e fitou o fundo de seus olhos negros e brilhantes. O que se ocultava por trás daquele olhar competente? Ela sabia, mas não se perturbou.

XXIII

Margaret não tinha a menor intenção de deixar degringolar as coisas e na noite anterior a sua partida de Swanage fez uma severa reprimenda à irmã. Censurou-a não por desaprovar o casamento, mas por lançar sobre sua desaprovação um véu de mistério. Helen foi igualmente franca. “É”, disse, com um ar ensimesmado, “o mistério existe. Não consigo evitar. Não é culpa minha. É como a vida foi feita.” Helen, nesses dias, estava superinteressada no eu subconsciente. Exagerava o aspecto Punch e Judy da vida,[26] referindo-se à espécie humana como marionetes que um artista invisível faz contorcer-se no amor e na guerra. Margaret observou que, se também ela se prendesse a isso, eliminaria o pessoal. Helen ficou em silêncio por um minuto, para então explodir numa conversa esquisita, que desanuviou o ambiente. “Vá em frente e case-se com ele. Para mim, você é uma pessoa esplêndida; e se há alguém capaz de fazer com que isso dê certo, apesar de todas as dificuldades, esse alguém é você.” Margaret negou que houvesse o que quer que fosse para “dar certo”, mas Helen prosseguiu: “Tem, tem sim, e não fui capaz de consegui-lo com Paul. Só consigo fazer o que é fácil. Só consigo atrair e ser atraída. Não consigo, e não vou, me empenhar em relações difíceis. Se porventura me casar, será com um homem forte o bastante para mandar em mim, ou alguém que eu seja forte o bastante para controlar. De modo que não me casarei nunca, pois não há homens assim. E que os céus ajudem aquele que se casar comigo, pois certamente fugirei correndo dele num piscar de olhos. Isso mesmo! Porque eu sou inculta. Mas você, você é diferente; você é uma heroína”.

“Ai, Helen! Sou? A coisa vai ser assim tão pavorosa para o pobre Henry do jeito que está dizendo?”

“Você pretende manter o equilíbrio, e isso é heróico, é grego, e não vejo por que não daria certo no seu caso. Vá em frente, lute com ele, ajude-o. Só não me peça ajuda, nem simpatia. De agora em diante vou seguir meu próprio caminho. Pretendo ser inteira, porque a inteireza é fácil. Pretendo repudiar seu marido, e dizê-lo a ele. Pretendo não fazer mais qualquer concessão a Tibby. Se Tibby quer morar comigo, deve me aceitar como sou. Pretendo amar *você* mais do que nunca. Sim, é verdade. Nós duas construímos algo real, porque é puramente

espiritual. Não há véu de mistério sobre nós. A irrealidade e o mistério começam assim que a pessoa entra em contato com o corpo. O senso popular é, como sempre, exatamente o errado. Nossas preocupações são com coisas tangíveis… dinheiro, maridos, procurar uma casa. Mas o céu funcionará por si mesmo."

Margaret ficou grata pela expressão de afeto, e respondeu: "Talvez". Todos os panoramas terminam no que não pode ser visto — ninguém duvida disso —, mas os de Helen terminavam um pouco rapidamente demais para o seu gosto. A cada mudança de direção na conversa a pessoa se via confrontada com a realidade e o absoluto. Talvez Margaret estivesse velha demais para a metafísica, talvez Henry a estivesse desabituando dela, mas suspeitava haver um certo desequilíbrio na mente que tão prontamente estraçalha o visível. O homem de negócios que presume que esta vida é tudo e o místico que afirma não ser nada falham, cada um de seu lado, em atingir a verdade. "É, entendo, minha querida; é mais ou menos no meio das duas coisas", arriscara-se tia Juley anos antes. Não; a verdade, estando viva, não ficava no meio de coisa alguma. Só iria ser encontrada fazendo-se incursões contínuas num e noutro domínio e, embora equilíbrio seja o segredo final, abraçá-lo de cara é assegurar a esterilidade.

Helen, concordando aqui, discordando acolá, teria conversado até a meia-noite, mas Margaret, com as malas por fazer, concentrou a conversa em Henry. Poderia destratá-lo pelas costas, mas será que faria a gentileza de ser sempre educada em sua presença? "Eu definitivamente não gosto dele, mas farei o que puder", prometeu Helen. "Em troca, você faz o que puder com meus amigos."

Essa conversa deixou Margaret mais à vontade. Suas vidas interiores eram tão seguras que podiam barganhar sobre as aparências de um jeito que teria parecido incrível para tia Juley, e impossível para Tibby ou Charles. Há momentos em que a vida interior de fato "compensa", quando anos de auto-exame, conduzidos sem nenhum motivo ulterior, tornam-se subitamente de uso prático. Momentos como esse ainda são raros no Ocidente; sua ocorrência, por mais difícil que seja, guarda a promessa de um futuro melhor. Margaret, embora incapaz de compreender a irmã, tranqüilizou-se quanto a um estranhamento, e voltou para Londres com a alma um pouco mais em paz.

Na manhã seguinte, às onze horas, apresentou-se nos escritórios da Imperial and West African Rubber Company. Ficou feliz de ir até lá, pois Henry mais sugeria do que descrevia o negócio e o caráter vago e amorfo que a pessoa associa com a própria África havia até então obnubilado as principais fontes de sua riqueza. Não que uma visita ao escritório aclarasse as coisas. Lá se via apenas a espuma superficial e ordinária de livros contábeis, balcões polidos e

barras de latão que começam e terminam sem nenhuma razão possível, de florescências triplas de globos elétricos, de pequenas tocas de coelho voltadas para vidros ou fios, de pequenos coelhos. E mesmo quando penetrou nas profundezas interiores deparou-se apenas com a mesa e o tapete turco ordinários, e embora o mapa acima da lareira de fato representasse uma porção da África Ocidental, era um mapa bastante ordinário. Havia mais um mapa pendurado do outro lado, no qual se podia ver todo o continente, parecendo uma baleia com as linhas de corte da gordura, e ao lado deste via-se uma porta, fechada, mas a voz de Henry vinha através dela, ditando uma carta "forte". Ela poderia muito bem estar na Porphyrion ou no Dempster's Bank, ou em seu próprio fornecedor de vinho. Tudo parece exatamente igual nos dias de hoje. Mas talvez estivesse vendo o lado imperial da companhia, não o West African, e o imperialismo sempre fora uma de suas dificuldades.

"Um minuto!", gritou o sr. Wilcox ao anunciarem seu nome. Tocou uma sineta, cujo efeito foi produzir Charles.

Charles escrevera ao pai uma carta satisfatória — mais satisfatória que a de Evie, que palpitava de indignação juvenil. E cumprimentou a futura madrasta com propriedade.

"Espero que minha esposa — como vai? — lhes ofereça um almoço decente", foi como começou. "Deixei instruções, mas vivemos de um jeito bem simples. Ela os espera de volta para o chá, também, depois que houverem dado uma olhada em Howards End. Fico imaginando o que vai pensar do lugar. Eu mesmo não teria coragem de encostar a mão em nada. Sente-se, por favor! O lugar é exíguo."

"Vou gostar de conhecê-la", disse Margaret, sentindo, pela primeira vez, vergonha.

"Vai conhecê-la no pior momento, pois Bryce se mandou para o exterior na última segunda sem nem mesmo arranjar uma faxineira para limpá-la, após sua partida. Nunca vi uma bagunça mais vergonhosa. É inacreditável. Fazia um mês que ele havia deixado a casa."

"Tenho algumas contas a acertar com Bryce, e não são poucas", ouviu-se Henry dizer de sua sala.

"Por que teria partido tão repentinamente?"

"O homem é inválido; não conseguia dormir."

"Pobre coitado!"

"Coitado uma ova!", disse o sr. Wilcox, juntando-se a eles. "Teve a audácia de pôr tabuletas sem nem mesmo perguntar se podia ou não podia. Charles

jogou-as todas no chão.”

“É, joguei no chão”, disse Charles, modestamente.

“Mandei-lhe um telegrama, um telegrama bastante duro, aliás. Ele, e mais ninguém, é o responsável pela manutenção da casa nos próximos três anos.”

“As chaves estão na fazenda; não aceitamos recebê-las.”

“Exato.”

“Dolly já ia pegando, mas por sorte eu estava lá.”

“Como é o senhor Bryce?”, perguntou Margaret.

Mas ninguém respondeu. O sr. Bryce era o inquilino, não tinha o menor direito de sublocar; tê-lo definido além disso era uma perda de tempo. Discutiram profusamente sobre os seus delitos, até que a garota que estivera datilografando a carta forte apareceu com ela. O sr. Wilcox apôs sua assinatura. “Agora, vamos embora”, disse.

Um carro, uma forma de felicidade odiada por Margaret, a aguardava. Charles acompanhou-os enquanto subiam, polido até o fim, e num minuto os escritórios da Imperial and West African Rubber Company desapareceram na distância. Mas não foi um passeio muito impressionante. Talvez por culpa do tempo, cinzento e coberto de nuvens enfadonhas. Talvez Hertfordshire dificilmente esteja destinada aos motoristas. Um cavalheiro certa vez não passara tão rapidamente de carro por Westmorland que nem notou o lugar? E se Westmorland pode passar despercebido, pior sucederá a um condado cuja delicada estrutura necessita particularmente do olhar atento. Hertfordshire é a Inglaterra em seu aspecto mais tranqüilo, com pouca ênfase de rios e colinas; é a Inglaterra meditativa. Se Drayton estivesse entre nós outra vez para escrever uma nova versão de seu incomparável poema, cantaria as ninfas de Hertfordshire como sendo de feições indeterminadas, com os cabelos ofuscados pela fumaça londrina. Os olhos delas seriam tristes, e desviados de seu destino em direção aos campos do norte, sua líder não seria Ísis ou Sabrina, mas a lenta e ondulante Lea. Nenhuma glória no trajar teriam elas, nenhuma urgência no dançar; mas seriam ninfas de verdade.

O chofer não podia dirigir tão velozmente quanto desejara, pois a Great North Road estava carregada com o tráfego da Páscoa. Mas ia veloz o bastante para Margaret, uma criatura medrosa, que não tirava galinhas e crianças da cabeça.

“Não se preocupe com elas”, disse o sr. Wilcox. “Vão aprender… como as andorinhas e os fios telegráficos.”

“É, mas enquanto aprendem…”

“O carro veio para ficar”, respondeu. “As pessoas precisam se locomover. Há uma linda igreja… ah, não prestou bastante atenção. Bom, veja, se a estrada a deixa preocupada… fique observando a paisagem mais ao fundo.”

Olhou a paisagem. Ela assomava e se fundia como mingau. De repente, congelou. Chegaram.

A casa de Charles era à esquerda; à direita, a silhueta proeminente das Six Hills. Seu aparecimento numa região daquelas a surpreendeu. Elas interrompiam o fluxo de residências que se avolumava em direção a Hilton. Além delas avistou campos e um bosque, e mais abaixo decidiu que soldados da melhor espécie jaziam enterrados. Odiava a guerra e gostava de soldados — uma de suas inconsistências inofensivas.

Mas lá estava Dolly, trajada com o maior esmero, de pé junto à porta para recebê-los, e lá vinham as primeiras gotas de chuva. Correram para dentro, rindo, e após uma longa espera na sala de visitas sentaram-se para o almoço bem simples, cujos pratos, sem exceção, escondiam ou transbordavam creme. O sr. Bryce foi o assunto principal da conversa. Dolly descreveu sua visita com a chave, enquanto o sogro divertia a todos gracejando e contradizendo tudo que dizia. Era evidente que costumavam rir de Dolly. Zombou de Margaret, também, e Margaret, acordando de uma profunda reflexão, achou graça, e devolveu-lhe a zombaria. Dolly pareceu surpresa e fitou-a com curiosidade. Após o almoço as duas crianças desceram. Margaret não gostava de bebês, mas se deu melhor com o menino de dois anos de idade, e provocou gargalhadas em Dolly ao conversar séria com ele. “Dê-lhes um beijo e vamos embora”, disse o sr. Wilcox. Ela o acompanhou mas recusou-se a beijar as crianças; que triste sina esta dos pequeninos, disse, e, ainda que Dolly oferecesse o Charlizinho Querido e o Fofinho da Mamãe em troca, permaneceu firme.

A essa hora chovia copiosamente. O carro se aproximou com a capota erguida e, mais uma vez, ela perdeu todo o senso de espaço. Em poucos minutos pararam e Crane abriu a porta.

“O que aconteceu?”, perguntou Margaret.

“O que acha que aconteceu?”, disse Henry.

Um pequeno alpendre surgiu bem diante de seu rosto.

“Já chegamos?”

“Já.”

“Ora, quem diria! Há alguns anos parecia tão distante.”

Sorrindo, mas por algum motivo desiludida, pulou do carro, e seu ímpeto conduziu-a à porta da frente. Ia abri-la quando Henry disse: “Não adianta; está

trancada. Quem tem a chave?”.

Como ele mesmo esquecera de pedir a chave na fazenda, ninguém respondeu. Também quis saber quem deixara o portão da frente aberto, pois uma vaca viera pela estrada, entrara e estava estragando o campo de críquete. Então disse, um tanto rispidamente: “Margaret, espere no seco. Vou buscar a chave. Não são nem cem metros”.

“Não posso ir, também?”

“Não; só vai levar um segundo.”

Então o carro fez a volta, e foi como se uma cortina houvesse sido erguida. Pela segunda vez nesse dia viu a aparência da terra.

Lá estavam as ameixeiras que Helen outrora descrevera, o gramado de tênis, a sebe que ficaria magnífica com rosas bravas em junho, porém a visão agora era de negro e do mais pálido verde. No leito seco de um antigo tanque, cores mais vivas despertavam, e lírios-brancos ficavam de sentinela junto à margem, ou avançavam aos batalhões sobre o gramado. Tulipas eram uma bandeja de jóias. Não podia ver o olmo, mas um ramo da celebrada hera, pontilhada de bolinhas aveludadas, havia coberto o alpendre. Ficou perplexa com a fertilidade do solo; raramente estivera num jardim onde as flores pareciam se dar tão bem e até mesmo as ervas daninhas que arrancava preguiçosamente do alpendre eram de um verde intenso. Por que o pobre sr. Bryce fugira de toda aquela beleza? Pois já decidira que o lugar era lindo.

“Vaca levada! Vá embora!”, gritou Margaret para o animal, mas sem indignação.

A chuva caiu com mais força, desabando de um céu sem vento, e respingando sobre as tabuletas dos corretores imobiliários, tombadas lado a lado no gramado onde Charles as arremessara. Devia ter se entrevisto com Charles em outro mundo — um mundo em que as pessoas de fato se entrevissem. Como Helen teria ficado deliciada com uma idéia dessas! Charles morto, todas as pessoas mortas, nada com vida, exceto casas e jardins. O óbvio morto, o intangível vivo e… absolutamente sem qualquer ligação entre si! Margaret sorriu. Quem dera suas fantasias fossem assim tão nítidas! Quem dera pudesse lidar de maneira tão altiva assim com o mundo! Sorrindo e suspirando, pousou a mão na porta. Ela se abriu. A casa não estava trancada.

Hesitou. Deveria esperar por Henry? Ser o proprietário para ele era uma coisa séria e talvez preferisse mostrar-lhe a casa pessoalmente. Por outro lado, dissera-lhe que permanecesse no seco e o alpendre começava a pingar. Assim, entrou, e a corrente de ar vinda de dentro bateu a porta atrás dela.

A desolação deu-lhe as boas-vindas. Marcas de dedos manchavam as janelas do vestíbulo, canos de aquecedores e lixo sobre o sujo piso de madeira. A civilização da bagagem estivera ali por um mês, e então levantara acampamento. Só se podia adivinhar qual era a sala de jantar e a de visitas — à direita e à esquerda — pelos papéis de parede. Eram apenas lugares onde a pessoa poderia ficar ao abrigo da chuva. No teto de cada cômodo havia uma grande viga. A sala de jantar e o vestíbulo revelavam as suas abertamente, mas a sala de visitas tinha revestimento de madeira — porque os fatos da vida devem ser ocultados das damas? Sala de visitas, sala de jantar e vestíbulo — quão triviais soavam esses nomes! Ali estavam simplesmente três lugares onde crianças poderiam brincar e amigos, abrigar-se da chuva. Sim, e eram lindos.

Então abriu uma das portas do outro lado — havia duas — e os papéis de parede deram lugar à caiação. Era a área dos criados, embora ela mal se desse conta disso: apenas salas outra vez, onde amigos poderiam abrigar-se. O jardim dos fundos estava cheio de cerejeiras e ameixeiras em flor. Mais adiante entrevia-se o campo e um rochedo escuro de pinheiros. Sim, o campo era lindo.

Confinada ali dentro pelo tempo desolador, recapturou o senso de espaço que o carro tentara roubar-lhe. Lembrou-se mais uma vez que dez milhas quadradas não são dez vezes mais maravilhosas que uma milha quadrada, que mil milhas quadradas não são praticamente o mesmo que o paraíso. O fantasma da grandeza, que Londres encoraja, foi abatido para sempre quando caminhou do vestíbulo em Howards End até sua cozinha e ouviu a chuva bater deste e daquele jeito onde as águas do telhado a dividiam.

Agora Helen vinha-lhe à mente, examinando meia Wessex do cume das colinas de Purbeck, e dizendo: “Terá de perder alguma coisa”. Não estava tão certa. Por exemplo, dobraria seu reino ao abrir a porta que ocultava a escadaria.

Agora pensava no mapa da África; em impérios; em seu pai; em duas nações soberanas, cujos fluxos vitais aqueciam-lhe o sangue, mas, misturando-se, esfriavam-lhe o cérebro. Caminhou de volta até o vestíbulo e, conforme o fazia, a casa reverberou.

“É você, Henry?”, chamou.

Não houve resposta, mas a casa reverberou outra vez.

“Henry, está aqui dentro?”

Mas era o coração da casa pulsando, fracamente, no início, depois alto, marcial. Prevaleceu sobre a chuva.

É a imaginação faminta, não a bem nutrida, que tem medo. Margaret abriu a porta que dava para a escadaria. Um ruído como que de tambores pareceu

ensurdecê-la. Uma mulher, uma mulher idosa, vinha descendo, com a figura ereta, com o rosto impassível, com lábios que se abriram e disseram secamente:

"Oh! Bem, pensei que fosse Ruth Wilcox."

Margaret gaguejou: "Eu… senhora Wilcox… eu?".

"Pensei que fosse, é claro… pensei. Seu andar se parece com o dela. Bom dia." E a mulher idosa passou por ela e saiu, sob a chuva.

XXIV

“Foi um susto e tanto”, disse o sr. Wilcox, ao contar o incidente para Dolly na hora do chá. “Vocês garotas são todas umas medrosas, não são? Claro que bastou uma palavra minha para esclarecer tudo, mas a tonta da senhorita Avery… ela a assustou, não foi, Margaret? Lá estava você segurando um punhado de ervas daninhas. Ela poderia ter dito algo, em vez de descer as escadas usando aquele chapéu pavoroso amarrado sob o queixo. Passei por ela quando entrei. Foi o bastante para espantar o carro. Creio que a senhorita Avery se inclina por tais excentricidades; algumas solteironas são assim.” Acendeu um cigarro. “É seu último recurso. Só Deus sabe o que fazia ali; mas isso é problema de Bryce, não meu.”

“Não fui tão tola como sugere”, disse Margaret. “Apenas levei um susto, porque a casa ficara silenciosa por tanto tempo.”

“Achou que fosse um fantasma?”, perguntou Dolly, para quem “fantasmas” e “ir à igreja” resumiam o invisível.

“Não exatamente.”

“Ela de fato a assustou”, disse Henry, que estava longe de desencorajar a timidez em mulheres. “Pobre Margaret! E é muito natural. Como as classes incultas são estúpidas.”

“A senhorita Avery é inculta?”, perguntou Margaret, e pegou-se contemplando o projeto de decoração da sala de visitas de Dolly.

“É só alguém do pessoal da fazenda. Gente assim está sempre achando coisas. Achou que você soubesse quem ela era. Deixou todas as chaves de Howards End no saguão de entrada, e achou que você as vira ao entrar, que trancaria a casa quando houvesse terminado e que as traria de volta. E lá ficou sua sobrinha procurando por elas na fazenda. Falta de instrução torna as pessoas muito descuidadas. Hilton antigamente era cheia de mulheres como a senhorita Avery.”

“Eu não teria achado ruim, talvez.”

“Ou a senhorita Avery dando-me um presente de casamento”, disse Dolly.

O que era ilógico mas interessante. Por intermédio de Dolly, Margaret estava destinada a aprender um bocado.

“Mas Charles disse que preciso tentar não me importar, porque ela conheceu sua avó.”

“Como sempre, entendeu a história errado, minha boa Dorothea.”

“Quer dizer, bisavó… a que deixou a casa para a senhora Wilcox. Não eram amigas as duas e a senhorita Avery quando Howards End também era uma fazenda?”

Seu sogro soprou uma coluna de fumaça. A atitude dele em relação à esposa falecida era curiosa. Aludia a ela, e ouvia discutirem a respeito, mas jamais a mencionava pelo nome. Tampouco se interessava pelo passado obscuro, bucólico. Dolly, sim — pela seguinte razão.

“Então, a senhora Wilcox não tinha um irmão… ou era um tio? Seja como for, ele apareceu com o pedido, e a senhorita Avery, ela disse, ‘Não’. Imagine só, se tivesse dito ‘Sim’, teria sido tia de Charles. (Ah, veja só, essa é muito boa! ‘Tia de Charlie!’ Tenho de provocá-lo hoje à noite por isso.) E o homem saiu e foi morto. Isso, tenho certeza que contei direito, agora. Tom Howard… foi o último deles.”

“Creio que sim”, disse o sr. Wilcox, distraidamente.

“Vejam! Howards End… o Fim dos Howard!”, gritou Dolly. “Estou bem rápida hoje, hein?”

“Gostaria que houvesse perguntado se Crane chegou ao fim.”

“Ai, senhor Wilcox, *só* o senhor…”

“Porque se já tomou chá suficiente, é melhor irmos andando… Dolly é uma mulherzinha muito boa”, continuou, “mas costuma se exceder um pouco. Eu não moraria perto dela nem que me pagassem.”

Margaret sorriu. Embora apresentando uma fachada firme aos de fora, nenhum Wilcox podia viver perto, ou perto da propriedade, de nenhum outro Wilcox. Tinham o espírito colonial e estavam sempre à procura de algum lugar onde o homem branco pudesse carregar seu fardo sem ser observado. Claro, Howards End era impossível, enquanto o jovem casal estivesse estabelecido em Hilton. Suas objeções à casa ficavam claras como a luz do dia, agora.

Crane já tomara bastante chá, e foi mandado à garagem, onde o carro deles estivera salpicando água lamacenta sobre o de Charles. O aguaceiro havia sem dúvida penetrado nas Six Hills, a essa altura, trazendo novas de nossa inquieta civilização. “Morros curiosos”, disse Henry, “mas para dentro, você, vamos; outra hora.” Tinha de estar em Londres às sete — se possível, seis e meia. Mais uma vez ela perdeu o senso de espaço; mais uma vez árvores, casas, gente,

animais, montanhas fundiram-se e assomaram em um só borrão, e ela estava em Wickham Place.

A tarde foi agradável. A sensação de fluxo que a assombrara ao longo de todo o ano desapareceu por algum tempo. Esqueceu bagagens e automóveis, e os homens apressados que sabem tanto, e fazem tão poucas ligações entre as coisas. Retomou seu senso de espaço, que é a base de toda beleza terrena e, começando por Howards End, tentou compreender a Inglaterra. Falhou — as visões não vêm quando tentamos, embora possam vir por intermédio do esforço. Mas um inesperado amor pela ilha despertou dentro dela, ligando-se deste lado com as alegrias da carne, do outro, com o inconcebível. Helen e seu pai haviam conhecido este amor, o pobre Leonard Bast tateava cegamente atrás dele, mas permanecera escondido de Margaret até esta tarde. Certamente lhe viera por intermédio da casa e da velha srta. Avery. Por intermédio delas, a noção de "intermédio" persistia; sua mente estremecia rumo a uma conclusão que somente os insensatos já puseram em palavras. Então, derivando de volta à tepidez, o amor se deteve sobre tijolos avermelhados, ameixeiras floridas e todas as alegrias tangíveis da primavera.

Henry, após aliviá-la de sua agitação, conduzira-a pela casa, explicando o uso e as dimensões dos vários cômodos. E relatara brevemente a história da pequena propriedade. "É tão agourenta", começava o monólogo, "que fazia cerca de cinqüenta anos que não punham dinheiro aqui. Nessa época tinha quatro… cinco… vezes a terra… trinta acres, no mínimo. Dava para ter feito alguma coisa com isso… um pequeno parque de caça, ou em todo caso uma plantação de arbustos, e reconstruído a casa mais longe da estrada. De que adianta assumir a responsabilidade por ela, agora? Nada resta além do campo, e até mesmo sobre ele havia uma pesada hipoteca quando cuidei das coisas pela primeira vez… é, e sobre a casa também. Ah, não foi brincadeira." Ela via duas mulheres conforme falava, uma, velha, a outra, jovem, observando a herança de ambas se dissolver. Via-as saudando-o como um salvador. "A má administração provocou isso… além do mais, os dias das fazendas pequenas acabaram. Não vale a pena… a não ser para o cultivo intensivo. Chácaras, volta à terra… há! Conversa-fiada filantrópica. Tome por regra que nada compensa em pequena escala. A maior parte da terra que vê" (estavam diante de uma janela no andar de cima, a única com vista para o oeste) "pertence àquele pessoal da reserva de caça… sua fortuna vem do cobre… boa gente. A fazenda dos Avery, a dos Sishe — aquilo que chamam de área comunitária, onde você vê aquele carvalho seco —, uma após outra afundaram junto, assim como esta, ou pelo menos chegou

bem perto.” Mas Henry a salvara; sem sentimentos nobres ou uma intuição profunda, mas a salvara, e ela o amava pelo que fizera. “Quando obtive maior controle, fiz o que pude: vendi os poucos animais, o pônei sarnento, os implementos obsoletos; demoli os barracões; drenei a terra; desmatei não sei quantos novelos e árvores velhas; e dentro da casa transformei a antiga cozinha num vestíbulo, e fiz uma outra atrás do lugar onde ficava a leiteria. A garagem e outras coisas vieram mais tarde. Mas ainda dá para perceber que foi uma velha fazenda. E mesmo assim não é o tipo de lugar que vai atrair alguém desse seu pessoal artístico.” Não, não era; e se ele não compreendia totalmente, menos ainda o pessoal artístico: eram ingleses, e o olmo que ela via da janela era uma árvore inglesa. Nenhuma descrição a preparara para esta glória especial. Nem guerreiro, nem amante, nem deus; em nenhum desses papéis o inglês se sobressai. O olmo era um companheiro, arqueando-se sobre a casa, com força e aventura nas raízes, mas na extremidade dos dedos, ternura, e sua circunferência, que uma dúzia de homens não poderia cingir, tornou-se, no fim, evanescente, até que os pálidos cachos de botões parecessem flutuar no ar. Era um companheiro. A casa e a árvore transcendiam qualquer semelhança com o sexo. Margaret pensava nelas, agora, e iria pensar nelas por muitas noites de vento e por muitos dias londrinos, mas comparar uma e outra ao homem, à mulher, sempre apequenava a visão. No entanto, mantinham-se dentro dos limites do humano. Sua mensagem não era de eternidade, mas de esperança deste lado do túmulo. Conforme permanecia em uma, fitando a outra, relacionamentos mais verdadeiros se fizeram vislumbrar.

Só mais um pouco, e o relato de seu dia estará terminado. Entraram no jardim por um minuto, e, para surpresa do sr. Wilcox, ela estava com a razão. Dentes, dentes de porco, podiam ser vistos no olmo — apenas as extremidades brancas à mostra. “Que coisa extraordinária!”, exclamou ele. “Quem lhe contou?”

“Ouvi algo a respeito num inverno, em Londres”, foi sua resposta, pois também ela evitava mencionar a sra. Wilcox pelo nome.

XXV

Evie recebeu a notícia do casamento de seu pai quando participava de um torneio de tênis, e isso simplesmente arruinou seu jogo. Que ela se casasse e o deixasse parecera bastante natural; que ele, deixado só, fizesse o mesmo, era uma desonestidade; e agora Charles e Dolly diziam que fora tudo culpa sua. “Mas nunca sonhei com uma coisa dessas”, resmungou. “Papai me levou para visitá-la uma vez ou outra, e me fez convidá-la para ir ao Simpson’s. Bem, estou totalmente decepcionada com o papai.” Também era um insulto à memória de sua mãe; nisso concordavam, e Evie teve a idéia de devolver as jóias e rendas da sra. Wilcox “como um protesto”. Contra o que estaria protestando não ficou claro; mas, tendo apenas dezoito anos, a idéia de renúncia exercia forte apelo sobre ela, tanto mais por não se importar com jóias ou rendas. Dolly então sugeriu que ela e tio Percy fingissem romper seu noivado, e assim quem sabe o sr. Wilcox brigasse com a srta. Schlegel e rompesse o deles; ou que mandassem um cabograma chamando Paul. Mas nesse ponto Charles disse-lhes que parassem com a bobagem. Então, Evie marcou o casamento para o mais breve possível; não era nada bom ficar perdendo tempo com aquelas Schlegel de olho nela. Conseqüentemente, a data de seu casamento foi adiantada de setembro para agosto, e na intoxicação dos presentes recuperou grande parte de seu bom humor.

Margaret descobriu que se esperava que participasse do evento, e que participasse amplamente; seria uma grande oportunidade, disse Henry, de conhecer seu círculo de amizades. *Sir* James Bidder estaria lá, e todos os Cahill e os Fussell, e sua cunhada, a srta. Warrington Wilcox, que felizmente regressara de sua viagem pelo mundo. Henry, ela amava, mas com seu círculo prometia ser diferente. Ele não tinha o talento de se cercar de gente agradável — na verdade, para um homem de habilidade e virtude, sua escolha fora singularmente infeliz; nenhum princípio o guiava além de certa preferência pela mediocridade; contentava-se em que uma das maiores coisas da vida fosse determinada ao acaso, e assim, embora em seus investimentos tudo corresse bem, com os amigos geralmente tudo corria mal. Ela o ouviria dizer, “Ah, fulano de tal é uma boa pessoa… um tipo excelente”, para descobrir, ao conhecê-lo, que se tratava de um

sujeito estúpido ou maçante. Se Henry houvesse demonstrado afeição genuína, ela teria compreendido, pois a afeição explica tudo. Mas ele parecia não ter sentimentos. O “tipo excelente” podia a qualquer momento tornar-se “um sujeito que nunca me foi de grande ajuda, e menos ainda, agora”, para ser jogado no esquecimento. Margaret fizera o mesmo quando era uma colegial. Atualmente, jamais esquecia ninguém de quem alguma vez houvesse gostado; ela ligava as coisas, embora a ligação pudesse ser amarga, e esperava que algum dia Henry fizesse o mesmo.

Evie não iria se casar em Ducie Street. Sonhava com alguma coisa rural, e, além disso, ninguém estaria em Londres nessa época, de forma que deixou os presentes por umas poucas semanas na chácara, em Oniton, e os proclamas foram devidamente afixados na igreja paroquial, e por uns dois dias a cidadezinha, sonhando entre as colinas avermelhadas, foi despertada pelo clangor de nossa civilização, e juntou-se à beira da estrada para assistir à passagem dos carros. Oniton fora uma descoberta do sr. Wilcox — uma descoberta da qual não se sentia inteiramente orgulhoso. Ficava perto da fronteira de Gales, e o acesso era tão difícil que chegara à conclusão de que devia ser algo especial. Havia um castelo em ruínas na propriedade. Mas, uma vez lá, o que a pessoa podia fazer? A caça era ruim, a pesca, medíocre, e as mulheres achavam que a paisagem não era grande coisa. Descobriu que estava situada na parte errada de Shropshire, maldita seja, e, embora nunca amaldiçoasse sua propriedade em voz alta, estava apenas esperando o momento de tirar a casa das mãos, de se ver livre dela. O casamento de Evie foi a última vez que a trouxe a público. Tão logo um inquilino foi encontrado, tornou-se uma casa que nunca antes lhe fora de grande valia, muito menos agora, e, como Howards End, desapareceu no limbo.

Mas sobre Margaret Oniton estava fadada a deixar uma impressão duradoura. Via-a como seu futuro lar, e estava ansiosa por começar direito com os clérigos etc. e, se possível, conhecer alguma coisa da vida local. Era uma cidade mercantil — tão minúscula quanto pode ter a Inglaterra — e servira aquele vale solitário por uma eternidade, e guardara nossas fronteiras contra os celtas. A despeito da ocasião, a despeito da aflitiva hilaridade com que foi saudada assim que pôs os pés no vagão-leito reservado, em Paddington, seus sentidos ficaram despertos e alerta, e embora Oniton viesse a se provar um de seus inumeráveis falsos começos, ela jamais a esqueceu, tampouco as coisas que ali aconteceram.

O grupo londrino não passava de oito — os Fussell, pai e filho, duas damas

anglo-indianas chamadas sra. Plynlimmon e *Lady* Edser, a sra. Warrington Wilcox e sua filha e, por fim, a garotinha, muito esperta e silenciosa, que figura em tantos casamentos, e que mantinha um olhar vigilante sobre Margaret, a noiva eleita. Dolly não fora — um acontecimento doméstico a retivera em Hilton; Paul enviara uma engraçada mensagem por cabograma; Charles iria encontrá-los com três carros em Shrewsbury. Helen recusara o convite; Tibby nem mesmo respondera. Os preparativos foram excelentes, como seria de esperar com qualquer coisa ao encargo de Henry; dava para perceber seu cérebro generoso e ajuizado por trás de tudo. Tornaram-se seus hóspedes assim que entraram no trem; uma etiqueta especial para sua bagagem; um guia; um almoço especial; tinham apenas de aparentar alegria e, onde fosse possível, beleza. Margaret pensou com desânimo em suas próprias núpcias… presumivelmente, sob os preparativos de Tibby. "O sr. Theobald Schlegel e a srta. Helen Schlegel solicitam o prazer da companhia da sra. Plynlimmon por ocasião do casamento de sua irmã Margaret." A fórmula era inacreditável, mas devia ser em breve impressa e enviada, e embora Wickham Place não necessitasse competir com Oniton, tinha de alimentar devidamente os convidados, e supri-los com cadeiras suficientes. Seu casamento seria desastroso ou burguês — esperava que este último. Um acontecimento como o presente, arranjado com uma habilidade quase bela, estava além de suas capacidades e das de seus amigos.

O ronco baixo e suave de um expresso da Great Western não é o pior dos acompanhamentos para uma conversa, e a viagem transcorreu de forma bastante agradável. Nada poderia ter excedido a gentileza dos dois homens. Erguiam janelas para algumas mulheres, abaixavam para outras, tocavam a campainha chamando o criado, identificaram os prédios das faculdades quando o trem deslizou através de Oxford, apanhavam livros ou porta-níqueis no ato de irem ao chão. Contudo, não havia nada de enjoado em sua polidez: tinha um quê de *public school* e, embora diligente, era viril. Mais batalhas do que Waterloo têm sido vencidas em nossos campos esportivos e Margaret curvava-se ante um encanto que não aprovava inteiramente, e não disse nada quando os prédios de Oxford foram identificados erroneamente. "Homem e mulher Ele os criou"; a viagem até Shrewsbury confirmava essa afirmação questionável, e o grande vagão envidraçado, que se movia tão serenamente e proporcionava tanto conforto, tornou-se uma estufa para a idéia de sexo.

Em Shrewsbury veio o ar fresco. Margaret queria mais que tudo conhecer a paisagem, e enquanto os outros terminavam o chá no Raven, solicitou um carro e precipitou-se pela espantosa cidade. Seu chofer não era o fiel Crane, mas um

italiano, que adorou de todo o coração fazer com que se atrasasse. Charles, relógio na mão, mas com o rosto tranqüilo, esperava diante do hotel quando regressaram. Nenhum problema, absolutamente, disse-lhe; não era a última, de modo algum. E então mergulharam na cafeteria, e ela ouviu-o dizer: “Pelo amor de Deus, apresse as mulheres; não vamos sair daqui nunca”, e Albert Fussell respondeu: “Eu, não; já fiz minha parte”, e o coronel Fussell opinou que as mulheres estavam se aprontando muito além da conta. Logo em seguida, Myra (a filha da sra. Warrington) apareceu e, como era sua prima, Charles repreendeu-a ligeiramente: ela fora trocar o elegante chapéu de viagem por um elegante chapéu de motorista. Depois veio a própria sra. Warrington, à frente da criança silenciosa; as duas damas anglo-indianas eram sempre as últimas. Criadas, guia, a pesada bagagem haviam partido com antecedência por um ramal para uma estação perto de Oniton, mas havia ainda cinco caixas de chapéu e quatro bolsas de roupas para embarcar, e cinco guarda-pós para serem vestidos, e desvestidos no último minuto quando Charles declarou que não eram necessários. Os homens a tudo presidiam com bom humor infalível. Perto das cinco e meia o grupo estava pronto, e partiu de Shrewsbury pela Welsh Bridge.

Shropshire não tinha a reticência de Hertfordshire. Embora privada de metade de sua magia pelo rápido movimento, ainda transmitia uma sensação montanhosa. Aproximavam-se dos contrafortes que forçam o Severn a se desviar para o leste e tornar-se um rio inglês, e o sol, afundando entre as sentinelas galesas, batia direto em seus olhos. Tendo apanhado outro convidado, rumaram para o sul, evitando as montanhas maiores, mas conscientes de um ou outro cume, arredondado e suave, cujo colorido diferia em qualidade daquele da terra mais baixa, e cujos contornos alteravam-se mais vagarosamente. Mistérios silenciosos estavam em andamento por trás daqueles horizontes ondulantes: o oeste, como sempre, retirava-se com algum segredo que talvez não valha a pena descobrir, mas que nenhum homem prático jamais descobrirá.

Conversavam sobre a Tariff Reform.[27]

A sra. Warrington acabara de regressar das colônias. Como tantas outras críticas do império, sua boca fora detida pela comida, e conseguia apenas emitir exclamações sobre a hospitalidade com que fora recebida, e advertir a pátria-mãe sobre brincar com jovens titãs. “Estão ameaçando cortar a amarra”, anunciou, “e aí onde iremos parar? Senhorita Schlegel, promete manter Henry firme quanto à Tariff Reform? É nossa última esperança.”

Margaret confessou, em tom de brincadeira, ser pelo outro lado, e começaram a citar seus respectivos guias de turismo, conforme o carro as

conduzia mais profundamente entre as colinas. Dessa vez, antes curiosas que impressionantes, pois seus contornos careciam de beleza, e os campos rosados em seus cumes sugeriam lenços de um gigante estendidos para secar. Um afloramento rochoso aqui e ali, uma vegetação aqui e ali, uma “floresta”, sem árvores e pardacenta, aqui e ali, tudo indicava as regiões bravias que se seguiriam, mas a cor principal era o verde agrícola. O ar ficava cada vez mais frio; haviam transposto a última escarpa e Oniton pôde ser vista abaixo deles com sua igreja, suas casas que se irradiavam, seu castelo, sua península cingida pelo rio. Perto do castelo havia uma mansão cinza de aspecto pouco intelectual, porém agradável, cujas terras estendiam-se através do istmo — o tipo de mansão que fora construída em toda a Inglaterra no início do último século, quando a arquitetura ainda era uma expressão do caráter nacional. Aquela era a chácara, observou Albert, sobre o ombro, e então pisou no freio, e o carro diminuiu a marcha até parar. “Desculpem”, disse, virando-se. “Importam-se de sair… pela porta da direita. Mantenham a calma.”

“O que aconteceu?”, perguntou a sra. Warrington.

Então o carro atrás deles parou, e ouviu-se a voz de Charles, dizendo: “Desçam as mulheres agora mesmo”. Houve uma afluência de homens, e Margaret e suas companheiras foram apressadamente levadas e acomodadas no segundo carro. O que havia acontecido? Quando deram partida outra vez, a porta de uma cabana se abriu e uma garota gritou freneticamente para eles.

“O que está acontecendo?”, exclamaram as mulheres.

Charles dirigiu por uns cem metros em silêncio. Então disse: “Está tudo bem. É que seu carro acabou de pegar um cão”.

“Mas pare!”, gritou Margaret, horrorizada.

“Ele não se machucou.”

“Não se machucou mesmo?”, perguntou Myra.

“Não.”

“Quer fazer o favor de parar!”, disse Margaret, inclinando-se para a frente. Estava de pé no carro, as demais ocupantes segurando-a pelos joelhos para mantê-la equilibrada. “Quero voltar, por favor.”

Charles não tomou conhecimento.

“Deixamos o senhor Fussell lá atrás”, disse outra pessoa; “e Angelo e Crane.”

“É, mas nenhuma mulher.”

“Esperava algo assim…” — a sra. Warrington coçou a palma da mão — “serão de maior préstimo que uma de nós!”

“A companhia de seguros cuida disso”, observou Charles,
“e Albert se encarrega da conversa.”

“Mas quero voltar, vamos!”, repetiu Margaret, ficando furiosa.

Charles não tomou conhecimento. O carro, carregado com as refugiadas, continuou a descer a colina muito lentamente. “Os homens estão lá”, fizeram coro as outras. “Eles cuidam disso.”

“Os homens são incapazes de cuidar disso. Ai, isto é ridículo! Charles, estou lhe pedindo que pare.”

“De nada adianta parar”, falou Charles, com voz arrastada.

“Não?”, disse Margaret, e saltou do carro. Caiu de joelhos, rasgou as luvas, enterrou o chapéu sobre a orelha. Gritos de alarme seguiram-na. “Você se machucou”, exclamou Charles, pulando atrás dela.

“Claro que me machuquei!”, ela retrucou.

“Posso perguntar o que…”

“Não há nada que perguntar”, disse Margaret.

“Sua mão está sangrando.”

“Eu sei.”

“Isto vai me trazer um problema daqueles com papai.”

“Deveria ter pensado nisso antes, Charles.”

Charles nunca se vira numa situação dessas antes. Era uma mulher em revolta que se afastava dele manquitolando — e a visão era estranha demais para dar qualquer margem à raiva. Recobrou-se quando as outras os alcançaram: mulheres daquele tipo ele compreendia. Ordenou que voltassem.

Albert Fussell foi visto caminhando em direção a eles.

“Está tudo bem!”, gritou. “Não era um cão, era um gato.”

“Viu só!”, exclamou Charles, triunfante. “Foi apenas uma porcaria de gato.”

“Tem espaço em seu carro para mais um? Parei assim que vi que não era um cachorro; os choferes estão cuidando da garota.” Mas Margaret seguia firme em frente. Por que deveriam os choferes cuidar da garota? Mulheres protegendo-se atrás de homens, homens protegendo-se atrás de criados — o sistema todo estava errado e cabia a ela desafiá-lo.

“Senhorita Schlegel! Minha nossa, sua mão está machucada.”

“Vou ver o que aconteceu”, disse Margaret. “Não me espere, senhor Fussell.”

O segundo carro despontou na curva. “Está tudo bem, madame”, disse Crane, por sua vez. Dera para chamá-la de madame.

“O que está bem? O gato?”

“Isso, madame. A garota vai receber uma indenização por ele.”

“*Ma che bambina rude*”, disse Angelo, pensativo, no terceiro carro.

“Será que não foram *vocês* que foram rudes?”

O italiano estendeu as mãos, como que querendo dizer que não estava se referindo a rudeza, mas poderia dar um jeito, se isso a deixaria feliz. A situação tornou-se absurda. Os cavalheiros enxamearam outra vez em torno da srta. Schlegel oferecendo-se para ajudar, e *Lady* Edser começou a enfaixar sua mão. Ela consentiu, desculpando-se ligeiramente, e foi levada de volta ao carro, e logo a paisagem retomou seu movimento, a cabana solitária desapareceu, o castelo projetou-se em sua almofada de relva, e chegaram. Sem dúvida, seu comportamento fora vergonhoso. Mas sentia que toda a viagem desde Londres havia sido irreal. Aquele grupo não tinha nada a ver com a terra e suas emoções. Eram pó, mau cheiro e tagarelice cosmopolita, e a garota cujo gato fora morto vivera com mais profundidade que eles.

“Oh, Henry”, exclamou, “comportei-me tão mal”, pois decidira adotar essa linha. “Atropelamos um gato. Charles disse-me para não sair, mas pulei do carro, e veja só!” Ergueu a mão enfaixada. “Sua pobre Meg caiu com tudo.”

O sr. Wilcox parecia atônito. Com traje a rigor, esperava os hóspedes para dar-lhes as boas-vindas no vestíbulo.

“Pensando que fosse um cão”, acrescentou a sra. Warrington.

“Ah, o cão sim é um companheiro!”, disse o coronel Fussell. “Um cão nunca esquece.”

“Machucou-se, Margaret?”

“Nada que valha a pena falar; e foi a mão esquerda.”

“Bem, vá se trocar, rápido.”

Ela obedeceu, assim como as outras. O sr. Wilcox então virou-se para o filho.

“Então, Charles, o que aconteceu?”

Charles foi absolutamente honesto. Descreveu o que acreditava ter acontecido. Albert esmagara um gato e a srta. Schlegel ficou apavorada, como qualquer outra mulher teria ficado. Foi colocada em segurança no outro carro, mas, quando se puseram a caminho, pulou outra vez, a despeito de tudo que disseram. Depois de caminhar um pouco pela estrada, acalmou-se e disse que sentia muito. Seu pai aceitou a explicação e nenhum dos dois soube que Margaret preparara habilidosamente o caminho para isso. Encaixava-se bem demais na visão que tinham da natureza feminina. Na sala de fumar, após o jantar, o coronel aventou a opinião de que a srta. Schlegel pulara só de maldade.

Lembrava-se muito bem, quando era jovem, no porto de Gibraltar, como uma garota — uma garota bonita, também — pulara a amurada em uma aposta. Podia vê-la agora, e todos os rapazes saltando a amurada atrás dela. Mas Charles e o sr. Wilcox concordaram que no caso da srta. Schlegel tratava-se muito mais provavelmente de nervosismo. Charles ficou deprimido. Que língua tinha aquela mulher. Iria trazer uma desgraça pior para seu pai antes mesmo de acabar com eles. Saiu para uma caminhada pelo morro do castelo para pensar um pouco no assunto. A noite estava excelente. Em torno dele, um pequeno rio sussurrava, cheio de mensagens vindas do oeste; acima de sua cabeça, as ruínas projetavam sombras no céu. Repassou cuidadosamente as relações com aquela família, até encaixar Helen, Margaret e tia Juley numa ordenada conspiração. A paternidade o deixara desconfiado. Tinha dois filhos para cuidar, e mais por vir, e a cada dia parecia menos provável que crescessem como homens ricos. “Está perfeitamente bem”, refletiu, “papai dizer que será justo com todos, mas não dá para ser justo indefinidamente. Dinheiro não é elástico. O que acontece se Evie constituir família? E, por falar nisso, papai também. Não haverá o suficiente para todos, pois nada entra vindo de Dolly, nem de Percy. Maldição!” Lançou um olhar invejoso à casa, por cujas janelas vertiam luz e risadas. Para começo de conversa, aquele casamento iria custar um bom dinheiro. Duas mulheres caminhavam para cá e para lá pela varanda do jardim e quando as sílabas “imperialismo” sopraram em seus ouvidos adivinhou que uma delas era sua tia. Poderia tê-lo ajudado, não tivesse também ela uma família para cuidar. “Cada um por si”, repetia — máxima que o confortara no passado, mas que soava bastante sombria entre as ruínas de Oniton. Não tinha a habilidade do pai para os negócios e assim preocupava-se ainda mais com dinheiro; a menos que pudesse herdar muito, temia deixar os filhos na pobreza.

Quando estava sentado, pensando, uma das mulheres deixou a varanda e caminhou pelo gramado; reconheceu-a como sendo Margaret pela bandagem branca que brilhava em seu braço, e jogou fora o charuto, para que a brasa não o traísse. Ela subiu o morro fazendo ziguezague, e por vezes curvava-se para baixo, como se estivesse acariciando a relva. Isso soa absolutamente incrível, mas por um momento Charles pensou que estava apaixonada por ele, e viera provocá-lo. Charles acreditava em provocadoras, que são na verdade o complemento necessário do homem forte, e por não ter senso de humor algum era incapaz de expurgar de si mesmo aquele pensamento com um sorriso. Margaret, que estava noiva de seu pai, e era convidada do casamento de sua irmã, seguiu seu caminho sem notá-lo, e ele admitiu que a julgara mal quanto a

isso. Mas o que estava fazendo? Por que caminhava a esmo por entre os pedregulhos, prendendo o vestido em arbustos espinhentos e carrapichos? Ao subir até a muralha do castelo, devia ter ficado a favor do vento e sentido a fumaça do charuto, pois exclamou: “Olá! Quem está aí?”.

Charles não respondeu.

“Saxão ou celta?”, continuou, rindo na escuridão. “Mas não tem importância. Seja quem for, vai ter de me escutar. Amo este lugar. Amo Shropshire. Odeio Londres. Estou feliz que aqui será minha casa. Ah, querida” — agora se movia de volta na direção da casa —, “que alívio ter chegado!”

“Esta mulher significa aborrecimentos”, pensou Charles, e retesou os lábios. Em alguns minutos seguiu-a para dentro, quando o solo começava a ficar úmido. Névoas erguiam-se do rio e em pouco tempo este ficou invisível, embora sussurrasse mais audivelmente. Um pesado aguaceiro caíra nas colinas galesas.

XXVI

Na manhã seguinte, uma delicada névoa cobria a península.
O tempo prometia e a silhueta do morro do castelo ficava mais e mais clara cada vez que Margaret a olhava. Em pouco tempo avistou a muralha, o sol tingiu os pedregulhos de dourado e carregou de azul o céu esbranquiçado. A sombra da casa avultou descendo sobre o jardim. Um gato ergueu a cabeça para sua janela e miou. O rio, enfim, apareceu, continuando a deter as névoas entre suas margens e seus amieiros debruçados, e visível apenas até uma colina, que tolhia a visão de seu curso nos pontos mais elevados.

Margaret estava fascinada com Oniton. Havia dito que a amava, mas era antes a tensão romântica do lugar que a possuía. Os arredondados Druids,[28] dos quais tivera um rápido vislumbre durante a viagem, os rios que deles corriam rumo à Inglaterra, as massas descuidadamente modeladas das colinas menores faziam-na estremecer de poesia. A casa era insignificante, mas a perspectiva que dela emanava era de uma eterna alegria, e pensou em todos os amigos que teria de fazer com que passassem por lá, bem como na conversão do próprio Henry a uma vida rural. Também a vida social prometia. O reverendo da paróquia jantara com eles na noite anterior e ela descobriu que era amigo de um amigo de seu pai, de modo que compreendia suas necessidades. Gostou dele. Ele a apresentaria à cidade. Ao passo que, sentado a seu outro lado, *Sir* James Bidder repetia que tinha apenas de dar a ordem para que arrebanhasse as famílias do condado num raio de vinte milhas. Se *Sir* James, um comerciante de sementes, prometera algo que era capaz de fazer, disso ela duvidava, mas contanto que Henry as tomasse por famílias do condado quando viessem visitá-los, ficaria feliz.

Charles e Albert Fussell agora atravessavam o gramado. Estavam a caminho de um mergulho matinal e um criado os seguia com suas roupas de banho. Fora sua intenção sair para uma caminhada antes do café, mas percebeu que o dia continuava consagrado aos homens, e divertiu-se observando seus contratempos. Para começar, a chave do barracão que fazia as vezes de vestiário não pôde ser encontrada. Charles ficou junto ao rio com os punhos cerrados, dramático, enquanto o criado gritava, para ser mal compreendido por outro criado no jardim. Então surgiu uma dificuldade acerca de um trampolim, e logo três

pessoas corriam para cima e para baixo pelo gramado com ordens e contra-ordens, recriminações e desculpas. Se Margaret queria pular de um carro, ela pulava; se Tibby achava que remar faria bem aos seus tornozelos, ele remava; se um escriturário queria aventura, caminhava pela escuridão. Mas esses atletas pareciam paralisados. Não podiam nadar sem seus apetrechos, ainda que o sol matutino os chamasse e as últimas névoas se erguessem do regato ondulante. Será que haviam encontrado a vida do corpo, afinal? Não poderiam os homens a quem desprezavam como uns poltrões levar a melhor sobre eles, mesmo em seu próprio terreno?

Pensou em como seriam os arranjos para o mergulho num dia seu — sem preocupações com criados, sem outros apetrechos que não o bom senso. Seus pensamentos foram perturbados pela criança tranqüila, que saíra para conversar com o gato, mas agora a observava observando os homens. Ela disse “Bom dia, querida”, um pouco asperamente. Sua voz disseminava a consternação. Charles olhou em torno, e ainda que estivesse todo vestido de azul, desapareceu no barracão, e não foi mais visto.

“A senhorita Wilcox já acordou…”, sussurrou a criança, e então tornou-se ininteligível.

“Como disse?”

Soava como “… barra da saia… de renda…”.

“Não ouvi.”

“… na cama… papel de seda…”

Deduzindo que o vestido de noiva estava à mostra, e que uma visita seria de bom-tom, foi ao quarto de Evie. Tudo era hilaridade, ali. Evie, de anágua, dançava com uma das senhoras anglo-indianas, enquanto a outra olhava com veneração para os metros de cetim branco. Gritavam, riam, cantavam, e o cão latia.

Margaret gritou um pouco, também, mas sem convicção. Não conseguia sentir que um casamento fosse tão divertido assim. Talvez lhe faltasse algum atributo.

Evie disse, ofegante: “Dolly é uma miserável por não ter vindo! Ai, que bagunça seria!”. Então Margaret desceu para o café.

Henry já se aboletara; comia vagarosamente e falava pouco, e era, aos olhos de Margaret, o único membro do grupo que se esquivava com sucesso das emoções. Não podia acreditar que estivesse indiferente, fosse à perda da filha, fosse à presença da futura esposa. Contudo, permanecia incólume, apenas distribuindo ordens ocasionais — ordens que promoviam o conforto de seus

hóspedes. Perguntou sobre sua mão; pediu a ela que servisse o café e à sra. Warrington que servisse o chá. Quando Evie desceu houve um constrangimento momentâneo e ambas as mulheres ergueram-se para ceder seus lugares. “Burton”, chamou Henry, “sirva o chá e o café do aparador!” Não era tato genuíno, mas era tato, de algum tipo — do tipo que é tão útil quanto o genuíno, e salva ainda mais situações desagradáveis em reuniões de diretoria. Henry tratava o casamento como um funeral, item por item, sem jamais erguer os olhos para o todo, e “Morte, onde está o teu aguilhão? Amor, onde está a tua vitória?”, alguém exclamaria ao final.[29]

Após o café-da-manhã, Margaret pediu-lhe um minuto. Sempre era melhor aproximar-se formalmente. Queria conversar, pois ele iria caçar tetrazes no dia seguinte e ela voltava para ver Helen, na cidade.

“Certamente, querida”, respondeu. “Claro que tenho tempo. O que quer?”

“Nada.”

“Tive medo de que houvesse alguma coisa errada.”

“Não; não tenho nada a dizer, mas fale você.”

Relanceando o relógio, ele contou sobre a curva pavorosa do pórtico da igreja. Ela o escutou com interesse. Sua superfície sempre podia responder à dele sem menosprezo, ainda que no mais íntimo de seu ser talvez ansiasse por ajudá-lo. Abandonara todo plano de ação. Amor é o melhor, e quanto mais se permitia amá-lo, mais oportunidade haveria de que pusesse a alma dele em ordem. Um momento como esse, quando se sentavam num belo dia entre as paredes de sua futura casa, era-lhe tão doce que essa doçura seguramente o atingiria. Cada vez que erguia os olhos, cada vez que o lábio colmado separava-se do glabro, devia ser como um prelúdio da ternura que liquida o monge e a fera de um só golpe. Desapontada cem vezes, ainda tinha esperanças. Amava-o com uma visão clara demais para temer sua turvação. Desfiasse ele trivialidades, como nesse dia, ou desse-lhe beijos ao pôr-do-sol, podia perdoá-lo, era capaz de corresponder.

“Se há essa curva pavorosa”, sugeriu ela, “não poderíamos ir a pé até a igreja? Não, é claro, você e Evie; mas o restante de nós pode muito bem seguir na frente, o que significaria menos carruagens.”

“Não se pode deixar que mulheres atravessem a praça do mercado. Os Fussell não gostariam disso; foram terrivelmente taxativos no casamento de Charles. Minha… ela… uma pessoa de nosso grupo estava ansiosa por caminhar, decerto a igreja ficava logo depois da curva, e eu não teria me importado; mas o coronel objetou.”

“Vocês, homens, não deveriam ser tão cavalheiros”, disse Margaret,

pensativa.

“Por que não?”

Sabia por que não, mas disse que não sabia. Ele então anunciou que, a menos que tivesse algo especial a dizer, precisava fazer uma visita à adega, e saíram juntos à procura de Burton. Embora malfeita e um pouco inconveniente, Oniton era uma casa de campo genuína. Desceram estrepitosamente pelas passagens lajeadas, abrindo uma porta após outra e assustando criadas desconhecidas que executavam tarefas obscuras. O desjejum do casamento tinha de estar posto quando voltassem da igreja, e o chá seria servido no jardim. A visão de tanta gente séria e agitada fez Margaret sorrir, mas ela refletiu que eram pagos para ser sérios, e gostavam de ficar agitados. Lá estavam as engrenagens subterrâneas da máquina que lançava Evie à glória nupcial. Um menininho bloqueava a passagem com os baldes dos porcos. Sua cabeça era incapaz de captar a importância deles, e disse: “Com licença; deixem-me passar, por favor”. Henry perguntou-lhe onde estava Burton. Mas os criados eram tão novos que não sabiam os nomes uns dos outros. Na despensa de doces e bebidas estavam sentados os músicos, que haviam estipulado parte do pagamento em champanhe, e já tomavam cerveja. Um perfume de goma-arábica veio da cozinha, misturado a gritos. Margaret sabia o que acontecera ali, pois o mesmo se dera em Wickham Place. Um dos pratos do casamento fervera e transbordara, e o cozinheiro estava jogando lascas de cedro para disfarçar
o cheiro. Finalmente encontraram o mordomo. Henry deu-lhe as chaves e guiou Margaret pela mão ao descerem os degraus para a adega. Havia duas portas destrancadas. Ela, que guardava todo seu vinho no fundo do armário com os jogos de linho, ficou boquiaberta com o que viu. “Jamais conseguiremos dar conta de tudo isso!”, exclamou, e os dois homens foram subitamente tomados de uma fraternidade, e trocaram sorrisos. Para ela, foi como se houvesse mais uma vez pulado do carro em pleno movimento.

Certamente Oniton levaria algum tempo para ser digerida. Não seria tarefa das mais fáceis continuar sendo ela mesma e ainda por cima assimilar um lugar daqueles. Tinha de continuar sendo ela mesma, pelo bem dele e seu próprio, pois que a esposa apagada degrada o marido que acompanha; e devia assimilá-lo por razões de simples honestidade, uma vez que não tinha o menor direito de se casar com um homem e acabar com sua tranqüilidade. Seu único aliado era o poder do lar. Aprendera mais com a perda de Wickham Place do que com sua posse. Howards End reiterara a lição. Estava determinada a criar novas santidades entre aquelas colinas.

Depois de visitar a adega, vestiu-se, e então chegou a hora do casamento, que parecia um acontecimento menor comparado a todos os preparativos que o antecederam. Tudo transcorreu como um relógio. O sr. Cahill materializou-se do espaço e estava à espera da noiva junto à porta da igreja. Ninguém deixou cair a aliança nem pronunciou errado as palavras, nem pisou na cauda do vestido de Evie, nem chorou. Em poucos minutos os clérigos executaram seu dever, o registro foi assinado e estavam de volta a suas carruagens, vencendo a perigosa curva do pórtico. Margaret ficou convencida de que não haviam se casado, absolutamente, e que a igreja normanda estivera o tempo todo voltada para outra coisa.

Havia mais documentos para assinar na casa, e o café-da-manhã para tomar, e então mais algumas pessoas apareceram para a recepção no jardim. Muita gente recusara o convite e, afinal de contas, não era um acontecimento assim tão grande — não tão grande quanto seria o de Margaret. Fez observações sobre os pratos e as faixas de tapete vermelho, pois, por fora, devia dizer a Henry o que era e o que não era apropriado. Mas, por dentro, esperava algo melhor do que aquela mistura de igreja aos domingos e caça à raposa. Se ao menos *alguém* tivesse ficado aflito! Mas aquele casamento correra tão particularmente bem — "igualzinho a um *durbar*", na opinião de *Lady* Edser, e Margaret concordou inteiramente com a mulher.

Assim arrastou-se o dia perdido, a noiva e o noivo entraram no carro e partiram, rindo e gritando, e pela segunda vez o sol recolheu-se atrás das colinas galesas. Henry, mais cansado do que demonstrava, aproximou-se dela no gramado do castelo e, num inusual tom de suavidade, declarou que estava satisfeito. Tudo transcorrera tão bem. Ela percebeu que a elogiava, também, e corou; certamente fizera tudo a seu alcance com seus amigos intratáveis e cuidara em particular de adular os homens. Levantavam acampamento pela manhã: somente os Warrington e a criança tranqüila iriam pernoitar, os demais já se dirigiam à casa para terminar de fazer as malas. "Acho que tudo correu bem", concordou. "Já que pulei do carro, pelo menos caí sobre a mão esquerda. Fico tão feliz com isso, Henry, querido; só espero que os convidados de nosso casamento sintam a metade desse conforto. Vocês devem se lembrar que não temos nenhuma pessoa prática entre nós, exceto minha tia, e ela não está acostumada a receber em larga escala."

"Sei disso", disse ele, sério. "Sob as circunstâncias, seria melhor pôr tudo nas mãos da Harrod's ou da Whiteley's, ou até ir para algum hotel."

"Aconselha um hotel?"

“É, porque… bem, não devo interferir. Sem dúvida, quer se casar perto de sua antiga casa.”

“Minha antiga casa está caindo aos pedaços, Henry. Só penso na nova. O entardecer não está perfeito…?”

“O Alexandrina não é mau…”

“O Alexandrina”, ela repetiu, mais concentrada nos filetes de fumaça que subiam das chaminés, riscando a inclinação ensolarada do telhado com linhas cinza paralelas.

“Dá para a Curzon Street.”

“Mesmo? Vamos nos casar com vista para a Curzon Street.”

Então ela se virou a oeste, para olhar o turbilhão dourado. O sol batia bem onde o rio fazia a curva em torno da colina. A terra das fadas devia ficar um pouco além, e seu precioso líquido vertia para eles passando pelo barracão de Charles. Olhou por tanto tempo que seus olhos ficaram ofuscados, e quando começaram a andar na direção da casa, não pôde reconhecer os rostos das pessoas que saíam de lá. Uma empregada as precedia.

“Quem são aqueles?”, ela perguntou.

“Visitas inesperadas!”, exclamou Henry. “Está tarde demais para visitas.”

“Talvez sejam moradores da cidade querendo ver os presentes de casamento.”

“Ainda não estou em casa para o pessoal da cidade.”

“Bem, esconda-se entre as ruínas; se puder, vou detê-los.”

Ele agradeceu.

Margaret seguiu em frente, sorrindo socialmente. Presumiu que fossem convidados pouco pontuais, que teriam de se contentar com uma polidez vicária, uma vez que Evie e Charles haviam ido embora, Henry estava cansado e os outros encontravam-se em seus aposentos. Assumiu ares de anfitriã; por pouco tempo. Pois uma das pessoas do grupo era Helen — Helen com uma de suas roupas mais velhas e dominada por uma excitação tensa, belicosa, que fazia dela um terror em seus dias de jardim-de-infância.

“O que é isto?”, ela perguntou. “Oh, o que aconteceu? Tibby está doente?”

Helen falou com as duas pessoas que a acompanhavam, que ficaram para trás. Então avançou furiosamente.

“Estão morrendo de fome!”, gritou. “Encontrei-os morrendo de fome!”

“Quem? Por que está aqui?”

“Os Bast.”

“Ai, Helen!”, gemeu Margaret. “O que você fez, desta vez?”

“Ele perdeu o emprego. Foi mandado embora do banco. É, está arruinado. Nós da classe alta o arruinamos, e presumo que vai me dizer que é a batalha de vida. Morto de fome. A esposa, doente. Morta de fome. Ela desmaiou no trem.”

“Helen, você enlouqueceu?”

“Talvez. Sim. Se prefere assim, enlouqueci. Mas eu os trouxe. Não vou mais aturar essa injustiça. Vou desmascarar a miséria que se esconde sob este luxo, essa conversa de forças impessoais, essa hipocrisia sobre Deus executando o que somos frouxos demais para fazer nós mesmos.”

“Você de fato trouxe duas pessoas famintas de Londres até Shropshire, Helen?”

Helen parou. Não havia pensado nisso, e sua histeria arrefeceu. “Havia um vagão-restaurante no trem”, ela disse.

“Que absurdo. Não estão morrendo de fome, e você sabe disso. Agora, comece do começo. Não vou aturar esse despropósito teatral. Como ousa? É, como ousa”, repetiu, enchendo-se de fúria, “aparecer no casamento de Evie deste jeito bárbaro. Deus do céu! Mas que noção deturpada de filantropia. Olhe”— apontou a casa —, “criados, gente na janela. Acham que se trata de algum escândalo vulgar, e vou ter de explicar. ‘Ah, não, é só minha irmã gritando, e dois parasitas amigos nossos, que ela trouxe aqui sem nenhuma razão concebível.’”

“Faça a gentileza de retirar a palavra ‘parasitas’”, disse Helen, com calma ameaçadora.

“Muito bem”, concedeu Margaret, que mesmo com toda a raiva estava determinada a evitar uma briga de verdade. “Eu também sinto pena deles, mas não consigo entender por que os trouxe até aqui ou por que você mesma está aqui.”

“É nossa última chance de ver o senhor Wilcox.”

Margaret moveu-se na direção da casa ao ouvir isso. Estava determinada a não aborrecer Henry.

“Ele está de partida para a Escócia. Sei que está. Insisto em vê-lo.”

“Certo, amanhã.”

“Sabia que era nossa última chance.”

“Como vai, senhor Bast?”, disse Margaret, tentando controlar a voz. “Que situação mais esquisita. Qual sua opinião a respeito?”

“Aqui está a senhora Bast, também”, lembrou-a Helen.

Jacky também apertou as mãos. Ela, como o marido, era tímida, e além do mais doente, e além do mais tão bestialmente estúpida que era incapaz de

compreender o que se passava. Só sabia que a senhora aparecera como um furacão na noite anterior, pagara o aluguel, resgatara a mobília, providenciara-lhes um jantar e um café-da-manhã e lhes ordenara que a encontrassem em Paddington na manhã seguinte. Leonard protestara debilmente e, quando a manhã chegou, havia sugerido que não deveriam ir. Mas ela, em parte hipnotizada, obedecera. A senhora mandara fazê-lo, e tinham de fazer, e portanto seu quarto se transformou em Paddington, e Paddington num vagão de trem, que sacudia, e ficava cada vez mais quente, e ficava cada vez mais frio, e desapareceu inteiramente, e reapareceu entre torrentes de perfume caro. “A senhora desmaiou”, disse a outra numa voz apavorada. “Talvez o ar lhe faça bem.” E talvez tenha feito, pois lá estava ela, sentindo-se bem melhor entre um monte de flores.

“Certamente não quero ser intrometido”, começou Leonard, em resposta à pergunta de Margaret. “Mas as senhoras foram tão gentis comigo no passado, advertindo-me sobre a Porphyrion, que fiquei pensando se… bem, eu pensei se…”

“Se não conseguiríamos fazê-lo voltar à Porphyrion”, completou Helen. “Meg, que belo serviço tem sido este. O trabalho de uma noite brilhante que começou em Chelsea Embankment.”

Margaret sacudiu a cabeça e voltou ao sr. Bast.

“Não entendo. Deixou a Porphyrion porque sugerimos que era uma companhia ruim, não foi?”

“Isso mesmo.”

“E foi trabalhar em um banco, depois.”

“Já lhe contei tudo isso”, disse Helen; “e reduziram o quadro de funcionários um mês depois que ele entrou, e agora está sem um tostão, e considero que nós e nosso informante somos diretamente culpados.”

“Odeio tudo isto”, murmurou Leonard.

“Assim espero, senhor Bast. Mas de nada adianta medir as palavras. Não fez nenhum bem a si mesmo vindo aqui. Se pretende confrontar o senhor Wilcox, e exigir que preste contas por uma observação casual, está tremendamente enganado.”

“Eu os trouxe. Eu fiz tudo”, exclamou Helen.

“Só posso aconselhá-lo a partir imediatamente. Minha irmã o deixou numa situação equivocada, e o melhor a fazer é avisá-lo disso. Está muito tarde para ir à cidade, mas encontrarão um hotel confortável em Oniton, onde a senhora Bast pode descansar, e espero que sejam meus hóspedes lá.”

“Não é o que quero, senhorita Schlegel”, disse Leonard. “É muita gentileza, e sem dúvida a situação é equivocada, mas faz com que me sinta péssimo. Ao que parece, não sirvo para nada.”

“É trabalho que ele quer”, interpretou Helen. “Não está vendo?”

Então ele disse: “Jacky, vamos embora. Não temos o direito de incomodar deste jeito. Já custamos a estas senhoras muitas libras para que nos arrumassem trabalho, e nunca conseguirão. Não há nada que sejamos bons o bastante para fazer”.

“Gostaríamos de lhe arranjar trabalho”, disse Margaret, mais por conveniência. “Queremos fazê-lo… eu, assim como minha irmã. Teve apenas falta de sorte. Vá para o hotel, tenha uma boa noite de sono e algum dia poderá me pagar a conta, se preferir.”

Mas Leonard estava à beira do abismo, e em momentos como esse os homens vêem claramente. “Não sabe do que está falando”, disse. “Nunca mais conseguirei trabalho, agora. Se gente rica fracassa numa profissão, pode tentar outra. Eu não. Tinha meu ganha-pão, e o deixei. Era capaz de cuidar de um ramo particular de seguro em um escritório particular bem o bastante para fazer jus a um salário, mas é tudo. Poesia não é nada, senhorita Schlegel. O que a gente pensa a respeito disso ou daquilo não é nada. Seu dinheiro, também, não é nada, se me entende. Quer dizer, se um homem de mais de vinte anos perde o emprego, está tudo acabado para ele. Já vi isso acontecer com outros. Os amigos arranjam dinheiro por algum tempo, mas, no fim, a pessoa cai no buraco. De nada adianta. O mundo todo o arrasta. Sempre haverá ricos e pobres.”

Parou. “Não aceitam algo para comer?”, disse Margaret. “Não sei o que fazer. Não é minha casa, e embora o senhor Wilcox ficasse feliz em vê-los a qualquer outra hora… como disse, não sei o que fazer, mas estou disposta a ajudar o senhor como puder. Helen, ofereça-lhes alguma coisa. Experimente um sanduíche, senhora Bast.”

Foram até uma comprida mesa atrás da qual um criado estava parado, de pé. Bolos gelados, inumeráveis sanduíches, café, ponche de clarete, champanhe, tudo permanecia quase intacto: os convidados superalimentados não agüentavam mais. Leonard recusou. Jacky pensou que poderia aceitar um pouquinho. Margaret deixou-os sussurrando entre si e trocou mais algumas palavras com Helen.

Ela disse: “Helen, gosto do senhor Bast. Concordo que vale a pena ajudá-lo. Concordo que somos diretamente responsáveis”.

“Não, indiretamente. Por intermédio do senhor Wilcox.”

“Deixe-me lhe dizer de uma vez por todas que se continuar com esta atitude não farei nada. Sem dúvida está certa, pela lógica, e tem direito de dizer muitas coisas duras sobre Henry. A questão é que não vou aturar. Então escolha.”

Helen fitou o crepúsculo.

“Se prometer levá-los discretamente ao George, conversarei com Henry sobre eles — a meu próprio modo, veja bem; nada dessa gritaria absurda sobre justiça. Justiça de nada me serve. Se fosse apenas questão de dinheiro, poderíamos resolver por nós mesmas. Mas ele quer trabalho, e isso não temos como lhe arranjar, mas quem sabe Henry, sim.”

“É seu dever fazê-lo”, resmungou Helen.

“Tampouco me preocupo com dever. Minha preocupação é com a reputação de várias pessoas que conhecemos, e como, estando as coisas como estão, as coisas podem ficar um pouco melhores. O senhor Wilcox odeia que lhe peçam favores; todo homem de negócios odeia. Mas vou lhe pedir, sob risco de ouvir um não, pois quero tornar as coisas um pouco melhores.”

“Muito bem. Prometo. Vou aceitar tudo com a maior calma.”

“Leve-os ao George, então, e vou tentar. Pobres criaturas! Como parecem cansados.” Quando partiram, ela acrescentou: “Mas ainda não terminei com você, Helen. Tem sido egoísta demais. Não posso tolerar isso. Você se controla cada vez menos, conforme fica mais velha. Pense a respeito e veja se muda, ou nossa vida não vai ser nem um pouco fácil”.

Juntou-se a Henry outra vez. Felizmente, permanecera sentado; essas demandas do corpo eram importantes. “Era gente da cidade?”, perguntou, recebendo-a com um sorriso satisfeito.

“Você não acreditaria”, disse Margaret, sentando-se a seu lado. “Está tudo bem agora, mas era minha irmã.”

“Helen, aqui?”, exclamou ele, preparando-se para ficar de pé. “Mas ela recusou o convite. Pensei que detestasse casamentos.”

“Não se levante. Ela não veio para o casamento. Despachei-a para o George.”

Com sua inerente hospitalidade, ele protestou.

“Não; está com dois de seus protegidos e precisa ficar com eles.”

“Que venham todos.”

“Meu querido Henry, você os viu?”

“Consegui distinguir a massa amarronzada de uma mulher, certamente.”

“A massa amarronzada era Helen, mas conseguiu distinguir a massa verde-clara e salmão?”

“O quê! Vieram para um piquenique?”

“Não, negócios. Queriam me ver e mais tarde quero conversar com você sobre eles.”

Ela ficou com vergonha da própria diplomacia. Ao lidar com um Wilcox, como era tentador deixar o companheirismo de lado e dar-lhe o tipo de mulher que ele desejava! Henry mordeu a isca na hora, e disse: “Por que mais tarde? Diga-me agora. Nenhum momento é melhor do que o presente”.

“Devo?”

“Se não for uma história muito longa.”

“Ah, nem cinco minutos; mas tem um detalhe desagradável, pois quero que arrume trabalho para o homem em seu escritório.”

“Quais são suas qualificações?”

“Não sei. É só um escriturário.”

“Qual a idade?”

“Vinte e cinco, talvez.”

“Como é seu nome?”

“Bast”, disse Margaret, e estava prestes a lembrá-lo de que haviam se conhecido em Wickham Place, mas se deteve. Não fora um encontro bem-sucedido.

“Onde estava antes?”

“Dempster’s Bank.”

“Por que saiu?”, perguntou ele, ainda sem se lembrar de nada.

“Corte de pessoal.”

“Tudo bem; falo com ele.”

Era sua recompensa pelo tato e pela devoção que demonstrara ao longo do dia. Agora compreendia por que alguma mulheres preferiam influência a direitos. A sra. Plynlimmon, ao condenar as sufragistas, dissera: “A mulher que é incapaz de influenciar seu marido a votar da forma como ela quer deveria ter vergonha de si mesma”. Margaret estremecera, mas estava influenciando Henry agora e, ainda que satisfeita com sua pequena vitória, sabia que a obtivera pelos métodos do harém.

“Eu ficaria feliz se o contratasse”, disse, “mas não sei se é qualificado.”

“Vou fazer o que puder, Margaret. Só não quero que isso crie um precedente.”

“Não… é claro… é claro…”

“Não posso empregar seus protegidos todos os dias. Seria péssimo para os negócios.”

“Prometo que será o último. Ele… ele é um caso bem especial.”

“Protegidos sempre são.”

Ela deixou a situação nesse pé. Ele se ergueu com uma pequena dose extra de autocongratulação e estendeu a mão para ajudá-la a se erguer. Como era profundo o abismo entre o Henry verdadeiro e o Henry que Helen achava que deveria ser! E ela própria… como sempre, para cima e para baixo entre os dois, ora aceitando os homens do jeito que eram, ora ansiando, junto com a irmã, pela Verdade. Amor e Verdade — uma guerra que parece eterna. Talvez todo o mundo visível repouse sobre isso, e, se fossem um só, a própria vida, como os espíritos, quando Próspero reconciliou-se com seu irmão, poderia se desfazer no ar, no ar rarefeito.[30]

“Seu protegido nos atrasou”, disse ele. “Os Fussell devem estar de partida.”

No cômputo geral, ficava com os homens do jeito que eram. Henry salvaria os Bast, assim como salvara Howards End, enquanto Helen e suas amigas discutiam a ética da salvação. O método dele era precipitado, mas o mundo fora construído com precipitação, e a beleza da montanha, do rio, do pôr-do-sol podia ser apenas o verniz com que o artesão pouco habilidoso disfarça suas junturas. Oniton, como ela própria, era imperfeita. Suas macieiras raquíticas, seu castelo em ruínas. O lugar também sofrera com a guerra fronteiriça entre anglo-saxões e celtas, entre coisas como eram e coisas como deveriam ser. O oeste, outra vez, se retirava, mais uma vez as estrelas pontilhavam ordenadamente o céu a leste. Decerto, não há descanso para nós na terra. Mas há felicidade, e, conforme Margaret descia o morro de braços dados com seu noivo, sentia que aquele era seu quinhão.

Para seu desagrado, a sra. Bast continuava no jardim; seu marido e Helen haviam-na deixado terminando a refeição enquanto iam fazer reservas de quarto. Margaret achou a mulher repelente. Sentira, ao apertar sua mão, uma vergonha acabrunhante. Lembrava-se do motivo de sua visita a Wickham Place e sentiu mais uma vez os odores do abismo — odores tanto mais perturbadores porquanto involuntários. Pois não havia malícia em Jacky. Lá estava ela, sentada, um pedaço de bolo numa mão, o cálice vazio de champanhe na outra, sem fazer mal a ninguém.

“Está exausta”, sussurrou Margaret.

“Está é outra coisa”, disse Henry. “Assim não pode ser. Não posso deixá-la em meu jardim neste estado.”

“Acha que está…”, Margaret hesitou em acrescentar “bêbada”. Agora que iriam se casar, ele se tornava cada vez mais seletivo. Desaprovava a linguagem

mais forte.

Henry foi até a mulher. Ela ergueu o rosto, que brilhou ao crepúsculo como um gigantesco cogumelo branco.

“Madame, ficará mais confortável no hotel”, disse ele, rispidamente.

Jacky respondeu: “Mas se não é o Hen!”.

“*Ne crois pas que le mari lui resemble*”, desculpou-se Margaret. “*Il est tout à fait différent*.”[31]

“Henry!”, repetiu ela, muito nitidamente.

O sr. Wilcox estava muito irritado. “Não posso lhe dar os parabéns pelos seus protegidos”, observou.

“Hen, não vá. Você me ama, querido, não ama?”

“Deus me livre, que mulher!”, suspirou Margaret, arrepanhando as saias.

Jacky apontou com o bolo. “É um bom menino, é sim.” Bocejava. “Isso mesmo, amo você.”

“Henry, sinto terrivelmente.”

“E posso saber por quê?”, perguntou ele, e fitou-a com um olhar tão duro que ela temeu que estivesse doente. Parecia mais escandalizado do que os fatos pediam.

“Por ter feito isto chegar até você.”

“Por favor, nada de desculpas.”

A voz continuava.

“Por que o chama de ‘Hen’?”, disse Margaret, inocentemente. “Será que já o viu alguma vez antes?”

“Já vi Hen antes!”, disse Jacky. “Quem não viu Hen? Está cobrindo você, como foi comigo, querida. Esses meninos! Espere… mesmo assim, nós os amamos.”

“Está satisfeita agora?”, perguntou Henry.

Margaret começou a ficar cada vez mais assustada. “Não sei do que se trata tudo isto”, disse. “Vamos entrar.”

Mas ele achou que estivesse fingindo. Achou que houvesse caído numa armadilha. Viu toda a sua vida desmoronar. “Não sabe, mesmo?”, disse, com amargura. “Eu sei. Permita-me dar-lhe os parabéns pelo sucesso de seu plano.”

“O plano é de Helen, não meu.”

“Agora entendo seu interesse nesses Bast. Muito bem bolado. Acho divertida sua cautela, Margaret. Está absolutamente certa… isto era necessário. Sou um homem, e vivi o passado de um homem. Tenho a honra de liberá-la de seu compromisso comigo.”

Ela continuava a não compreender. Conhecia o lado feio da vida só na teoria; não conseguia aceitá-lo como um fato. Mais palavras vindas de Jacky faziam-se necessárias — palavras inequívocas, incontestáveis.

“Então esta…”, exclamou, e foi para dentro. Desistiu de dizer mais coisas.

“Então o quê?”, perguntou o coronel Fussell, que se aprontava para partir, no vestíbulo.

“Estávamos dizendo… Henry e eu estávamos tendo uma terrível discussão, e eu defendia que…” Pegando seu casaco de peles das mãos de um criado, ofereceu-se para ajudá-lo. Ele protestou, e então seguiu-se uma curiosa pequena cena.

“Não, deixe comigo”, disse Henry, vindo atrás.

“Muito obrigada! Viu… já me perdoou!”

O coronel disse, galante: “Imagino que não haja muito que perdoar”.

Entrou no carro. As mulheres o seguiram após um intervalo. Criadas, o guia e a pesada bagagem haviam sido embarcados anteriormente pelo ramal. Ainda tagarelando, ainda agradecendo seu anfitrião e tratando com condescendência a futura anfitriã, os hóspedes foram levados embora.

Então Margaret continuou: “Quer dizer que aquela mulher foi sua amante?”.

“Você o diz com sua usual delicadeza”, retrucou ele.

“Quando, posso saber?”

“Por quê?”

“Quando, por favor?”

“Há dez anos.”

Ela saiu sem dizer nada. Pois não era sua aquela tragédia; era da sra. Wilcox.

XXVII

Helen começou a imaginar por que gastara algo como oito libras para tornar uns indispostos, outros, furiosos. Agora, no refluxo da onda de nervosismo que deixara ela, o sr. Bast e a sra. Bast encalhados à noite num hotel em Shropshire, perguntava-se que forças haviam levado a onda a fluir. Em todo caso, nenhum mal fora feito. Margaret jogaria o jogo do modo apropriado, agora, e, embora Helen desaprovasse os métodos da irmã, sabia que, no longo prazo, os Bast se beneficiariam deles.

"O senhor Wilcox é tão ilógico", explicou a Leonard, que pusera a esposa na cama e estava sentado com ela na cafeteria vazia. "Se lhe disséssemos que tinha o dever de empregá-lo, podia se recusar a fazê-lo. O fato é que não teve uma educação apropriada. Não quero predispô-lo contra ele, mas vai achá-lo muito aborrecido."

"Jamais poderei lhe agradecer suficientemente, senhorita Schlegel", foi tudo que Leonard sentiu ser capaz de dizer.

"Acredito na responsabilidade pessoal. O senhor, não? E em tudo que é pessoal. Odeio… suponho que não deveria dizer isso… mas os Wilcox estão no caminho errado, com certeza. Ou talvez não seja culpa deles. Talvez aquela coisinha que diz 'eu' esteja faltando lá no meio de suas cabeças, e nesse caso é uma perda de tempo culpá-los. Há o pesadelo de uma teoria que afirma que uma raça especial está nascendo e dominará o restante de nós no futuro só porque lhe falta a coisinha que diz 'eu'. Já ouviu a respeito?"

"Não tenho tempo de ler."

"Mas já pensou nisso? Que há dois tipos de pessoas — o nosso, que vive diretamente a partir do meio de suas cabeças, e o outro tipo, que não pode, porque suas cabeças não têm meio? Não podem dizer 'eu'. Não *são,* na verdade, e assim são super-homens. Pierpont Morgan jamais disse 'eu' em sua vida."

Leonard se animou. Se sua benfeitora queria uma conversa intelectual, devia tê-la. Ela era mais importante que seu passado arruinado. "Nunca cheguei a Nietzsche", disse. "Mas sempre entendi que esses super-homens eram antes o que se chamaria de egoístas."

"Ah, não, está enganado", replicou Helen. "Nenhum super-homem jamais

disse ‘eu quero’. ‘Quero a Europa’, se for Napoleão; ‘quero esposas’, se for o Barba-Azul; ‘quero um Botticelli’, se for Pierpont Morgan. O ‘eu’, nunca; e se pudesse abrir um furo nele, encontraria pânico e vazio no meio.”

Leonard ficou em silêncio por um minuto. Então disse: “Posso inferir, senhorita Schlegel, que a senhorita e eu somos ambos do tipo que diz ‘eu’?”.

“Claro.”

“E também sua irmã?”

“Claro”, repetiu Helen, um pouco asperamente. Estava aborrecida com Margaret, mas não queria pô-la em discussão. “Qualquer pessoa decente diz ‘eu’.”

“Mas o senhor Wilcox… ele não é, talvez…”

“Não vejo proveito algum em discutir o senhor Wilcox.”

“Concordo, concordo”, ele disse. Helen se perguntou por que o desdenhava desse jeito. Uma ou duas vezes ao longo do dia encorajara-o a criticar, para depois cortá-lo. Estaria com receio de que ficasse autoconfiante? Nesse caso, era revoltante de sua parte.

Mas ele achava o desdém inteiramente natural. Tudo que ela fizesse era natural e impossível de ofendê-lo. Quando as srtas. Schlegel estavam juntas, sentia que mal eram humanas — uma espécie de cata-vento admonitório. Mas uma srta. Schlegel sozinha era diferente. Era, no caso de Helen, solteira, e no de Margaret, prestes a se casar, e nem num caso, nem no outro, um eco da irmã. Uma luz caíra finalmente sobre aquele rico mundo superior, e ele viu que estava cheio de homens e mulheres, algumas das quais eram mais amigáveis que outras. Helen tornara-se “sua” srta. Schlegel, que o repreendia, trocava cartas com ele, e os arrastara no dia anterior com abençoada veemência. Margaret, embora não indelicada, era séria e distante. Não seria de se presumir que a ajudasse, por exemplo. Jamais gostara dela e começava a pensar que sua impressão original era verdadeira, e que a irmã, tampouco, gostava dela. Helen certamente estava sozinha. Ela, que tanto dera, recebia muito pouco. Leonard estava feliz de pensar que podia poupá-la de um aborrecimento mantendo o bico calado e escondendo o que sabia sobre o sr. Wilcox. Jacky lhe anunciara sua descoberta quando ele a retirava, no gramado. Após o choque inicial, não se importou consigo mesmo. A essa altura não tinha qualquer ilusão sobre a esposa, e aquela era apenas uma nova mancha na face de um amor que jamais fora puro. Manter a perfeição perfeita, este seria seu ideal, se o futuro lhe desse tempo de ter ideais. Helen, e Margaret, pelo bem de Helen, não deveria saber.

Helen o desconcertou desviando a conversa para sua esposa. “A senhora

Bast… alguma vez disse ‘eu’?”, perguntou, meio provocadora, e então, “Ela está muito cansada?”.

“É melhor que fique em seu quarto”, disse Leonard.

“Devo ir vê-la?”

“Não, obrigado; ela não precisa de companhia.”

“Senhor Bast, que tipo de mulher é sua esposa?”

Leonard corou de orelha a orelha.

“Já deveria conhecer meus modos, a essa altura. A pergunta o ofende?”

“Não, oh, não, senhorita Schlegel, não.”

“Porque adoro a honestidade. Não finja que seu casamento é feliz. O senhor e ela não têm nada em comum.”

Ele não o negou, mas disse, com timidez: “Suponho que seja bastante óbvio, mas Jacky nunca quis fazer mal a ninguém. Quando as coisas davam errado, ou eu ouvia dizer alguma coisa, costumava pensar que era culpa dela, mas, olhando para trás, é mais minha. Não deveria ter me casado, mas já que o fiz, devo continuar a cuidar dela”.

“Há quanto tempo está casado?”

“Quase três anos.”

“O que sua família diz?”

“Que não querem ter nada a ver conosco. Fizeram uma espécie de reunião familiar quando ouviram dizer que havia me casado e nos repudiaram inteiramente.”

Helen começou a andar em círculos. “Meu jovem, que bagunça!”, disse, delicadamente. “Quem é sua família?”

Isso ele podia responder. Seus pais, que estavam mortos, eram comerciantes; as irmãs haviam se casado com caixeiros-viajantes; o irmão era orador laico.

“E seus avós?”

Leonard contou-lhe um segredo que considerara vergonhoso até aquele momento. “Não eram ninguém”, disse — “trabalhadores rurais, algo assim.”

“Sério? De que região?”

“Principalmente Lincolnshire, mas o pai de minha mãe… é bastante estranho… deixou o lugar e veio para cá.”

“Para esta mesma Shropshire. Puxa, é mesmo estranho. A família de minha mãe era de Lancashire. Mas por que seu irmão e suas irmãs fazem objeção à senhora Bast?”

“Oh, eu não sei.”

“Desculpe-me, mas sabe sim. Não sou criança. Posso agüentar qualquer

coisa que me contar e quanto mais me contar mais estarei em condições de ajudá-lo. Ouviram dizer alguma coisa ruim a respeito dela?”

Ele ficou em silêncio.

“Acho que adivinhei, agora”, disse Helen, muito séria.

“Acho que não, senhorita Schlegel; espero que não.”

“Devemos ser honestos, mesmo a respeito desse tipo de coisa. Eu adivinhei. Sinto muito, muitíssimo, mas isso não faz a menor diferença para mim. Vou continuar a sentir o mesmo em relação a ambos. Não culpo sua esposa por coisas como essa, mas sim os homens.”

Leonard deixou por isso mesmo — contanto que não adivinhasse o homem. Ela parou junto à janela e vagarosamente ergueu as persianas. O hotel dava para uma praça escura. As névoas haviam começado. Quando se virou outra vez para ele, tinha os olhos marejados.

“Não se preocupe”, suplicou ele. “Não posso suportar isto. Vai ficar tudo bem se eu conseguir trabalho. Se ao menos eu conseguisse algum trabalho… alguma coisa regular para fazer. Então não seria tão ruim outra vez. Já não me importo mais tanto com os livros, como antes. Imagino que o trabalho regular ajeitaria tudo novamente. Impede a pessoa de pensar.”

“Ajeitar para quê?”

“Ah, apenas ajeitar.”

“E isso deve ser a vida!”, disse Helen, com um nó na garganta. “Como pode, com todas as lindas coisas para ver e fazer… música… caminhar à noite…”

“Caminhar é bastante bom quando o homem tem emprego”, respondeu. “Ah, como falei bobagens daquela vez, mas nada como um oficial de justiça dentro de casa para tirá-las da cabeça. Quando o vi mexendo em meus Ruskins e Stevensons, tive a impressão de enxergar a vida em toda sua realidade, e não é uma visão das mais bonitas. Meus livros estão de volta, graças à senhorita, mas nunca mais serão a mesma coisa para mim outra vez, e nunca mais acharei a noite na floresta tão maravilhosa.”

“Por que não?”, perguntou Helen, abrindo a janela.

“Porque percebo que a pessoa precisa ter dinheiro.”

“Bem, está enganado.”

“Quem dera estivesse, mas… o clérigo — ele tem seu dinheiro, ou pelo menos é pago; o poeta ou o músico — a mesma coisa; o mendigo — ele não é diferente. No final, o mendigo acaba no asilo, mas recebe o dinheiro que era de outras pessoas. Senhorita Schlegel, a realidade é o dinheiro, tudo o mais é sonho.”

“Continua errado. Esqueceu a morte.”

Leonard não conseguiu entender.

“Se vivêssemos para sempre, o que disse seria verdade. Mas temos de morrer, temos de deixar esta vida em breve. Injustiça e ganância seriam a realidade se vivêssemos para sempre. Da forma como é, devemos nos prender a outras coisas, pois a morte se aproxima. Adoro a morte — não de um jeito mórbido, mas porque ela explica. Ela me revela o vazio do dinheiro. Morte e dinheiro são eternos adversários. Não a vida e a morte. Tanto faz o que se oculta por trás da morte, senhor Bast, mas pode estar certo de que o poeta, o músico, o mendigo serão mais felizes nisso que o homem que nunca aprendeu a dizer: ‘Eu sou eu’.”

“Será mesmo?”

“Estamos todos envoltos em névoas — sei, mas posso ajudá-lo até este ponto —, homens como os Wilcox estão mais mergulhados na névoa do que qualquer um. Os sólidos e sensatos ingleses! Erguendo impérios, nivelando o mundo todo no que chamam de bom senso. Mas mencione a morte para eles que ficam ofendidos, pois a morte é a verdadeira imperialista, bradando eternamente contra eles.”

“Tenho tanto medo da morte quanto qualquer pessoa.”

“Mas não da idéia da morte.”

“E qual é a diferença?”

“Uma diferença infinita”, disse Helen, mais séria ainda do que antes.

Leonard fitou-a com ar meditativo e teve a sensação de grandes coisas varrendo a mortalha da noite. Mas era incapaz de acolhê-las, pois seu coração continuava cheio de coisas pequenas. Assim como o guarda-chuva perdido estragara o concerto no Queen’s Hall, o emprego perdido estava obscurecendo as harmonias mais divinas, agora. Morte, vida e materialismo eram belas palavras, mas o sr. Wilcox iria contratá-lo como escriturário? Conversas à parte, o sr. Wilcox era rei em seu mundo, o super-homem, com sua própria moralidade, cuja cabeça permanecia entre as nuvens.

“Acho que sou meio estúpido”, disse ele, desculpando-se.

Para Helen, entretanto, o paradoxo ficava cada vez mais claro.

“A morte destrói o homem; a idéia da morte o salva.” Por trás dos caixões e esqueletos que nutrem a mente vulgar reside algo tão imenso que tudo que há de grandioso em nós responde a isso. Homens vividos podem refugar ante a cova em que um dia irão entrar, mas o amor não se deixa enganar. A morte é sua adversária, mas também sua igual, e em sua contenda milenar os músculos do

amor se fortaleceram, e sua visão se aclarou, até não haver ninguém que possa com ele.

“Então, nunca se entregue”, continuou a garota, e reafirmou outra vez depois a alegação vaga, porém convincente, que o invisível faz contra o visível. Ficou cada vez mais animada, conforme tentava cortar a corda que prendia Leonard à terra. Trançada por experiências amargas, a corda resistiu a ela. Logo depois, a garçonete entrou e entregou-lhe uma carta de Margaret. Outro bilhete, endereçado a Leonard, estava dentro. Os dois leram escutando os murmúrios do rio.

XXVIII

Por muitas horas Margaret não fez nada; então recobrou o controle e escreveu algumas cartas. Estava machucada demais para falar com Henry; conseguia ter pena dele, e até manter a determinação de se casar, mas tudo continuava ainda a calar muito fundo em seu coração para que falasse. Na superfície, a consciência da degradação dele era forte demais. Ela estava sem o domínio da voz ou do olhar e as palavras gentis que forçava através da pena pareciam vir de alguma outra pessoa.

"Meu querido", começou, "isto não deve nos separar. É tudo ou nada, e quero que seja nada. Aconteceu muito antes de nos conhecermos, e mesmo que houvesse acontecido depois, eu estaria escrevendo da mesma forma, espero. Eu compreendo."

Mas riscou "Eu compreendo"; soava falso. Henry não podia ser compreendido. Também riscou "É tudo ou nada". Henry se ressentiria de uma apreciação tão forte da situação. Não devia comentar; comentar não é feminino.

"Acho que isto basta", pensou.

Então a consciência de sua degradação asfixiou-a. Seria ele merecedor de todo esse esforço? Ter se entregado a uma mulher daquele tipo era tudo, é verdade, era mesmo, e não podia ser sua esposa. Tentou traduzir a tentação dele em sua própria linguagem, e o cérebro oscilou. Os homens deviam ser diferentes, até mesmo para querer entregar-se a uma tal tentação. Sua crença no companheirismo sufocara, e viu a vida como que do vagão envidraçado da Great Western, que resguardava homens e mulheres do ar fresco. Seriam os sexos na verdade raças, cada um com seu próprio código de moralidade, e seu amor mútuo um mero mecanismo da natureza para manter as coisas em marcha? Dispa as relações humanas de sua civilidade, e a isso se reduzem? Seu bom senso lhe dizia que não. Sabia que a partir do mecanismo da natureza construíramos uma magia que nos conquistaria a imortalidade. Muito mais misterioso que o apelo de um sexo pelo outro sexo é a ternura que nos lançou nesse apelo; muito mais profundo é o abismo entre nós e o terreiro da fazenda do que entre o terreiro da fazenda e as sobras de comida que o alimentam. Estamos evoluindo, de formas que a ciência não pode mensurar, para fins que a teologia não ousa contemplar.

“Os homens de fato produziram uma jóia”, dirão os deuses, e, ao dizê-lo, nos darão a imortalidade. Margaret sabia disso tudo, mas no momento não era capaz de senti-lo, e transformou o casamento de Evie e do sr. Cahill num carnaval de tolos, e seu próprio casamento… infeliz demais para pensar a respeito, rasgou a carta, e então escreveu outra:

Caro sr. Bast,

Falei com o sr. Wilcox sobre sua pessoa, como prometido, e lamento informá-lo que ele não tem vaga para o senhor.

Sinceramente sua,
M. J. Schlegel

Embrulhou isso num bilhete para Helen, de quem se ocupou menos do que poderia ter feito; mas sua cabeça estava doendo e não conseguia parar para escolher as palavras:

Querida Helen,

Dê-lhe isto. Os Bast não valem nada. Henry encontrou a mulher bêbada no jardim. Deixei um quarto pronto para você aqui, poderia por favor vir imediatamente assim que receber este bilhete? Os Bast não são de modo algum o tipo de gente com quem devemos nos ocupar. Irei eu mesma ter com eles pela manhã e farei o que for mais justo.

M.

Ao escrever isso, Margaret sentiu que estava sendo prática. Alguma coisa podia ser arranjada para os Bast mais tarde, mas no momento deviam ficar em silêncio. Tinha esperança de evitar uma conversa entre a mulher e Helen. Tocou a sineta para chamar um criado, mas ninguém atendeu; o sr. Wilcox e os Warrington haviam se recolhido e a cozinha estava entregue à saturnal. Conseqüentemente, foi ela própria ao George. Não entrou no hotel, pois uma discussão teria sido perigosa e, dizendo que a carta era importante, entregou-a à garçonete. Quando cruzava novamente a praça viu Helen e o sr. Bast na cafeteria

olhando através da janela e receou que tivesse chegado tarde demais. Sua missão ainda não terminara, contudo; tinha de dizer a Henry o que fizera.

Isso foi fácil, pois encontrou-o no vestíbulo. O vento noturno estivera batendo os quadros na parede e o ruído o perturbara.

“Quem está aí?”, chamou, sempre o dono da casa.

Margaret entrou e passou por ele.

“Fui convidar Helen para passar a noite”, disse. “É melhor que durma aqui; então, não tranque a porta da frente.”

“Pensei que alguém tivesse entrado”, disse Henry.

“Ao mesmo tempo disse ao homem que não podemos fazer nada por ele. Não sei como será depois, mas agora os Bast devem partir, sem dúvida.”

“Disse que sua irmã vai dormir aqui, afinal?”

“Provavelmente.”

“Quer que a levem até seu quarto?”

“Naturalmente não tenho nada a lhe dizer; estou indo para a cama. Quer falar com os criados sobre Helen? Alguém poderia se encarregar de sua bagagem?”

Ele bateu em um pequeno gongo, comprado para reunir a criadagem.

“Vai ter de fazer muito mais barulho do que isso se quiser que escutem.”

Henry abriu uma porta, e do fim do corredor vieram gargalhadas estridentes. “A gritaria está demais ali”, disse, e caminhou a passos largos em sua direção. Margaret subiu, na incerteza de estar feliz por terem se encontrado, ou triste. Haviam se comportado como se nada tivesse ocorrido e seus instintos mais profundos diziam-lhe que isso era errado. Para o próprio bem dele, alguma explicação era devida.

E contudo — o que uma explicação lhe diria? Um encontro, um lugar, alguns detalhes, coisas que podia imaginar com muita clareza. Agora que o primeiro choque terminara, percebia que havia todas as razões para postular uma sra. Bast. A vida interior de Henry havia muito se descortinara amplamente para ela — sua confusão intelectual, sua obtusidade à influência pessoal, suas paixões fortes mas furtivas. Deveria ela rejeitá-lo porque com sua vida exterior dava-se o mesmo? Talvez. Talvez, se a desonra houvesse sido infligida a ela, mas aquilo ocorreu muito antes de sua época. Lutava contra o sentimento. Disse a si mesma que a afronta da sra. Wilcox era sua também. Mas não era uma teórica estéril. Conforme se despia, sua raiva, seu respeito pelos mortos, seu desejo por uma cena, tudo foi enfraquecendo. Que Henry fizesse como lhe aprouvesse, pois o amava, e um dia ela usaria esse amor para torná-lo um homem melhor.

A piedade esteve na base de suas ações por toda a crise. A piedade, se é possível generalizar, reside na base da mulher. Quando homens gostam de nós, é por nossas melhores qualidades, e por mais terno que seja seu apreço, não ousamos ser indignos dele, ou nos abandonarão tranqüilamente. Mas a falta de mérito estimula a mulher. Traz à tona sua natureza mais profunda, para o bem ou para o mal.

Aí estava o cerne da questão. Henry devia ser perdoado, e transformado em alguém melhor pelo amor; nada mais importava. A sra. Wilcox, aquela intranqüila, ainda que bondosa, alma do outro mundo, devia ser abandonada à própria afronta. Para ela, tudo se achava em equilíbrio, agora, e ela, também, teria sentido piedade do homem que provocava tanta turbulência em suas vidas. Teria a sra. Wilcox ficado sabendo de sua falta? Uma pergunta interessante, mas Margaret adormeceu, presa na rédea da afeição, e embalada pelos murmúrios do rio que corria a noite toda vindo de Gales. Sentiu-se em comunhão com sua futura casa, mudando-a e sendo por ela mudada, e acordou para ver, pela segunda vez, o castelo de Oniton conquistando as névoas da manhã.

XXIX

“Henry, querido…”, foi como o cumprimentou.

Ele terminara o café e começava a ler o *The Times*. Sua cunhada fazia as malas. Ajoelhou-se perto dele e tirou o jornal de suas mãos, sentindo-o surpreendentemente grosso e pesado. Então, posicionando o rosto onde antes estava o jornal, fitou-o nos olhos.

“Henry, querido, olhe para mim. Não deixarei que se esquive. Olhe para mim. Isso. É só o que peço.”

“Refere-se à noite de ontem”, disse, asperamente. “Eu a liberei de seu compromisso. Poderia encontrar desculpas, mas não vou. Não, não vou. Mil vezes não. Sou um fraco, e deixemos por isso mesmo.”

Expulso de sua antiga fortaleza, o sr. Wilcox construía uma nova. Já não podia mais parecer respeitável a seus olhos, de modo que se defendia em vez disso num lúrido passado. Não era arrependimento genuíno.

“Deixe como preferir, meu amor. Isso não vai nos atrapalhar; sei do que estou falando, e isso não vai fazer diferença.”

“Não faz diferença?”, inquiriu ele. “Não faz diferença, quando descobre que não sou o sujeito que pensava?” Ficou irritado com a srta. Schlegel, por isso. Teria preferido vê-la prostrada com o golpe, ou mesmo furiosa. Contra a maré de seu pecado fluiu o sentimento de que não era inteiramente feminina. Seus olhos fitavam muito diretamente; haviam percorrido livros adequados apenas para homens. E embora ele houvesse temido uma cena, e embora ela estivesse determinada contra fazer uma, houve uma cena, do mesmo jeito. Era, de algum modo, imperativo.

“Não sou digno de você”, começou ele. “Se fosse digno, não a teria liberado de seu compromisso. Sei do que estou falando. Não suporto conversar sobre essas coisas. Seria melhor deixarmos isso de lado.”

Ela beijou sua mão. Ele a puxou com violência e, ficando de pé, prosseguiu: “Você, com sua vida protegida, atividades refinadas, amigos, livros, você e sua irmã, e mulheres como vocês… digo, como podem imaginar as tentações que estão à espreita de um homem?”.

“Para nós é difícil”, disse Margaret; “mas se somos dignas de nos casar,

imaginamos.”

“Separados da sociedade decente e dos laços da família, o que presume que acontece com os milhares de jovens no além-mar? Isolados. Ninguém por perto. Sei por minha amarga experiência e ainda assim você diz ‘não faz diferença’.”

“Para mim, não.”

Ele riu com amargura. Margaret foi até o aparador e serviu-se de um dos pratos do café-da-manhã. Tendo sido a última a descer, apagou a espiriteira que os mantinha aquecidos. Seus modos eram suaves, mas graves. Sabia que Henry estava menos abrindo sua alma do que evidenciando o abismo existente entre a alma masculina e a feminina, e não desejava ouvi-lo a esse respeito.

“Helen apareceu?”, perguntou.

Ele balançou a cabeça.

“Mas isso não pode ser, de jeito nenhum! Não a queremos fofocando com a senhora Bast.”

“Deus do céu, não!”, exclamou ele, subitamente natural. Então se recompôs. “Deixe que fofoquem. O jogo acabou, embora eu fique grato por seu desprendimento — por menor que seja o valor de minha gratidão.”

“Ela não mandou uma mensagem, nem nada?”

“Não ouvi nada a respeito.”

“Poderia tocar a sineta, por favor?”

“Para quê?”

“Ora, para perguntar.”

Foi até lá com afetação dramática, e fez soar o sinal. Margaret serviu-se de um pouco de café. O mordomo apareceu e disse que a srta. Schlegel havia dormido no George, até onde sabia. Queriam que fosse ao George?

“Eu vou, obrigado”, disse Margaret, e o dispensou.

“Isso não é bom”, disse Henry. “Essas coisas vazam; não se pode deter uma história depois que começa a correr. Sei do caso de outros homens… outrora, eu os desprezava, achava que *eu* era diferente, *eu* jamais cairia em tentação. Oh, Margaret…” Aproximou-se e sentou-se a seu lado, improvisando uma emoção. Ela não suportava ouvi-lo. “Nós, homens, todos, conhecemos a ruína algum dia, nesta vida. Acredita nisso? Há momentos em que o homem mais forte… ‘aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair’.[32] É verdade, não é? Se soubesse de tudo, iria me desculpar. Eu estava longe de boas influências… longe até da Inglaterra. Estava muito, muito sozinho, e sonhava com a voz de uma mulher. Mas basta. Já lhe contei coisas demais para que possa me perdoar, agora.”

“Sim, basta, querido.”

“Eu passei…” — baixou o tom de voz — “Eu passei pelo inferno.”

Ela considerou a afirmação com seriedade. Passou? Teria ele sofrido as torturas do remorso ou seria mais como “Aí está! Acabou. Agora, de volta à vida respeitável”? Esta última, se o interpretava corretamente. Um homem que passa pelo inferno não se gaba de sua virilidade. Permanece humilde e a esconde, se é que ainda a tem. Só na lenda o pecador se mostra arrependido, se não terrível, e conquista a mulher pura com seu poder irresistível. Henry estava ansioso por ser terrível, mas não tinha isso dentro de si. Era o bom e médio inglês, que escorregara. O ponto realmente condenável — sua infidelidade à sra. Wilcox — jamais pareceu incomodá-lo. Margaret morria de vontade de mencionar a sra. Wilcox.

E tintim por tintim a história lhe foi contada. Era uma história bem simples. A época, dez anos antes, o lugar, uma praça-forte em Chipre. Vez e outra ele lhe perguntava se poderia um dia perdoá-lo, ao que ela respondia: “Eu já o perdoei, Henry”. Escolhia as palavras cuidadosamente, desse modo poupando-o do pânico. Ela bancava a garota, até que fosse capaz de reconstruir sua fortaleza e esconder sua alma do mundo. Quando o mordomo apareceu para recolher a mesa, Henry encontrava-se num estado de espírito bem diferente — perguntou ao sujeito sobre o motivo de tanta pressa, queixou-se do barulho da noite anterior no refeitório dos criados. Margaret fitava intensamente o mordomo. Ele, como um belo jovem, exercia uma leve atração sobre ela como mulher — uma atração tão fraca que mal era perceptível, ainda que os céus teriam caído se houvesse mencionado isso para Henry.

Ao regressar do George as obras da construção estavam completas e o antigo Henry postou-se diante dela, competente, cínico e gentil. Havia aberto seu peito, fora perdoado e a melhor coisa a fazer agora era esquecer a falha e mandá-la para onde mandava outros investimentos malsucedidos. Jacky reuniu-se a Howards End, Ducie Street, o gigante escarlate, o lastro da moeda argentina e todas as coisas e pessoas que nunca lhe haviam sido de grande valia, muito menos agora. A lembrança disso tudo era um estorvo. Mal conseguia prestar atenção em Margaret, que voltava com notícias inquietantes do George. Helen e seus protegidos haviam partido.

“Bem, que partam… o homem e sua esposa, quer dizer, pois quanto mais virmos sua irmã, melhor.”

“Mas partiram separados — Helen, bem cedo, os Bast, pouco antes que eu chegasse. Não deixaram mensagem. Não responderam nenhum de meus bilhetes.

Não gosto de pensar no significado de tudo isto.”

“O que dizia você nos bilhetes?”

“Eu lhe contei ontem à noite.”

“Hã... ah... sei! Querida, que tal uma volta no jardim?”

Margaret tomou seu braço. O dia esplêndido acalmou-a. Mas as engrenagens do casamento de Evie continuavam em funcionamento, cuspindo hóspedes para fora com a mesma proficiência com que os sugaram para dentro, e não pôde permanecer em sua companhia por muito tempo. Fizeram-se os arranjos para que fossem de carro até Shrewsbury, de onde ele seguiria para o norte, e ela, de volta a Londres, com os Warrington. Por uma fração de tempo ela sentiu-se feliz. Depois, seu cérebro recomeçou.

“Receio que tenha havido algum tipo de fofoca no George. Helen não teria ido embora, a menos que ouvisse algo. Conduzi mal a situação. Que desgraça. Deveria tê-la separado daquela mulher na mesma hora.”

“Margaret!”, exclamou ele, soltando seu braço de modo expressivo.

“Hã… o que foi, Henry?”

“Estou longe de ser um santo — na verdade, muito pelo contrário —, mas você ficou a meu lado, para o que der e vier. O que passou, passou. Prometeu me perdoar. Margaret, promessa é promessa. Nunca mais mencione essa mulher outra vez.”

“A não ser por algum motivo prático, nunca.”

“Prático! Você, prática?”

“É, eu sou prática”, murmurou ela, inclinando-se sobre a segadeira e brincando com a grama que escoava por entre seus dedos como areia.

Ele a silenciara, mas os temores dela o deixaram apreensivo. Não era a primeira vez que sofria ameaça de chantagem. Era rico e presumivelmente um homem de moral; os Bast sabiam que não, e talvez achassem lucrativo aludir ao fato.

“Em todo caso, não deve se preocupar”, disse. “É assunto de homem.” Refletiu profundamente. “Sob nenhuma circunstância mencione isso a alguém.”

Margaret ficou vermelha ao ouvir um conselho tão elementar, mas ele estava na verdade pavimentando o caminho para uma mentira. Se necessário, iria negar terminantemente ter conhecido a sra. Bast, e a processaria por difamação. Talvez nunca a tivesse conhecido. Lá estava Margaret, que agia como se ele jamais tivesse. Lá estava a casa. Em torno deles, havia meia dúzia de jardineiros, fazendo a limpeza após o casamento de sua filha. Tudo tão sólido e ordenado que o passado sumia de vista como uma persiana de enrolar, deixando apenas os

últimos cinco minutos à mostra.

Vislumbrando isso, ele percebeu que o carro estaria por perto nos cinco minutos seguintes, e lançou-se à ação. Gongos foram tocados, ordens, distribuídas, disse a Margaret que se trocasse e mandou a governanta varrer a longa trilha de grama que espalhara pelo vestíbulo. Assim como o Homem está para o Universo, a mente do sr. Wilcox estava para as mentes de alguns homens — um foco de luz concentrado sobre um ponto minúsculo, um pequeno Dez Minutos movendo-se autocontido através dos anos a ele designados. Nenhum hedonista este, que vive para o Agora, e pode ser mais sábio que todos os filósofos. Ele vivia para os cinco minutos que passaram, e os cinco por vir; tinha a mente dos negócios.

Em que pé se achava agora, com seu carro afastando-se tranqüilamente de Oniton, arrostando as grandes colinas arredondadas? Margaret ouvira um certo rumor, mas estava tudo bem. Ela o perdoara, Deus a abençoe, e ele sentia-se mais homem por isso. Charles e Evie não ouviram nada a respeito, e nunca deveriam ouvir. Tampouco Paul. Pelos filhos tinha uma grande ternura, cuja causa não tentava rastrear; a sra. Wilcox residia num passado demasiado remoto em sua vida. Ele não a ligava com o súbito amor sufocante que sentia por Evie. Pobre pequena Evie! Confiava em Cahill para ser um marido decente para ela.

E Margaret? Em que pé se achava?

Tinha diversas preocupações menores. Sua irmã sem dúvida ouvira alguma coisa. Estava com receio de encontrá-la na cidade. E aflita por causa de Leonard, por quem certamente eram responsáveis. Tampouco deveria a sra. Bast passar fome. Mas a situação principal não se alterara. Ainda amava Henry. Suas ações, não sua disposição, haviam-na desapontado, e podia suportar isso. E adorava a futura casa. Erguendo-se no carro, bem no lugar onde saltara, dois dias antes, voltou-se para admirar Oniton com profunda emoção. Além da chácara e da muralha do castelo, podia agora distinguir a igreja e as empenas preto-e-brancas do George. Lá estava a ponte, e o rio que beliscava sua península verde. Conseguia até mesmo ver o barracão, mas quando procurava o novo trampolim de Charles a encosta da colina se ergueu e ocultou toda a cena.

Jamais voltaria a vê-la. Dia e noite o rio corre Inglaterra adentro, dia após dia o sol se esconde atrás das montanhas galesas e a torre badala “See, the conquering hero”. Mas os Wilcox não fazem parte do lugar, nem de qualquer lugar. Não são seus os nomes que aparecem repetidamente no registro paroquial. Não são seus os fantasmas que suspiram entre os amieiros ao anoitecer. Furiosamente, entraram e saíram do vale, deixando atrás de si um pouco de

poeira e um pouco de dinheiro.

XXX

Tibby aproximava-se agora de seu último ano em Oxford. Mudara-se do prédio da faculdade e estava contemplando o universo, ou as partes deste que o interessavam, de seu confortável alojamento em Long Wall. Não se interessava por muita coisa. Quando um jovem não é perturbado pelas paixões e tem uma sincera indiferença pela opinião pública, seu ponto de vista é necessariamente limitado. Tibby não desejava fortalecer a posição dos ricos nem melhorar a dos pobres, e assim estava bastante satisfeito em contemplar os elmos curvando-se uns para os outros detrás das suaves ameias do Magdalen. Existem vidas piores. Embora egoísta, nunca era cruel; embora de maneiras afetadas, nunca fazia pose. Como Margaret, desdenhava o aparato heróico, e foi somente depois de muitas visitas que os homens descobriram que o Schlegel possuía uma personalidade e um cérebro. Saíra-se bem em letras clássicas, para grande surpresa dos que freqüentavam as aulas e estudavam corretamente, e agora relanceava com desdém o chinês, caso algum dia consentisse em se qualificar para aluno-intérprete. Disso se ocupava quando Helen entrou. Um telegrama a precedera.

Ele notou, de um modo distante, que a irmã mudara. No mais das vezes, achava-a saliente demais, e nunca se deparara com aquele aspecto suplicante, patético, embora digno — o aspecto de um marinheiro que perdeu tudo no mar.

“Acabo de chegar de Oniton”, começou. “Houve uma porção de problemas por lá.”

“Alguém quer almoçar?”, disse Tibby, pegando o clarete que fora deixado na lareira para aquecer. Helen sentou-se submissa à mesa. “Por que tão cedo?”, perguntou ele.

“Saí ao nascer do sol ou perto disso… assim que pude.”

“Foi o que presumi. Por quê?”

“Não sei o que fazer, Tibby. Fiquei muito perturbada com notícias que ouvi a respeito de Meg, e não quero encará-la, não quero voltar a Wickham Place. Vim aqui para lhe dizer isso.”

A hospedeira apareceu com a costeleta. Tibby enfiou um marcador entre as páginas de sua gramática chinesa e serviu. Oxford — Oxford de férias — sonhava e farfalhava do lado de fora, enquanto lá dentro o pequeno fogo cobria-

se de cinza onde o sol o tocava. Helen continuou sua história esquisita.

"Diga a Meg que a amo e quero ficar sozinha. Pretendo ir para Munique ou quem sabe Bonn."

"Uma mensagem dessas pode ser facilmente transmitida", disse o irmão.

"Em relação a Wickham Place e minha parte da mobília, você e ela façam o que bem lhes aprouver. Só acho que tudo podia muito bem ser vendido. O que alguém vai querer com livros de economia empoeirados, que não melhoraram o mundo em nada, ou com os horrendos *chiffoniers* de mamãe? Tenho ainda mais uma incumbência para você. Quero que entregue uma carta." Ergueu-se. "Ainda não escrevi. Mas por que eu mesma não a envio?" Sentou-se novamente. "Minha cabeça está um desastre só. Espero que nenhum de seus amigos resolva aparecer por aqui."

Tibby trancou a porta. Seus amigos muitas vezes a encontravam nessa condição. Então perguntou se algo dera errado no casamento de Evie.

"Lá, não", e explodiu em lágrimas.

Ele já a vira histérica — era um de seus aspectos que não o interessava — e contudo aquelas lágrimas tocaram-no como algo inusual. Estavam mais próximas das coisas que o interessavam, como música. Pousou a faca e fitou-a com curiosidade. Então, como continuava a soluçar, voltou a seu almoço.

Chegou a hora do segundo prato, e ela ainda chorava. A seqüência era charlote de maçã, que fica ruim se a pessoa demora a comer. "Importa-se se a senhora Martlett entrar", perguntou, "ou quer que eu vá até a porta?"

"Posso lavar os olhos, Tibby?"

Conduziu-a a seu quarto e apanhou o pudim em sua ausência. Tendo se servido, deixou-o junto à lareira, para mantê-lo aquecido. Esticou a mão até a gramática, e logo estava virando as páginas, erguendo as sobrancelhas, desdenhoso, talvez da natureza humana, talvez do chinês. Nisso se empenhava quando Helen voltou. Havia se recobrado, mas o grave ar de súplica não sumira de seus olhos.

"Agora, uma explicação", disse ela. "Por que fui começar com isso? Descobri algo acerca do senhor Wilcox. Ele se comportou muito mal, na verdade, e arruinou a vida de duas pessoas. Percebi tudo subitamente, na noite passada; estou muito nervosa e não sei o que fazer. A senhora Bast…"

"Ah, aquela gente!"

Helen pareceu silenciar.

"Quer que tranque a porta outra vez?"

"Não, obrigada, meu pequeno Tibby. Está sendo muito bonzinho comigo.

Quero lhe contar a história antes de partir para o exterior. Faça exatamente o que achar melhor… trate-a como parte da mobília. Meg ainda não deve estar sabendo dela, acho. Mas não posso encará-la de frente e lhe dizer que o homem com quem vai se casar se conduziu tão mal. Não sei nem mesmo se alguém deveria lhe contar. Sabendo como sabe que não gosto dele, vai suspeitar de mim, e achar que quero arruinar seu casamento. Simplesmente não sei o que fazer sobre isso. Confio na sua opinião. O que você faria?"

"Pelo que entendi ele tinha uma amante", disse Tibby.

Helen ficou vermelha de vergonha e raiva. "E arruinou a vida de duas pessoas. E sai por aí dizendo que as ações pessoais não valem nada, e que sempre haverá ricos e pobres. Conheceu-a quando tentava enriquecer em Chipre… não quero fazê-lo parecer pior do que é, e sem dúvida ela estava bastante disposta a conhecê-lo. Mas aí está. Conheceram-se. Ele segue seu caminho e ela o dela. Como acha você que terminam essas mulheres?"

Nada bem, concedeu ele.

"Terminam de dois jeitos: ou afundam até que os asilos de loucos e os abrigos estejam lotados, levando o senhor Wilcox a escrever cartas aos jornais queixando-se da degeneração nacional, ou enredam algum rapaz na armadilha do casamento antes que seja tarde demais. Ela… não posso culpá-la."

"Mas isso não é tudo", continuou, após uma longa pausa, durante a qual a hospedeira serviu-lhes café. "Agora conto que assunto levou-nos a Oniton. Fomos nós três. Aconselhado pelo senhor Wilcox, o homem largou um emprego seguro por outro que não era, de onde foi despedido. Há certas justificativas, mas, de modo geral, o senhor Wilcox é culpado, como a própria Meg admitiu. É uma simples questão de justiça que ele mesmo empregue o homem. Mas encontra a mulher e, como o patife que é, se recusa, e tenta livrar-se deles. Faz Meg escrever. Recebemos dois bilhetes dela naquela noite — um para mim, outro para Leonard, dispensando-o sem razão aparente. Não consegui entender. Depois descobri que a senhora Bast havia conversado com o senhor Wilcox no jardim quando saíramos para arrumar quartos, e continuava a falar sobre ele quando Leonard voltou para buscá-la. Esse Leonard já sabia de tudo. Achou normal serem arruinados duas vezes. Normal! Você teria se contido?"

"É certamente uma situação muito ruim", disse Tibby.

A resposta pareceu acalmar sua irmã. "Receava que achasse um despropósito. Mas como está de fora, deveria ficar sabendo. Em um dia ou dois — ou talvez uma semana —, tome as medidas que julgar adequadas. Deixo em suas mãos."

Concluiu sua acusação.

“Os fatos que dizem respeito a Meg estão todos diante de você”, acrescentou; Tibby suspirou e achou muito aborrecido que, por causa de sua mente aberta, devesse ser convocado para servir de jurado. Nunca se interessara por seres humanos, fato pelo qual se pode culpá-lo, mas tivera uma boa dose deles em Wickham Place. Assim como algumas pessoas deixam de prestar atenção quando livros são mencionados, a atenção de Tibby vagava quando “relações pessoais” eram o motivo da discussão. Deveria Margaret saber o que Helen sabia que os Bast sabiam? Questões do tipo o irritavam desde a infância, e em Oxford ele aprendera a dizer que a importância dos seres humanos fora vastamente superestimada pelos estudiosos. O lema, que cheirava levemente a década de 1880, não significava coisa alguma. Poderia ter dito isso, então, não fosse sua irmã sempre tão linda.

“Sabe, Helen — pegue um cigarro—, não sei o que fazer.”

“Então não há nada a ser feito. Certamente tem razão. Que se casem. Resta a questão da compensação.”

“Quer que eu delibere também sobre isso? Não seria melhor consultar um especialista?”

“Esta parte é segredo”, disse Helen. “Não tem nada a ver com Meg, e não mencione isto a ela. A compensação… não sei quem vai pagar se eu não o fizer, e já me decidi pela quantia mínima. Tão logo seja possível vou transferi-la para sua conta, e quando estiver na Alemanha você a pagará por mim. Nunca me esquecerei de sua gentileza, meu pequeno Tibby, se fizer isso.”

“Quanto é?”

“Cinco mil.”

“Meu Deus do céu!”, disse Tibby, ficando escarlate.

“Ora, de que adiantam as pequenas quantias? Ter passado pela vida e feito alguma coisa… ter erguido uma pessoa do abismo; não essas doações mesquinhas de xelins e cobertores… deixando o cinzento ainda mais cinza. Sem dúvida as pessoas vão me achar muito estranha.”

“Estou pouco me lixando para o que as pessoas acham!”, exaltou-se ele, com uma escolha inusual de palavras viris. “Mas é metade do que você tem.”

“Nem perto da metade.” Alisou a saia empoeirada. “Tenho muito mais que isso, e chegamos à conclusão em Chelsea na última primavera que trezentas libras por ano é o necessário para manter um homem de pé. O que vou dar renderá cento e cinqüenta para dois. Não é suficiente.”

Ele não conseguia se recompor. Não estava furioso, nem mesmo chocado, e

percebia que Helen ainda teria muito com que viver. Mas ficou perplexo vendo os montes de feno que as pessoas eram capazes de criar em suas vidas. Suas delicadas entonações não funcionariam, e só pôde abrir a boca para dizer que cinco mil libras, para ele, pessoalmente, significariam uma grande preocupação.

"Não esperava que me entendesse."

"Eu? Eu não entendo ninguém."

"Mas vai fazer o que pedi?"

"É evidente."

"Então deixo-lhe duas incumbências. A primeira diz respeito ao senhor Wilcox, e precisarei de sua discrição. A segunda diz respeito ao dinheiro, e não deve ser mencionada a ninguém, e cumprida literalmente. Vai enviar cem libras amanhã."

Ele acompanhou-a até a estação, passando por aquelas ruas estreitas cuja beleza nunca o fascinava e nunca o cansava. A adorável criatura projetava domos e pináculos contra o azul sem nuvens, e apenas o núcleo de vulgaridade em torno de Carfax mostrava quão evanescente era o fantasma, quão débil sua aspiração de representar a Inglaterra. Helen, repassando sua incumbência, não notou nada; os Bast estavam em sua cabeça, e recontou o episódio de um jeito meditativo que poderia ter deixado outros homens curiosos. Estava verificando se tudo se encaixava. Ele perguntara em dado momento por que se metera com os Bast em pleno casamento de Evie. Ela parou como um animal assustado e disse: "Isso parece tão esquisito a você?". Os olhos, a mão sobre a boca assombraram-no sobremaneira, até que se deixaram absorver pela estátua da Virgem Maria, diante da qual ele parou por um momento a caminho de casa.

É conveniente segui-lo no desempenho de suas tarefas. Margaret entrou em contato no dia seguinte. Estava horrorizada com a fuga de Helen e ele teve de contar que fora visitá-lo em Oxford. Então sua irmã disse: "Acaso parecia preocupada com algum rumor acerca de Henry?". Ele respondeu, "Sim". "Eu sabia que era isso!", exclamou ela. "Vou escrever-lhe." Tibby ficou aliviado.

Então mandou o cheque para o endereço fornecido por Helen, declarando que fora instruído a posteriormente enviar cinco mil libras. Recebeu uma resposta muito educada e moderada no tom — o tipo de resposta que o próprio Tibby teria dado. O cheque era devolvido, o legado, recusado, sendo que o missivista não tinha necessidade alguma de dinheiro. Tibby retransmitiu isso a Helen, acrescentando de todo o coração que Leonard Bast parecia de algum modo uma pessoa magnífica, afinal de contas. A resposta de Helen foi descontrolada. Que não tomasse conhecimento. Que fosse lá imediatamente e

dissesse que a ordem tinha de ser aceita. Ele foi. A pele morta de livros e objetos de porcelana o aguardava. Os Bast haviam acabado de ser despejados por não pagar o aluguel e saíram não se sabia com que rumo. Helen começara a administrar mal seu dinheiro a essa altura e chegara até a vender suas ações da Nottingham and Derby Railway. Por algumas semanas não tomou qualquer atitude. Depois voltou a investir e, graças a um bom aconselhamento de seus corretores, tornou-se mais rica do que era antes.

XXXI

As casas têm seus modos próprios de morrer, sucumbindo de formas tão variadas quanto as gerações de homens, umas com um estrondo dramático, outras, em silêncio, mas para um além-túmulo na cidade dos fantasmas, enquanto com outras — e esse foi o caso da morte de Wickham Place — o espírito parte antes que o corpo pereça. Ela entrara em decadência na primavera, devastando as garotas mais do que percebiam, e fazendo uma e outra acercar-se de regiões desconhecidas. Em setembro era um cadáver, esvaziado de emoção, e dificilmente reverenciado pela lembrança de trinta anos de felicidade. Através de seu pórtico em arco passaram mobília, quadros, livros, até que o último cômodo fosse desocupado e o último vagão partisse trovejando. Permaneceu por uma ou duas semanas mais, de olhos arregalados, como que atônita com o próprio vazio. Depois veio abaixo. Os operários chegaram e a lançaram de volta ao solo. Com seus músculos e o bom humor regado a cerveja, não eram os piores agentes funerários para uma casa que sempre fora humana e jamais tomara a cultura como um fim em si.

A mobília, com poucas exceções, foi para Hertfordshire, tendo o sr. Wilcox gentilmente oferecido Howards End como depósito.
O sr. Bryce morrera no exterior — um negócio insatisfatório —
e como parecia haver poucas garantias de que o aluguel seria pago regularmente, ele cancelou o contrato e retomou a posse da casa. Até que voltasse a alugá-la, os Schlegel eram bem-vindos para amontoar seus móveis na garagem e nos cômodos de baixo. Margaret objetou, mas Tibby aceitou a oferta de bom grado; isso o poupava de tomar qualquer decisão sobre o futuro. As pratas e os quadros mais valiosos encontraram um lar mais seguro em Londres, mas o grosso das coisas tomou o rumo do campo, e foi confiado à guarda da srta. Avery.

Pouco antes da mudança, nosso herói e nossa heroína se casaram. Haviam resistido à tempestade e podiam muito razoavelmente esperar a bonança. Não alimentar quaisquer ilusões e ainda assim amar — que segurança mais forte pode ter a mulher? Conhecera o passado de seu marido, assim como seu coração. Conhecia seu próprio coração de forma tão completa que pessoas comuns julgam impossível. O coração da sra. Wilcox era o único envolto em mistério, e

talvez seja irracional especular sobre os sentimentos dos mortos. Casaram-se discretamente — muito discretamente, pois à medida que a ocasião se aproximava ela se recusava a passar por outra Oniton. Seu irmão conduziu-a ao noivo, sua tia, que estava mal de saúde, providenciou alguns insípidos comes e bebes. Os Wilcox foram representados por Charles, que serviu de testemunha matrimonial, e pelo sr. Cahill. Paul até enviou um cabograma. Em poucos minutos, e sem a ajuda de música, o reverendo tornou-os marido e mulher, e logo desceu a redoma de vidro que separa gente casada do resto do mundo. Ela, monogâmica, lamentou o fim de alguns dos inocentes odores da vida; ele, de instintos poligâmicos, sentiu-se moralmente abraçado pela mudança, e menos sujeito às tentações que o haviam acometido no passado.

Passaram a lua-de-mel perto de Innsbruck. Henry conhecia um hotel confiável por lá, e Margaret tinha esperanças de encontrar sua irmã. Nesse particular, sofreu uma decepção. À medida que avançaram rumo sul, Helen refugiou-se pelo Brenner, e mandou um insatisfatório cartão-postal das margens do lago Garda, afirmando que seus planos eram incertos e melhor seria se ignorados. Evidentemente, não lhe agradava encontrar Henry. Sem dúvida, dois meses são suficientes para alguém de fora se acostumar com uma situação que a esposa aceitara em dois dias, e Margaret teve mais uma vez de lamentar a falta de autocontrole da irmã. Numa longa carta apontava a necessidade de benevolência em assuntos sexuais: tão pouco se sabe sobre eles; e já é duro o bastante para aqueles pessoalmente atingidos julgar; assim, como deve ser fútil o veredicto da sociedade. “Não digo que não haja um padrão, pois isso destruiria a moralidade; é apenas que não pode existir padrão até que nossos impulsos sejam classificados e mais bem compreendidos.” Helen agradeceu-lhe pela amável carta — uma resposta bastante curiosa. Foi para o sul novamente, e falou de passar o inverno em Nápoles.

O sr. Wilcox não lamentou o fracasso do encontro. Helen dera-lhe tempo para que a pele crescesse sobre a ferida. Ainda havia momentos em que sentia a dor. Se ao menos houvesse sabido que Margaret o esperava — Margaret, tão inteligente e cheia de vida, e ainda assim tão submissa —, teria se mantido mais merecedor dela. Incapaz de agrupar os fatos do passado, confundia o episódio de Jacky com outro episódio que tivera lugar em seus dias de solteiro. Os dois compunham uma única colheita de aveias selvagens, de que se arrependia profundamente, e era incapaz de perceber que essas aveias eram de uma variedade mais escura, enraizada na desonra alheia.[32] A falta de castidade e a infidelidade eram-lhe tão confusas quanto para a Idade Média, sua única mestra

moral. Ruth (a pobre e velha Ruth!) não fazia absolutamente parte de seus cálculos, pois a pobre e velha Ruth jamais o desmascarara.

Sua afeição pela esposa atual crescia a passo firme. O brilho intelectual dela não lhe trazia problemas e, na verdade, gostava de observá-la lendo poesia ou alguma coisa relacionada às questões sociais; isso a distinguia das esposas dos outros homens. Bastava chamá-la, que batia o livro e punha-se a postos para fazer o que desejasse. Depois, discutiam alegremente, e por uma ou duas vezes ela o acuou num canto, mas assim que a coisa ficou realmente séria, transigiu. O homem existe para a guerra, a mulher, para a diversão do guerreiro, mas não o desagrada que ela brinque de lutar. Não pode vencer um combate de verdade, por não ter músculos, só nervos. Nervos podem levá-la a pular do carro em movimento, ou recusar-se a um casamento em grande estilo. O guerreiro pode perfeitamente permitir-lhe um triunfo em ocasiões como essas; elas não movem o imperecível pedestal das coisas que dizem respeito a sua paz.

Margaret sofrera um sério ataque desses mesmos nervos durante a lua-de-mel. Ele lhe contou — casualmente, como de hábito — que alugara a chácara, em Oniton. Ela demonstrou sua irritação e perguntou, um tanto asperamente, por que não fora consultada.

“Não queria incomodá-la”, replicou ele. “Além do mais, só tive notícias de que era certo hoje de manhã.”

“Onde vamos morar?”, disse Margaret, tentando rir. “Eu adorava aquele lugar. Não acredita em ter um lar permanente, Henry?”

Ele lhe assegurou de que o compreendera mal. É a vida caseira que nos distingue do estrangeiro. Mas não acreditava num lar com umidade.

“Isso é novidade para mim. Nunca ouvi falar, até este minuto, que Oniton era úmida.”

“Minha cara garota!” — fez um meneio com a mão. “Você tem olhos? Você tem pele? Como poderia ser outra coisa além de úmida numa situação daquelas? Para começar, o solo da chácara é argiloso, e provavelmente foi construída onde era o fosso do castelo; e depois tem aquele riozinho detestável, fumegando a noite toda como uma chaleira. Sinta as paredes da adega; olhe sob os beirais do telhado. Pergunte a *Sir* James ou qualquer outro. Aqueles vales de Shropshire são notórios. O único lugar possível para uma casa em Shropshire é uma montanha; mas, de minha parte, acho o condado longe demais de Londres, e a paisagem não tem nada de especial.”

Margaret não pôde resistir a dizer “Por que foi para lá, então?”.

“Eu… creio…” Jogou a cabeça para trás e ficou bastante zangado. “Por que

viemos para o Tirol, por falar nisso? A pessoa pode fazer essas perguntas indefinidamente.”

Pode; mas estava apenas ganhando tempo para uma resposta plausível. Lá veio uma, e acreditou nela assim que a proferiu.

“A verdade é que comprei Oniton por causa de Evie. Não diga isso a mais ninguém.”

“Certamente que não.”

“Não gostaria que soubesse que quase me meteu num negócio muito ruim. Mal assinei o contrato, ficou noiva. Pobre garota! Estava tão entusiasmada com tudo aquilo que nem mesmo esperou para fazer perguntas apropriadas sobre a caça. Com medo de que alguém comprasse rápido… é bem do seu sexo. Bom, ninguém saiu ferido. Ela teve seu casamento no campo, enquanto eu me livrei da casa arrumando uns sujeitos que vão começar uma escola preparatória.”

“Onde vamos morar, então, Henry? Gostaria de morar em algum lugar.”

“Ainda não decidi. Que tal Norfolk?”

Margaret ficou em silêncio. O casamento não a salvara da sensação de fluxo. Londres não era senão um aperitivo para esta civilização nômade que está alterando a natureza humana tão profundamente, e lança sobre as relações pessoais uma pressão maior do que jamais suportaram antes. Com o cosmopolitismo, se vier, não receberemos ajuda alguma da terra. Árvores, campos, montanhas serão apenas um espetáculo, e a força coesiva que um dia exerceram sobre o caráter terá de ser confiada apenas ao amor. Que o amor esteja à altura da tarefa!

“Em que mês estamos?”, continuou Henry. “Quase outubro. Vamos nos ajeitar para o inverno em Ducie Street e procurar outra coisa na primavera.”

“Se possível, algo permanente. Já não sou tão nova quanto antes, essas mudanças não me convêm.”

“Mas querida, o que teria preferido: mudanças ou reumatismo?”

“Entendo o que quer dizer”, respondeu Margaret, erguendo-se. “Se Oniton é mesmo úmida, fica impossível, e serve apenas para rapazinhos. Só que na primavera vamos procurar, antes de sair. Evie vai me servir de advertência: não vou apressá-lo. Lembre-se de que tem carta branca dessa vez. Essa mudança sem-fim só pode fazer mal à mobília, e com certeza é dispendiosa.”

“Que mulherzinha mais prática esta! O que anda lendo? Teo… teo… como é?”

“Teosofia.”

Assim, Ducie Street foi seu primeiro destino — um destino bastante

agradável. A casa, sendo apenas um pouco maior do que Wickham Place, serviu de treinamento para a residência imensa que estava prometida para a primavera. Em geral encontravam-se fora, mas dentro do lar a vida fluía com razoável regularidade. Pela manhã Henry saía para trabalhar e — resquício de algum anseio pré-histórico — seu sanduíche era preparado por Margaret pessoalmente. Não dependia do sanduíche para o almoço, mas gostava de tê-lo consigo no caso de sentir fome lá pelas onze. Depois que ele saía, havia a casa para cuidar, os criados para humanizar e inúmeras complicações de Helen para ruminar. Sua consciência pesava um pouco acerca dos Bast; não lamentava o fato de não ter notícias deles. Sem dúvida Leonard era digno de ser ajudado, mas sendo esposa de Henry preferia ajudar alguma outra pessoa. Quanto a espetáculos e sociedades de debate, interessava-se cada vez menos. Começou a "perder" novas tendências e a passar as horas livres relendo coisas ou refletindo, para grande preocupação das amigas de Chelsea. Atribuíam a mudança ao casamento e, talvez, algum instinto profundo de fato a alertasse a não se afastar do marido mais do que o inevitável. Contudo, o principal motivo era ainda mais profundo; estava velha demais para estímulos, e passava das palavras às coisas. Era sem dúvida uma pena não se manter a par de Wedekind ou John,[33] mas o fechamento de algumas portas é inevitável após os trinta, se a própria mente vai se tornar um poder criador.

XXXII

Um dia, na primavera seguinte, examinava as plantas — finalmente haviam decidido morar em Sussex e construir —, quando a sra. Charles Wilcox foi anunciada.

"Já soube da notícia?", exclamou Dolly, assim que entrou na sala. "Charles está tão zang… quer dizer, ele tem certeza de que já sabe, ou melhor, de que não sabe."

"Ora, Dolly!", disse Margaret, dando-lhe um beijo suave. "Que surpresa! Como estão os meninos e o bebê?"

Os meninos e o bebê estavam bem, e descrevendo uma grande discussão que tivera lugar no Hilton Tennis Club, Dolly esqueceu a notícia. Gente inadequada tentara ficar sócia. O reverendo, como representante dos moradores mais antigos, dissera… Charles dissera… o coletor de impostos dissera… Charles se arrependera por não ter dito… e encerrou a descrição com "Mas sorte sua, com quatro quadras à disposição em Midhurst".

"Será maravilhoso", respondeu Margaret.

"Estas são as plantas? Importa-se se der uma olhada?"

"Claro que não."

"Charles nunca viu as plantas."

"Acabam de chegar. Este é o térreo… não, é muito difícil. Tente as fachadas. Teremos inúmeras empenas e um telhado pitoresco."

"Por que têm um cheiro tão gozado?", disse Dolly, após uma rápida inspeção. Era incapaz de compreender plantas ou mapas.

"Acho que é o papel."

"E onde fica o lado de cima disto?"

"Como qualquer lado de cima. Aqui está o telhado e a parte com cheiro mais forte é o céu."

"Bem, deixe pra lá. Margaret… hã… o que eu ia dizer? E Helen, como está?"

"Bem."

"Não vai voltar nunca mais para a Inglaterra? Todo mundo acha incrivelmente esquisito que não volte."

“E é”, disse Margaret, tentando disfarçar a irritação. Estava ficando bastante suscetível quanto a esse assunto. “Helen é terrivelmente esquisita. Já faz oito meses que está longe.”

“Mas não tem um endereço?”

“Uma posta-restante em algum lugar da Bavária é seu endereço. Escreva-lhe alguma coisa. Vou buscar o endereço para você.”

“Não, não se incomode. Já faz oito meses que está viajando, tem certeza?”

“Isso mesmo. Partiu logo depois do casamento de Evie. São oito meses.”

“Logo que o bebê nasceu, então?”

“Isso.”

Dolly suspirou e esquadrinhou invejosamente a sala de visitas. Começava a perder o viço e a boa aparência. Os Charles não estavam bem de vida, pois o sr. Wilcox, tendo criado os filhos com gostos caros, acreditava em deixá-los se virar por si mesmos. No fim, não os tratara com generosidade. Mais um bebê estava por vir, ela contou a Margaret, e teriam de se desfazer do carro. Margaret mostrou simpatia, mas de um jeito formal, e Dolly nem imaginava que a madrasta insistia com o sr. Wilcox para que fosse mais pródigo em sua mesada. Suspirou outra vez e enfim a queixa particular foi lembrada. “Ah, é”, exclamou, “é isto: a senhorita Avery anda abrindo as caixas.”

“Por que está fazendo isso? Não há a menor necessidade!”

“Não me pergunte. Pensei que tivesse mandado.”

“Não mandei coisa alguma. Talvez esteja abrindo para arejar um pouco. Era sua tarefa acender o fogo uma vez ou outra.”

“Foi muito mais do que arejar”, disse Dolly, solene. “O piso parece estar forrado de livros. Charles me mandou vir aqui para descobrir o que fazer, pois tinha certeza de que você não sabia de nada.”

“Livros!”, exclamou Margaret, açulada pela palavra sagrada. “Dolly, está falando sério? Ela andou mexendo em nossos livros?”

“E como! O que era o vestíbulo está coberto deles. Charles tinha certeza de que você sabia de tudo.”

“Estou muito agradecida, Dolly. O que pode ter acontecido à senhorita Avery? Devo ir até lá agora mesmo. Alguns livros pertencem a meu irmão, e são muito valiosos. Ela não tem o menor direito de abrir as caixas.”

“Acho que está meio gagá. Nunca se casou, você sabe. Ah, sei lá, talvez pense que os livros são presentes de casamento para ela. Velhas solteironas fazem essas coisas, às vezes. A senhorita Avery tem um ódio mortal de todos nós desde aquela embrulhada com Evie.”

“Nunca ouvi falar disso”, disse Margaret. Uma visita de Dolly tinha suas compensações.

“Não sabia que deu um presente para Evie em agosto que Evie devolveu?, e daí… ai, papagaio! Você nunca viu uma carta como a que a senhorita Avery escreveu.”

“Mas foi errado da parte de Evie devolver. Não parece coisa dela uma atitude tão insensível.”

“Mas o presente era muito caro.”

“E que diferença isso faz, Dolly?”

“Mesmo assim, quando custa mais do que cinco libras… eu não vi, mas era um lindo pingente esmaltado de uma loja da Bond Street. Não dá pra aceitar uma coisa dessas de uma empregada de fazenda. Vamos, você aceitaria?”

“Você aceitou um presente da senhorita Avery quando se casou.”

“Ah, mas o meu era só um negócio velho de cerâmica… não valia nem meio pêni. O de Evie era completamente diferente. Você podia ter perguntado a qualquer um no casamento quem daria um pingente daquele. Tio Percy, Albert, papai, Charles, todo mundo disse que era impossível, e quando quatro homens concordam, o que uma garota pode fazer? Evie não quis aborrecer a velha, então achou que uma carta em tom de brincadeira seria o melhor, e mandou o pingente de volta à loja para poupar a senhorita Avery de problemas.”

“Mas a senhorita Avery disse…”

Dolly arregalou os olhos. “Foi a carta mais horrível de se ver. Charles disse que era carta de um lunático. No fim, ela foi buscar o pingente outra vez na loja e o jogou na lagoa dos patos.”

“Ela deu algum motivo?”

“A gente acha que queria ter sido convidada, em Oniton… ascender socialmente.”

“Está velha demais para isso”, disse Margaret, pensativa. “Será que não deu o presente para Evie como uma recordação de sua mãe?”

“É uma idéia. A cada um o que lhe é devido, hein? Bom, acho que é hora de ir andando. Vamos embora, Senhor Regalo… quer um casaco novo, mas não sei quem vai dá-lo a você, não senhor”; e conversando tristemente com sua peça de vestuário, Dolly saiu da sala.

Margaret seguiu-a e perguntou se Henry sabia da grosseria da senhorita Avery.

“Ah, sabe.”

“Fico imaginando então por que deixou que eu lhe pedisse para cuidar da

casa.”

“Mas ela é só uma empregada da fazenda”, disse Dolly, e sua explicação provou-se correta. Henry censurava as classes baixas apenas quando lhe convinha. Tolerava a srta. Avery assim como tolerava Crane — porque podia tirar proveito de ambos. “Sou paciente com o homem que sabe qual é seu trabalho”, dizia, na verdade tendo paciência com o trabalho, não com o homem. Por mais paradoxal que isto soe, havia nele alguma coisa do artista: passaria por cima de um insulto à filha mais prontamente do que perderia uma faxineira para a esposa.

Margaret achou melhor resolver o pequeno problema sozinha. Os dois lados estavam evidentemente irritados. Com a permissão de Henry, escreveu um bilhete delicado à srta. Avery, pedindo-lhe que deixasse as caixas intactas. Depois, na primeira oportunidade que surgiu, foi até lá pessoalmente, com a intenção de reempacotar seus pertences e guardá-los de modo apropriado no depósito; o plano fora amadorístico e fracassou. Tibby prometeu acompanhá-la, mas no último minuto implorou para ser liberado. Assim, pela segunda vez em sua vida, ela entrou sozinha na casa.

XXXIII

O dia de sua visita estava esplêndido e seria a última felicidade desanuviada que iria ter em muitos meses. Sua ansiedade pela extraordinária ausência de Helen continuava latente e, no tocante a um possível confronto com a srta. Avery, isso apenas acrescentava mais sabor à expedição. Esquivara-se ainda ao convite de Dolly para o almoço com convidados. Caminhando direto da estação, cruzou o gramado do parque central e tomou a comprida avenida de castanheiros que o ligava à igreja. A própria igreja, antigamente, ficava nos limites da cidade. Mas aí localizada atraía tantos fiéis que o Demônio, num acesso de raiva, arrancou-a dos alicerces e a empoleirou num inconveniente outeiro, três quartos de milha distante. Se a história é verdadeira, a avenida de castanheiros devia ter sido arborizada pelos anjos. Teria sido impossível imaginar um acesso mais tentador para o cristão desinteressado e, ainda que ele achasse o trajeto demasiado longo, o Demônio seria derrotado do mesmo jeito, tendo a Ciência construído a Santíssima Trindade, uma Capela da Comodidade, perto da residência dos Charles, com telhado de folha-de-flandres.

Margaret subia a avenida vagarosamente, parando para observar o céu que brilhava através dos ramos mais altos dos castanheiros ou tocar os pequenos frutos nos ramos mais baixos. Por que a Inglaterra não possui uma grande mitologia? Nosso folclore jamais avançou além da delicadeza encantadora e as maiores melodias sobre nosso mundo rural foram todas sopradas pelas flautas da Grécia. Por mais profunda e autêntica que possa ser a imaginação local, parece ter falhado nisso. Parou nas bruxas e nas fadas. Ela é incapaz de dar vida a uma fração de um campo no verão, ou nomear meia dúzia de estrelas. A Inglaterra continua a aguardar o momento supremo de sua literatura — o grande poeta que lhe dará voz ou, melhor ainda, os milhares de pequenos poetas cujas vozes penetrarão em nosso falar cotidiano.

Na igreja, o cenário mudava. A avenida de castanheiros desembocava numa estrada, lisa porém estreita, que conduzia ao campo imaculado. Seguiu-a por mais de uma milha. Suas pequenas hesitações davam-lhe prazer. Não tendo um destino urgente, a estrada errava colina abaixo ou acima ao bel-prazer, sem se preocupar com as inclinações, tampouco com a vista, que não obstante se

distendia. As grandes herdades que sufocam o sul de Hertfordshire aqui eram menos inoportunas e a aparência da terra não era aristocrática nem suburbana. Defini-la era difícil, porém Margaret sabia o que não era: não era pretensiosa. Embora seus contornos fossem suaves, havia um quê de liberdade em sua vastidão que Surrey jamais alcançará, e a distante crista das Chilterns assomava como uma montanha. “Deixado à própria sorte”, era a opinião de Margaret, “este condado votaria nos liberais.” O companheirismo desapaixonado, que constitui nossa maior dádiva enquanto nação, ali prometia, bem como na pequena moradia de tijolos onde foi apanhar a chave.

Mas o interior da fazenda era decepcionante. Uma jovem das mais atenciosas a recebeu. “Sim, senhora Wilcox; não, senhora Wilcox; oh, sim, senhora Wilcox, titia recebeu sua carta, pontualmente. Titia retirou-se para sua pequena casa, no presente momento. Devo chamar um criado para acompanhá-la?” Seguidos de: “É claro, titia *geralmente* não cuida da casa da senhora; faz isso apenas para obsequiar um vizinho numa situação excepcional. Proporciona-lhe o que fazer. Passa um bocado de seu tempo lá. Meu marido me diz, às vezes, ‘Onde está titia?’, e eu digo: ‘Precisa perguntar? Está em Howards End’. Sim, senhora Wilcox. Senhora Wilcox, poderia persuadi-la a aceitar uma fatia de bolo? Não quer que corte uma para a senhora?”.

Margaret recusou o bolo, mas infelizmente isso lhe granjeou ainda mais amabilidade aos olhos da sobrinha da srta. Avery.

“Não posso permitir que vá desacompanhada. Não, não. De modo algum. Irei com a senhora eu mesma, se for assim. Preciso apanhar meu chapéu. E senhora Wilcox” — com ar maroto —, “não saia daí enquanto vou buscá-lo.”

Atordoada, Margaret não moveu um músculo na sala de entrada, sobre cuja decoração pairava um toque de *art nouveau*. Os demais ambientes pareciam conservar a harmonia, embora transmitindo a tristeza peculiar de um interior de casa rural. Ali habitara uma raça mais antiga, um passado que vemos com desconforto. O campo, que é visitado nos fins de semana, era verdadeiramente o lar dessa raça, e os aspectos mais graves da vida, as mortes, as separações, os anseios de amor encontram sua expressão mais profunda no coração desse mundo campestre. Tudo ia contra a tristeza. O sol brilhava lá fora. O tordo cantava suas duas sílabas nos novelos em botão. Algumas crianças brincavam ruidosamente sobre as medas de palha dourada. Era antes a existência de tristeza que surpreendia Margaret, e que acabou lhe proporcionando um sentimento de completude. Nessas fazendas inglesas, mais do que em qualquer outro lugar, a pessoa pode ver a vida com constância e vê-la em sua totalidade, agrupar numa

única visão sua transitoriedade e eterna juventude, ligar as coisas — ligá-las sem amargura até que todos os homens sejam irmãos. Mas seus pensamentos foram interrompidos pelo regresso da sobrinha da srta. Avery, e foram tão tranqüilizadores que ela sofreu a interrupção com prazer.

Era mais rápido sair pela porta dos fundos e, após as devidas explicações, foi por lá que saíram. A sobrinha estava agora mortificada com as incontáveis galinhas, que pululavam a seus pés por comida, e com uma porca desavergonhada e maternal. Não sabia por que os animais se aproximavam. Mas sua amabilidade murchou assim que entrou em contato com o ar ameno. O vento aumentava, dispersando a palha e agitando as caudas dos patos que flutuavam em famílias acima do pingente de Evie. Um desses deliciosos vendavais primaveris, em que as folhas ainda por abrir parecem sussurrar, soprou sobre a terra e depois silenciou. "*Georgie*", cantou o tordo. "*Cuckoo*", veio furtivo do topo dos pinheiros. "*Georgie, pretty Georgie*", e os outros pássaros aderiram ao coro absurdo. A sebe era uma pintura incompleta a ser finalizada dentro de alguns dias. Quelidônias cresciam sobre a folhagem, aros e prímulas nos vazios recônditos; os roseirais bravos, ainda carregando seus frutos murchos, sinalizavam também com a promessa de flor. A primavera chegara, não em clássico trajada, ainda que a mais bela dentre todas as primaveras; mais bela até do que aquela que caminha através dos mirtos da Toscana, as Graças à sua frente, o Zéfiro atrás de si.[34]

As duas mulheres subiram a vereda cheias de cortesias uma com a outra. Mas Margaret pensava em como era difícil levar mobília a sério num dia como aquele, enquanto a sobrinha pensava em chapéus. Assim ocupadas, chegaram a Howards End. Gritos impertinentes de "Tia!" cortaram o ar. Não houve resposta, e a porta da frente estava trancada.

"Tem certeza de que a senhorita Avery está aí em cima?", perguntou Margaret.

"Ah, claro, senhora Wilcox, absoluta. Vem aqui todo dia."

Margaret tentou espiar através da janela da sala de jantar, mas a cortina estava bem fechada lá dentro. O mesmo se deu com a sala de visitas e o vestíbulo. A aparência daquelas cortinas era familiar, ainda que não tivesse lembrança delas de sua outra visita; sua impressão fora de que o sr. Bryce levara tudo embora. Tentaram os fundos. Ali, mais uma vez, nada de resposta, e não puderam ver coisa alguma; a janela da cozinha estava fechada por uma persiana, enquanto a copa e a área de serviço tinham pedaços de madeira, sinistramente parecidos com ripas de caixotes, apoiados por toda parte. Margaret pensou em

seus livros e também ergueu a voz. Ao primeiro grito foi bem-sucedida.

"Ora, ora!", respondeu alguém dentro da casa. "Se não é a senhora Wilcox, finalmente!"

"Está com a chave, tia?"

"Madge, vá embora", disse a srta. Avery, ainda invisível.

"Tia, é a senhora Wilcox…"

Margaret veio em seu socorro. "Sua sobrinha e eu viemos junto…"

"Madge, vá embora. Não é hora para seu chapéu."

A pobre mulher ficou vermelha. "Titia está ficando cada vez mais excêntrica, ultimamente", disse, nervosa.

"Senhorita Avery!", exclamou Margaret. "Vim aqui por causa da mobília. Poderia fazer a gentileza de me deixar entrar?"

"Claro, senhora Wilcox", disse a voz, "é claro." Mas depois disso, silêncio. Chamaram outra vez sem obter resposta. Deram a volta na casa, desconsoladas.

"Espero que a senhorita Avery não esteja doente", aventou Margaret.

"Bem, se me dá licença", disse Madge, "talvez eu deva deixá-la, agora. Alguém precisa cuidar dos empregados na fazenda. Titia fica esquisita, às vezes." Recolhendo suas gentilezas, retirou-se, derrotada, e, como se sua partida houvesse liberado uma mola, a porta da frente abriu-se de uma vez.

A srta. Avery disse: "Ora, vamos entrando, senhora Wilcox!", com voz muito tranqüila e agradável.

"Muito obrigada", começou Margaret, mas parou diante da visão de um porta-guarda-chuvas. Era o seu.

"Venha ver o vestíbulo, primeiro", disse a srta. Avery. Puxou a cortina, e Margaret soltou uma exclamação de desespero. Pois algo consternador acontecera. O vestíbulo fora decorado com o conteúdo da biblioteca de Wickham Place. O tapete estava no chão, a grande mesa de trabalho colocada junto à janela; as estantes cobriam a parede oposta à lareira, e a espada de seu pai — o fato que particularmente mais a desconcertou — fora tirada da bainha e pendurada nua entre os sóbrios volumes. A srta. Avery devia ter trabalhado por dias.

"Receio que não fosse esta nossa intenção", começou. "O senhor Wilcox e eu não pretendíamos que as caixas fossem abertas. Estes livros, por exemplo, pertencem ao meu irmão. Nós os estamos guardando para ele e minha irmã, que está no exterior. Quando a senhorita gentilmente incumbiu-se de cuidar das coisas, jamais esperamos que chegasse a tanto."

"A casa já ficou vazia bastante tempo", disse a velha senhora.

Margaret recusava-se a discutir. “Decerto não explicamos”, disse, conciliadora. “Foi tudo um engano, e muito provavelmente, de nossa parte.”

“Senhora Wilcox, tem sido engano em cima de engano há cinqüenta anos. A casa pertence à senhora Wilcox, e ela não desejaria que permanecesse vazia por mais tempo.”

A fim de ajudar a pobre mente senil, Margaret disse:

“Isso, a casa da senhora Wilcox, mãe de Charles.”

“Engano em cima de engano”, disse a senhorita Avery. “Engano em cima de engano.”

“Bem, não sei”, disse Margaret, sentando-se em uma de suas próprias cadeiras. “Não sei mesmo o que fazer.” Não conseguiu deixar de rir.

A mulher disse: “É, deveria ser uma casa bastante alegre”.

“Não sei… certamente. Bem, muito obrigada, senhorita Avery. Sim, está tudo bem. É encantador.”

“E tem também a sala de estar.” Passou pela porta do outro lado e puxou uma cortina. A luz inundou a sala de visitas e a mobília da sala de visitas de Wickham Place. “E a sala de jantar.” Mais cortinas puxadas, mais janelas abertas para a primavera. “E por aqui…” A srta. Avery continuava a ir e vir através do vestíbulo. Sua voz se perdeu, mas Margaret ouviu-a abrindo a persiana da cozinha. “Ainda não acabei por aqui”, anunciou, de volta. “Há coisas por fazer. Os rapazes da fazenda vão carregar seus enormes guarda-roupas para o andar de cima, pois não há necessidade de gastar com isso em Hilton.”

“É tudo um engano”, repetiu Margaret, sentindo que devia ser mais enérgica. “Um mal-entendido. O senhor Wilcox e eu não vamos morar em Howards End.”

“Ah, decerto. Devido a sua febre de feno?”

“Decidimos construir uma nova casa para nós em Sussex, e parte desta mobília — a minha parte — irá para lá em breve.” Encarou firme a srta. Avery, tentando entender o que havia de errado em sua cabeça. A mulher não era uma velha caduca. Suas rugas denotavam astúcia e bom humor. Aparentava ser dona de uma inteligência zombeteira, bem como de uma nobreza elevada mas modesta.

“Acha que não voltará para morar aqui, senhora Wilcox, mas irá.”

“Isso é o que vamos ver”, disse Margaret, sorrindo. “No momento, não temos intenção alguma. Acontece que precisamos de uma casa bem maior. As circunstâncias nos obrigam a dar grandes festas. Claro, um dia… a gente nunca sabe, não é mesmo?”

A srta. Avery retrucou: “Um dia! Bah! Bah! Não me fale em um dia. Está morando aqui agora”.

“Estou?”

“Está morando aqui, e já faz dez minutos, se quer saber.”

Era uma observação estapafúrdia, mas Margaret ergueu-se da cadeira com uma estranha sensação de deslealdade. Sentia que Henry fora, de um modo vago, censurado. Entraram na sala de jantar, onde a luz do sol incidia sobre o *chiffonier* de sua mãe, e subiram a escadaria, onde mais de um antigo deus espreitava de um novo nicho. A mobília ajustava-se maravilhosamente bem. No quarto do meio — acima do vestíbulo, o quarto utilizado por Helen, quatro anos antes — a srta. Avery pusera o velho cesto de bebê de Tibby.

“O quarto das crianças”, disse.

Margaret virou-se sem falar nada.

Finalmente tudo foi visto. A cozinha e o corredor continuavam atulhados de mobília e palha, mas, até onde pôde perceber, nada fora quebrado ou arranhado. Uma tocante exibição de engenhosidade! Então saíram para um cordial passeio pelo jardim. O mato dominara desde sua última visita. O trecho de cascalho enchera-se de ervas daninhas e a grama invadira a própria bocarra da garagem. E o jardim ornamental de Evie não passava de um amontoado de calombos. Talvez Evie fosse responsável pela esquisitice da srta. Avery. Mas Margaret suspeitava que a causa fosse mais profunda, e que a estúpida carta da garota não servira senão para liberar a irritação de anos.

“O campo é lindo”, observou ela. Era uma dessas salas de visitas ao ar livre que foram formadas, centenas de anos antes, dos campos menores. De forma que a sebe divisória ziguezagueava descendo o declive em ângulos retos, e no fundo havia um pequeno anexo verde — uma espécie de reservado para as vacas.

“É, um campo bastante bonito”, disse a srta. Avery, “isto é, para quem não sofre de espirros.” E cacarejou maliciosamente. “Eu costumava ver Charles Wilcox ir até meus rapazes na época do feno… ah, têm de fazer isso… não devem fazer aquilo… ensinando-lhes seu trabalho. E daí a coceira começava. Herdou isso do pai, e outras coisas também. Não existe Wilcox capaz de agüentar o campo em junho… Eu morria de rir na época em que cortejou Ruth.”

“Meu irmão também tem febre de feno”, disse Margaret.

“Esta casa é muito no campo, para eles. Naturalmente, ficaram bastante felizes de vir para cá, no começo. Mas melhor Wilcoxes do que nada, como já descobriu por si mesma.”

Margaret riu.

“Fazem o lugar progredir, não é mesmo? É, é bem isso.”

“Fazem a Inglaterra progredir, na minha opinião.”

Mas a srta. Avery irritou-a ao replicar: “Ah, reproduzem-se como coelhos. Ora, ora, o mundo é engraçado. Mas o Senhor o fez, e sabe o que quer sobre ele, é o que acho. Se a senhora Charlie espera o quarto filho, quem somos nós para nos queixar”.

“Reproduzem-se e também trabalham”, disse Margaret, consciente de um leve convite à deslealdade, que ecoava na própria brisa e nos cantos dos pássaros. “Sem dúvida, é um mundo engraçado, mas enquanto for governado por homens como meu marido e seus filhos, acho que nunca será um mundo ruim… nunca ruim de verdade.”

“Não, melhor do que nada”, disse a srta. Avery, e voltou-se para o olmo.

No caminho de volta para a fazenda falou da velha amiga com muito mais clareza do que antes. Na casa, Margaret ficara se perguntando se distinguia inteiramente a primeira esposa da segunda. Então ela disse: “Não vi muito Ruth depois que a avó dela morreu, mas mantivemos a polidez. A família era muito educada. A velha senhora Howard nunca disse uma palavra contra quem quer que fosse, nem deixava ninguém sair sem comer. Nada de ‘Intrusos sujeitos às penas da lei’ nas suas terras, mas, será que não gostaria de entrar? A senhora Howard não foi criada para cuidar de uma fazenda, nunca”.

“Não tinham nenhum homem para ajudar?”, perguntou Margaret.

A srta. Avery respondeu: “As coisas foram indo até não sobrar mais homem nenhum”.

“Até aparecer o senhor Wilcox”, corrigiu Margaret, ansiosa para que seu marido recebesse os devidos créditos.

“Suponho que sim; mas Ruth deveria ter-se casado com um… não quero desrespeitá-la dizendo isto, pois entendo que a senhora se tornaria uma Wilcox de um modo ou de outro, tivesse ela ficado primeiro com ele ou não.”

“Com quem deveria ter-se casado?”

“Com um soldado!”, exclamou a velha senhora. “Um soldado de verdade.”

Margaret ficou em silêncio. Era uma crítica ao caráter de Henry muito mais incisiva do que qualquer outra que ela própria já houvesse feito. Ficou desgostosa.

“Mas isso tudo é passado”, prosseguiu. “Dias melhores virão, embora a senhora tenha me feito esperar bastante. Dentro de algumas semanas, verei seu fogo brilhando através da sebe, ao fim do dia. Já encomendou o carvão?”

“Não viremos para cá”, disse Margaret, com firmeza. Respeitava demais a

srta. Avery para ser indulgente com ela. “Não. Não viremos. Nunca viremos. É tudo um engano. A mobília deve ser reencaixotada imediatamente, sinto muitíssimo, mas vou tomar outras providências, e preciso lhe pedir que me entregue as chaves.”

“Certamente, senhora Wilcox”, disse a srta. Avery, e abdicou de seus deveres com um sorriso.

Aliviada com o desfecho, e tendo mandado seus cumprimentos a Madge, Margaret voltou a pé para a estação. Pretendera ir ao depósito de mobília e ordenar a remoção, mas descobriu que eram mais desorganizados do que imaginava, de modo que decidiu consultar Henry. Ainda bem que o fez. Ele foi seriamente contra empregar a gente local, a quem previamente recomendara, e aconselhou-a a guardar tudo em Londres, afinal.

Mas antes que isso pudesse ser feito, um problema inesperado abateu-se sobre ela.

XXXIV

Não inteiramente inesperado. A saúde de tia Juley estivera ruim por todo o inverno. Sofrera uma longa sucessão de resfriados e tosses e estivera ocupada demais para se livrar deles. Quando muito, prometera à sobrinha “cuidar de verdade deste peito fatigado” quando apanhou uma gripe e desenvolveu pneumonia aguda. Margaret e Tibby foram para Swanage. Telegrafaram para Helen, e o grupo que por fim reuniu-se naquela casa hospitaleira na primavera teve todas as emoções das boas recordações. Num dia perfeito, quando o céu parecia azul cor de porcelana, e as ondas da baía pequena e discreta rebentavam formando as mais delicadas tatuagens na areia, Margaret caminhava apressadamente entre os rododendros, confrontada mais uma vez com a falta de sentido da morte. Uma morte explica-se por si mesma, mas não lança luz alguma sobre outra; os titubeantes questionamentos devem começar outra vez. Sacerdotes ou cientistas podem generalizar, mas nós sabemos que nenhuma generalização é possível em relação àqueles que amamos; nenhum céu os aguarda, tampouco o esquecimento. Tia Juley, incapaz de tragédia, esgueirava-se desta vida emitindo esquisitas risadinhas e desculpas por ter ficado tanto tempo nela. Estava muito fraca; não conseguia erguer-se para a ocasião ou perceber o grande mistério que, todo mundo concorda, devia estar à sua espera; parecia-lhe apenas estar completamente esgotada — mais esgotada do que nunca; que via, ouvia, sentia cada vez menos com o passar do tempo; e que, a menos que algo mudasse, em breve não sentiria mais nada. Devotava as forças que lhe restavam a planejar: por que Margaret não viajava num vapor? A cavala fora preparada ao gosto de Tibby? Preocupava-se com a ausência de Helen, assim como com o fato de que pudesse ser o motivo de sua volta. As enfermeiras pareciam achar essas preocupações bastante naturais, e talvez fosse desse jeito que a maioria lidava com o Grande Portal. Margaret, porém, enxergava a morte despida de todo falso romance; seja lá qual for a idéia da morte que contenha, o processo pode ser trivial e horrendo.

“Importante… Margaret, querida, vá conhecer Lulworth quando Helen vier.”

“Helen não pode se demorar, tia Juley. Telegrafou explicando que virá

apenas o suficiente para vê-la. Tem de voltar para a Alemanha assim que a senhora ficar bem.”

“Que coisa mais estranha, vindo de Helen! O senhor Wilcox…”

“O que foi, tia?”

“Ele pode abrir mão de você?”

Henry quis que ela fosse, e fora muito gentil. Mais uma vez, Margaret o disse.

A sra. Munt não morreu. Completamente independente de sua vontade, um poder mais digno tomou conta de seu ser e deteve sua descida ladeira abaixo. Ela regressou, sem emoção, tão agitada quanto antes. No quarto dia encontrava-se fora de perigo.

“Margaret… importante”, continuou: “Gostaria que arrumasse alguma companhia para suas caminhadas. Tente a senhorita Conder”.

“Já caminhei um pouco com a senhorita Conder.”

“Mas ela não é interessante, de verdade. Se ao menos você tivesse Helen.”

“Tenho Tibby, tia Juley.”

“Não, ele tem que cuidar de seu chinês. Uma companhia de verdade, é disso que precisa. Sério, Helen está estranha.”

“Helen está bastante estranha”, concordou Margaret.

“Não contente em estar lá fora, por que quer voltar tão rápido?”

“Sem dúvida vai mudar de idéia quando nos vir. Não tem o menor equilíbrio.”

Essa era a crítica padrão acerca de Helen, mas a voz de Margaret tremia, quando a fez. A essa altura, sentia-se profundamente aflita com o comportamento da irmã. Talvez seja um desequilíbrio sair correndo da Inglaterra, mas ficar longe oito meses mostra que o coração está tão penso quanto a cabeça. Um leito de enferma podia chamá-la de volta, mas Helen estava surda a apelos mais humanos; após uma breve olhada na tia, iria se retirar para sua vida nebulosa atrás de alguma posta-restante. Mal existia; as cartas haviam se tornado tediosas e esporádicas; não tinha necessidade de nada nem curiosidade alguma. E tudo isso atribuído ao pobre Henry! Henry, havia muito perdoado pela esposa, continuava infame demais para ser cumprimentado pela cunhada. Era mórbido e, para seu alarme, Margaret imaginou poder traçar o crescimento da morbidez na vida de Helen desde quatro anos antes, mais ou menos. A fuga de Oniton; a desequilibrada proteção aos Bast; a angustiada explosão que tivera no alto da colina — tudo ligado a Paul, um garoto insignificante cujos lábios haviam-na beijado por uma fração de segundos.

Margaret e a sra. Wilcox haviam temido que voltassem a se beijar. Tolice: o verdadeiro perigo era a reação. A reação contra os Wilcox corroera sua vida até o limite de sua sanidade. Com vinte e cinco anos, estava obcecada. Que esperança havia para ela quando ficasse velha?

Quanto mais Margaret pensava a respeito, mais alarmada ficava. Por muitos meses pusera o assunto de lado, mas este adquirira proporções grandes demais para ser minimizado, agora. Era quase um indício de loucura. Estariam todas as ações de Helen destinadas a ser governadas por um reles infortúnio, como pode acontecer com qualquer moça ou rapaz? Pode a natureza humana ser construída sobre linhas tão insignificantes? O pequeno encontro atabalhoado em Howards End foi vital. Propagava-se por si mesmo, quando uma relação mais séria teria morrido ali; era mais forte do que a intimidade fraternal, mais forte que a razão, que livros. Em um de seus estados de espírito, Helen confessara que ainda "apreciava" o episódio, em certo sentido. Paul desaparecera, mas a magia de seu gesto terno perdurava. E onde há apreciação do passado, também pode haver reação — propagação nas duas pontas.

Ora, é estranho e triste que nossas mentes possam ser esse solo tão fértil e nós, impotentes para escolher a semente. Mas o homem continua a ser uma criatura estranha e triste, determinado a pilhar a terra, e negligente quanto ao que cresce dentro de si mesmo. Não se pode importuná-lo com a psicologia. Ele deixa isso ao especialista, que é como deixar o jantar para ser comido por uma máquina a vapor. Não se pode importuná-lo para digerir a própria alma. Margaret e Helen haviam sido mais pacientes, e sugerimos que Margaret foi bem-sucedida — na medida em que o sucesso ainda seja possível. Ela de fato entende a si mesma, tem algum controle rudimentar sobre o próprio crescimento. Quanto a Helen, se foi bem-sucedida, é impossível dizer.

No dia em que a sra. Munt se recuperou, chegou a carta de Helen. Fora postada em Munique, e ela estaria em Londres no dia seguinte. Era uma carta inquietante, embora abrisse de forma afetiva e equilibrada.

Queridíssima Meg,

Transmita meu amor a tia Juley. Diga-lhe que a amo e sempre a amei, até onde me lembro. Estarei em Londres na quinta.

Meu endereço ficará aos cuidados de meus investidores. Ainda não me instalei em um hotel, então me escreva ou telegrafe dando-me novos detalhes. Se tia Juley estiver bem melhor ou se, por algum terrível motivo, de nada valer minha ida a Swanage, não deve achar estranho se eu não for. Tenho todo tipo de

planos na cabeça. Estou vivendo no exterior, no momento, e quero regressar o mais rápido possível. Diga-me por favor onde está nossa mobília. Gostaria de pegar um livro ou dois; o resto fica com você.

Perdoe-me, queridíssima Meg. Esta carta pode parecer aborrecida, mas todas as cartas são de sua estimada

Helen

Era uma carta aborrecida, pois tentava Margaret a dizer uma mentira. Se escrevesse que tia Juley continuava sob perigo, a irmã viria. A condição doentia é contagiosa. Não podemos entrar em contato com pessoas que se encontram num estado mórbido sem que nós mesmos nos deterioremos. "Tomar a melhor atitude" podia fazer bem a Helen, mas faria mal a ela própria, e, arriscando-se a um desastre, manteve a bandeira tremulando por mais algum tempo. Respondeu que a tia estava muito melhor e aguardava progressos.

Tibby aprovou sua resposta. Amadurecendo rápido, era uma companhia mais agradável do que antes. Oxford fizera muito por ele. Perdera a rabugice e conseguia esconder a indiferença pelas pessoas e o interesse por comida. Mas não se tornara mais humano. O período entre os dezoito e os vinte e dois anos, tão mágico para a maioria, conduzia-o suavemente da infância à meia-idade. Jamais conhecera a juventude viril, aquela qualidade que aquece o coração até a morte, e proporciona ao sr. Wilcox um charme imperecível. Era frio — não por culpa sua, e sem crueldade. Achava que Helen estava errada e Margaret, certa, mas o problema familiar era para ele o que uma cena desenrolada num palco é para a maioria das pessoas. Tinha uma única sugestão a fazer, e foi característica.

"Por que não conta ao senhor Wilcox?"

"Sobre Helen?"

"Talvez já tenha passado por esse tipo de coisa."

"Ele faria tudo que estivesse ao seu alcance, mas…"

"Ah, você é quem sabe. Mas ele é prático."

Era a crença do estudante nos especialistas. Margaret apresentou uma ou duas objeções. Logo depois, chegou a resposta de Helen. Enviou um telegrama pedindo o endereço de onde estava a mobília, pois agora voltaria imediatamente. Margaret respondeu: "Com certeza, não; encontre-me no banco às quatro". Ela e Tibby foram para Londres. Helen não estava no banco, e recusaram-se a fornecer seu endereço. Helen mergulhara no caos.

Margaret enlaçou o braço em torno do irmão. Era tudo que lhe restara, e nunca havia lhe parecido mais insubstancial.

“Tibby, meu amor, e agora?”

Ele respondeu: “É incrível!”.

“Querido, seu discernimento geralmente é mais claro que o meu. Faz alguma idéia do que está por trás disso?”

“Nenhuma, a menos que seja algum problema mental.”

“Ai… isso!”, disse Margaret. “É totalmente impossível.” Mas a sugestão fora feita e em poucos minutos ela a abraçou. Era a única explicação. E Londres concordava com Tibby. A máscara da cidade caiu, e ela a viu pelo que realmente era — uma caricatura do infinito. As barreiras familiares, as ruas ao longo das quais se movia, as casas por entre as quais dava suas pequenas caminhadas por tantos anos tornaram-se subitamente insignificantes. Helen parecia una com as árvores fuliginosas, o tráfego, as placas de lama que proliferavam aos poucos. Concretizara um horrendo ato de renúncia e regressava ao Uno. A fé da própria Margaret seguia firme. Sabia que a alma humana se fundirá, se é que isso vai ocorrer um dia, com as estrelas e o mar. Contudo, sentia que a irmã andara errando por muitos anos. Era emblemático que a catástrofe adviesse agora, num entardecer londrino, quando a chuva caía vagarosamente.

Henry era a única esperança. Henry era objetivo. Podia conhecer algumas trilhas em meio ao caos que a eles eram vedadas, e decidiu acatar o conselho de Tibby e entregar o caso todo em suas mãos. Tinham de ir a seu escritório. Ele não poderia tornar as coisas ainda piores. Foi por alguns momentos à St. Paul, cujo domo projeta-se tão bravamente acima do tumulto, como que pregando o evangelho da forma. Porém, o interior da St. Paul é como suas redondezas — ecos e sussurros, canções inaudíveis, mosaicos invisíveis, pegadas úmidas indo e vindo pelo piso. *Si monumentum requiris, circumspice*: ela nos aponta de volta a Londres.[35] Nenhuma esperança de Helen, aqui.

Henry foi pouco satisfatório, no início. Por isso, ela já esperava. Rejubilava-se com seu regresso de Swanage e admitia lentamente o surgimento de um novo problema. Quando lhe contaram acerca de sua procura, simplesmente zombou de Tibby e da família Schlegel, de modo geral, declarando que “era bem de Helen” tirar os parentes para dançar.

“Isso é o que todos nós dizemos”, respondeu Margaret. “Mas por que *tinha* de ser bem de Helen? Por que justamente ela tinha de ser tão estranha, e ficar cada vez mais estranha?”

“Não me pergunte. Sou apenas um homem de negócios. Vivo e deixo viver. Meu conselho a vocês dois é: não se preocupem. Margaret, voltou com marcas escuras sob os olhos mais uma vez. Sabe que isto é estritamente proibido.

Primeiro sua tia… agora sua irmã. Não, não vamos aturar isto. Vamos, Theobald?" Tocou a sineta. "Vou pedir um pouco de chá, depois quero que vá direto para Ducie Street. Não posso admitir que minha garota pareça tão velha quanto seu marido."

"Seja como for, ainda não entendeu aonde queremos chegar", disse Tibby.

O sr. Wilcox, que estava de bom humor, retorquiu: "Acho que nunca entendi". Reclinou-se na cadeira, rindo da família dotada mas ridícula, com o fogo bruxuleando sobre o mapa da África. Margaret fez um gesto ao irmão para que prosseguisse. Um tanto hesitante, ele obedeceu.

"O que Margaret quer dizer é o seguinte", disse. "Nossa irmã pode estar louca."

Charles, que trabalhava na sala contígua, virou-se.

"Entre, Charles", disse Margaret, gentil. "Será que pode nos ajudar? Estamos com problemas, mais uma vez."

"Receio que não. Quais são os fatos? Somos todos mais ou menos loucos, nos dias de hoje, sabe?"

"Os fatos são estes", respondeu Tibby, que às vezes demonstrava uma lucidez acadêmica. "O fato é que permaneceu na Inglaterra por três dias e não foi nos visitar. Proibiu seus investidores de nos dar seu endereço. Recusa-se a responder nossas perguntas. Margaret julga suas cartas insípidas. Há outros fatos, mas esses são os mais relevantes."

"Nunca se comportou assim antes, então?", perguntou Henry.

"Claro que não!", disse sua esposa, carrancuda.

"Ora, querida, como eu poderia saber?"

Foi tomada por um absurdo acesso de irritação. "Sabe muito bem que Helen nunca atentou contra a afeição", disse. "Sem dúvida, deve ter notado ao menos isso, nela."

"Ah, claro; ela e eu sempre nos demos muito bem."

"Não, Henry… não percebe?… não estou falando disso."

Recobrou-se, mas não antes que Charles a houvesse observado. Estúpido e atento, ele acompanhava a cena.

"O que estou querendo dizer é que, quando se comportava de forma excêntrica, no passado, podia-se atribuir isso ao coração. Seu comportamento estranho era devido à preocupação com alguém, à tentativa de ajudar. Não existem justificativas para ela agora. Vem nos causando uma profunda aflição, e por isso tenho certeza de que não está bem. 'Louca' é uma palavra terrível demais, mas não está bem. Nunca vou acreditar que enlouqueceu. Eu não

discutiria minha irmã com você se achasse que estava bem… incomodá-lo por causa dela, quero dizer."

Henry assumia um ar cada vez mais sério. Saúde ruim era-lhe algo perfeitamente objetivo. Estando ele próprio bem na maior parte do tempo, não conseguia perceber que afundamos nela por lentas gradações. O doente não tinha direito algum; estava fora da sociedade; podia-se mentir para ele sem remorso. Quando sua primeira esposa ficou doente, prometera levá-la para Hertfordshire, mas nesse meio tempo, em vez disso, arranjou-lhe uma clínica de repouso. Helen, também, estava doente. E o plano que esboçou para sua captura, por mais astuto e bem-intencionado que pudesse ser, tinha a ética de uma alcatéia.

"Quer tomar conta dela?", disse. "Esse é o problema, não é? Precisa ver um médico."

"Pelo que sei, pode muito bem já ter visto um."

"Sei, sei; não interrompa." Ficou de pé e exibiu um ar compenetrado. O anfitrião amigável e hesitante desapareceu, e em seu lugar eles viam o homem que ganhara dinheiro retalhando Grécia e África e adquirira florestas dos nativos em troca de algumas garrafas de gim. "Já sei", disse, finalmente. "É muito fácil. Deixem comigo. Vamos mandá-la a Howards End."

"Como pretende fazer tal coisa?"

"Atrás de seus livros. Diga-lhe que terá de desencaixotá-los pessoalmente. Então podem encontrar-se com ela."

"Mas, Henry, é precisamente isso que não me deixará fazer. É parte dela… seja lá o que for… nunca me encontrar."

"Claro que você não vai dizer que está a caminho. Quando estiver lá, vendo as caixas, simplesmente entre. Se não houver nada de errado com ela, tanto melhor. Mas o carro estará bem na esquina, e podemos levá-la a um especialista em dois tempos."

Margaret balançou a cabeça. "É impossível."

"Por quê?"

"Não me parece impossível", disse Tibby, "é certamente um plano que vem bem a calhar."

"É impossível, porque…" Olhou para o marido com tristeza. "Não é a linguagem particular em que Helen e eu conversamos, se entende o que quero dizer. Seria esplêndido com outra pessoa, alguém a quem eu não censure."

"Mas Helen não quer conversa", disse Tibby. "É toda a nossa dificuldade. Não vai conversar na sua linguagem particular, e por causa disso acha que está doente."

“Não, Henry; é muito gentil de sua parte, mas não posso.”

“Entendo”, disse ele, “você tem escrúpulos.”

“Acho que sim.”

“E antes de ir contra eles, prefere ver sua irmã sofrer. Bastava uma palavra sua para ter feito com que fosse até Swanage, mas teve escrúpulos. Não há nada de errado com os escrúpulos. Sou tão escrupuloso quanto qualquer outro homem neste mundo, espero; mas num caso como este, quando é uma questão de loucura…”

“Não digo que seja loucura.”

“Acabou de dizê-lo agora mesmo…”

“É loucura quando eu digo, mas não quando você diz.”

Henry deu de ombros. “Margaret! Margaret!”, gemeu. “Não há educação capaz de ensinar lógica a uma mulher. Vamos, querida, meu tempo é valioso. Quer que eu ajude ou não?”

“Não desse jeito.”

“Responda à minha pergunta. Pergunta simples, resposta simples. Quer…”

Charles surpreendeu a todos interrompendo. “Papai, nós podemos muito bem deixar Howards End fora disso”, disse.

“Por que, Charles?”

Charles não tinha explicações; mas Margaret sentiu como se, vencendo tremendas distâncias, uma saudação houvesse sido trocada entre eles.

“A casa está de pernas para o ar”, disse, secamente. “Não queremos mais bagunça.”

“Nós, quem?”, perguntou seu pai. “Vamos, meu rapaz, diga: nós, quem?”

“Por favor, me desculpe”, disse Charles. “Acho que estou sempre me intrometendo.”

A essa altura Margaret desejava jamais ter mencionado o problema ao marido. Escapar era impossível. Ele estava determinado a levar o assunto a uma conclusão satisfatória e Helen ia sumindo à medida que falava. Seus cabelos belos e esvoaçantes, seus olhos expectantes, nada contava, pois estava doente, sem direitos, e qualquer um de seus amigos podia caçá-la. Com a alma aflita, Margaret juntou-se à caçada. Escreveu uma carta mentirosa para a irmã, ditada pelo marido; disse que a mobília estava toda em Howards End, mas poderia ser vista na segunda-feira seguinte, às três da tarde, quando a faxineira estivesse trabalhando. Era uma carta fria, tanto mais plausível por isso. Helen a julgaria ofendida. E na segunda seguinte, ela e Henry iriam almoçar com Dolly, para então armar a tocaia no jardim.

Depois que saíram, o sr. Wilcox disse ao filho: “Não posso admitir esse tipo de comportamento, meu rapaz. Margaret tem um coração bom demais para se importar, mas eu me importo em seu lugar”.

Charles não respondeu.

“Há algo de errado com você hoje, Charles?”

“Não, papai; mas o senhor pode estar se metendo num problema maior do que imagina.”

“Como?”

“Não me pergunte.”

XXXV

Fala-se nos humores da primavera, mas os dias que são seus filhos autênticos têm um único humor: são cheios de ventos, ora fortes, ora fracos, e do canto de pássaros. Novas flores podem brotar, o bordado verde das sebes amplia-se, mas o mesmo céu paira acima de nossas cabeças, suave, espesso e azul, os mesmos vultos, visíveis e invisíveis, vagueiam através dos bosques recém-podados e do campo. A manhã que Margaret havia passado com a srta. Avery, e a tarde que escolheu para a cilada de Helen, eram os pratos de uma mesma balança. O tempo podia jamais ter se movido, a chuva, jamais caído, e só o homem, com seus projetos e sofrimentos, perturbava a natureza até que a visse através de um véu de lágrimas.

Ela não protestou mais. Certo ou errado, Henry fora muito atencioso, e não conhecia nenhum outro padrão pelo qual julgá-lo. Precisava ter absoluta confiança nele. Assim que se resolvia a cuidar de uma situação, sua obtusidade desaparecia. Tirava proveito dos mais leves indícios e a captura de Helen prometia se desenrolar tão habilmente quanto o casamento de Evie.

Foram de manhã, como planejado, e ele descobriu que sua vítima estava na verdade em Hilton. Ao chegar, visitou todas as locadoras de coches da cidade e manteve uma conversa séria por alguns minutos com os proprietários. O que disse, Margaret não sabia — provavelmente, não a verdade; mas depois do almoço veio a notícia de que uma dama chegara no trem de Londres e alugara um cabriolé para Howards End.

“Estava determinada a ir”, disse Henry. “Lá estão seus livros.”

“Não posso levar isso até o fim”, disse Margaret, pela centésima vez.

“Termine seu café, querida. Temos de ir.”

“É, Margaret, sabe que precisa comer bem”, disse Dolly.

Margaret tentou, mas de repente levou as mãos aos olhos. Dolly lançou olhares ao sogro, que não respondeu. No silêncio, o carro aproximou-se da porta.

“Não está preparada para isto”, disse, preocupado. “Deixe-me ir sozinho. Sei exatamente o que fazer.”

“Ah, estou preparada, sim”, disse Margaret, descobrindo o rosto. “Apenas terrivelmente aflita. Não consigo achar que Helen esteja mesmo viva. Suas

cartas e telegramas parecem ter vindo de outra pessoa. Não era sua voz, ali. Não acredito que seu motorista realmente a tenha visto na estação. Gostaria de jamais ter mencionado isso tudo. Sei que Charles está aborrecido. É, está…" Pegou a mão de Dolly e a beijou. "Oh, Dolly, me perdoe. Isso. Agora, vamos sair."

Henry estivera observando-a de perto. Não gostou daquela crise de nervos.

"Não quer se arrumar?", perguntou.

"Temos tempo?"

"Bastante."

Foi ao lavabo junto à porta da entrada e, assim que ouviu o barulho do trinco, o sr. Wilcox disse, em voz baixa:

"Dolly, vou sem ela."

Os olhos de Dolly brilharam de excitação vulgar. Seguiu seus passos cuidadosos até o carro.

"Diga-lhe que achei ser o melhor."

"Claro, senhor Wilcox, entendi."

"Diga o que bem entender. Tudo bem."

O carro deu partida normalmente e, fosse a sorte como de costume, teria seguido adiante. Mas o Fofinho da Mamãe, que brincava no jardim, escolheu aquele momento para se sentar no meio do caminho. Crane, ao tentar se desviar dele, passou com uma roda sobre um canteiro de alelis. Dolly gritou. Margaret, ao ouvir o barulho, correu para fora, sem o chapéu, e chegou a tempo de pular no estribo. Não disse uma palavra: ele apenas a tratava como ela tratara Helen, e a raiva contra sua desonestidade apenas ajudou a indicar o que Helen sentiria contra ambos. Pensou: "Eu mereço; estou sendo punida por arriar minha bandeira". E aceitou suas desculpas com uma calma que o deixou pasmo.

"Ainda acho que não está preparada para isso", continuou a dizer.

"Talvez não, quando fazíamos a refeição. Mas a coisa toda ficou bem clara para mim, agora."

"Quis dizer, para o que der e vier."

"Apenas faça-me a gentileza de emprestar seu lenço, por favor. Este vento acaba com qualquer penteado."

"Claro, querida. Sente-se melhor, agora?"

"Veja! Minhas mãos pararam de tremer."

"E já me perdoou inteiramente? Então escute. O cabriolé dela já deve ter chegado a Howards End. (Estamos um pouco atrasados, mas não faz mal.) Nossa primeira ação será mandá-la descer para esperar na fazenda, uma vez que, se possível, ninguém quer uma cena diante dos criados. Um certo cavalheiro" —

apontou as costas de Crane — “não vai entrar no terreno, mas esperar bem perto do portão de entrada, atrás dos loureiros. Ainda tem as chaves da casa?”

“Tenho.”

“Bem, não vai precisar. Lembra-se de como é a casa?”

“Lembro.”

“Se não a encontrarmos no alpendre, podemos dar a volta no jardim. Nosso objetivo…”

Nesse momento, pararam para apanhar o médico.

“Eu ia dizendo para minha esposa, Mansbridge, que nosso principal objetivo é não assustar a senhorita Schlegel. A casa, como sabe, é minha propriedade, de modo que é perfeitamente natural que apareçamos por lá. O problema é evidentemente nervoso… não diria isso, Margaret?”

O médico, um homem muito jovem, começou a fazer perguntas sobre Helen. Era normal? Havia alguma coisa congênita ou hereditária? Havia ocorrido alguma coisa que provavelmente a alienara de sua família?

“Nada”, respondeu Margaret, imaginando o que teria acontecido se houvesse acrescentado: “Embora se ressinta do comportamento imoral de meu marido”.

“Ela sempre foi hipersensível”, prosseguiu Henry, reclinando-se no carro quando este passava velozmente pela igreja. “Uma tendência para o espiritualismo e esse tipo de coisa, embora nada sério. Gosto por literatura, música, artes, mas diria que normal… uma garota bastante encantadora.”

A raiva e o terror de Margaret cresciam a cada momento. Como aqueles homens ousavam rotular sua irmã! Que horrores ainda estavam por vir! Que impertinências ocultam-se sob o nome de ciência! A matilha preparava o ataque sobre Helen, para negar seus direitos humanos, e parecia a Margaret que todos os Schlegel estavam sob ameaça junto com ela. Eram normais? Que pergunta! E são sempre aqueles que não sabem nada acerca da natureza humana, que acham a psicologia enfadonha e a fisiologia chocante, que a fazem. Por mais digno de piedade que pudesse ser o estado da irmã, ela sabia que tinha de ficar do seu lado. Iriam ser loucas juntas, se o mundo resolvesse considerá-las assim.

Eram três e cinco, agora. O carro diminuiu a marcha ao se aproximar da fazenda, no terreiro onde estava a srta. Avery. Henry perguntou se um cabriolé passara por lá. Ela fez que sim com a cabeça e no instante seguinte avistaram o veículo, no fim da estrada. O carro deslizou silenciosamente como uma fera à espreita. Tão inexistente era a suspeita de Helen, que estava sentada no alpendre, de costas para a estrada. Sim, viera. Apenas sua cabeça e os ombros estavam à

vista. Sentava-se emoldurada pela hera e com uma das mãos brincava com os botões. O vento soprava seu cabelo, o sol o glorificava; era a mesma de sempre.

Margaret estava sentada perto da porta. Antes que o marido pudesse impedi-la, pulou do carro. Correu até o portão do jardim, que estava fechado, atravessou-o e, deliberadamente, empurrou-o na cara dele. O barulho alarmou Helen. Margaret viu que se erguia com um movimento pouco familiar e, correndo até o alpendre, recebeu a explicação mais simples para todos os seus temores — a irmã esperava uma criança.

"Tudo bem com a fujona?", gritou Henry.

Teve tempo de sussurrar: "Ai, minha querida…". As chaves da casa estavam em sua mão. Destrancou Howards End e empurrou a irmã para dentro. "Sim, tudo bem", disse, e ficou de costas para a porta.

XXXVI

“Margaret, você parece fora de si!”, disse Henry.

Mansbridge o seguira. Crane ficou junto ao portão e o condutor do cabriolé permanecia na baia. Margaret mexeu a cabeça em direção a eles; não conseguia mais falar. Continuava segurando as chaves com força, como se todo seu futuro dependesse delas. Henry fazia mais perguntas. Balançou a cabeça outra vez. Suas palavras não faziam sentido. Ouviu-o perguntar por que deixara Helen entrar. “Podia ter me nocauteado com o portão”, foi outro de seus comentários. No instante seguinte, ouviu sua própria voz falando. Ela, ou alguém em seu lugar, disse: “Vá embora”. Henry aproximou-se. Repetiu: “Margaret, você parece fora de si outra vez. Querida, me dê as chaves. O que está fazendo com Helen?”.

“Ai, querido, por favor, vá embora, eu cuido de tudo.”

“Cuidar do quê?”

Estendeu a mão, pedindo as chaves. Ela o teria obedecido, não fosse pelo médico.

“Pare com aquilo, pelo menos”, disse, em tom de lamúria; o médico dera meia-volta e estava fazendo perguntas ao condutor do cabriolé de Helen. Um novo sentimento a invadiu: lutava a favor das mulheres e contra os homens. Não se importava com direitos, mas se os homens queriam entrar em Howards End, só sobre seu cadáver.

“Vamos, que jeito estranho de começar”, disse o marido.

O médico se adiantou, então, e sussurrou algumas palavras ao sr. Wilcox — o escândalo se espalhara. Sinceramente horrorizado, Henry permaneceu fitando o chão.

“Não posso fazer nada”, disse Margaret. “Esperem. Não é minha culpa. Por favor, todos os quatro, fiquem longe, agora.”

O condutor do cabriolé sussurrava para Crane.

“Confiamos em que nos ajude, senhora Wilcox”, disse o jovem médico. “Poderia entrar e persuadir sua irmã a sair?”

“Por que motivo?”, disse Margaret, subitamente encarando-o direto nos olhos.

Julgando ser profissional tergiversar, murmurou algo acerca de um colapso nervoso.

“Perdão, mas não é nada do tipo. Não está qualificado a assistir minha irmã, senhor Mansbridge. Se precisarmos de seus serviços, nós o informaremos.”

“Posso diagnosticar o caso mais objetivamente, se quiser”, replicou.

“Poderia, mas não o fez. Logo, não está qualificado a assistir minha irmã.”

“Vamos, vamos, Margaret!”, disse Henry, sem erguer os olhos em nenhum momento. “A situação é horrível, horrível. São ordens médicas. Abra a porta.”

“Perdão, mas não vou abrir.”

“Não concordo com isto.”

Margaret ficou em silêncio.

“Esta situação já foi longe demais”, contribuiu o médico. “Seria melhor se todos trabalhássemos juntos. Precisa de nós, senhora Wilcox, e nós, da senhora.”

“Exatamente”, disse Henry.

“Não preciso nem um pouco dos dois”, disse Margaret.

Os homens se entreolharam, angustiados.

“Muito menos minha irmã, que ainda está a muitas semanas de parir.”

“Margaret, Margaret.”

“Bem, Henry, dispense seu médico. De que nos serviria ele, agora?”

O sr. Wilcox dirigiu o olhar para o telhado da casa. Tinha a vaga sensação de que devia manter-se firme e apoiar o médico. Ele próprio necessitava de apoio, pois havia problemas à frente.

“Tudo depende de afeto, agora”, disse Margaret. “Afeto. Não percebem?” Retomando seus métodos habituais, escreveu a palavra na casa com o dedo. “Com certeza entendem. Gosto muito de Helen, você, nem tanto. O senhor Mansbridge não a conhece. É só isso. E a afeição, quando é recíproca, dá o direito. Anote tudo isto aí no seu caderninho, senhor Mansbridge. É uma fórmula útil.”

Henry pediu-lhe que se acalmasse.

“Nem os dois sabem o que querem”, disse Margaret, cruzando os braços. “Se fizerem um comentário sensato, deixarei que entrem. Mas não podem fazer. Iriam perturbar minha irmã sem razão alguma. Não vou permitir. Antes disso, passo o dia inteiro aqui.”

“Mansbridge”, disse Henry, com a voz baixa, “quem sabe não agora.”

A matilha começou a se dispersar. A um sinal de seu mestre, Crane também voltou para o carro.

“Agora, Henry, você”, disse, delicadamente. Em nenhum momento sua

amargura fora dirigida contra ele. “Pode ir, querido. Vou precisar de seus conselhos mais tarde, sem dúvida. Perdoe-me se fui rude. Mas é sério, precisa ir.”

Era estúpido demais para deixá-la. Agora foi a vez do sr. Mansbridge chamá-lo em voz baixa.

“Irei encontrá-lo logo, na casa de Dolly”, exclamou, assim que o clangor do portão finalmente os separou. O condutor saiu do caminho, o carro deu ré, foi manobrado um pouco, deu ré outra vez e embicou na estradinha estreita. Uma fila de carroças da fazenda surgiu no meio; mas ela esperou até o fim, pois não havia pressa. Quando tudo terminou e o carro partiu, abriu a porta. “Ah, minha querida!”, disse. “Minha querida, me perdoe.” Helen estava ali, no meio do vestíbulo.

XXXVII

Margaret trancou a porta por dentro. Depois teria beijado a irmã, mas Helen, com uma voz digna, algo estranho partindo dela, disse:

“Conveniente! Não me contou que os livros estariam desencaixotados. Já achei quase tudo que queria.”

“Nada do que eu disse era verdade.”

“Foi uma grande surpresa, sem dúvida. Tia Juley andou doente?”

“Helen, não acha que eu ia inventar uma coisa dessas!”

“Acho que não”, disse Helen, virando-se e chorando um pouco. “Mas a gente perde a fé em tudo, depois disso.”

“Achávamos que fosse alguma enfermidade, mas mesmo assim… não me comportei dignamente.”

Helen escolheu outro livro.

“Não devia ter consultado ninguém. O que papai teria pensado de mim?”

Ela não pensava em questionar sua irmã, tampouco em censurá-la. As duas coisas podiam ser necessárias no futuro, mas primeiro tinha de purgar um crime maior do que qualquer outro que Helen pudesse haver cometido — aquela desconfiança que é obra do demônio.

“Certo, estou aborrecida”, replicou Helen. “Meus desejos deveriam ter sido respeitados. Eu teria vindo a este encontro, se necessário, mas depois que tia Juley se recuperou, já não era mais. Planejando minha vida, como agora tenho de fazer…”

“Largue estes livros”, exclamou Margaret. “Helen, converse direito comigo.”

“Só estava dizendo que parei de viver para cima e para baixo. Não se pode passar por um monte de…” — a palavra lhe faltou — “sem planejar as ações de antemão. O bebê vai nascer em junho e, para começar, conversas, discussões, nervosismo não são bons para mim. Vou enfrentar isso, se for necessário, mas só neste caso. Em segundo lugar, não tenho direito de incomodar as pessoas. Não há lugar para mim na Inglaterra que conheço. Fiz algo que o inglês nunca perdoa. Não lhes pareceria correto perdoar. Assim, tenho de ir morar onde ninguém me conheça.”

“Mas por que não me disse, querida?”

“Certo”, reconheceu Helen. “Eu deveria, mas decidi esperar.”

“Creio que não iria me contar nunca.”

“Ah, sim, contaria. Alugamos um apartamento em Munique.”

Margaret lançou um olhar através da janela.

“Com ‘alugamos’ quero dizer Monica e eu. A não ser por ela, estou, estive e sempre quero estar sozinha.”

“Nunca ouvi falar dela.”

“Nem teria como. É italiana… de nascimento, pelo menos. Ganha a vida com o jornalismo. Conheci-a em Garda. Monica é a pessoa que me entende melhor.”

“Então gosta muito dela, hein?”

“Tem sido extraordinariamente sensível comigo.”

Margaret adivinhou o tipo — “*italiano inglesiato*”, como costumavam chamar: a feminista grosseira do sul, a ser respeitada, mas evitada. E Helen se voltara para ela, na hora da necessidade!

“Não deve achar que nunca nos veremos”, disse Helen, com uma delicadeza calculada. “Sempre terei um quarto à sua espera quando você tiver tempo, e quanto mais tempo ficar comigo, melhor. Mas ainda não compreendeu, Meg, e com certeza é muito difícil, no seu caso. É um choque para você. Não para mim, que tenho pensado em nosso futuro por muitos meses, e não vai ser um pequeno contratempo como este que vai mudá-lo. Não posso morar na Inglaterra.”

“Helen, ainda não perdoou minha deslealdade. Não *poderia* falar assim, se tivesse.”

“Ai, Meg, querida, por que conversar, afinal?” Deixou cair um livro e suspirou, cansada. Então, recompondo-se, disse: “Me conte como todos os livros vieram parar aqui”.

“Uma série de enganos.”

“E um bocado de mobília foi desencaixotada.”

“Toda ela.”

“Quem mora aqui, então?”

“Ninguém.”

“Então presumo que a esteja alugando.”

“A casa está morta”, disse Margaret, com desagrado. “Por que se preocupar com isto?”

“Mas estou interessada. Fala como se eu houvesse perdido todo o interesse na vida. Ainda sou Helen, espero. Mas não parece nem um pouco morta. O

vestíbulo parece ainda mais cheio de vida do que no passado, quando estava com as coisas dos Wilcox.”

“Interessada, você? Muito bem, acho que tenho de lhe contar. Meu marido a emprestou sob a condição de que… mas por engano todas as nossas coisas foram desencaixotadas, e a senhorita Avery, em vez de…” Parou. “Olhe, não dá para continuar assim. Estou avisando, não vou. Helen, por que tem de ser tão terrivelmente, sem consideração comigo, só porque odeia Henry?”

“Não o odeio mais”, disse Helen. “Parei com essa coisa de colegial, e Meg, mais uma vez, não estou sendo sem consideração. Mas quanto a isso de me adequar a sua vida inglesa… não, tire isso da cabeça de uma vez por todas. Imagine eu visitando Ducie Street! É impensável.”

Margaret não pôde contradizê-la. Era assustador vê-la tranqüilamente levando adiante seus planos, sem amargura ou nervosismo, tampouco alegando inocência ou confessando culpa, apenas desejando a liberdade e a companhia de quem não a censuraria. Passara por… pelo quê? Margaret não sabia. Mas foi o bastante para afastá-la de antigos hábitos, bem como de antigas amizades.

“Fale-me sobre você”, disse Helen, que escolhera seus livros, e se detinha examinando a mobília.

“Não há nada para contar.”

“Mas seu casamento tem sido feliz, Meg?”

“Sim, mas não estou com vontade de falar.”

“Sente-se como eu me sinto.”

“Não, mas não posso falar.”

“Não mais do que eu posso. É um aborrecimento, mas de que adianta tentar.”

Algo se interpusera entre as duas. Talvez a sociedade, que dali em diante excluiria Helen. Talvez fosse uma terceira vida, já tão poderosa quanto um espírito. Não eram capazes de achar um ponto em comum. Ambas sofriam profundamente e não encontravam conforto em saber que a afeição persistia.

“Olhe, Meg, a barra está limpa?”

“Quer dizer que pretende ficar longe de mim?”

“Acho que sim… irmãzona querida! De que adianta? Sei que não teríamos nada para dizer. Transmita meu afeto a tia Juley e Tibby, e quanto a você, é mais do que posso expressar. Prometa que irá me visitar em Munique depois.”

“É claro, minha querida.”

“Pois isto é tudo que podemos fazer.”

Assim parecia. O mais revoltante de tudo era o bom senso de Helen: Monica

fizera-lhe um bem extraordinário.

"Fiquei feliz de ver você e nossas coisas." Lançou um olhar amoroso à estante, como que dizendo adeus ao passado.

Margaret destrancou a porta. Observou: "O carro já foi, seu cabriolé está ali".

Conduziu-a até ele, fitando as folhas e o céu. A primavera nunca parecera tão linda. O condutor, inclinado sobre o portão, disse, "Com licença, senhora, uma mensagem", e estendeu-lhe o cartão de visita de Henry através das barras.

"Como isto veio parar aqui?", ela perguntou.

Crane havia voltado com ele quase que imediatamente.

Leu o cartão com irritação. Estava coberto de instruções num francês doméstico. Depois que ela e sua irmã tivessem conversado, deveria voltar para passar a noite na casa de Dolly. "*Il faut dormir sur ce sujet*." Ao passo que Helen deveria encontrar "*un confortable chambre à l'hotel*". A frase final desagradou-a enormemente, até que se lembrou de que o casal Charles tinha apenas um quarto vago, e assim não poderia abrigar um terceiro hóspede.

"Henry teria feito o que estivesse a seu alcance", interpretou.

Helen não a seguira pelo jardim. Assim que a porta se abriu, perdeu a vontade de fugir. Permaneceu no vestíbulo, indo da estante à mesa. Parecia-se cada vez mais com a velha Helen, irresponsável e encantadora.

"Esta casa *é mesmo* do senhor Wilcox?", perguntou.

"Sem dúvida se lembra de Howards End."

"Lembrar? Eu, que me lembro de tudo! Mas parece ser nossa, agora."

"A senhorita Avery foi extraordinária", disse Margaret, seu próprio estado de espírito melhorando um pouco. Mais uma vez foi invadida por um leve sentimento de deslealdade. Mas isso lhe trouxe alívio, e deixou-se invadir. "Ela amava a senhora Wilcox, e achou preferível ver a casa com nossas coisas a imaginá-la vazia. Conseqüentemente, aqui estão todos os livros da biblioteca."

"Nem todos. Ela não desencaixotou os livros de arte, no que talvez tenha mostrado bom senso. E nunca pusemos a espada junto com os livros."

"Mas ficou bem, ali."

"Magnífica."

"É mesmo, não é?"

"Onde está o piano, Meg?"

"Num depósito, em Londres. Por quê?"

"Nada."

"É engraçado, também, como o tapete serviu direitinho."

“O tapete é um erro”, decretou Helen. “Sei que o tínhamos em Londres, mas este piso deveria estar sem nada. É lindo demais.”

“Você não perdeu a mania de mobiliar pouco. Importa-se de ver a sala de jantar antes de ir? Lá não tem tapete.”

Entraram, e a cada minuto a conversa ficava mais natural.

“Ai, que lugar para o *chiffonier* da mamãe!”, gemeu Helen.

“Mas veja só as cadeiras.”

“Ai, veja só isto! Wickham Place era face norte, não?”

“Noroeste.”

“Seja como for, já faz trinta anos que estas cadeiras não viam o sol. Sinta. Estes encostos adoráveis estão quentes.”

“Mas por que a senhorita Avery as colocou aos pares? Só vou…”

“Aqui, Meg. Ponha de forma que quem se sentar veja o gramado.”

Margaret arrastou uma cadeira. Helen sentou-se nela.

“É… A janela é alta demais.”

“Tente uma das cadeiras da sala de visitas.”

“Não, não gosto muito da sala de visitas. A viga foi escondida pelo revestimento de madeira. Teria ficado tão linda de outra forma.”

“Helen, que memória você tem para certas coisas! É isso mesmo. Foi uma sala que os homens estragaram tentando tornar agradável para as mulheres. Os homens não sabem o que queremos…”

“E nunca vão saber.”

“Não concordo. Dentro de dois mil anos, vão.”

“Mas as cadeiras ficaram maravilhosas aí. Veja, onde Tibby derramou a sopa.”

“Café. Foi café, tenho certeza.”

Helen balançou a cabeça. “Impossível. Tibby era criança demais para tomar café, naquela época.”

“Papai ainda era vivo?”

“Era.”

“Então você tem razão, devia ser sopa. Eu estava pensando no que aconteceu bem depois… aquela visita infeliz a tia Juley, quando ela não percebeu que Tibby crescera. Aí foi café, pois ele derrubou de propósito. Tinha uma rima, ‘*Tea, coffee… coffee, tea*’, que ela lhe dizia toda manhã, na hora do café. Espere aí… como era?”

“Eu sei… não, não sei. Que menino detestável era Tibby!”

“Mas a rima era simplesmente horrorosa. Nenhum ser humano decente teria

tolerado aquilo.”

“Ah, aquela ameixeira”, gemeu Helen, como se também o jardim fosse parte de sua infância. “Por que eu a associo com halteres? E aí vêm as galinhas. A grama precisa ser cortada. Adoro as escrevedeiras amarelas…”

Margaret a interrompeu. “Lembrei”, anunciou.

Tea, tea, coffee, tea,
Or chocolaritee

“Toda manhã, por três semanas. Não admira que deixasse Tibby louco.”

“Tibby hoje é um amor, de certo modo”, disse Helen.

“Viu! Sabia que você ia dizer isso, afinal. Claro que é um amor.”

Uma sineta tocou.

“Ouça! O que foi isso?” Helen disse: “Talvez os Wilcox tenham começado o cerco”.

“Que bobagem… ouça!”

E a trivialidade sumiu de seus rostos, embora deixasse algo atrás de si — a consciência de que nunca poderiam ser separadas porque o amor de ambas estava enraizado em coisas comuns. Explicações e rogos haviam falhado; tentaram chegar a um ponto em comum, e só fizeram tornar uma à outra infeliz. E todo o tempo a salvação esteve por perto — o passado santificando o presente; o presente, cujo coração pulsava loucamente, declarando que haveria, afinal de contas, um futuro, com risadas e a voz de crianças. Helen, continuando a sorrir, aproximou-se da irmã. Disse: “É para sempre, Meg”. Cruzaram o olhar. A vida interior valera a pena.

Palmas solenes foram ouvidas. Não havia ninguém na frente. Margaret foi para a cozinha e, lutando para passar entre as caixas, alcançou a janela. O visitante era apenas um menininho com um latão. E a trivialidade voltou.

“O que quer, menino?”

“Com licença, é o leite.”

“Foi a senhorita Avery quem o mandou?”, disse Margaret, um tanto rude.

“Foi, sim, senhora.”

“Então leve de volta e diga-lhe que não precisamos de leite.” Enquanto isso, avisava Helen: “Não, não é o cerco, mas possivelmente uma tentativa de fornecer provisão para ele”.

“Mas eu gosto de leite”, gemeu Helen. “Por que mandar de volta?”

“Gosta? Ah, tudo bem. Mas não temos onde pôr e ele precisa do latão.”

“Com licença, eu passo de manhã pra pegar o latão”, disse o menino.

“Mas daí a casa vai estar fechada.”

“Quer que eu também traga ovos, de manhã?”

“Foi você o menino que vi na semana passada brincando nos montes de palha?”

O menino balançou a cabeça.

“Bom, então vá correndo brincar outra vez.”

“Que menininho educado”, cochichou Helen. “Ei, qual o seu nome? O meu é Helen.”

“Tom.”

Aquilo era Helen, definitivamente. Também os Wilcox teriam perguntado o nome do garoto, mas jamais diriam seus próprios nomes de volta.

“Tom, esta é Margaret. E em casa tem mais um que se chama Tibby.”

“O meu tem orelhas caídas”, respondeu Tom, supondo que Tibby fosse um coelho.

“Você é um menino muito bonzinho e esperto. Apareça outra vez… Ele não é uma gracinha?”

“Sem dúvida”, disse Margaret. “Provavelmente, é filho de Madge, e Madge é pavorosa. Mas este lugar tem poderes maravilhosos.”

“O que quer dizer?”

“Não sei.”

“Porque provavelmente concordo com você.”

“Ele destrói o que é pavoroso e faz o que é belo viver.”

“Concordo plenamente”, disse Helen, bebendo o leite. “Mas disse que a casa estava morta não faz nem meia hora.”

“Eu quis dizer que estava morta. É como me sentia.”

“É, a casa teria mais vida do que nós mesmo que estivesse vazia e, do jeito que está, não me conformo com o fato de que por trinta anos nunca bateu sol em toda a nossa mobília. Afinal, Wickham Place era um túmulo. Meg, adivinhe o que estou pensando.”

“O quê?”

“Tome um pouco de leite para se preparar.”

Margaret obedeceu.

“Não, não vou dizer”, avisou Helen, “porque pode rir ou ficar furiosa. Vamos subir primeiro e arejar um pouco os quartos.”

Abriram uma janela depois da outra, até que pelo interior também se esparramasse o zunido da primavera. As cortinas esvoaçavam, os quadros batiam

alegremente contra a parede. Helen soltou gritinhos de animação quando descobriu a cama obviamente no lugar certo, e não no errado. Estava furiosa com a srta. Avery por não ter levado os guarda-roupas para cima. “Aí sim a gente ia ver.” Admirava a vista. Era a Helen que escrevera as cartas memoráveis de quatro anos antes. Debruçadas para fora, fitando o oeste, disse: “Sobre minha idéia. Será que não poderíamos você e eu passar a noite aqui na casa?”.

“Acho que não dá para fazer isso”, disse Margaret.

“Aqui estão as camas, mesas, toalhas…”

“Sei; mas não é para ninguém dormir na casa e Henry sugeriu que…”

“Não quero sugestões. Não pretendo alterar meus planos em nada. Mas ficaria tão feliz em passar uma noite com você aqui. Será uma lembrança para guardar. Ah, Meg, querida, vamos!”

“Mas Helen, meu doce”, disse Margaret, “não podemos, sem a permissão de Henry. Claro que ele a daria, mas você mesma disse que não conseguiria visitar Ducie Street agora, e isto é igualmente íntimo.”

“Ducie Street é a casa dele. Esta é nossa. Nossa mobília, nosso tipo de gente entrando pela porta. Vamos passar a noite, só uma noite, e Tom nos trará ovos e leite. Por que não? É uma vez na vida.”

Margaret hesitou. “Sinto que Charles não iria gostar”, disse, enfim. “Até nossa mobília o deixa irritado e eu já ia tirar tudo quando a doença de tia Juley me impediu. Consigo entender o que Charles sente. Para ele, é a casa de sua mãe. Ele a ama, de um jeito mais para desprendido. Por Henry posso responder… não por Charles.”

“Sei que não vai gostar”, disse Helen. “Mas estou prestes a sair de suas vidas. Que diferença vai fazer se, com o tempo, disserem ‘E ela até passou a noite em Howards End’?”

“Como vão saber que vai sair da vida deles? Achamos que era isso duas vezes antes.”

“Porque meus planos…”

“… que você muda a cada minuto.”

“Então é porque minha vida é grande e a deles é pequena”, disse Helen, inflamando-se. “Sei de coisas que eles não podem saber, e você também. Nós *sabemos* que existe poesia. Nós *sabemos* que existe a morte. Da deles só sabem de ouvir dizer. Sabemos que esta é nossa casa, porque sentimos como se fosse. Ah, sim, eles podem ir buscar a escritura do imóvel e as chaves das portas, mas por uma noite estaremos em casa.”

“Seria muito bom ficar a sós com você mais uma vez”, disse Margaret.

“Pode ser uma chance em mil.”

“É, e poderíamos conversar.” Baixou a voz. “O que vou contar não será muito maravilhoso. Mas sob aquele olmo… honestamente, vejo um pouco de felicidade no futuro. Será que não posso pedir esta única noite com você?”

“Não preciso dizer quanto significaria para mim.”

“Então vamos.”

“Não vale a pena hesitar. Acha melhor eu ir até Hilton agora mesmo e pedir permissão?”

“Ah, não queremos permissão.”

Mas Margaret era uma esposa leal. A despeito da imaginação e da poesia — talvez justamente por causa delas — conseguia se identificar com a atitude técnica que Henry adotaria. Se possível, seria técnica, também. Alojamento por uma noite — não pediam mais que isso — não precisava envolver a discussão de princípios gerais.

“Charles pode dizer não”, resmungou Helen.

“Ele não vai consultá-lo.”

“Vá, se preferir; eu teria ficado sem permissão.”

Era o toque de egoísmo, que não era o suficiente para macular o caráter de Helen, e até mesmo contribuía para a sua beleza. Teria ficado sem permissão e fugido para a Alemanha na manhã seguinte. Margaret a beijou.

“Espere-me de volta antes de escurecer. Quero tanto isto. Só você para pensar numa coisa linda dessas.”

“Não é uma coisa, é um final”, disse Helen, com tristeza; e a sensação de tragédia se abateu mais uma vez sobre Margaret assim que saiu da casa.

Teve medo da srta. Avery. É inquietante cumprir uma profecia, por mais superficial que seja. Ficou feliz de não ver nenhuma silhueta observando quando o cabriolé passou pela fazenda, mas só o pequeno Tom, dando cambalhotas na palha.

XXXVIII

A tragédia teve início de modo bastante tranqüilo e, como muitas outras conversas, com a hábil afirmação pelo homem da própria superioridade. Henry ouviu-a discutindo com o condutor, saiu e acertou com o sujeito, que tendia a ser grosseiro, e então conduziu-a a umas cadeiras que estavam no gramado. Dolly, que não fora "avisada", correu para oferecer chá. Ele recusou e ordenou-lhe que levasse o carrinho do bebê, pois desejavam ficar a sós.

"Mas o neném não vai ouvir; não tem nem nove meses", objetou.

"Não foi isso que quis dizer", replicou seu sogro.

O bebê foi levado para longe do alcance da conversa, e só ouviria a respeito daquela crise muitos anos depois. Agora era a vez de Margaret.

"Era o que temíamos?", perguntou.

"É."

"Minha querida", ele começou, "temos uma situação complicada pela frente e só vamos resolvê-la com a mais absoluta honestidade e conversa franca." Margaret inclinou a cabeça. "Sou obrigado a interrogá-la sobre assuntos em que ambos preferiríamos não tocar. Como sabe, não sou um desses seus Bernard Shaws, que não consideram nada sagrado. É doloroso o que tenho de falar, mas há ocasiões… somos marido e mulher, não crianças. Sou um homem vivido, e você é uma mulher excepcional."

Todos os sentidos de Margaret a abandonaram. Ficou vermelha e desviou o olhar para as Six Hills, forradas pelos pastos primaveris. Percebendo sua cor, ele foi ainda mais delicado.

"Percebo que se sente como me senti quando… pobrezinha de minha esposa! Oh, coragem! Só uma ou duas perguntas, e é tudo. Sua irmã está usando uma aliança?"

Margaret gaguejou um não.

Seguiu-se um silêncio espantoso.

"Henry, na verdade vim pedir um favor sobre Howards End."

"Uma coisa de cada vez. Sou obrigado agora a lhe perguntar o nome do homem que a seduziu."

Ela ficou de pé e segurou a cadeira entre ambos. Sua cor enfraquecera, e

tornara-se cinzenta. Não o ofendia que recebesse assim a pergunta.

“Não se apresse”, aconselhou-a. “Lembre-se de que isto é muito pior para mim do que para você.”

Margaret oscilou; ele temia que fosse desmaiar. Então vieram as palavras, e ela disse, vagarosamente: “Seduziu? Não; não sei o nome de quem a seduziu”.

“Não vai lhe contar?”

“Eu nem mesmo perguntei quem a seduziu”, disse Margaret, demorando-se na palavra odiosa, pensativa.

“Isto é curioso.” Depois ele mudou de idéia. “É natural, acho, minha querida, que você não tenha perguntado. Mas até que saibamos seu nome, nada poderá ser feito. Sente-se. Como é terrível vê-la tão nervosa! Sabia que não estava preparada para isto. Queria não tê-la trazido.”

Margaret respondeu: “Gosto de ficar de pé, se não se importa, acho a vista das Six Hills agradável”.

“Como quiser.”

“Tem mais alguma coisa para perguntar, Henry?”

“Precisa me dizer agora se faz alguma idéia. Já observei muitas vezes sua perspicácia, querida. Só queria que a minha fosse tão boa quanto. Deve ter imaginado alguma coisa, mesmo que sua irmã não tenha dito nada. Qualquer indício, por mais leve que seja, nos ajudaria.”

“Nós, quem?”

“Achei melhor ligar para Charles.”

“Isso não era necessário”, disse Margaret, acalorando-se. “A notícia vai fazê-lo sofrer além da conta.”

“Ele ligou na mesma hora para o seu irmão.”

“Isso também não era necessário.”

“Deixe-me lhe explicar, querida, em que pé estão as coisas. Acredita que meu filho e eu sejamos outra coisa senão cavalheiros? É no interesse de Helen que estamos agindo. Ainda não é tarde demais para salvar seu nome.”

Então Margaret foi à carga pela primeira vez. “É nossa intenção obrigar o sedutor a casar-se com ela?”, perguntou.

“Se possível. Sim.”

“Mas Henry, suponha que aconteça de ele já ser casado? Já ouvimos falar de situações como essas.”

“Neste caso, deve pagar caro por sua má conduta e ser açoitado sem piedade.”

De modo que o primeiro disparo dela errou o alvo. Nisso, ficou agradecida.

O que a instigara a pôr em risco a vida de ambos? A obtusidade de Henry poupara a irmã, bem como a ele mesmo. Exausta de raiva, sentou-se outra vez, piscando diante do marido conforme este lhe dizia tudo que julgava adequado. Finalmente, disse: “Posso fazer minha pergunta, agora?”.

“Sem dúvida, querida.”

“Amanhã, Helen vai para Munique…”

“Bem, possivelmente, é o melhor.”

“Henry, deixe uma dama terminar. Amanhã, ela parte; esta noite, com sua permissão, quer dormir em Howards End.”

Foi um momento decisivo na vida dele. Mais uma vez, ela teria retirado as palavras assim que foram pronunciadas. Não havia preparado o terreno com cuidado suficiente para dizê-las. Almejava precavê-lo de que eram muito mais importantes do que ele supunha. Viu que as pesava, como se fossem uma proposta de negócio.

“Por que Howards End?”, disse, enfim. “Não estaria mais confortável, como sugeri, no hotel?”

Margaret apressou-se em apresentar-lhe motivos. “É um pedido esquisito, mas sabe como Helen é e como são as mulheres em seu estado.” Ele franziu o rosto, movendo-se com irritação. “Teve a idéia de que uma noite em sua casa seria agradável e lhe faria bem. Acho que está certa. Sendo uma dessas garotas imaginativas, a presença de todos os nossos livros e da mobília a acalma. Isso é um fato. É o fim de sua infância. Suas últimas palavras para mim foram: ‘Um lindo final’.”

“Dá valor à velha mobília por razões sentimentais, na verdade.”

“Exato. Você entendeu muito bem. É sua última esperança de ficar junto dela.”

“Nisto não concordo, querida! Helen terá sua parte dos bens aonde quer que vá… possivelmente, mais do que lhe é devido, pois você é tão afeiçoada a ela que atenderá a qualquer um de seus caprichos, não é mesmo, ao que não faço objeção. Eu seria capaz de entender se se tratasse de seu antigo lar, ou casa”, mudou a palavra, intencionalmente; pensara num argumento forte — “pois uma casa onde a pessoa já morou torna-se de certo modo sagrada, não sei por quê. Associações e coisas assim. Ora, Helen não tem qualquer associação com Howards End, embora eu, Charles e Evie tenhamos. Não consigo mesmo entender por que quer passar a noite lá. Só vai conseguir apanhar um resfriado.”

“Deixe pra lá o que não consegue entender”, gemeu Margaret. “Chame de capricho. Mas tenha em mente que o capricho é um fato científico. Helen é

caprichosa, e quer ficar.”

Então ele a surpreendeu — uma ocorrência rara. Soltou um disparo inesperado. “Se quer passar uma noite, pode querer passar duas. Nunca conseguiremos tirá-la da casa, talvez.”

“Ora”, disse Margaret, com o precipício à vista. “E supondo que não a tiremos da casa? O que importa? Não faria mal a ninguém.”

Outra vez, o gesto irritado.

“Não, Henry”, suspirou, retrocedendo. “Não quis dizer isso. Só vamos incomodar Howards End esta única noite. Eu a levarei a Londres amanhã…”

“Pretende dormir naquela casa úmida, também?”

“Não posso deixá-la sozinha.”

“Isto é totalmente impossível! É loucura. Você deve permanecer aqui e encontrar-se com Charles.”

“Já lhe disse que sua mensagem para Charles era desnecessária e não tenho o menor desejo de encontrá-lo.”

“Margaret… minha Margaret.”

“O que este negócio todo tem a ver com Charles? Se a mim pouco diz respeito, menos ainda a você, e a Charles, absolutamente nada.”

“Como futuro proprietário de Howards End”, disse o sr. Wilcox, entrelaçando as mãos, “diria que diz, sim, respeito a Charles.”

“Em que sentido? A condição de Helen vai depreciar a propriedade?”

“Minha querida, está perdendo a compostura.”

“Acho que foi você quem recomendou uma conversa franca.”

Encararam um ao outro com estupor. O precipício estava a seus pés, agora.

“Helen é dona de minha simpatia”, disse Henry. “Como seu marido, devo fazer por sua irmã tudo que estiver a meu alcance e não tenho dúvida de que se provará mais vítima do que culpada. Mas não posso tratá-la como se nada houvesse ocorrido. Estaria faltando com minha posição na sociedade se o fizesse.”

Ela se controlou pela última vez. “Não, vamos voltar ao pedido de Helen”, disse. “É pouco razoável, mas é o pedido de uma jovem infeliz. Amanhã parte para a Alemanha, e não vai mais incomodar a sociedade. Hoje, está pedindo para passar a noite em sua casa vazia — uma casa com a qual você não se importa, e que vem mantendo desocupada há mais de um ano. Ela pode ficar? Vai dar permissão a minha irmã? Vai perdoá-la como espera ser perdoado, e como na verdade já foi perdoado? Perdão por uma noite. É quanto basta.”

“Como na verdade já fui perdoado…?”

“Esqueça por ora o que quis dizer com isso”, disse Margaret. “Responda minha pergunta.”

Talvez, lá no fundo, ele houvesse captado a indireta. Se o fez, apagou-a. Lá de dentro de sua fortaleza, respondeu: “Pareço um tanto quanto inflexível, mas tenho alguma experiência de vida, e sei que uma coisa leva a outra. Receio que sua irmã venha a passar uma noite de sono mais agradável no hotel. Tenho meus filhos e a memória de minha querida esposa para considerar. Sinto muito, mas faça com que deixe a casa imediatamente”.

“Você mencionou a senhora Wilcox.”

“Como disse?”

“Um acontecimento raro. Em resposta, posso mencionar o senhor Bast?”

“Não tem sido você mesma o dia todo”, disse Henry, e levantou-se da cadeira com o rosto impassível. Margaret adiantou-se num ímpeto e agarrou suas mãos. Estava transfigurada.

“Chega disto!”, gritou. “Terá de ver a ligação nem que isto o mate, Henry! Você teve uma amante no passado — eu o perdoei. Minha irmã teve um amante — você a expulsa de casa. Percebe a ligação? Estúpido, hipócrita, cruel — ah, desprezível! — é o homem que insulta a esposa quando está viva e profere moralismos em sua memória quando está morta. Um homem que arruína uma mulher para seu prazer e a joga fora para a ruína de outros homens. Dá um mau conselho financeiro e depois diz que não é o responsável. Você é um desses homens. Não pode reconhecer, porque não faz a ligação. Já estou farta dessa sua delicadeza desapegada. Já o mimei demais. Tem sido mimado a vida toda. A senhora Wilcox o mimou. Ninguém nunca lhe disse o que é — confuso, criminosamente confuso. Homens como você valem-se do arrependimento como subterfúgio, portanto, não se arrependa. Apenas diga para si mesmo: ‘O que Helen fez, eu fiz’.”

“Os dois casos são diferentes”, gaguejou Henry. Sua verdadeira réplica não estava inteiramente pronta. A cabeça dele ainda girava e precisava de um pouco mais de tempo.

“Diferentes como? Você traiu a senhora Wilcox, Helen, apenas a si mesma. Você continua na sociedade, Helen não pode. Você só obteve prazer, ela pode morrer. Tem o desplante de vir me falar em diferenças, Henry?”

Ah, a inutilidade de tudo aquilo! A réplica de Henry chegou.

“Percebo sua tentativa de me chantagear. Não é muito bonito ver uma esposa usar uma arma dessas contra o marido. Sempre tive por regra em minha vida jamais dar a mínima atenção às ameaças, e só posso repetir o que disse

antes: não dou a você ou à sua irmã permissão de dormir em Howards End.”

Margaret soltou suas mãos. Ele entrou em casa, esfregando primeiro uma mão, depois a outra, com o lenço. Por algum tempo ela permaneceu fitando as Six Hills, túmulos de guerreiros, seios da primavera. Então mergulhou no que era agora o anoitecer.

XXXIX

Charles e Tibby encontraram-se em Ducie Street, onde o segundo estava hospedado. A conversa entre os dois foi breve e absurda. Não tinham nada em comum, exceto a língua inglesa, e tentaram com a ajuda desta expressar o que nem um nem outro compreendia. Charles via em Helen a inimiga da família. Ele a elegera como a mais perigosa dentre as Schlegel e, furioso como estava, não via a hora de contar à esposa como tivera razão o tempo todo. Decidira no mesmo instante: a garota tinha de ser tirada do caminho antes que os desgraçasse ainda mais. Se a ocasião se oferecesse, poderia se casar com alguém da escória ou possivelmente com algum tolo. Mas isso era uma concessão à moralidade, não fazia parte de seu esquema principal. Honesta e de todo o coração era a aversão de Charles e o passado se descortinava diante de seus olhos muito claramente; o ódio é um compositor habilidoso. Como entradas num caderno de apontamentos, ele perpassou todos os incidentes da campanha das Schlegel: a tentativa de agarrar o irmão, o testamento da mãe, o casamento do pai, a mobília levada para a casa, a mobília desencaixotada. Ainda não ouvira a respeito do pedido de passar a noite em Howards End; era para ser o golpe de mestre delas e a oportunidade para ele. Mas sentia desde já que Howards End era o objetivo e, embora não gostasse da casa, estava determinado a defendê-la.

Tibby, por sua vez, não tinha opinião alguma. Estava acima das convenções; sua irmã tinha o direito de fazer o que achasse certo. Não é difícil ficar acima das convenções quando não temos reféns entre elas; os homens podem ser sempre menos convencionais que as mulheres e um solteiro com independência financeira não encontra a menor dificuldade para isso. Ao contrário de Charles, Tibby tinha bastante dinheiro; seus ancestrais o haviam ganho para ele e, se deixava as pessoas chocadas num bloco de alojamentos, tudo que tinha a fazer era mudar-se para outro. Sua atitude era a de um ócio sem afinidades — tão fatal quanto a de esforço demasiado: um pouco de cultura fria pode crescer aí, mas nenhuma arte. Suas irmãs haviam percebido o perigo da família e nunca se esqueceram de dar um desconto às ilhas douradas que as mantinham acima do mar. Tibby atribuía toda a glória a si mesmo e assim desprezava os que se debatiam e afundavam.

Daí o absurdo da conversa; o abismo entre eles era não só financeiro como também espiritual. Mas vários fatos se passaram; Charles pressionava por eles com tal impertinência que o universitário não tinha como lhe fazer frente. Qual a data da partida de Helen para o exterior? Quem fora encontrar? (Charles estava ansioso em ligar o escândalo à Alemanha.) Então, mudando de tática, disse, asperamente: “Presumo que saiba quem é o protetor de sua irmã”.

“Em que sentido?”

“Se um homem andasse flertando com minha irmã, eu lhe meteria uma bala, mas pelo jeito você não se importa.”

“Eu me importo, e muito”, protestou Tibby.

“Então, de quem suspeita? Fale, homem. A gente sempre suspeita de alguém.”

“Ninguém. Acho que não.” Involuntariamente, corou. Havia se lembrado da cena em seus alojamentos, em Oxford.

“Está escondendo alguma coisa”, disse Charles. No tocante a conversas, extraía o melhor desta. “Quando a viu pela última vez, ela mencionou algum nome? Sim ou não?”, trovejou, causando um susto em Tibby.

“Em meus alojamentos mencionou uns amigos chamados Bast…”

“Quem são os Bast?”

“Pessoas… amigos dela no casamento de Evie.”

“Não me lembro. Espere. Com os diabos, eu me lembro! Minha tia contou-me sobre uma gente maltrapilha. Estava preocupada com eles quando a viu? Tem um homem? Ela falou de algum homem? Ou… olhe aqui… você tem alguma coisa a ver com isto?”

Tibby ficou em silêncio. Sem intenção, traíra a confiança da irmã; não tinha suficiente interesse pela vida humana para perceber aonde as coisas iriam dar. Tinha grande consideração pela honestidade, e sua palavra, uma vez empenhada, sempre fora mantida, até esse momento. Sentiu uma profunda aflição, não só pelo mal que fizera a Helen, mas também pela falha que descobrira em seus próprios atributos.

“Já entendi… são da confiança dele. Encontravam-se em seus alojamentos. Meu Deus, que família, que família! Deus ajude o coitado do papai…”

E Tibby ficou sozinho.

XL

Leonard — ele figuraria, dentro em breve, numa notícia de jornal, mas, nessa noite, não representava muita coisa. A base da árvore estava mergulhada na escuridão, uma vez que a lua ainda se ocultava atrás da casa. Mas no alto, à direita, à esquerda, pelo extenso campo, o luar se derramava. Leonard parecia não um homem, mas uma causa.

Talvez fosse esse o jeito de Helen se apaixonar — um jeito curioso, para Margaret, cuja agonia e cujo desprezo por Henry continuavam ainda gravados sobre sua imagem. Helen esquecia as pessoas. Eram cascas que haviam encerrado sua emoção. Podia sentir pena, sacrificar-se, ter instintos, mas teria algum dia amado do jeito mais nobre, onde homem e mulher, após se perderem no sexo, desejavam perder o próprio sexo em troca do companheirismo?

Margaret gostaria de saber, mas não disse uma palavra de censura. Essa noite era de Helen. Já tinha problemas suficientes pela frente — a perda de amigos e vantagens sociais, a agonia, a suprema agonia, da maternidade, que ainda não é, até hoje, uma questão de conhecimento comum. Por ora, deixemos que a lua espalhe seu brilho, que as brisas da primavera, resquícios agonizantes dos vendavais do dia, soprem gentilmente, e deixemos que a terra, que traz o aumento, traga a paz. Nem mesmo para si mesma ousava censurar Helen. Era incapaz de avaliar sua transgressão por qualquer código moral; significava muito, ou nada. A moralidade pode nos dizer se matar é pior do que roubar, e classificar a maioria dos pecados numa ordem que todos devem aprovar, mas não podia classificar Helen. Quanto mais convicto seu pronunciamento nessa questão, mais convictos poderemos estar de que não é a moralidade que fala. Cristo foi evasivo quando questionado. São aqueles incapazes de fazer a ligação que se apressam em atirar a primeira pedra.

Esta era a noite de Helen — ganha a um alto preço, e não para ser arruinada pela tristeza alheia. Sobre sua própria tragédia Margaret jamais disse palavra.

“A gente isola…”, disse Helen, vagarosamente. “Isolei o senhor Wilcox das outras forças que impeliam Leonard ladeira abaixo. Assim, enchi-me de piedade e de sentimentos vingativos. Por semanas culpei apenas o senhor Wilcox e então, quando suas cartas chegaram…”

“Eu jamais deveria tê-las escrito”, suspirou Margaret. “Nunca serviram de proteção a Henry. De que adianta varrer o passado, mesmo que seja pelos outros!”

“Não sabia que foi idéia sua mandar os Bast embora.”

“Vendo hoje, foi errado de minha parte.”

“Vendo hoje, querida, sei que estava certa. Está certo a pessoa salvar o homem que ama. Já não sou mais tão entusiasmada com
a justiça. Mas achávamos que havia escrito ditada por ele. Parecia o último remate de sua insensibilidade. Eu estava superagitada naquele momento… e a senhora Bast fora para o quarto. Não a encontrei e fiquei conversando um bom tempo com Leonard… eu o esnobara sem razão alguma, e isso deveria ter me servido de alerta de que me encontrava em perigo. Assim, quando os bilhetes chegaram, eu queria que fôssemos atrás de você, para uma explicação. Ele disse que adivinhava a explicação… sabia o que era, e que você provavelmente não sabia. Forcei-o a me contar. Ele disse que ninguém deveria saber; alguma coisa a ver com sua esposa. Perto do final, éramos o senhor Bast e a senhorita Schlegel. Ia lhe dizendo que devia ser franco comigo quando fitei seus olhos e adivinhei que o senhor Wilcox o arruinara de duas maneiras, não uma. Puxei-o para perto de mim. Fiz com que me contasse. Me senti muito sozinha. Não por culpa dele. Teria continuado a me venerar. Não quero vê-lo nunca mais, por mais horrível que isso soe. Queria dar-lhe dinheiro e pôr um fim a tudo. Ai, Meg, o pouco que se sabe sobre essas coisas!”

Encostou o rosto na árvore.

“E também o pouco que sabemos sobre crescimentos! Nas duas vezes houve solidão, a noite e, depois de tudo, pânico. Acha que Leonard brotou de Paul?”

Margaret não disse nada por um momento. Estava tão cansada que sua atenção fora desviada para os dentes — os dentes que haviam ficado cravados na casca da árvore como medicação. De onde estava podia vê-los brilhar. Estivera tentando contá-los. “Leonard é uma flor mais bela que a loucura”, disse. “Tive medo de que reagisse contra Paul até ir além do limite.”

“De fato reagi até que encontrei o pobre Leonard. Estou tranqüila, agora. Nunca vou *gostar* do seu Henry, Meg querida, ou mesmo dizer palavras gentis a seu respeito, mas todo aquele ódio cego se foi. Nada mais de acessos de raiva contra os Wilcox. Entendo como se casou com ele, e você será muito feliz daqui para frente.”

Margaret não respondeu.

“É”, repetiu Helen, com a voz cada vez mais terna, “finalmente entendo.”

“Tirando a senhora Wilcox, querida, ninguém entende nossos atos insignificantes.”

“Porque na morte… concordo.”

“Não é bem isso. Sinto como se você, eu, Henry nada mais fôssemos do que fragmentos da mente dessa mulher. Ela sabe tudo. Ela é tudo. É a casa, e a árvore que pende em sua direção. As pessoas têm sua própria morte, assim como sua vida, e mesmo que não haja nada além da morte, seremos diferentes em nossa inexistência. Não consigo acreditar que um conhecimento como o dela perecerá junto com um conhecimento como o meu. Ela conhecia a realidade. Sabia quando as pessoas estavam apaixonadas, ainda que não estivesse presente. Não duvido que soubesse da infidelidade de Henry.”

“Boa noite, senhora Wilcox”, ouviram uma voz.

“Oh, boa noite, senhorita Avery.”

“Por que a senhorita Avery precisa trabalhar para nós?”, murmurou Helen.

“Ora, não é mesmo?”

A srta. Avery atravessou o gramado e desapareceu na sebe que fazia a divisória deste com a fazenda. Uma antiga vala, que fora enchida pelo sr. Wilcox, voltou a aparecer, e as pegadas dela pelo orvalho acompanhavam o caminho que ele gramara, quando fez melhorias no jardim para que pudessem jogar ali.

“Esta ainda não é nossa casa, de jeito nenhum”, disse Helen. “Quando a senhorita Avery cumprimentou, senti como se fôssemos duas turistas.”

“É o que deveremos ser em toda parte, e para sempre.”

“Mas turistas afeiçoados.”

“Mas turistas que fingem que cada hotel é seu lar.”

“Não consigo fingir por muito tempo”, disse Helen. “Sentada sob esta árvore a gente se esquece, mas sei que amanhã deverei estar vendo o nascer da lua na Alemanha. Nem toda sua bondade pode alterar este fato. A menos que venha comigo.”

Margaret pensou por um momento. No ano anterior afeiçoara-se de tal modo à Inglaterra que deixá-la era um autêntico sofrimento. Ainda assim, o que a impedia? Sem dúvida Henry perdoaria seu rompante, e adentraria a velhice vociferando, confuso como sempre. Mas de que adiantaria? Preferia mil vezes sumir de sua mente.

“É sério isso de me convidar, Helen? Acha que me daria bem com sua Monica?”

“Não, isso não, mas o convite é sério.”

“Mesmo assim, nada mais de planos, agora. E nada mais de reminiscências.”

Ficaram em silêncio por algum tempo. Era a noite de Helen.

O presente fluía junto delas como um rio. A árvore farfalhou. Havia criado música antes que fossem nascidas e continuaria a fazê-lo depois que morressem, mas sua canção era a do momento. O momento passara. A árvore farfalhou outra vez. Os sentidos de ambas tornaram-se mais aguçados e pareceram compreender a vida. A vida passou. A árvore farfalhou outra vez.

“Vá dormir, agora”, disse Margaret.

A paz do campo a invadia. Essa paz não guarda qualquer relação com a memória, e pouca com a esperança. Menos ainda diz respeito às esperanças dos cinco minutos seguintes. É a paz do presente, que ultrapassa a compreensão. Seu murmúrio era “agora”, e “agora” outra vez, quando caminhavam pelo cascalho, e “agora”, quando o luar rebrilhava sobre a espada de seu pai. Subiram as escadas, trocaram um beijo e, em meio a um sem-fim de reiterações, pegaram no sono. A casa envolvera a árvore com sua sombra, de início, mas quando a lua subiu mais alto no céu, as duas se desemaranharam, e ficaram bem delineadas por alguns minutos, à meia-noite. Margaret acordou e olhou o jardim. Como era incompreensível que Leonard Bast houvesse lhe granjeado essa noite de paz! Seria também ele parte da mente da sra. Wilcox?

XLI

Com Leonard, as coisas se deram de forma bem diferente. Os meses que se seguiram a Oniton, à parte quaisquer preocupações menores que pudessem ter lhe acarretado, foram toldados pelo remorso. Quando Helen pensava no passado, podia filosofar, ou então olhar o futuro e fazer planos para seu filho. Mas o pai não enxergava nada além do próprio pecado. Semanas depois disso, em meio a outras ocupações, soltava um gemido, de repente, “Animal… seu animal, como pôde…”, e ficava dilacerado entre duas pessoas que dialogavam. Ou uma chuva escura caía, sujando os rostos e o céu. Até Jacky notou a mudança. Seus sofrimentos eram ainda mais terríveis quando despertava em meio ao sono. Às vezes, estava feliz no início, mas tomava cada vez maior consciência de um fardo pairando sobre si e fazendo pesar seus pensamentos quando se moviam. Ou pequenos ferros queimavam seu corpo. Ou uma espada o estocava. Sentava-se na beirada da cama, com as mãos no coração, gemendo: “Ai, o que vou fazer, o que vou fazer, meu Deus?”. Nada trazia conforto. Podia pôr uma distância entre si mesmo e seu erro, mas ele crescia dentro de sua alma.

O remorso não está entre as verdades eternas. Os gregos tiveram razão em destroná-lo. Suas ações são caprichosas demais, como se as Erínias escolhessem para ser punidos apenas certos homens e certos pecados. E, dentre todos os meios de se regenerar, o remorso é certamente o mais imoderado. Ele corta o tecido saudável junto com o corrompido. É uma faca que penetra mais fundo do que o próprio mal. Leonard mergulhou fundo em seus tormentos e emergiu puro, mas enfraquecido — um homem melhor, que jamais perderia o autocontrole outra vez, mas também um homem menor, com menos a controlar. A pureza, tampouco, é sinônimo de paz. O uso da faca pode tornar-se um hábito tão difícil de se livrar quanto a própria paixão, e Leonard continuava a acordar gritando de seus sonhos.

Montou uma situação que estava bastante longe da verdade. Nunca lhe ocorreu que a culpa fosse de Helen. Esqueceu a intensidade da conversa que tiveram, o encanto que lhe fora proporcionado pela sinceridade, a magia de Oniton sob a escuridão e o rio que sussurrava. Helen amava o absoluto. Leonard fora absolutamente arruinado, e aparecera diante dela como um homem à parte,

isolado do mundo. Um homem de verdade, que se importava com aventura e beleza, que desejava viver decentemente e ganhar o próprio sustento, que poderia ter percorrido a vida mais gloriosamente do que o carro de Jagrená que o esmagava. Lembranças do casamento de Evie haviam-na perturbado, os criados empertigados, os metros de comida intocada, o farfalhar das roupas excessivas das mulheres, os carros pingando óleo no cascalho, a bobagem de músicos pretensiosos. Experimentara a borra disso tudo ao chegar; na escuridão, depois do fracasso, aquilo a intoxicara. Ela e a vítima pareciam sozinhas num mundo de irrealidade, e seu amor por ele foi absoluto, talvez por meia hora.

Pela manhã, ela partira. O bilhete que deixara, terno e histérico no tom, e cuja intenção fora ser o mais delicado possível, feriu o amante terrivelmente. Foi como se alguma obra de arte houvesse sido quebrada por ele, alguma pintura na National Gallery cortada fora de sua moldura. Quando se lembrou de seus talentos e de sua posição social, pensou que o primeiro que passasse por ele tinha o direito de abatê-lo a tiros. Teve medo da garçonete e dos carregadores na estação ferroviária. Teve medo inicialmente da esposa, embora mais tarde viesse a encará-la com uma estranha nova ternura, e pensar: “Pelo menos entre nós não há nenhuma escolha a ser feita”.

A viagem até Shropshire estropiou os Bast de vez. Helen, na fuga, esqueceu-se de acertar a conta do hotel, e levou embora consigo as passagens de volta; tiveram de penhorar os braceletes de Jacky para voltar para casa, e o golpe final veio alguns dias mais tarde. É verdade que lhe oferecia cinco mil libras, mas uma soma dessas não significava nada para ele. Era incapaz de ver que a garota tentava desesperadamente corrigir-se, salvar alguma coisa do desastre, ainda que fossem apenas cinco mil libras. Mas ele tinha de viver de algo. Recorreu à família, e degradou-se a ponto de um pedinte profissional. Para ele, não havia mais nada a fazer.

“Uma carta de Leonard”, pensou Blanche, sua irmã; “após todo este tempo.” Escondeu-a para que o marido não a visse e, depois que ele saiu para o trabalho, leu-a com alguma emoção, e enviou ao filho pródigo o pouco dinheiro que reservara para roupas.

“Uma carta de Leonard!”, disse a outra irmã, Laura, alguns dias depois. Mostrou-a ao marido. Ele escreveu uma resposta cruel e insolente, mas mandou mais dinheiro do que Blanche, de modo que Leonard lhe escreveu novamente.

E ao longo do inverno o sistema foi se desenvolvendo. Leonard percebeu que nunca precisavam morrer de fome, pois seria doloroso demais para os parentes. A sociedade está baseada na família e o vagabundo esperto pode

explorar isso indefinidamente. Sem um único pensamento generoso de um lado ou de outro, libras e libras passaram. Os que davam não gostavam de Leonard, e ele passou a odiá-los intensamente. Quando Laura censurou seu casamento imoral, pensou, com amargura: “Preocupa-se com isso! O que diria se soubesse a verdade?”. Quando o marido de Blanche ofereceu-lhe trabalho, encontrou um pretexto para recusar. Em Oniton, desejara ardentemente trabalhar, mas a ansiedade excessiva o deixara em pedaços, estava se juntando às fileiras dos inaptos para emprego. Quando o irmão, o orador laico, deixou de responder a sua carta, escreveu-lhe novamente, dizendo que ele e Jacky iriam aparecer em sua cidade a pé. Não fora sua intenção fazer chantagem. Mesmo assim, o irmão enviou um vale postal, e se tornou parte do sistema. E assim passou o inverno e a primavera.

Em meio ao horror, duas coisas se salvaram. Nunca confundiu o passado. Permaneceu vivo, e abençoados os que vivem, nem que seja apenas para sentir-se em pecado. O analgésico da confusão, por meio do qual a maioria dos homens obscurece e mistura seus erros, nunca passou pelos lábios de Leonard…

E se bebo o esquecimento de um dia,
Assim diminuo a estatura de minha alma.[36]

É algo duro de se dizer, e um homem duro o escreveu, mas é o que reside na raiz de todo caráter.

E a outra coisa que se salvou foi sua ternura por Jacky. Apiedava-se dela com nobreza, agora — não a piedade desprezível de um homem que permanece agarrado à mulher no que der e vier. Tentou tornar-se menos irritável. Ficava se perguntando o que desejavam aqueles olhos famintos — nada que ela pudesse expressar, ou que ele ou qualquer outro homem fosse capaz de lhe dar. Algum dia receberia ela a justiça da misericórdia — a justiça por subprodutos que o mundo está ocupado demais para conceder? Gostava de flores, era generosa com dinheiro, não era vingativa. Se houvesse lhe dado um filho, talvez gostasse dela. Não estivesse casado, Leonard jamais teria mendigado; teria tremeluzido brevemente e morrido. Mas a vida como um todo é complexa. Tinha de obter o sustento de Jacky, e trilhar alguns caminhos sujos para que ela pudesse ter umas poucas plumas e os pratos de comida de seu agrado.

Um dia avistou Margaret e seu irmão. Estava na St. Paul. Entrara na catedral em parte para evitar a chuva e em parte para ver um quadro que o educara em anos passados. Mas a luz estava ruim, o quadro, mal posicionado, e o Tempo e o

Juízo agora encontravam-se dentro dele. Só a Morte ainda o fascinava, com seu colo de papoulas, sobre o qual todos os homens deverão adormecer. Deu uma única olhada, virou-se e procurou um banco qualquer. Então, no fim da nave, viu a srta. Schlegel e seu irmão. Estavam de pé entre os bancos, com um olhar extremamente grave. Ele teve certeza absoluta de que se tratava de algum problema com a irmã.

Assim que se viu do lado de fora — saíra imediatamente —, lamentou não ter se dirigido a eles. O que significava sua vida?

O que significavam umas poucas palavras raivosas, ou mesmo a prisão? O que fizera fora errado… esse era o verdadeiro terror. Soubessem o que soubessem, iria lhes contar tudo que ele sabia. Entrou outra vez na St. Paul. Mas, em sua ausência, haviam partido, e ido apresentar suas dificuldades diante do sr. Wilcox e de Charles.

A visão de Margaret desviou o remorso por novos canais. Desejava confessar, e embora esse desejo seja prova de uma natureza debilitada, prestes a perder a essência do contato humano, o fato não tomou uma forma ignóbil. Não esperava que a confissão lhe trouxesse felicidade. Mas, antes, ansiava por se ver livre daqueles sentimentos confusos. Tal é também o anseio do suicida. Os impulsos são similares, e o crime de suicídio reside sobretudo na desconsideração pelos sentimentos dos que deixamos para trás. A confissão não precisa fazer mal a ninguém — ela pode passar nesse teste — e embora seja antiinglesa, e ignorada por nossa catedral anglicana, Leonard tinha o direito de se decidir por ela.

Além do mais, confiava em Margaret. Queria seu caráter duro, nesse momento. Aquela natureza fria e intelectual seria justa, ainda que inclemente. Faria o que ela ordenasse, mesmo que tivesse de ver Helen. Essa seria a suprema punição que poderia lhe impor. E talvez lhe contasse como estava Helen. Essa seria a suprema recompensa.

Não sabia coisa alguma acerca de Margaret, nem mesmo se estava casada com o sr. Wilcox, e descobrir seu paradeiro levou vários dias. Naquela noite, lutando contra a umidade, chegou a Wickham Place, onde os novos apartamentos começavam a surgir. Teria sido ele o motivo da mudança, também? Teriam sido expulsas da sociedade por sua causa? Dali, foi a uma biblioteca pública, mas não encontrou nenhum Schlegel que o satisfizesse no catálogo de endereços. No dia seguinte, empreendeu nova busca. Perambulou em torno do escritório do sr. Wilcox na hora do almoço e, quando os funcionários saíam, disse: “Com licença, senhor, mas pode me dizer se seu chefe é casado?”. A

maioria arregalava os olhos, alguns diziam, “E isso é da sua conta?”, mas um deles, que ainda não adquirira tal reserva, contou-lhe o que desejava. Leonard não conseguiu descobrir o endereço particular. Isso exigiu mais contratempos com catálogos e metrôs. Ducie Street não foi descoberta senão na segunda-feira, o dia em que Margaret e o marido partiram para Howards End, em sua expedição de caça.

Chegou aproximadamente às quatro da tarde. O tempo mudara e o sol batia alegremente nos degraus ornamentados — mármore preto-e-branco, em triângulos. Leonard baixou os olhos para eles, depois de tocar a campainha. Sentia-se num estado de saúde curioso: dentro de seu corpo, era como se portas se abrissem e fechassem, e fora obrigado a dormir sentado na cama, com as costas apoiadas contra a parede. Quando a empregada apareceu, não pôde ver seu rosto; a chuva escura descera subitamente.

“A senhora Wilcox mora aqui?”, perguntou.

“Ela não está”, foi a resposta.

“Quando volta?”

“Vou perguntar”, disse a mulher.

Margaret dera instruções de sempre atenderem quem quer que mencionasse seu nome. Prendendo a correntinha da porta — pois a aparência de Leonard assim o exigia —, foi até a sala de fumar, ocupada por Tibby. Tibby dormia. Almoçara bem. Charles Wilcox ainda não lhe telefonara para o encontro desagradável. Disse, sonolento: “Sei lá. Hilton. Howards End. Quem é?”.

“Vou perguntar, senhor.”

“Não, deixe pra lá.”

“Tomaram o carro para Howards End”, disse a empregada a Leonard.

Ele agradeceu e perguntou onde ficava o lugar.

“Ao que parece quer saber um bocado”, observou ela. Mas Margaret a proibira de ser misteriosa. Contou-lhe, contrariando o próprio bom senso, que Howards End ficava em Hertfordshire.

“É uma cidade?”

“Cidade! É a casa particular do senhor Wilcox… pelo menos, uma delas. A senhora Wilcox guarda mobília lá. A cidade é Hilton.”

“Certo. E quando estarão de volta?”

“O senhor Schlegel não sabe. Não se pode saber de tudo, não é mesmo?” Fechou-lhe a porta na cara e foi atender o telefone, que tocava furiosamente.

Passou outra noite de agonia. Confessar era algo cada vez mais difícil. Assim que possível, foi para a cama. Observou um retalho de luar cruzar o piso

na casa onde estavam morando e, como às vezes acontece quando a mente está sobrecarregada, adormeceu para o restante do quarto, mas ficou acordado para o retalho de luz. Horrível! Então teve início um daqueles diálogos opressivos. Parte dele dizia: “Horrível por quê? É só a luz da Lua”. “Mas está se movendo.” “A Lua também se move.” “Mas é um punho fechado.” “Por que não?” “Mas vai tocar em mim.” “Deixe.” E, como que ganhando movimento, o retalho alcançou seu cobertor. No instante seguinte, surgiu uma serpente azul; depois outra, paralela àquela. “Existe vida na Lua?” “Claro que sim.” “Mas pensei que fosse desabitada.” “Não pelo Tempo, a Morte, o Juízo e outras serpentes menores.” “Serpentes menores?”, disse Leonard, indignado, em voz alta. “Que idéia!” Com um dilacerante esforço da vontade acordou o restante do quarto. Jacky, a cama, a comida, suas roupas na cadeira gradualmente entraram em sua consciência e o horror se esvaiu para fora do quarto, como um círculo propagando-se na água.

“Ei, Jacky, vou sair um pouco.”

Ela respirava com regularidade. O retalho de luz deixou o cobertor listrado e começou a cobrir o xale que estava a seus pés. Do que tivera medo? Foi até a janela e viu que a Lua descia através do céu claro. Viu seus vulcões e as extensões brilhantes que um equívoco encantador batizara de mares. Empalideciam, pois a luz do Sol, que os iluminara, chegava para iluminar a Terra. O Mar da Serenidade, o Mar da Tranqüilidade, o Oceano das Tempestades fundiram-se numa só gota resplandecente, que por sua vez mergulhou lentamente na aurora imemorial. E pensar que ficara com medo da Lua!

Vestiu-se entre as luzes contenciosas e foi apanhar seu dinheiro. Começava a chegar ao fim, mais uma vez, mas dava para uma passagem de ida e volta até Hilton. Ao ouvir o tilintar, Jacky abriu os olhos.

“Olá, Len! O que foi, Len?!”

“Oi, Jacky! Vejo você mais tarde.”

Ela se virou e dormiu.

A casa estava destrancada, o senhorio era um vendedor em Covent Garden. Leonard saiu e foi para a estação. O trem, embora não partisse senão dali a uma hora, já estava a postos no fim da plataforma, e ele deitou e dormiu. Com o primeiro solavanco viu-se à luz do dia; haviam deixado os arcos da King’s Cross e corriam sob o céu azul. Túneis sucediam-se e, a cada um que passava, mais azul ficava o céu, e da elevação em Finsbury Park avistou o sol pela primeira vez. O astro vinha rolando por trás das fumaças do leste — uma roda, cuja companheira era a lua que descia — e até o momento parecia ser o servo do céu azul, não seu senhor. Ele voltou a cochilar. Na altura de Tewin Water era dia. À

esquerda alongava-se a sombra do elevado e seus arcos; à direita, Leonard viu os bosques de Tewin e olhou na direção da igreja, com sua fantástica lenda de imortalidade. Seis árvores florestais — isto é um fato — cresceram num dos túmulos do pátio cemiterial. A ocupante do túmulo — ou seja, a lenda — é uma atéia, que declarou que se Deus existisse, seis árvores florestais cresceriam em seu túmulo. Isso em Hertfordshire; e mais para o interior há a casa de um eremita — a sra. Wilcox o conhecera — que se enclausurara para escrever profecias e dera tudo que tinha aos pobres. Entre uma coisa e outra, salpicadas pelo meio do caminho, ficavam as vilas dos homens de negócios, que vêem a vida com mais constância, embora com a constância do olho aberto apenas pela metade. Sobre tudo isso o sol esparramava seus raios, para todos, os pássaros cantavam, para todos, as prímulas eram amarelas e as verônicas, azuis, e a terra, independentemente de como a interpretassem, emitia seu lamento de "agora". Ela ainda não libertou Leonard e a faca mergulhava cada vez mais fundo em seu coração conforme o trem avançava na direção de Hilton. O remorso, porém, tornara-se belo.

Hilton dormia ou, mais tardar, tomava café. Leonard notou o contraste assim que pisou fora da cidade e viu o campo. Ali os homens já estavam de pé desde o alvorecer. Seus horários eram governados não por um escritório londrino, mas pelos movimentos das colheitas e do sol. Que eram homens de uma classe excelente só o sentimentalista pode declarar. Mas eram adeptos da vida sob a luz do dia. São a esperança da Inglaterra. Seguem carregando desajeitados a tocha do sol, até chegar a hora em que a nação pareça apta a recebê-la de suas mãos. Metade rústicos, metade internos de nariz empinado, ainda podem retroceder a uma linhagem mais nobre, e gerar pequenos senhores rurais.[37]

Na mina de calcário, um carro passou por Leonard. Nele, ia outra classe de homem a quem a natureza favorece — o imperialista. Saudável, sempre em movimento, espera herdar o mundo. Prolifera-se tão rápido quanto o homem do campo, e com igual solidez; forte é a tentação de aclamá-lo um super-homem do campo, que leva a virtude de seu país além-mar. Mas o imperialista não é o que ele pensa ou parece. É um destruidor. Prepara o terreno para o cosmopolitismo e, embora suas ambições possam ser satisfeitas, o mundo que herdará será um mundo cinza.

Em Leonard, absorto em seu pecado particular, crescia a convicção da bondade inata por toda parte. O que sentia não era o otimismo que lhe fora ensinado na escola. Inumeráveis vezes devem os tambores rufar e os duendes caminhar pelo universo antes que a alegria seja purgada da superficialidade. Era

antes um paradoxo, e derivava de sua tristeza. A morte destrói um homem, mas a idéia da morte o salva — eis a melhor descrição desse sentimento que já foi feita. A sordidez e a tragédia podem apelar para tudo que há de grandioso em nós, e fortalecer as asas do amor. Elas podem; mas não é certeza que o farão, pois não são servas do amor. Mas podem apelar, e a consciência dessa incrível verdade o confortava.

À medida que se aproximava da casa, todos os seus pensamentos cessaram. Idéias contraditórias permaneceram lado a lado em sua mente. Estava aterrorizado, mas feliz, envergonhado, mas não cometera pecado algum. Sabia o que confessar: “Senhora Wilcox, eu cometi um erro”, mas o nascer do sol roubara o significado disso e sentiu-se antes numa suprema aventura.

Adentrou um jardim, procurou se acalmar ao ver um carro estacionado dentro dele, encontrou uma porta aberta e entrou na casa. Sim, seria muito fácil. De um cômodo à esquerda vieram vozes, a de Margaret entre elas. Seu próprio nome foi dito em voz alta e um homem que nunca vira disse: “Ah, é ele que está aqui? Isto não me surpreende. Vou açoitá-lo sem piedade”.

“Senhora Wilcox”, disse Leonard, “eu cometi um erro.”

O homem agarrou-o pelo colarinho e bradou: “Dêem-me um bastão”. Mulheres gritavam. Um bastão, muito brilhante, desceu sobre Leonard. Feriu-o não no lugar onde descia, mas no coração. Livros caíram em cima dele como uma enxurrada. Nada fazia sentido.

“Tragam um pouco de água”, ordenou Charles, que se mantivera muito calmo ao longo de tudo. “É fingimento. Claro que só usei o lado da espada. Assim, vamos levá-lo lá fora, para tomar ar.”

Pensando que entendia dessas coisas, Margaret obedeceu. Deitaram Leonard, que estava morto, no cascalho; Helen aspergia água sobre ele.

“Já chega”, disse Charles.

“É, chega de assassinatos”, disse a srta. Avery, saindo da casa com a espada.

XLII

Depois de deixar Ducie Street, Charles tomara o primeiro trem para casa, mas não teve a menor notícia dos últimos desdobramentos senão bem tarde da noite. Então seu pai, que jantara sozinho, mandou chamá-lo, e num tom de voz muito grave perguntou por Margaret.

"Não sei onde está, papai", disse Charles. "Dolly segurou o jantar quase uma hora, para ela."

"Avise-me quando chegar."

Mais uma hora se passou. Os criados foram dormir e Charles visitou o pai outra vez, para receber mais instruções. A sra. Wilcox ainda não voltara.

"Vou esperá-la acordado pelo tempo que o senhor desejar, mas é difícil que apareça. Será que não foi passar a noite com sua irmã, no hotel?"

"Talvez", disse o sr. Wilcox, pensativo — "talvez".

"Há algo que possa fazer pelo senhor?"

"Não esta noite, meu rapaz."

O sr. Wilcox gostava de ser chamado de senhor. Erguia os olhos e lançava ao filho uma expressão mais aberta de ternura do que normalmente ousava. Via Charles como menino pequeno e homem-feito a um só tempo. Embora a esposa houvesse se provado instável, os filhos haviam sido deixados para ele.

Após a meia-noite, bateu à porta do quarto de Charles. "Não consigo dormir", disse. "Acho melhor ter uma conversa com você e resolver logo isso."

Queixou-se do calor. Charles levou-o ao jardim, onde caminharam para lá e para cá metidos em seus roupões. Charles permaneceu em profundo silêncio conforme a história era contada; soubera o tempo todo que Margaret valia tão pouco quanto a irmã.

"Ela vai se sentir melhor pela manhã", disse o sr. Wilcox, que evidentemente não dissera nada sobre a sra. Bast. "Mas não posso permitir que este tipo de coisa continue sem me pronunciar. Tenho plena certeza de que está com a irmã em Howards End. A casa é minha — e, Charles, será sua — e quando digo que ninguém deve morar ali, quero dizer que ninguém deve morar ali. Não vou aturar tal coisa." Lançou um olhar furioso à lua. "No meu entender, a questão está ligada a algo muito maior, o próprio direito à propriedade."

“Sem dúvida”, disse Charles.

O sr. Wilcox enlaçou o braço do filho, mas, de algum modo, quanto mais lhe contava, menos gostava dele. “Não quero que chegue à conclusão de que minha esposa e eu tenhamos tido qualquer coisa da natureza de uma briga. É que simplesmente estava nervosa demais, e quem não estaria? Vou fazer o que for possível por Helen, mas sob a condição de que deixem a casa imediatamente. Entendeu? É *sine qua non*.”

“Então amanhã às oito talvez eu vá até lá de carro, quem sabe?”

“Oito ou antes disso. Diga que fala em meu nome e, é claro, nada de violência, Charles.”

No dia seguinte, quando Charles voltou, após deixar Leonard morto sobre o cascalho, não lhe pareceu que houvesse se valido de violência. A morte se devera a uma enfermidade cardíaca. A própria madrasta assim o dissera e até a srta. Avery admitira que usara apenas o lado da espada. Ao passar pela cidade, informou a polícia, que lhe agradeceu, e disse que deveria haver um inquérito. Encontrou seu pai no jardim, protegendo os olhos do sol.

“Foi a coisa mais horrível”, disse Charles, com gravidade. “Elas estavam lá, e aquele homem estava lá com elas, também.”

“O que… que homem?”

“Eu lhe contei ontem à noite. O nome era Bast.”

“Meu Deus! Como é possível?”, disse o sr. Wilcox. “Na casa de sua mãe! Charles, na casa de sua mãe!”

“Sei, papai. Foi o mesmo que senti. Para dizer a verdade, não há necessidade de se preocupar com o homem. Estava nos últimos estágios de uma enfermidade cardíaca, e bem na hora em que ia lhe mostrar o que pensava a seu respeito, apagou. A polícia está investigando tudo neste momento.”

O sr. Wilcox ouvia com atenção.

“Fui até lá… hã, não podia ser mais do que sete e meia. A tal da Avery acendia o fogo para elas. Ainda não haviam descido. Aguardei na sala de visitas. Estávamos sendo todos moderadamente educados e tranqüilos, embora tivesse minhas suspeitas. Dei-lhes minha mensagem e a senhora Wilcox disse: ‘Ah, claro, entendo, claro’, daquele jeito dela.”

“Só isso?”

“Prometi que diria ao senhor, ‘com todo seu amor’, que partiria para a Alemanha com a irmã, à noite. Não houve tempo para mais nada.”

O sr. Wilcox pareceu aliviado.

“Pois a essa altura presumo que o homem tenha ficado cansado de se

esconder, porque de repente a senhora Wilcox gritou seu nome. Eu o reconheci e fui atrás dele no vestíbulo. Agi bem, papai? Achei que as coisas tinham ido longe demais."

"Se agiu bem, meu bom rapaz? Não sei. Mas não seria meu filho se não o tivesse feito. Depois ele simplesmente… simplesmente… desabou, como disse?" Encolheu-se ante a mera palavra.

"O homem ficou agarrado à estante, que caiu sobre ele. Então apenas pus a espada de lado e o carreguei até o jardim. Todo mundo pensou que estivesse fingindo. Contudo, já estava morto, sem dúvida. Uma coisa horrível!"

"Espada?", gemeu seu pai, com ansiedade na voz. "Que espada? Espada de quem?"

"Uma espada delas."

"O que ia fazer com ela?"

"Ora, entenda bem, papai, tive de agarrar a primeira coisa que me veio à mão. Não tinha um chicote de equitação ou um bastão. Acertei-o uma ou duas vezes nos ombros com o lado daquela velha espada alemã."

"E depois?"

"Ele puxou a estante, como eu disse, e caiu", explicou Charles, com um suspiro. Nada menos agradável que dar um recado a seu pai, que nunca estava inteiramente satisfeito.

"Mas a verdadeira causa foi a doença do coração? Tem certeza?"

"Isso ou um ataque. No entanto, vamos ouvir mais do que o suficiente durante a investigação sobre essas questões detestáveis."

Entraram para o desjejum. Charles estava com uma dor de cabeça terrível, conseqüência de dirigir antes de comer. Também estava ansioso acerca do futuro, refletindo que a polícia decerto iria segurar Helen e Margaret durante o inquérito e escarafunchar a história toda. Viu-se obrigado a deixar Hilton. A pessoa não pode se permitir viver perto da cena de um escândalo — não era justo com a esposa. Seu consolo era que os olhos do pai finalmente estavam abertos. O choque seria horrível, e provavelmente iria separar-se de Margaret; então começariam tudo de novo, quase como no tempo de sua mãe.

"Acho que vou dar um pulo na central de polícia", disse o pai, quando o café terminou.

"Para quê?", exclamou Dolly, que ainda não havia sido "informada".

"Pois não, senhor. Que carro vai usar?"

"Acho que vou a pé."

"É um boa meia milha", disse Charles, ao sair no jardim. "O sol está quente

demais para abril. Que tal se eu o levar de carro e depois, quem sabe, a gente der uma esticada até Tewin?”

“Fala como se eu não fizesse idéia do que quero”, disse o sr. Wilcox, irritado. Charles retesou os lábios. “A única coisa que passa pela cabeça de vocês, jovens, é se enfiar num carro. Já disse, quero caminhar; adoro caminhar.”

“Ah, tudo bem; vou estar em casa se precisar de mim para alguma coisa. Pensei em não ir ao escritório, hoje, se for o seu desejo.”

“Sim, é sim, meu rapaz”, disse o sr. Wilcox, e pousou a mão sobre a manga de Charles.

Charles não estava gostando daquilo; sentia-se intranqüilo em relação ao pai, que não parecia ele mesmo nessa manhã. Comportava-se com certa rabugice — mais própria de uma mulher. Seria porque estava ficando velho? Os Wilcox não eram desprovidos de afeição; tinham-na regiamente, mas não sabiam como usá-la. Era um talento oculto e, para um homem cordial, Charles transmitia pouca alegria. Observando seu pai caminhar pela estrada, sentiu um vago arrependimento… um desejo de que algo houvesse sido diferente em algum momento… um desejo (embora não fosse capaz de expressá-lo assim) de que houvesse sido ensinado a dizer “eu” na juventude. Era sua intenção compensá-lo pela defecção de Margaret, mas sabia que o pai fora muito feliz com ela até o dia anterior. Como ela conseguira isso? Com algum truque desonesto, sem dúvida — mas como?

O sr. Wilcox reapareceu às onze, com um ar exausto. Iriam examinar o corpo de Leonard no dia seguinte e a polícia exigia a presença de seu filho.

“Já esperava por tal coisa”, disse Charles. “Naturalmente, fui
a testemunha mais importante presente ao local.”

XLIII

Do tumulto e horror que tivera início com a doença de tia Juley, e que não cessara nem com a morte de Leonard, parecia impossível para Margaret que uma vida saudável pudesse voltar a emergir. Os eventos se sucederam numa cadeia lógica, embora absurda. Pessoas perderam sua humanidade, assumindo valores tão arbitrários quanto os de um baralho de cartas. Era natural que Henry devesse fazer tal coisa e levasse Helen a fazer aquela outra, para então achar errado que ela o tivesse feito; era natural que ela própria achasse que estava errado; era natural que Leonard quisesse saber como estava Helen, e aparecesse, e Charles ficasse furioso com ele por aparecer — natural, mas irreal. Em meio a esse retinir de causas e efeitos, o que acontecera com seus verdadeiros eus? Eis Leonard morto no jardim, de causas naturais; e contudo, a vida era um rio muito profundo, a morte, um céu azul, a vida, uma casa, a morte, um punhado de feno, uma flor, uma torre, vida e morte eram nada e tudo, exceto essa insanidade ordenada, em que o rei vence a rainha e o ás vence o rei. Ah, não; havia beleza e aventura por trás, como almejara o homem junto a seus pés; havia esperança deste lado do túmulo; havia relacionamentos mais verdadeiros além dos limites que nos agrilhoam agora. Assim como um prisioneiro ergue os olhos e vê estrelas acenando, também ela, do tumulto e horror desses dias, teve vislumbres das engrenagens mais divinas.

E Helen, sem fala, de medo, mas tentando manter a calma pelo bem da criança, e a srta. Avery, calma, mas murmurando ternamente, “Ninguém nunca disse ao rapaz que ele iria ter um filho” — elas também a lembravam que o horror não é o fim. Para que harmonia última tendemos não sabia, mas parecia haver grande chance de que uma criança nasceria neste mundo, a fim de aproveitar as grandes chances de beleza e aventura que o mundo oferece. Ela caminhava pelo jardim ensolarado, apanhando narcisos, escarlates e brancos. Não havia outra coisa a ser feita; o tempo dos telegramas e raiva se fora e parecia mais sensato que as mãos de Leonard fossem cruzadas sobre seu peito e enchidas de flores. Lá estava o pai; deixemos por isso mesmo. Que a sordidez transforme-se em tragédia, cujos olhos são as estrelas, e cujas mãos seguram o crepúsculo e a aurora.

Nem mesmo o afluxo de autoridades, nem mesmo o regresso do médico, vulgar e incisivo, podiam abalar sua crença na eternidade da beleza. A ciência explicava as pessoas, mas não era capaz de compreendê-las. Depois de longos séculos entre os ossos e músculos, talvez estivesse avançando no conhecimento dos nervos, mas isso jamais traria a compreensão. Era possível abrir o coração ao sr. Mansbridge e outros como ele sem que seus segredos lhes fossem revelados, pois essa gente queria tudo preto no branco, e preto no branco era exatamente o que tinham.

Interrogaram-na cuidadosamente sobre Charles. Em nenhum momento suspeitou do porquê. A morte ocorrera, e o médico estava de acordo que se devera a uma enfermidade cardíaca. Pediram-lhe para ver a espada de seu pai. Ela explicou que a ira de Charles era natural, embora equivocada. Seguiram-se perguntas deploráveis sobre Leonard, às quais respondeu sem hesitar. Depois, de volta a Charles. “Sem dúvida que o senhor Wilcox pode ter induzido a morte”, disse ela; “mas se não fosse uma coisa teria sido outra, como os senhores mesmos sabem.” Ao final, agradeceram e levaram a espada e o corpo para Hilton. Ela começou a apanhar os livros do chão.

Helen fora para a fazenda. Era o melhor lugar para ela, uma vez que devia esperar pelo inquérito. Entretanto, como se as coisas já não estivessem bastante difíceis, Madge e seu marido criaram problemas; não viam por que tinham de acolher a pária de Howards End. E, é claro, estavam com a razão. O mundo todo estava em vias de ter razão, e de se desforrar amplamente de qualquer conversa mais ousada contra as convenções. “Nada importa”, haviam dito as Schlegel no passado, “exceto o amor-próprio da pessoa e o amor de seus amigos.” Quando a hora chegou, outras coisas importavam terrivelmente. Contudo, Madge cedera, Helen teve a paz assegurada por um dia e uma noite e no dia seguinte voltaria para a Alemanha.

De sua parte, decidiu ir junto. Nenhuma mensagem veio de Henry; talvez estivesse à espera de que pedisse desculpas. Agora que tinha tempo de pensar em sua própria tragédia, não estava arrependida. Também não perdoava seu comportamento, e tampouco queria perdoá-lo. O discurso que lhe fizera parecia perfeito. Não alteraria uma única palavra. Tinha de ser dito uma vez na vida, para ajustar a assimetria do mundo. Foi proferido não apenas para o marido, mas para milhares de homens como ele — um protesto contra a escuridão interior em lugares elevados que chega com a era do comércio. Ainda que ele fosse reconstruir sua vida sem ela, não podia desculpar-se. Recusara-se a fazer a ligação, na questão mais cristalina que pode ser apresentada diante de um

homem, e o amor de ambos teria de sofrer as conseqüências.

Não, mais nada havia a ser feito. Tinham tentado não se aproximar do precipício, mas talvez a queda fosse inevitável. E confortava-a pensar que o futuro era certamente inevitável: causa e efeito seguiriam sem dúvida adiante, digladiando-se rumo a alguma meta, mas não a uma que ela pudesse imaginar. Em momentos como esses a alma se refugia lá dentro, para flutuar no seio de uma corrente mais profunda, entra em comunhão com os mortos e vê a glória do mundo não diminuída, mas de uma espécie diferente do que supusera. Ela altera seu foco até que as coisas triviais fiquem borradas. Margaret se inclinara por isso ao longo de todo o inverno. A morte de Leonard a conduzira à meta. Ai de Henry, que iria se desvanecer à medida que a realidade emergisse, e somente seu amor por ele permaneceria claro, impresso junto de sua imagem como os vívidos retratos que resgatamos dos sonhos.

Com olhar infalível, traçou o futuro do marido. Ele, em pouco tempo, apresentaria outra vez perante o mundo uma mente sã, e o que lhe interessava, ou ao mundo, se por dentro estivesse podre. Envelheceria como um homem rico e alegre, às vezes um pouco sentimental com as mulheres, mas esvaziando o copo com quem quer que fosse. Tenaz com o poder, manteria a dependência de Charles e dos demais, retirando-se dos negócios com relutância e em idade provecta. Iria sossegar num lugar — embora fosse difícil para ela aceitar tal coisa. A seus olhos, Henry estava sempre em movimento e levando os outros a se mover, até que os extremos da terra se tocassem. Mas no devido tempo ficaria cansado demais para se mover, e sossegaria. E a seguir? A palavra inevitável. A liberação da alma para seu paraíso apropriado.

Será que se encontrariam? Margaret acreditava na imortalidade para si mesma. Um futuro eterno sempre lhe parecera natural. E Henry acreditava nisso para si mesmo. Contudo, voltariam a se encontrar? Ou não haveria antes infinitos níveis no além-túmulo, como ensinava a teoria por ele reprovada? E seria possível que seu nível, mais alto ou mais baixo, fosse o mesmo que o dela?

E enquanto assim meditava gravemente, ele a mandou chamar. Enviara Crane com o carro. Outros criados passaram como água, mas o chofer permaneceu imóvel, ainda que impertinente e desleal. Margaret não gostava de Crane, e ele sabia disso.

“São as chaves o que o senhor Wilcox quer?”, perguntou.

“Ele não disse, madame.”

“Não tem nenhum bilhete para mim?”

“Ele não disse, madame.”

Pensando por um instante, trancou Howards End. Era lamentável ver na casa as ondas de calor humano que seriam extinguidas para sempre. Com o atiçador, apagou o fogo que ainda ardia na cozinha e espalhou os carvões no cascalho dos fundos. Fechou as janelas e puxou as cortinas. Henry provavelmente venderia o lugar, agora.

Estava determinada a não poupá-lo, pois nada de novo acontecera, até onde lhes dizia respeito. Presumivelmente, seu estado de espírito não se alterara desde a noite anterior. Esperando um pouco além do portão da casa de Charles, fez um gesto para que o carro parasse. Quando sua esposa desceu, ele disse, asperamente: “Prefiro discutir as coisas com você do lado de fora”.

“Receio que seria mais apropriado na estrada”, disse Margaret. “Recebeu minha mensagem?”

“Sobre o quê?”

“Estou de partida para a Alemanha com minha irmã. É melhor lhe dizer agora que deverei fazer de lá minha casa permanente. Nossa conversa de ontem à noite foi mais importante do que imagina. Sou incapaz de perdoá-lo e vou embora.”

“Estou extremamente cansado”, disse Henry, num tom magoado. “Caminhei a manhã toda e gostaria de me sentar um pouco.”

“Certamente, se consentir em sentar na grama.”

A Great North Road, por toda sua extensão, devia estar margeada por glebas. Gente como Henry surrupiara a maior parte delas. Passou para o trecho oposto, onde ficavam as Six Hills. Sentaram-se num trecho mais adiante, onde não poderiam ser vistos por Charles ou Dolly.

“Aqui estão suas chaves”, disse Margaret. Atirou-as em sua direção. Caíram no ensolarado declive gramado, e ele não as apanhou.

“Tenho algo a lhe dizer”, disse ele, gentilmente.

Ela conhecia seu cavalheirismo superficial, esta confissão de pressa, cuja única finalidade era acentuar sua admiração pelo mundo masculino.

“Não quero ouvir”, replicou. “Minha irmã vai começar a se sentir mal. Minha vida será com ela, daqui em diante. Temos de dar um jeito de construir alguma coisa, ela, eu e a criança.”

“Para onde vão?”

“Munique. Partimos depois do inquérito, se não estiver passando muito mal.”

“Depois do inquérito?”

“É.”

“Já percebeu qual será a conclusão do inquérito?”

“Já, enfermidade cardíaca.”

“Não, minha querida; homicídio culposo.”

Margaret mergulhou os dedos no gramado. A colina sob ela moveu-se como se tivesse vida.

“Homicídio culposo”, repetiu o sr. Wilcox. “Charles pode ir para a prisão. Não tenho coragem de lhe contar. Não sei o que fazer… o que fazer. Estou arruinado… acabado.”

Nenhum calor súbito tomou conta de Margaret. Não percebeu que vê-lo em ruínas era sua única esperança. Não tomou o homem que sofria em seus braços. Mas ao longo de todo aquele dia e no dia seguinte uma nova vida entrou em movimento. O inquérito foi concluído. Charles seria levado ao tribunal. Ia contra todo o bom senso que devesse ser punido, mas a lei, sendo feita a sua imagem, sentenciou-o a três anos de prisão. Então a fortaleza de Henry veio abaixo. Incapaz de suportar qualquer outra pessoa que não a esposa, cambaleou até Margaret, no fim de tudo, e pediu-lhe que fizesse o que fosse possível por ele. Ela fez o que parecia mais fácil — levou-o para convalescer em Howards End.

XLIV

O pai de Tom aparava o extenso prado. Passava inúmeras vezes entre as lâminas que zuniam e o agradável cheiro de capim, cercando com círculos cada vez mais estreitos o sagrado centro do campo. Tom negociava com Helen.

"Não faço a menor idéia", replicou ela. "Acha que o bebê sabe, Meg?"

Margaret deixou o trabalho de lado e fitou-a distraidamente. "Como é?", perguntou.

"Tom quer saber se o bebê tem idade suficiente para brincar no feno."

"Não faço a menor idéia", respondeu Margaret, e voltou ao que estava fazendo.

"Bem, Tom, não se pode deixar o bebê de pé; não se pode deixá-lo com o rosto para baixo; não se pode deixá-lo com a cabeça balançando; não se pode importuná-lo ou fazer-lhe cócegas; e não se pode cortá-lo em dois ou mais pedaços com o cortador. Acha que consegue ser tão cuidadoso?"

Tom esticou os braços.

"Esta criança é uma babá maravilhosa", observou Margaret.

"Ele gosta do bebê. É por isso que é assim!", foi a resposta de Helen. "Vão ser amigos pela vida toda."

"Começando com as idades de seis e um?"

"Claro. Será uma coisa incrível para Tom."

"Pode ser ainda mais incrível para o bebê."

Catorze meses se passaram, mas Margaret continuava residindo em Howards End. Nenhum projeto melhor lhe ocorrera. O campo estava sendo aparado novamente, as grandes papoulas vermelhas abriam-se novamente no jardim. Julho viria a seguir com as pequenas papoulas vermelhas entre o trigo, agosto, com o trigo sendo cortado. Esses pequenos acontecimentos tornavam-se parte dela, ano após ano. Todo verão ficaria com receio de que o poço secasse, todo inverno, de que o encanamento congelasse; cada vendaval oeste podia derrubar o olmo e trazer o fim de tudo, e assim não conseguia ler nem falar durante um vendaval oeste. O ar estava tranqüilo, agora. Ela e sua irmã sentavam-se no que sobrara do jardim ornamental de Evie, onde o gramado fundia-se com o campo.

“Quanto tempo já faz!”, disse Helen. “O que podem estar fazendo lá dentro?” Margaret, que se tornava cada vez menos faladora, não respondeu. O ruído do cortador chegava-lhes intermitente, como ondas quebrando. Perto delas um homem se preparava para acertar uma depressão do terreno com a gadanha.

“Gostaria que Henry estivesse aqui fora para apreciar isto”, disse Helen. “Um tempo delicioso destes e ele fechado em casa!
É de doer.”

“Tem de ficar”, disse Margaret. “A febre de feno é sua principal objeção contra morar aqui, mas ele acha que vale a pena.”

“Meg, ele está ou não está doente? Não consigo descobrir.”

“Doente, não. Eternamente cansado. Trabalhou a vida toda sem prestar atenção em nada. Existem pessoas que entram em colapso quando prestam atenção em algo.”

“Acho que sofre terrivelmente com o seu papel em toda aquela complicação.”

“Terrivelmente. É por isso que eu preferia que Dolly não tivesse vindo também, hoje. No entanto, ele quis que todos viessem. Tinha de ser.”

“Por que quis que viessem?”

Margaret não respondeu.

“Meg, posso dizer uma coisa? Gosto de Henry.”

“Seria esquisito se não gostasse”, disse Margaret.

“Não costumava gostar.”

“Não costumava!” Baixou os olhos um momento para o abismo negro do passado. Haviam-no transposto, sempre com exceção de Leonard e Charles. Estavam construindo uma nova vida, indistinta, ainda que dourada com a tranqüilidade. Leonard estava morto; Charles ainda tinha dois anos para cumprir na prisão. A pessoa nem sempre costuma ver claramente antes desse tempo. Era diferente, agora.

“Gosto de Henry porque sei que sofre.”

“E ele de você porque você não sofre.”

Helen suspirou. Pareceu humilhada, escondeu o rosto nas mãos. Depois de algum tempo, disse: “Quanto ao amor…”, uma transição menos abrupta do que se poderia pensar.

Margaret não parou o que fazia em nenhum momento.

“Quer dizer, o amor de uma mulher por um homem. Acho que devo ter investido minha vida nisso, no passado, e fui arrastada para cima e para baixo como se houvesse alguma coisa por dentro me fazendo sofrer. Mas tudo está em

paz, agora; pareço curada. *Herr* Förstmeister, sobre quem Frieda vive escrevendo, pode ser uma alma muito nobre, mas não percebe que não vou me casar com ele nem com ninguém. Não é vergonha ou desconfiança de mim mesma. Simplesmente sou incapaz. Estou acabada. Costumava ser tão sonhadora quanto ao amor de um homem, quando era menina, e pensar que para o bem ou para o mal o amor devia ser a coisa mais importante do mundo. Mas não era; o amor é que é um sonho. Concorda?"

"Não, não concordo."

"Eu deveria me lembrar de Leonard como meu amor", disse Helen, descendo para o campo. "Eu o seduzi, eu o matei, e certamente é o mínimo que posso fazer. Gostaria de me devotar de todo o coração a Leonard, numa manhã como esta. Mas não consigo. Não adianta fingir. Eu o estou esquecendo." Seus olhos encheram-se de lágrimas. "Como nada parece se encaixar… como, meu querido, meu precioso…" Parou. "Tommy!"

"O que foi, senhora?"

"Não deixe o bebê fazer força e ficar de pé… há um vazio em mim. Vejo você amando Henry, compreendendo-o melhor a cada dia, e sei que a morte não vai separá-los de modo algum. Mas eu… será algum defeito medonho, criminoso, horrível?"

Margaret fez com que se calasse. Disse: "É apenas que as pessoas são mais diferentes do que se imagina. No mundo todo, homens e mulheres sofrem porque não podem se aprimorar como se espera que deveriam. Vez ou outra conversam abertamente sobre o fato, e isso as conforta. Não fique se torturando, Helen. Aprimore
o que tem; ame seu filho. Eu não gosto de crianças. Sou grata por não ter filhos. Consigo me divertir com sua beleza e seu encanto, mas é só… nada real, nem de longe o que deveria ser. E outros… outros vão ainda mais longe, e distanciam-se inteiramente do que é humano. Um lugar, assim como uma pessoa, pode brilhar. Não percebe você que, no fim, tudo isso conduz ao conforto? É parte da luta contra a mesmice. Diferenças… eternas diferenças introduzidas por Deus numa única família, de modo que sempre haja cor; tristeza, talvez, mas cores no cotidiano cinzento. Então, não agüento vê-la sofrendo por causa de Leonard. Não force para o lado pessoal uma coisa que não é. Esqueça-o".

"Sei, sei, mas o que Leonard extraiu da vida?"

"Quem sabe uma aventura."

"É o bastante?"

"Não para nós. Mas para ele."

Helen arrancou um tufo de relva. Olhou a azedinha, as flores vermelhas, brancas e amarelas dos trevos, a erva, as margaridas e o mato que o compunham. Ergueu-o para perto do rosto.

“Ainda não estão cheirando?”, perguntou Margaret.

“Não, estão murchas.”

“Amanhã estarão cheirando.”

Helen sorriu. “Ai, Meg, que pessoa você é”, disse. “Pense só no tumulto e no sofrimento que foi esta época no ano passado. E agora eu não poderia sentir infelicidade nem que tentasse. Que mudança… e tudo por sua causa!”

“Ah, a gente apenas sossegou. Você e Henry aprenderam a compreender um ao outro e a perdoar, ao longo do outono e do inverno.”

“É, mas quem nos sossegou?”

Margaret não respondeu. A gadanha começara seu trabalho e ela tirou o pincenê para observar.

“Você!”, exclamou Helen. “Você foi a responsável por tudo, irmã querida, embora seja estúpida demais para enxergar. Seu plano era morar aqui… eu queria estar com você; ele queria estar com você; e todo mundo disse que era impossível, mas você sabia. Pense só em nossas vidas sem você, Meg… eu e o bebê com Monica, revoltadas teóricas, ele sendo jogado entre Dolly e Evie. Mas você juntou os pedaços e arranjou-nos um lar. Não fica admirada — nem que seja por um minuto — de que sua vida tem sido heróica? Não se lembra dos dois meses seguintes após a prisão de Charles, quando começou a agir, e fez tudo?”

“Vocês dois estavam mal, na época”, disse Margaret. “Fiz o mais óbvio. Tinha dois inválidos para cuidar. Aqui estava a casa, mobiliada e vazia. Era óbvio. Eu mesma não sabia que se tornaria um lar permanente. Sem dúvida contribuí um pouco em endireitar toda a complicação, mas coisas que sou incapaz de pôr em palavras me ajudaram.”

“Espero que seja permanente”, disse Helen, desviando seus pensamentos.

“Acho que é. Há momentos em que tenho a estranha sensação de que Howards End é nossa.”

“Seja como for, lá vem Londres, rastejando.”

Indicou um ponto além do campo — uns oito ou nove campos mais ao longe, mas no fim deles avistava-se a mancha ferruginosa.

“Dá para ver aquilo em Surrey e até em Hampshire, hoje em dia”, continuou. “Nas colinas de Purbeck também consigo ver.
E receio que Londres seja apenas parte de alguma outra coisa.
A vida está prestes a se fundir, no mundo todo.”

Margaret sabia que o que sua irmã dizia era verdade. Howards End, Oniton, as colinas de Purbeck, as Oderberge, eram todas sobreviventes, e o cadinho estava sendo preparado para esses lugares. Logicamente, não tinham o menor direito de estar vivos. A esperança residia na fraqueza da lógica. Poderiam eles ser a pulsação da terra?

"Porque uma coisa é forte hoje não quer dizer que vai ser forte para sempre", disse. "Esse entusiasmo pelo movimento só começou nos últimos cem anos. Pode ser seguido por uma civilização que não se mova, porque estará em repouso sobre a terra. Todos os sinais vão contra isso, agora, mas não consigo deixar de ter esperança, e hoje de manhã, bem cedo, no jardim, senti que nossa casa é tanto o futuro como o passado."

Viraram-se para olhá-la. Suas próprias lembranças emprestavam-lhe cor, agora, pois o filho de Helen nascera no quarto do meio, dos nove que havia. Então Margaret disse: "Oh, cuidado…!", pois alguma coisa se movera atrás da janela do vestíbulo, e a porta se abriu.

"O conclave acabou, finalmente. Vou indo."

Era Paul.

Helen retirou-se com a criança para longe, no campo. Vozes amigáveis a saudaram. Margaret ficou de pé para receber um homem de espesso bigode preto.

"Meu pai pediu para chamá-la", disse, hostil.

Ela apanhou o bordado e o seguiu.

"Estávamos falando de negócios", continuou, "mas naturalmente já sabia tudo de antemão."

"Sim, sabia."

Com movimentos desajeitados — pois passara a vida numa sela —, Paul raspou com o pé a pintura da porta de entrada. A sra. Wilcox deixou escapar um pequeno som de irritação. Não gostava de nada sendo raspado; parou no vestíbulo para tirar o boá e as luvas de Dolly de dentro de um vaso.

Seu marido sentava-se numa grande poltrona de couro da sala de jantar, e a seu lado, segurando-lhe a mão, de um modo deveras ostensivo, via-se Evie. Dolly, vestida de roxo, acomodara-se perto da janela. O ambiente estava um pouco escuro e abafado; eram obrigados a mantê-lo assim até que o feno terminasse de ser levado. Margaret juntou-se à família sem dizer nada; os cinco já haviam se encontrado na hora do chá, e sabia perfeitamente o que estava para ser dito. Avessa a perder tempo, seguiu com sua agulha. O relógio bateu seis horas.

“Está adequado para todos?”, disse Henry, numa voz cansada. Usava as velhas frases, mas o efeito era imprevisto e apagado. “Porque não quero vê-los todos vindo aqui mais tarde se queixando de que fui injusto.”

“Ao que parece, está adequado”, disse Paul.

“Com licença, meu rapaz. Basta falar, e deixarei a casa para você.”

Paul franziu o rosto com mau humor e começou a coçar o braço. “Já que desisti da vida ao ar livre que apreciava, e voltei para casa a fim de cuidar dos negócios, de nada adianta vir morar aqui”, disse, finalmente. “Não é o campo, de verdade, e não é a cidade.”

“Muito bem. Este arranjo está adequado para você, Evie?”

“Claro, pai.”

“E para você, Dolly?”

Dolly ergueu o rosto miúdo e apagado, que a dor podia definhar, mas não acalmar. “Perfeito, esplêndido”, disse. “Eu achava que Charles a queria para os meninos, mas na última vez em que o vi ele disse que não, porque imagina que será impossível voltarmos a viver nesta parte da Inglaterra. Charles diz que teremos de mudar de nome, mas não sei pra quê, porque Wilcox parece muito bom para Charles e para mim, e não consigo pensar em nenhum outro nome.”

Houve um silêncio generalizado. Dolly olhou nervosamente em torno, com receio de ter sido inconveniente. Paul continuava a coçar o braço.

“Então deixo Howards End para minha esposa em definitivo”, disse Henry. “E que todos entendam isto; e depois que eu morrer, que não haja nada de ciúmes ou surpresas.”

Margaret não falou. Havia qualquer coisa de misterioso em seu triunfo. Ela, que jamais esperara conquistar quem quer que fosse, investira diretamente contra esses Wilcox e desmantelara suas vidas.

“Conseqüentemente, não deixo dinheiro algum para minha esposa”, disse Henry. “Este é um desejo seu. Tudo que lhe é de direito será dividido entre vocês. Também lhes darei uma boa quantia enquanto estiver vivo, para que possam ter independência de mim. Este também é um desejo dela. Ela renuncia ainda a uma grande soma. Pretende diminuir sua renda pela metade ao longo dos próximos dez anos; pretende, quando morrer, deixar a casa para seu… para seu sobrinho, lá no campo. Tudo claro? Todos entenderam?”

Paul se ergueu. Estava acostumado a nativos, e precisava de muito pouco para perder a postura do homem inglês. Sentindo-se cínico e viril, disse: “Lá no campo? Ah, vamos! Pensei que iríamos ficar com todo o negócio, incluindo os negrinhos”.

A sra. Cahill sussurrou: “Paul, não. Prometeu ser cuidadoso”. Sentindo-se uma mulher vivida, ela se ergueu e preparou-se para sair.

Seu pai a beijou. “Adeus, minha filha querida”, disse, “não se preocupe comigo.”

“Adeus, papai.”

Então foi a vez de Dolly. Ansiosa em contribuir, riu nervosamente e disse: “Adeus, senhor Wilcox. É engraçado como a senhora Wilcox ia deixar Howards End para Margaret, e mesmo assim ela ficou com a casa, afinal de contas”.

Evie inspirou longa e sonoramente. “Adeus”, ela disse para Margaret, e a beijou.

E a palavra caía e caía, como a maré vazante de um oceano agonizante.

“Adeus.”

“Adeus, Dolly.”

“Até logo, pai.”

“Adeus, meu rapaz; cuide-se sempre.”

“Adeus, senhora Wilcox.”

“Adeus.”

Margaret acompanhou as visitas até o portão. Depois voltou ao marido e pousou a cabeça em suas mãos. O cansaço dele dava pena. Mas a observação de Dolly despertara seu interesse. Finalmente disse, “Pode me dizer, Henry, que negócio é esse de a senhora Wilcox ter me deixado Howards End?”.

Com tranqüilidade, ele respondeu: “É, ela deixou. Mas essa história é muito velha. Quando estava doente e você foi tão gentil com ela, queria retribuir de algum modo e, estando fora de si na época, rabiscou ‘Howards End’ num pedaço de papel. Examinei a situação com cuidado e, como se tratava claramente de um capricho, deixei-o de lado, sem nem imaginar o que minha Margaret significaria para mim no futuro”.

Margaret ficou em silêncio. Alguma coisa remexeu os recessos mais íntimos de sua vida, e ela estremeceu.

“Não agi mal, agi?”, perguntou ele, curvando-se.

“Não, querido. Ninguém agiu mal.”

Do jardim vieram risadas. “Aí estão eles, finalmente!”, exclamou Henry, soltando-se com um sorriso. Helen entrou correndo na penumbra, segurando Tom por uma mão e carregando o bebê na outra. Havia gritos de alegria contagiante.

“O campo está aparado!”, exclamou Helen, excitada. “O campo imenso! Fomos bem até o fim dele, a colheita do feno vai ser maior do que nunca!”

Weybridge, 1908-1910

[1] Cf. Bradbury, Malcolm. *O mundo moderno* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989).
[2] Forster, E. M. *Uma passagem para a Índia* (São Paulo: Editora Globo, 2005).
[3] Cf. Forster, E. M. *Aspectos do romance* (São Paulo: Editora Globo, 2005).
[4] Cf. id., ibid., p. 102.
[5] Cf. Bradbury, M., op. cit., p. 212.
[6] Forster, E. M. *Aspectos do romance*, ed. cit., p. 68.
[7] Cf. id., ibid., p. 103.
[8] Entre outros, Gilles Deleuze é um dos que compõem a imagem da literatura de vanguarda do século xx como uma "máquina" no seu belo *Proust e os signos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003).
[9] Uma falha no tempo da narrativa: Helen, após apaixonar-se no domingo à noite, em junho, não teria tido tempo de postar uma carta que chegasse à irmã em Londres na segunda (isto é, o tempo presente), pela manhã. (n. e.)
[10] "Um alemão genuíno." (n. t.)
[11] De *wunderschön* (maravilhoso) e *prachtvoll* (lindo). (n. t.)
[12] O presidente americano Theodore Roosevelt visitou a Inglaterra após o fim de seu mandato, em 1910, quando proferiu discursos a favor da guerra. (n. e.)
[13] Forster joga com a expressão *confidence trick* ("conto-do-vigário"), que traduzida literalmente seria algo como "trapaça da confiança". (n. t.)
[14] Pra tia/ Pra tia/ Rapazes, eu fiquei pra tia. (n. t.)
[15] No original, "*To see life steadily and to see it whole*", que ecoa o "*Who saw life steadily and saw it whole*", de Sófocles, no soneto "To a friend", de Matthew Arnold; a frase se repetirá outras vezes, mais adiante. (n. e.)
[16] Em tradução literal, "nenhuma dama". (N. T.)
[17] Referência à comédia musical *Cox and Box* (1867). (n. e.)
[18] "*Native hue of resolution*" e "*pale cast of thought*": *Hamlet*, ato 3, cena 1. (N. T.)
[19] *Temperance reform*: movimento puritano contra o consumo de álcool; *Christmas goose club*: tradição inglesa de contribuir com um fundo semanal por algum tempo antes do fim do ano para a compra de um ganso e garrafas de bebida, no Natal. (n. e.)
[20] Expressão alemã para uma adolescente desajeitada. (n. t.)
[21] "O! that way madness lies": Rei Lear, ato 3, cena 4. (N. T.)
[21] Uma aliança entre companhias de seguro (37, em 1904), feita principalmente com o objetivo de fixar valores de indenização, mas que também previa o eventual resseguro de seus membros. (n. e.)
[22] Porfírio: um dos titãs da mitologia grega. (n. e.)
[23] Ahab teve o sangue lambido pelos cães após sua morte (1Reis 22,38) e Jezebel foi comida pelos cães (2Reis 9,35-6). (n. e.)
[24] Eu te amo. (N. T.)
[25] "Amava; temia amar." (N. T.)
[26] Punch (versão inglesa do Polichinelo), que vive às turras com sua esposa, Judy. (N. E.)
[27] "Reforma tarifária" foi o termo empregado a partir de 1903 para as propostas de aumento de impostos alfandegários sobre produtos oriundos das colônias. (n. e.)
[28] Um apelido das colinas galesas. (n. e.)
[29] No original, "*Death, where is thy sting? Love, where is thy victory?*". (referência a 1Cor 15,55: "Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?"). (n. e.)
[30] Shakespeare, A tempestade, ato 4, cena 1. (N. T.)
[31] "Acredite, o marido não se parece com ela; é completamente diferente." (N. T.)
[32] 1Cor 10,12. (N. T.)
[32] Forster joga com a expressão "*wild oats*" (uma variedade de aveia), que significa também algo como loucuras, ou desregramentos, da juventude. (N. T.)
[33] O dramaturgo alemão Frank Wedekind (1864-1918) e o pintor Augustus John (1878-1961). (N. E.)

[34] A *Primavera* de Botticelli. (n. e.)
[35] “Se procuras seu monumento, olha em torno”: epitáfio de *Sir* Christopher Wren (1632-1723), arquiteto que construiu a catedral. (n. e.)
[36] *And if I drink oblivion of a day,/ So shorten I the stature of my soul*. George Meredith (1828-1909), “Modern love”. (N. T.)
[37] *Yeoman* é a antiga classe de pequenos proprietários rurais situada logo abaixo da *gentry*. A tradução “homem do campo”, no parágrafo seguinte, visa preservar o trocadilho *super-yeoman*, embora em detrimento do sentido. (N. T.)